

Alba Verôna Brito Gibrail

Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português
clássico.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem
da Universidade Estadual de Campinas como
requisito parcial para obtenção do título de Doutor
em Linguística.

Tese orientada pela Profa. Dra. Charlotte Marie
Chambelland Galves.

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas, 2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G356c	<p>Gibrail, Alba. Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico / Alba Verôna Brito Gibrail. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.</p> <p>Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Língua portuguesa - Português europeu - Séc. XVI-XVII. 2. Verbo em segunda posição. 3. Inversão sujeito-verbo. 4. Topicalização (Linguística). 5. Focalização (Linguística). I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">tjj/iel</p>
--------------	--

Título em inglês: Contexts of structure formation of Topic and Focus in Classical Portuguese.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Portuguese language - European Portuguese - 16th and 17th centuries; Verb in second position; Inversion subject/verb; Topicalization (Linguistics); Focalization (Linguistics)

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (orientadora), Profa. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro, Profa. Dra. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais, Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa e Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar. Suplentes: Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino, Profa. Dra. Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante e Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi.

Data da defesa: 31/08/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Ch. Galves

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Ilza Ribeiro

Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais

Maria Aparecida C. Torres Morais

Maria Clara Paixão de Sousa

M. Clara Paixão de Sousa

Juanito Ornelas de Avelar

Juanito Ornelas de Avelar

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante

Cristiane Namiuti Temponi

IEL/UNICAMP
2010

À Profa. Dra. Charlotte Marie C. Galves e a todos
colaboradores do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação
de Parâmetros e Mudança Gramatical.

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."

(Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

Nesta etapa derradeira de um longo caminho trilhado no desenvolvimento de minha pesquisa, expresso os mais profundos agradecimentos:

A Deus, meu fiel colaborador.

À minha família, esteio de minhas conquistas.

Ao corpo docente e a todos os funcionários do IEL, pela seriedade e excelência de ensino e pesquisas praticados nessa instituição.

Aos professores Dra. Mary Aizawa Kato e Dr. Jairo Morais Nunes, pela nobre contribuição aos estudos linguísticos desta Nação.

Aos muitos colegas e amigos que me auxiliaram nesta jornada.

E, em especial, à minha orientadora, Profa Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves, que, nas glórias de suas conquistas, permitiu-me a glória deste momento.

RESUMO

Esta dissertação descreve os contextos de formação de estruturas de tópico e foco do português clássico.

Investigamos o comportamento linguístico de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19. O resultado de nossa investigação define uma gramática de natureza-V2 no licenciamento dessas construções. O resultado obtido também revela que a posição de realização dos clíticos é fortemente correlacionada com a posição ocupada pelo sintagma topicalizado em CP.

Considerando os efeitos-V2 que emergem na formação dessas construções, assumimos o português clássico como uma gramática de natureza V2, com propriedades similares ao português antigo.

Como hipótese de trabalho, propomos que o verbo finito se move para o núcleo Fin nas sentenças principais e subordinadas dessa gramática.

Por outro lado, esta pesquisa mostra que ocorrem mudanças na frequência de uso e nas configurações estruturais dessas construções a partir do século 18. Assumimos que as mudanças estruturais são desencadeadas por uma nova gramática em uso na língua nesse período histórico. O resultado alcançado em nossa investigação permite-nos apresentar os fatores sintáticos e prosódicos que motivam a mudança gramatical.

Apresentamos, nesta dissertação, análises para justificar a ausência de efeitos de localidade na formação de estruturas de tópico e foco em contextos de sentenças de ordens V2/V3/V4. As análises propostas estão ancoradas no Projeto Cartográfico de Rizzi (1997; 2004a).

ABSTRACT

This research describes the contexts of structure formation of Topic and Focus in Classical Portuguese.

We investigated the linguistic behavior of Portuguese authors born between 16th century and 19th century. The result of our research defines a V2 grammar which produces different forms of these structures. The result obtained also shows that the clitic placement is strongly correlated with the position occupied by topicalized phrase in CP.

Considering the V2 effects on the formation of these structures, we assume Classical Portuguese as a V2 grammar, with similar syntactic proprieties to the Old Portuguese.

As a working hypothesis, we propose that the finite verbs moves to Fin head in the main and subordinate sentences.

Moreover, this research shows some changes related to the frequency and to the structural configurations of these V2 sentences in this language from 18th century. We assume that these structural changes are triggered by a new grammar in use in this language in this historical period. The result achieved in this research allows us to present the factors which motivated the grammatical change.

We present some analyses to justify the absence of locality effects in the formation of Topic and Focus structures in sentences that project V2/V3/V4 orders. The proposed analyses are anchored in Rizzi's Cartography Project (1997, 2004a).

Sumário

Apresentação.....	19
Introdução	21
1. Mudança gramatical	23
1.1 A perda do verbo em segunda posição no francês medieval	28
1.2 Mudança da ordem do verbo no inglês medieval	30
Capítulo 1: Pressupostos teóricos	
1.0 Introdução	31
1.1 Formação de cadeias: posições de critérios e efeitos de ECP (Rizzi, 2003).....	31
1.3 Configurações mínimas e cadeias (Rizzi, 2004b)	37
1.4 O Projeto Cartográfico (Rizzi, 1997, 2004a)	39
1.5 O preenchimento da periferia à esquerda das gramáticas V2: propostas	41
Capítulo 2: Efeitos-V2 em gramáticas do romance antigo e medieval.	
2.0 Introdução	43
2.1 Manifestação de estruturas de tópico no português antigo (RIBEIRO, 1995).....	45
2.2. O licenciamento da ordem V2 no francês antigo (ADAMS, 1987, 1988).....	51
2.3 O preenchimento da periferia à esquerda do gramáticas do Romance Medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ & POLETTO, 2004).....	53
2.4 Ordem das palavras e colocação dos clíticos no português clássico (GALVES, 2003; 2009; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004)	61

Capítulo 3: Descrição do dados

3.0 Introdução.....	73
3.1 Corpus e metodologia	74
3.1.1 Corpus	75
3.1.2 Metodologia	75
3.2 O comportamento sintático do português dos séc. 16-17 no licenciamento de estruturas de tópico e foco.....	80
3.2.1 Topicalização/Focalização de objetos.....	87
3.2.1.1 Estruturas de Topicalização/Focalização -V2.....	88
3.2.1.2 Objetos topicalizados/focalizados nos padrões de ordem V3/V4	104
3.2.1.3 O licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica	114
3.2.1.3.1 Estruturas de Deslocação á Esquerda Clítica de ordem V2	116
3.2.1.3.2 O licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V3/V4	121
3.2.2 Fronteamento de sintagmas com funções gramaticais diferentes de objeto.....	125
3.2.2.1 O fronteamento de sujeito	127
3.2.2.1.1 Sujeitos pré-verbais no padrão de ordem V2.....	128
3.2.2.1.2 Sujeitos pré-verbais nos padrões de ordem V3/V4	136
3.2.2.2 O fronteamento de advérbios	140
3.2.2.2.1 Advérbios pré-verbais no padrão de ordem V2	141
3.2.2.2.2 Advérbios pré-verbais nos padrões de ordem V3/V4.....	146
3.2.2.3 O fronteamento de sintagmas preposicionais	149
3.2.2.3.1 Sintagmas preposicionais pré-verbais no padrão de ordem V2	149
3.2.2.3.2 Sintagmas preposicionais pré-verbais nos padrões de ordem V3/V4	153
3.2.2.4 O fronteamento de advérbios quantificacionais	157
3.2.2.5 O fronteamento de predicativos	159

3.2.2.6 O fronteamento de argumentos do verbo haver.....	160
3.2.2.7 O fronteamento de estruturas oracionais de participio	162
3.3 Mudanças de comportamento sintático no licenciamento de estruturas de tópico e foco no português a partir do século 18.....	166
3.3.1 O licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica no português a partir do séc.18	168
3.3.2 Restrição de licenciamento de estruturas de Topicalização/Focalização-V2.....	175
3.3.3 Mudanças no licenciamento de estruturas de tópico de ordem V3/V4.....	185
3.3.4 Mudança no licenciamento de sujeito pré-verbal	187
3.3.3.1 Mudanças estruturais no licenciamento de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V2	187
3.3.3.2 Mudanças estruturais no licenciamento de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V3.	193
3.3.4 Mudanças no licenciamento de advérbios em posição pré-verbal	198
3.3.5 Restrição de uso de sintagmas preposicionais fronteados.....	203
3.3.6 Mudanças no fronteamento de argumento do verbo haver	205
3.3.7 O fronteamento de advérbios quantificacionais.....	206
3.3.8 Restrição de fronteamento de orações reduzidas de participio	208
3.4 O licenciamento de estruturas de tópico marcado na diacronia	209
3.5 O comportamento do português clássico no licenciamento de estruturas de tópico e foco na diacronia.....	213
3.6 Considerações finais do capítulo	216

Capítulo 4: Análise dos dados

4.0 Introdução	219
----------------------	-----

4.1 O licenciamento de estruturas de Topicalização/Focalização–V2 e Tópicos marcados no português dos séculos 16-17: propostas de análise	219
4.2 Fatores de mudança no licenciamento de estruturas de tópico e foco no português a partir do século 18	243
4.3 Considerações finais do capítulo	254
CONCLUSÃO.....	257
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	263
ANEXO 1: Obras pesquisadas.....	271
ANEXO 2: Quantificação dos dados: tabelas.....	291

Apresentação

Esta tese apresenta um estudo descritivo das formas de manifestação de estruturas de tópico e foco no português clássico.

Para a efetivação desta tarefa, nos apoiamos nos resultados de pesquisas desenvolvidas junto ao Corpus Tycho Brahe de outros fenômenos linguísticos que definem a natureza da gramática do português europeu em uso do início do século 16 a meados do século 19 e apontam mudanças estruturais em processamento na língua a partir do século 18.

Não competem a nossa pesquisa reflexões exaustivas voltadas para questões discursivas envolvidas na legitimação de estruturas de tópico e foco; ao buscarmos investigar os contextos de manifestação dessas construções, privilegiamos os aspectos sintáticos e prosódicos, definidos dentro do modelo Princípios e Parâmetros, em sua versão minimalista.

Organizamos este trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o quadro teórico que sustenta as propostas de análises oferecidas para justificar as formas de manifestação de estruturas de tópico e foco com propriedades V2 na gramática que subjaz a língua nesse período histórico.

Dedicamos o segundo capítulo à apresentação de resenhas de trabalhos que se voltam para a investigação das condições estruturais no licenciamento dessas construções em gramáticas do romance antigo e medieval. Resenhamos o trabalho de Ilza Ribeiro (2005) que investiga a ordem das sentenças do português antigo, de Adams (1987, 1888), que descreve o fenômeno V2 no francês antigo e de Benincá (2004) e Benincá e Poletto (2004), que descrevem o preenchimento da periferia à esquerda de gramáticas do romance medieval, assumindo a projeção dos núcleos funcionais no sistema de CP em campos semânticos apropriados aos sintagmas deslocados com as funções de tópico, foco e/ou outras funções. A seguir, nesse mesmo capítulo, apresentamos as propostas de Galves (2003; 2009); Galves e Paixão de Sousa (2005), Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004) na descrição dos contextos de variação de uso de clíticos em próclise/ênclise no português clássico e da ordem das sentenças independentes principais com clíticos licenciadas nessa gramática.

Destinamos o terceiro capítulo para a apresentação, descrição e quantificação dos contextos de licenciamento dessas construções no eixo do tempo que compete à nossa pesquisa, distribuindo os resultados obtidos em dois períodos, especificamente, no período que abrange o começo do século 16 e final do século 17 e no período que abrange o começo do século 18 e primeira metade do século 19.

No quarto capítulo, oferecemos propostas de análise assentadas no quadro teórico resenhado no capítulo 1 para justificar o licenciamento dessas construções no português dos séculos 16-17 e das mudanças sintáticas e prosódicas operadas na língua a partir do século 18 nos contextos de formação dessas estruturas.

Finalizamos a tese com uma síntese dos fatos concluídos no desenvolvimento dos capítulos.

Introdução

O objetivo que conduz a escrita desta tese é a apresentação do resultado alcançado na investigação desenvolvida junto ao Corpus Tycho Brahe dos contextos de manifestação de estruturas de tópico e foco no português clássico.

Esperamos acrescentar com o resultado deste trabalho novas informações a respeito das propriedades estruturais do português clássico e dos fatores que desencadeiam a mudança de comportamento sintático, emergida na língua a partir do século 18, contribuindo, dessa forma, com as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Tycho Brahe de outros fenômenos legitimados nessa gramática.

Salientamos que, de modo geral, o resultado obtido em nossa investigação revela haver semelhança de comportamento linguístico do português dos séc. 16-17 no que se refere à tendência dessa gramática de licenciar estruturas de tópico e foco em sentenças que superficializam a ordem V2, com o sintagma pré-verbal realizado dentro da estrutura prosódica da oração (GALVES, 1995, 2003, 2009).

Uma nítida mudança de comportamento sintático emerge na língua a partir do século 18 no licenciamento dessas construções. Ainda que haja diferença de comportamento sintático no português desse período no que tange às formas de manifestação desse fenômeno em relação ao comportamento do português dos dois séculos precedentes, atestamos haver regularidade dos fatores estruturais que expressam mudança gramatical. Entre esses fatores, ressaltamos a restrição da frequência de uso de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito e/ou adjuntos adverbiais em posição pré-verbal. Com respeito ao licenciamento de objetos topicalizados, o resultado de nossa pesquisa mostra que, paralelamente à evolução da frequência de uso menor de estrutura de Topicalização, ocorre evolução da frequência de uso maior de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica. No contexto de sujeito pré-verbal em sentenças raízes com clíticos, evolui a frequência de uso desses pronomes em posição de ênclise.

Nesse sentido, o resultado apresentado nesta pesquisa corresponde a resultados de trabalhos já publicados que se voltam para a descrição de fenômenos intrínsecos do

português clássico, em especial, aos resultados exibidos por Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) na investigação dos contextos de variação de uso de clíticos em próclise ou em ênclise em ambientes não categóricos, em sentenças com o sujeito ou outros constituintes fronteados; aos resultados apresentados por Paixão de Sousa (2004), na descrição dos padrões de ordem das sentenças independentes principais com clíticos, licenciadas naquela gramática e ao resultado de Galves e Paixão de Sousa (2005) sobre a posição estrutural de realização dos clíticos e a posição de realização do sujeito no português clássico e moderno. Por conseguinte, o resultado desta pesquisa vem confirmar a propriedade do sistema gramatical subjacente à língua nos séculos 16-17 de licenciar posições de tópico interna e externa à estrutura prosódica da oração, já apontada por essas autoras.

Em perspectiva mais abrangente, este trabalho de pesquisa procura explicitar duas questões relevantes da teoria da linguagem, centrais no Projeto Tycho Brahe:

1. O que provoca a mudança linguística?
2. Como essa mudança se dá ao longo do tempo?

Segundo Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005):

“Na história do Português, um dos traços mais salientes que mudam ao longo do tempo é a posição de realização dos clíticos. Como a posição de realização dos clíticos pode ser considerada um dos maiores indicadores gramaticais, as mudanças nesse domínio constituem uma chave importante para a história gramatical de uma língua.”

Em proposta pioneira, Galves & Galves (1995) defendem a hipótese de ocorrência de uma importante mudança sintática no português europeu no começo do séc. 19, que afeta a ordem das frases e a posição dos clíticos; sendo essa mudança desencadeada por uma alteração no modelo prosódico das palavras e sentenças, submetidas à língua no final do séc. 18.

Frota, Galves e Vigário (2008) ratificam a proposta de ocorrência das duas mudanças na história do Português Europeu (PE) entre o séc. 17 e séc. 19, uma afetando a sintaxe e outra a prosódia da língua, cujos efeitos mais salientes da primeira mudança levam a uma diferente posição dos clíticos, e os efeitos da segunda conduzem à pronúncia do português europeu moderno. Segundo as autoras, paralelamente à mudança na posição dos clíticos, ocorreu uma mudança na sintaxe do sujeito; visível na diminuição da proporção de sujeitos pós-verbais a partir do início do séc. 18. A correlação estabelecida entre a mudança na posição dos clíticos e a mudança da posição de realização do sujeito, confirmada nas pesquisas desenvolvidas junto ao Corpus Tycho Brahe (GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004), vem corroborar com a hipótese de Galves & Galves (2005) de ter havido uma mudança prosódica que, além de ter favorecido as construções enclíticas, conduziu a uma reanálise das orações enclíticas com sujeito, que passaram a ser reinterpretadas como estruturas SV, com esse constituinte pré-verbal realizado em posição interna à oração. Nas considerações dessas autoras, os poucos dados disponíveis a respeito da mudança prosódica permitem manter a hipótese de que esta, tomando efeito no fim do séc. 17, desencadeou a mudança sintática nas gerações nascidas no primeiro quarto do séc. 18.

1. Mudança gramatical

Como e por que ocorrem mudanças nas línguas são questões-chave apontadas pela linguística histórica (KROCH, 2001).

Na observação de Kroch (1989, p. 36), os estudos históricos em linguística apresentam um problema metodológico central no que diz respeito ao fato de os dados serem limitados ao que ocorreu que lhes permitiu sobreviver às vicissitudes do tempo. Esse problema é mais acentuado na sintaxe histórica pelo fato de a análise gramatical depender de evidência negativa, do conhecimento de que certos tipos de sentenças são inaceitáveis. Entretanto, conforme o autor ressalta, é justamente em dados históricos que se encontra um tipo de informação que está ausente nos dados sincrônicos; informação esta que vem contribuir, sobremaneira, segundo o autor, para a linguística histórica: trata-se da informação sobre o tempo do curso da mudança na língua. Com essa informação, pode-se desejar saber como

as mudanças gramaticais de uma língua se estabelecem em outra no decorrer do tempo, e também desejar entender o processo pelo qual elas mudam, ou desejar aprender mais sobre seus princípios de organização. Nos conceitos de Kroch (1989, p. 2), quando uma língua muda, ela simplesmente adquire uma gramática diferente. A mudança de uma gramática para outra é, necessariamente, instantânea; sendo externas as causas que a desencadeiam. Para o autor, o trabalho em mudança histórica permite que se entendam melhor as mudanças na perspectiva da teoria linguística.

Em enfoques sociolinguísticos, Wright (1993, p. 79) defende que toda mudança linguística pressupõe uma etapa de variação entre o traço velho e o novo, já que ambos podem ser usados para o mesmo fim. Em seu conceito, a língua em si é variável, desde o ponto de vista estilístico, geográfico e sociolingüístico, mas algumas mudanças levam séculos para se efetivarem entre o surgimento de uma inovação e sua posterior aceitação geral. Na concepção de Wright, a linguística histórica pode atualmente explicar muitos aspectos das mudanças ocorridas nas línguas. Para que uma forma inovadora seja considerada mudança linguística, é necessário saber, de forma mais clara possível, como funciona a língua antes da mudança e depois que ela é efetivada na língua. Em sua argumentação, o estudo diacrônico necessita de estudos prévios da sincronia das épocas de mudança.

Na proposta de Kroch (2001), as línguas mudam ao longo do tempo, afetando todos os níveis: vocabulário, fonologia, morfologia e sintaxe. A mudança linguística decorre de uma aprendizagem errada pelos aprendizes da primeira ou segunda língua. O autor assume a mudança como uma falha produzida na transmissão de traços linguísticos nos estágios de aprendizagem da linguagem pela criança. Dentro de sua hipótese, a mudança gramatical pode ocorrer quando as condições de transmissão linguísticas são alteradas, como numa relação de contato de uma comunidade de fala com outra de fala diferente; havendo, nesse caso, mudança na experiência linguística da criança. Para o autor (2001), as mudanças morfofonológicas levam a uma mudança sintática, por alterar a evidência disponível para o aprendiz da língua. Nesse processo, as mudanças ocorridas no nível de outras estruturas provocam reanálises gramaticais.

Kroch (2003, p. 8) defende que as mudanças sintáticas observadas nos textos escritos

são reflexos de gramáticas subjacentes em competição. Para o autor, a mudança gramatical precede a mudança na frequência, e não o contrário, como é estabelecido, de a mudança ser motivada por uma mudança gradual na frequência com a qual as formas linguísticas inovadoras são usadas. Em sua argumentação, durante o período de mudança, quando duas opções linguísticas estão em competição, a frequência de uso das duas formas pode diferir nos contextos, mas a taxa de mudança para cada contexto é a mesma, que ele define como “Efeitos da Taxa Constante.”. Os contextos podem favorecer a opção inovadora e mostrar uma frequência mais alta de uso, mas o aumento no uso dessa forma inovadora será o mesmo em todos os contextos nesse período de mudança. Quando uma opção substitui a outra com a qual ela está em competição através de um conjunto de contextos linguísticos, a taxa de substituição, propriamente medida, é a mesma em todos esses contextos. Em sua definição, os estudos quantitativos de dados históricos apresentam uma curva-S, que registra a taxa de frequência da mudança. Quando as formas superficiais mudam, o novo uso reflete uma mudança que ocorre na gramática subjacente que licencia essas formas.

Nos estudos gerativistas, as mudanças gramaticais são assumidas como mudanças no valor positivo ou negativo de um parâmetro.

Para Lightfoot (1991), que assume a língua como uma entidade biológica, a história das línguas é pontuada por mudanças ocasionais em grande escala, correspondendo a mudanças paramétricas. As línguas mudam quando há mudança nos dados usados pela criança para estabelecer os parâmetros gramaticais. Se não houver mudança nos dados usados pela criança, as línguas são transmitidas de maneira estável. Para esse autor (1999, p. 82), são as línguas que mudam gradualmente, mas não as gramáticas. Como entidades biológicas, as gramáticas podem, de tempo em tempo, sofrer mudanças repentinas e abruptas. As mudanças abruptas ocorrem e precisam ocorrer. Como algumas mudanças podem ser em escala menor, elas são tomadas como um processo gradual. Em sua observação, os dados inseridos nos textos sugerem que a mudança é gradual, e que algumas mudanças evoluem gradualmente. Isso, segundo o autor, reflete a mudança no modo como as gramáticas são usadas, mas não em mudança gramatical. Em sua proposta, as mudanças na frequência de uso de uma forma em detrimento de outra não refletem uma mudança na gramática, mas constituem uma mudança nos PLD (dados linguísticos primários) para a próxima geração de falantes. Mesmo sendo em pequena escala, as inovações gramaticais, morfológicas e

categoriais, precisam ocorrer em respostas direta ou indireta para mudanças nos PLD (LIGHFOOT, 1999, p. 88). Diferente, portanto, da proposta de Kroch, Lighfoot não define a mudança como dependente de erros na aprendizagem, mas da existência de desvios em direções consistentes no uso ao longo do tempo; não sendo, entretanto, esses desvios conectados diretamente com a mudança gramatical, mas sim como mudanças nos dados linguísticos da geração dos novos aprendizes da língua.

Nesta mesma linha, Thorbjörg, (2003, 116), propõe que as gramáticas, vistas como organismo mental, podem mudar entre duas gerações. Em sua tese, a mudança é iniciada quando os aprendizes de uma língua convergem em um sistema gramatical que difere, pelo menos, em um valor de parâmetro do sistema internalizado pelos falantes da geração anterior. De acordo com Thorbjörg, para se entender as mudanças na língua é necessário se entender como as crianças adquirem sua língua materna. A aquisição é um processo no qual a Gramática Universal (UG) interage com o estabelecimento de um contexto específico de dados linguísticos primários (PLD), o “input” linguístico para a criança na fase de aprendizagem da língua. Thorbjörg define língua e gramática como coisas distintas. Dentro de sua argumentação, a gramática é um sistema da mente/cérebro das pessoas (competência, língua-I), e língua é o produto do sistema, aquilo que as pessoas usam na sua comunicação (performance, língua-E). A língua-I é definida como estabelecimento de parâmetros. Para o autor, a língua é um fenômeno histórico (língua-E), enfocando a história da língua: o que aconteceu? Onde e quando? Nesse sentido, segundo o autor, os trabalhos tradicionais em linguística histórica lidam com a língua-E, enquanto a gramática gerativa lida com a língua-I. Na distinção de mudança na língua e mudança na gramática, Thorbjörg, assume que, diferente de mudança gramatical, a mudança na língua é dependente do tempo. A mudança na língua é um processo que ocorre entre dois tempos diferentes. A mudança na língua tem começo, curso de desenvolvimento e fim. É a jornada de uma mudança no tempo e espaço através da língua de uma comunidade. A mudança na gramática significa que, na mente/cérebro de alguns usuários da língua, o sistema interno toma uma forma diferente. Assumindo a proposta de Lighfoot (1999), o autor propõe que a mudança gramatical é um processo abrupto, sendo a mudança na língua um processo gradual; embora, ambas as mudanças dependam do tempo, os cursos no processo dessas mudanças ocorrem de maneira diferentes.

Galves (2000) assume a proposta de Kroch (1994) de que a mudança quando aparece nos textos já está completa na língua. Para a autora, a variação observada nos documentos escritos reflete a competição entre as gramáticas que subjazem essas produções: a gramática velha e a nova gramática. Para a autora, a história da posição dos clíticos no português apresenta dois tipos de variação que se sucedem. Antes da mudança, há a variação produzida pela própria gramática; depois da mudança, há a variação produzida pela competição entre uma gramática que contém contextos de variação e outra que não os contém.

Segundo Kroch (1989; 1994; 2001), a ideia de que a mudança linguística ocorre contexto por contexto, com as formas novas aparecendo primeiro em um contexto extremamente limitado, espalhando-se para outros contextos somente mais tarde, tem sido amplamente aceita pelos pesquisadores. Dentro dessa concepção, conforme acentua o autor, assume-se que a ordem dos contextos na expansão de uma mudança reflete as forças linguísticas que provocam tal mudança. A ideia estabelecida é de haver um contexto mais favorável à mudança. Para o autor, entretanto, quando a substituição envolve subsistemas gramaticais inteiros, como no caso da perda da restrição V2 do francês ou a perda do verbo-final nas orações subordinadas e do verbo em segunda posição nas orações raízes do inglês antigo, as causas da substituição precisam situar-se no nível de subsistemas inteiros em competição e não no nível de contextos linguísticos específicos, nos quais a competição é observada. Quando as formas anteriores deixam de ocorrer em todos os contextos com a mesma taxa de frequência, haverá, segundo o autor, um fator ou fatores que globalmente favorecem a mudança.

1.1 A perda do verbo em segunda posição no francês medieval (KROCH, 1989, 2001).

Nas descrições de Kroch (1989, p. 11), a ordem V2, medida pela taxa de inversão do sujeito com o verbo flexionado e uso de um constituinte em posição pré-verbal, desapareceu do francês no curso do período medieval, entre os séculos 14 e 16. Para o autor, a hipótese da taxa constante leva à expectativa de ocorrer declínio na mesma taxa de frequência do sujeito nulo. Seguindo o resultado mostrado por Fontaine (1985)¹ da perda da inversão sujeito verbo no francês medieval, Kroch define que a mudança ocorrida nessa gramática não pode ser concebida como uma competição entre formas superficiais invertidas/não invertidas. A mudança se deve a um complexo gramatical que impõe restrição de licenciamento de estruturas V2. Dentro de sua proposta, o sistema V2 do francês nesse período se apresenta em competição com a gramática SVO do francês moderno. Para o autor, que assume a hipótese de Adams (1987) de uma mudança prosódica nessa gramática no período medieval como fator desencadeador da mudança gramatical, a diferença acentual processada na língua é refletida nas diferenças atestadas na sintaxe de topicalização do francês moderno em oposição ao francês antigo, o inglês e o alemão. Nessas línguas, conforme Kroch aponta, constituintes diferentes de sujeito topicalizados recebem um acento secundário em adição ao acento primário expresso na oração da qual eles são extraídos. Dentro de sua proposta, uma razão possível para o uso de estruturas de deslocamento à esquerda no francês moderno é que a topicalização requer dois acentos por razões semântico-pragmáticas. No francês moderno, o acento dobrado pode ocorrer somente se um constituinte preposto é realizado em um sintagma intoacional separado da oração, nesse caso, quando o sintagma é deslocado à esquerda e se liga a um pronome na oração. Kroch propõe que uma análise possível para a perda da ordem V2 no francês é assumir que ela tenha ocorrido via substituição da topicalização por estruturas de deslocamento à esquerda. Para o autor, uma possível análise é supor que uma mudança no

¹ Fontaine, Carmen. (1985). *Application de Methodes Quantitatives en Diachronie: L' Inversion du Sujet en Français*. M. A. Thesis, Université du Québec à Montreal.

acento frasal força os constituintes prepostos a moverem-se da posição de topicalização para a posição de estruturas de deslocação à esquerda. Os constituintes prepostos não mais funcionarão como desencadeadores da ordem V2 e as sentenças parecerão ser V3. Entretanto, como acentua o autor, os elementos deslocados à esquerda não violam a gramática V2, pois eles não contam para a restrição V2. A posição de topicalização será preenchida pelo sujeito de cada sentença, o único sintagma que pode ordinariamente ser topicalizado sem proeminência acentual nas estruturas V2. Em sua argumentação, nas sentenças com advérbios e sintagmas preposicionais, o único efeito de mudança no acento na ordem da palavra será o declínio da taxa de inversão sujeito – verbo. Nas sentenças com sintagma nominal com a função de complemento verbal, haverá, segundo o autor, um efeito adicional, um aumento na taxa de uso de pronome resumptivo requerido pelos sintagmas deslocados à esquerda. Através do tempo, o número de sentenças que fornecem evidência positiva para a restrição V2 declina em relação àquelas que são também consistentes com uma simples gramática SVO. A ausência de evidência positiva suficiente desencadeará uma reanálise gramatical e a inversão sujeito-verbo não mais será possível.

Conforme Kroch (2001) assinala, uma das mudanças evidenciadas nessa língua no período medieval é o aumento do uso de estrutura de deslocação à esquerda com a perda da topicalização. O objeto deslocado à esquerda em posição de adjunção a CP pertence a um sintagma intoacional separado do contorno intoacional da oração, portanto, esse elemento é realizado externamente à posição-V2. Como a frequência de elementos deslocados à esquerda aumenta nesse período medieval, ocorrendo concomitante queda na frequência de sentenças com inversão sujeito/verbo, a evidência para o estabelecimento do parâmetro V2 declina. Para o autor, não é claro o motivo que causou a mudança na prosódia do francês medieval, mas é claro o efeito que conduz à evidência para o estabelecimento do parâmetro V2 pelos aprendizes da língua.

1.2 Mudança da ordem do verbo no inglês medieval (KROCH, 2001).

Nas descrições de Kroch (2001, p. 20), o inglês antigo era uma língua de verbo-final nas orações subordinadas e de verbo em segunda posição nas orações raízes. No começo do inglês medieval (por volta de 1200), a ordem subjacente era quase inteiramente verbo-medial, embora a língua permanecesse, nesse período, com o verbo em segunda posição nas orações raízes. O declínio da ordem V2 começa a ocorrer após 1250. Para o autor, a evidência para a propriedade V2 foi sempre complexa em inglês porque nas sentenças com sujeito pronominal uma combinação de fatores leva à consistência da ordem V3. Essa ordem já é encontrada em documentos do século 8, sem que haja alteração na ordem V2, que permanece estável até alguns anos após 1250. Outro fator de questionamento da ordem V2 do inglês antigo apontado por Kroch é a propriedade dessa gramática de dispor de advérbios iniciais que poderiam induzir a ordem V3. Segundo o autor, a extensão da classe de advérbios que permitem a ordem V3 certamente reduziu a evidência disponível para o aprendiz de que a língua era, na verdade, uma língua V2. Contudo, como Kroch acentua, as línguas-V2 modernas permitem a ordem V3 com certas expressões adverbiais, como o alemão e o sueco. Dessa forma, os sintagmas adverbiais prepostos, projetando a ordem V3 no inglês medieval, permitem sua interpretação como estruturas licenciadas pela gramática V2 do inglês antigo, não representando, portanto, nenhum papel na mudança da ordem ocorrida naquela gramática. Para Kroch, entretanto, a classe de advérbios que permitiu a ordem V3 no inglês medieval parece ser mais ampla do que a classe dos advérbios que licenciam a ordem V3 nas línguas V2 estáveis, e esta diferença, segundo o autor, pode ter sido suficiente para afetar o comportamento dos aprendizes do inglês naquele período.

CAPÍTULO 1

Pressupostos teóricos

1.0. Introdução.

Apresentamos, neste capítulo, o quadro teórico que sustenta as análises propostas para justificar as condições de formação de estruturas de tópico e foco com efeitos V2 do português clássico. Apoiamos nossas reflexões nas propostas de Rizzi (2003; 2004b) para as questões de movimento e localidade, formação de cadeias, critérios e efeitos de ECP, e em suas propostas das posições hierárquicas de projeção de núcleos funcionais na periferia à esquerda de orações do italiano e outras gramáticas do romance moderno na implementação do Projeto Cartográfico (1997; 2004a).

1.1 Formação de cadeias: posições de critérios e efeitos de ECP (Rizzi, 2003)

Segundo Rizzi (2003, p. 4), as línguas naturais expressam dualidade de propriedades de interpretação por ter o sintagma ocorrendo em duas posições, cada uma atribuindo um tipo de propriedade. Um elemento é movido de uma posição de um tipo para uma posição de outro tipo. O movimento é formalmente desencadeado por emparelhamento de traços: um núcleo X , dotado com traços F , atua como uma sonda (Probe) procurando por um elemento Y no seu *domínio-C*, dotado com os mesmos traços. O elemento Y é então novamente concatenado no ambiente estrutural imediato de X :

“ Y se adjunge a X se Y é um núcleo; X é concatenado como um especificador se ele é um sintagma.”

(1.1.1)

$$X_F \dots\dots\dots Y_F \dots\dots\dots \rightarrow X_F Y_F \dots\dots t \dots\dots$$

Em sua argumentação, nas sentenças do inglês,

(1.1.2)

- (a) Which book should you read ___ ?
- (b) This book, you should read ___.
- (c) THIS BOOK you read ___ (mais do que qualquer outra coisa).

o sintagma [D book] precisa receber a propriedade interpretativa “paciente do verbo *read* e as propriedades interpretativas “interrogativa”, “tópico”, “foco” etc.

Rizzi assume esses dois tipos de propriedades interpretativas como propriedades “de seleção-s” e propriedades “criteriais”. Um elemento é primeiro concatenado numa posição na qual ele é semanticamente selecionado e, então, esse elemento pode ser concatenado novamente numa posição destinada à semântica do escopo do discurso. As duas posições (e outras posições hospedando ocorrências do mesmo elemento) formam uma cadeia. As propriedades de “seleção-s” são propriedades temáticas, atribuídas por itens lexicais no contexto estrutural imediato. O caso de “seleção-s” para argumentos é a atribuição theta. Os advérbios temporais, modais e aspectuais são “s-selecionados” por um nó T.

As posições de escopo do discurso são determinadas por critérios, que requerem concordância Spec-head com respeito aos traços relevantes envolvidos - Q, Top, Foc, R, etc - para interrogativas, tópico, foco, relativas, etc.

Em sua formulação (RIZZI, 2003, p. 4):

“ XP_F e X_F precisam estar em uma configuração Spec-head, com $F = Q, Top, Foc, R, \dots$ ”

Dentro de sua proposta, um núcleo dotado com traços específicos atrai um sintagma carregando esses traços, e então designa uma posição destinada ao tipo específico de interpretação. A informação é passada para o sistema interpretativo (que interpreta o

sintagma nesse Spec como um operador com escopo nessa oração, como um tópico, etc.). Os núcleos dotados com esses traços estão presentes nas línguas, de acordo com o Princípio da Uniformidade, proposta por Chomsky (2004).

A cadeia A-barra inclui duas posições, ambas expressando alguma propriedade de interface, e ambas marcadas na estrutura por um conjunto de traços do núcleo local:

(A) Cadeia A-barra.

..... critériosseleção-s

Rizzi assume as posições na periferia à esquerda de operadores interrogativos e relativos, tópico e foco como posições dedicadas a Critérios, definidas por traços especiais relevantes: Q, R, TOP, FOC etc.

O estabelecimento dessas posições e os traços a elas associados assinalam para os sistemas de interface que seus especificadores precisam receber propriedades interpretativas (propriedades semânticas de escopo do discurso).

As cadeias de movimento podem envolver passos intermediários, da seleção-s para a posição criterial, em decorrência da natureza local do movimento.

O movimento intermediário é desencadeado pela contraparte formal dos traços criteriais: q, r, top, foc..., em outros sistemas. O movimento intermediário pode ser desencadeado por um traço periférico não especificado.

As cadeias A-barra envolvem posições intermediárias, que não são motivadas por necessidades de interface. As posições intermediárias são compelidas pela teoria de localidade:

(B) Condições de localidade:

- (i) O movimento não pode ser para tão longe.
- (ii) Cada passo da computação linguística precisa ser local.
- (iii) As cadeias podem ser não limitadas em extensão devido à reiterabilidade de operações, mas cada cadeia é local.

(C) Movimento A- barra:

- (i) Uma propriedade relevante que as posições intermediárias têm em comum é que elas não podem funcionar como posições finais, mas sim como “escape hatches” através das quais os elementos precisam passar para chegar a posições mais altas.
- (ii) Movimento como “último recurso”: o movimento precisa ser motivado; ele só pode ser desencadeado para encontrar um efeito de interface; não há movimento livre.
- (iii) Localidade: o movimento não pode ser para muito longe.
- (iv) As cadeias começam nas posições de seleção-s e terminam em uma posição de critério.

(D) Simetria entre seleção-s e posições de critérios.

- (i) Seleção-s é preenchida pelo primeiro “merge”.
- (ii) Um sintagma encontrando um Critério é congelado no lugar.
- (iii) Um Critério é preenchido pelo último “merge”.

Na perspectiva de Rizzi (*ibidem*, p. 14), ambas as posições parecem ser únicas nas cadeias, e têm o papel de delimitá-las: as cadeias (todos os tipos) se iniciam nas posições de seleção-s e terminam nas posições (A- barra) de Critérios.

Em sua argumentação, a seleção-s é tipicamente uma propriedade de elementos lexicais,

enquanto o escopo do discurso – ou semântica de Critérios – é tipicamente expresso por um sistema funcional de núcleos. O modo particular no qual as estipulações em (D) asseguram uma condição única parece refletir o fato de que as camadas lexicais são geralmente encaixadas sob camadas funcionais, não de outro modo.

(E) Princípio da Projeção Estendida (EPP).

“As orações precisam ter DP- sujeitos”.

Para Rizzi (*ibidem*, p. 16), os elementos que satisfazem o EPP e a concordância podem estar dissociados. Rizzi assume dois núcleos distintos, na suposição de que um único núcleo não pode carregar uma especificação, permitindo que ele entre numa relação de Concordância (Agree) com um sintagma e ao mesmo tempo atraia outro sintagma.

(1.1.3)

EPP...Agr... DP1 ...DP2

Agr = núcleo carregando os traços de concordância (mas não um núcleo Agr independente)

(F) Movimento como “Last Resort”.

“Um movimento precisa determinar algum efeito na interface”.

Nas considerações de Rizzi, o sujeito compartilha com o tópico a proeminência relacionada ao fato de que o evento descrito é apresentado como sendo sobre ele mesmo (aboutness). Entretanto, o sujeito difere do tópico no sentido de que esse constituinte não requer a propriedade de estar ligado ao discurso (D-linking), nos moldes de Pesetsky (*apud.*, RIZZI, 2003, p. 17).

Para Rizzi (*ibidem.*, p. 17), o sujeito e o tópico compartilham a propriedade “aboutness”, mas as duas noções diferem no sentido de que a propriedade “D-linking” é um

componente necessário de tópicos, mas não de sujeitos:

- (i) Top: + aboutness
+ D-linking
- (ii) Subj: + aboutness
- D-linking

A posição de EPP é uma posição de Critério. O EPP é a manifestação do Critério do Sujeito.

Seguindo Cardinaletti (2004), Rizzi assume um núcleo Subj na parte mais alta do sistema IP, mais alta do que o núcleo carregando os traços-phi, responsável pelo sistema de Caso e Concordância:

Subj.....Phi...

Dentro dessa hipótese, o núcleo Subj é dotado de traços nominais, podendo, assim, atrair uma expressão nominal para o seu Spec; determinando, dessa forma, a articulação sujeito-predicado, do mesmo modo com que o tópico determina a articulação tópico-comentário, e o Foco determina a articulação Foco-pessuposição:

- (i) [XP [Top YP]]
- (ii) [XP [Foc YP]]
- (iii) [XP [Subj YP]]

1.2 Configurações mínimas e cadeias (RIZZI, 2004b)

Na abordagem de Rizzi (2004b, p.2), as relações locais precisam ser satisfeitas em uma configuração mínima, a menor configuração na qual elas possam ser satisfeitas.

(A) Y está em uma Configuração Mínima (MC) com X sse não há nenhum Z tal que:

- (i) Z é do mesmo tipo estrutural que X, e,
- (ii) Z intervém entre X e Y.
- (iii) Z intervém entre X e Y sse Z c-comanda Y e Z não c-comanda X.

Para Rizzi (2004b, p. 2), os interventores potenciais são núcleos ou especificadores; núcleos e especificadores de mesmo tipo estrutural.

Segundo Obenauer (apud: RIZZI, 2004b, p. 8), os especificadores A-barra produzem efeitos de minimalidade nas cadeias A-barra.

Dentro da análise proposta por Rizzi (2004b, p. 2), a não ocorrência de efeitos de minimalidade com o sujeito interveniente na ocorrência em (1.2.1b) é justificada em função de o sujeito ocupar um especificador-A, não afetando, dessa forma, a cadeia A-barra, formada com o deslocamento do sintagma-wh.

(1.2.1)

- a) How did you solve the problem?
- b) How did you solve the problem t?

(B) Minimalidade Relativizada: princípio representacional, que precisa se sustentar de cadeias na LF:

(A_1, \dots, A_{1+n}) é uma cadeia sse, para $1 \leq i < n$

- (i) $A_i = A_{i+1}$
- (ii) A_i C-comanda A_{i+1}
- (iii) A_{i+1} está em uma MC com A_i

(C) Propriedades sintáticas das cadeias:

- (i) Identidade: cada posição é idêntica a outra posição na estrutura interna.
- (ii) Somente a posição mais alta em uma cadeia é pronunciada no caso normal, mas todas as posições têm a mesma estrutura interna.
- (iii) Proeminência: definida por C-comando
- (iv) Localidade: definida pela noção de Configuração Mínima.

(1.2.2)

- a) I wonder who could solve the problem in this way.
- b) * How do you wonder who could solve this problem t?

Nas argumentações de Rizzi (ibidem, p. 6), como as condições de localidade (MC) não são encontradas em (1.2.2b), nenhuma cadeia conecta o operador *how* à variável, e a estrutura é excluída, como uma violação de Interpretação Plena (FI).

(D) Assimetrias no sistema A-barrado envolvendo o elemento movido.

Rizzi (ibidem, p. 6) assume que o sistema de Minimalidade Relativizada prediz que uma relação de cadeia sistematicamente falhará se uma posição do mesmo tipo que a posição do alvo intervém. Para o autor, as evidências empíricas mostram que ocorrem algumas anomalias nas cadeias A-barrado. Em sua descrição, os dois maiores tipos de anomalias são:

- (i) Nem todos os elementos movidos para um especificador A-barra estão sujeitos aos efeitos de RM: sintagmas-wh com propriedades formais e interpretativas especiais (“D-linking”, especificidade).
- (ii) Nem todos os especificadores A-barra interveniente desencadeiam um efeito de minimalidade nas cadeias A-barra.

1.3 O Projeto Cartográfico (RIZZI, 1987, 2004a)

Dentro da proposta do Projeto Cartográfico, Rizzi (1997, 2004a) assume a periferia à esquerda de uma oração como uma zona estrutural definida por um sistema de núcleos funcionais e suas projeções:

(1.3.1)

Force... Top* Int Top* Foc ModP Top* Fin IP

O sistema é delimitado em posição mais alta por Force, o núcleo que expressa a categoria da oração – declarativa, relativa, interrogativa etc-, e em posição mais baixa por Fin, o núcleo que diferencia construções finitas e não finitas, selecionando o sistema IP com suas características familiares de finitude.

O autor, que assume a recursividade de Top, propõe que as categorias Top são projeções específicas para tópicos, ao passo que a categoria Foc é especificada para abrigar constituintes focalizados. Dentro das formulações de Rizzi (1987, 2004a), os núcleos Top e Foc são ativados quando há um constituinte com a função de tópico ou de foco a ser acomodado na periferia à esquerda da oração.

Em sua proposta (1997, 2004a), os especificadores dos núcleos funcionais projetados em CP são licenciados por conteúdos substantivos de traços desses núcleos, os quais, sendo de categorias diferentes, ocupam posições diferentes em Comp. Os sintagmas carregando as funções de tópico ou foco ocupam os Specs dos núcleos correspondentes, projetados no sistema de CP; sendo a posição de projeção dos núcleos – Top₁, Top₂, Top₃ – dentro de CP, definidas pela posição de realização do advérbio na estrutura da frase

(Rizzi, 2004a, 244).

Rizzi (2004a, p. 242) assume os núcleos projetados em Comp como núcleos dotados de traço EPP, que desencadeiam a criação de um especificador e a atração de um elemento com o qual o núcleo projetado estabelece a relação “Agree”. O importe interpretativo do traço EPP é que faz o elemento posicionado no Spec desses núcleos “proeminente”, “saliente”, “figure”.

Para esse autor (1987, p. 299), no italiano moderno, o movimento de I para C não é desencadeado por focalização. O núcleo Foc⁰ possui, inerentemente, o traço de foco; dessa forma, o Critério Foco é satisfeito, não sendo requerido nenhum movimento de um núcleo flexional para Comp; mostrando um comportamento diferente do que se verifica com o Critério-wh, que é satisfeito quando o operador interrogativo é projetado no Spec de Foc e o verbo, carregando o traço-wh se desloca até Foc⁰.

Dentro de suas formulações (2004a, p. 243), as restrições das condições de minimalidade são respeitadas, tendo em conta que, embora os especificadores projetados em posições mais altas sejam licenciados por conteúdos substantivos de traço de seus núcleos, no caso, o traço EPP, eles são associados a traços específicos, como apontamos acima.

Nas formulações de Rizzi (1997; 2004a), os tópicos são marcados negativamente para esses traços: não são argumentais, quantitativos e/ou modificacionais, traços que são sensíveis aos efeitos de minimalidade.

Rizzi (1997, p. 298) assume que os operadores interrogativos do italiano moderno ocupam uma posição mais baixa, o Spec Foc. Para esse autor, constituintes focalizados e operadores-wh, por competirem por uma mesma posição, não podem coocorrer naquela gramática. Essa restrição, segundo o autor, justifica a ausência de estruturas de foco em ambientes de sentenças interrogativas. Não há restrição de licenciamento de estruturas de tópico, na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, com o objeto deslocado precedendo o sintagma-wh interrogativo. Nas descrições desse autor, no italiano moderno, os operadores relativos precedem o tópico, ocupando o Spec de Force; os operadores interrogativos o seguem (1997, p. 299).

1.4 O preenchimento da periferia à esquerda das gramáticas V2: propostas.

De acordo com Roberts (2004, p. 316), nas línguas V2, como o alemão, o verbo finito associado a T se desloca para o núcleo Fin nas orações declarativas finitas e o Spec desse núcleo é preenchido por um constituinte qualquer da oração, inclusive pelo sujeito, sendo o movimento do constituinte para a posição pré-verbal desencadeado por razões de EPP. O sintagma movido para o Spec de Fin não é interventor potencial, não sendo capaz de bloquear qualquer tipo de movimento. Mas, segundo Roberts, como o núcleo Fin tem especificação de traço nulo, o movimento de um XP para valorá-lo bloqueia a projeção de qualquer núcleo mais alto e de seus especificadores. Uma vez que ocorra o frenteamento de um XP, nenhuma operação de movimento fica disponível no CP. Um núcleo Fin interveniente, ou qualquer elemento no sistema de CP bloqueia a formação de uma configuração mínima entre o núcleo movido e o seu vestígio. Para Roberts (2004, p. 317), no entanto, o preenchimento do Spec de Fin não evita a concatenação de elementos em posições mais altas. Em sua argumentação, a concatenação de um sintagma no Spec de Top é evidenciada nas construções V2 do alemão com um pronome demonstrativo:

(1.4.1)

Den Mann, den habe ich gesehen. (ROBERTS, 1994, p. 317)

O homem, este eu vi.

De acordo com Frey (2000, 2004), o Spec de CP das orações declarativas finitas V2 do alemão tem de ser preenchido com o deslocamento do elemento mais alto de IP para essa posição (Condição do Elo Mínimo) para satisfazer o EPP. Nenhum elemento é gerado na base nessa posição.

Contra-pondo-se às formulações desses dois autores, Fanselow (2007) defende que a primeira posição nas orações do alemão apresenta ambigüidade de interpretação funcional, na medida em que a posição pré-verbal pode ser preenchida por sujeitos não marcados, por tópicos ou por focos. De acordo com Fanselow (2007, p. 208), mesmo os sintagmas descontínuos são ambíguos pragmaticamente. Em sua argumentação, o sintagma “Bücher” da frase alemã, no exemplo que dispomos abaixo, pode ser um tópico (contrastivo) ou um

foco (corretivo). Segundo o autor, esta frase do alemão pode também, responder às perguntas - o que você comprou?, O que você fez?-, ou mesmo, à pergunta: “o que aconteceu?”. Para o autor, esse fato mostra que o sintagma descontínuo é compatível com o foco no DP-completo, ou no VP e TP que o dominam:

(1.4.2)

Bücher hab ich mir ein paar __ gekauft.

Livros comprei eu (a mim) um par.

Livros eu comprei dois.

Nessa linha argumentativa, Fanselow e Lanertová (2006, p. 5) descrevem construções licenciadas no alemão e no croata que se assemelham às estruturas V2 do português clássico, assumindo que, nessas gramáticas, outros elementos ocupam a posição pré-verbal quando nenhum sintagma topicalizado ou focalizado é deslocado para essa posição. Na hipótese desses autores, se nenhum sintagma carregando a função de tópico ou de foco se move para a primeira posição nas sentenças do alemão e do croata, o elemento que é realizado mais à esquerda de TP, especificamente, o sujeito ou um advérbio, se desloca por movimento formal para o Spec de CP. Em suas formulações, a posição que precede o verbo finito nas sentenças do alemão precisa ser sempre preenchida, o que vem explicar a opção dessa gramática de frontear (por movimento formal) o sujeito lexical e os advérbios altos, mas não os objetos diretos.

Para Frey (2004, p. 16), no alemão, o elemento que ocupa a posição mais alta no “middle field” das sentenças, pode ser movido por movimento A-barras ou por movimento formal (FM) para o “prefield”. O elemento que se desloca por movimento A-barras resulta em uma interpretação contrastiva; enquanto que o constituinte que se desloca por movimento formal não tem uma interpretação de contraste; não adquirindo, no seu deslocamento, nenhum efeito semântico ou pragmático.

CAPÍTULO 2

Efeitos-V2 em gramáticas do romance antigo e medieval.

2.0 Introdução.

O resultado de nossa investigação mostra que o português clássico apresenta propriedades de gramáticas V2 do romance antigo, como o português (Ribeiro, 1995) e o francês (ADAMS, 1987; ROBERTS, 1993) e de gramáticas do romance medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ e POLETO, 2004) no preenchimento da periferia à esquerda com sintagmas interpretados como tópico, foco ou com sintagmas adverbiais sem essas funções. Em condições semelhantes a essas gramáticas históricas, o português clássico licencia o fronteamo de qualquer constituinte da oração em configuração V2, no contexto de sentenças raízes finitas sem sujeito expresso ou expresso em posição pós-verbal.

Considerando a proposta de Benincà (2004, p.2) de as línguas do romance medieval que manifestam efeitos-V2 compartilham traços importantes de estrutura de sentença e propriedades de itens lexicais e elementos funcionais, podendo ser consideradas um conjunto de variantes de um abstrato Romance Medieval, a questão levantada em nossa pesquisa é saber se a semelhança de comportamento do português clássico com as gramáticas V2 antigas, referidas acima, no licenciamento de estrutura de tópico e foco, se deve à conservação ainda na língua desse período de propriedades sintáticas que caracterizavam esse abstrato Romance Medieval.

A caracterização do português clássico como uma gramática V2 é defendida por Galves (2003; 2009); Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005); Galves e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004).

Nas considerações de Galves (2009):

“... há fortes evidências de que o português clássico seja uma língua de tipo V2, ou seja, uma língua na qual existe uma posição pré-verbal disponível para ser ocupada por qualquer elemento do sintagma verbal, que recebe então uma interpretação de tópico ou foco. O termo V2 vem do fato de que o verbo segue imediatamente essa posição, ocupando, portanto, a segunda posição da oração.”

Com o objetivo de um estudo comparativo da sintaxe do português clássico, emergida no licenciamento de estruturas de tópico e foco, com a sintaxe do português e do francês antigos e, de maneira geral, com a sintaxe de gramáticas do romance medieval, apresentamos, neste capítulo, as propostas dos autores citados, na descrição da ordem pré-verbal de realização de sintagmas com tais funções nessas gramáticas pretéritas. Paralelamente, apresentamos as propostas de Galves (1995, 2000, 2003), Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), Galves e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004) na descrição da ordem das palavras e da posição dos clíticos nas sentenças do português clássico e dos fatores de mudança que levam essa gramática a dispor com maior frequência de clíticos em ênclise em contextos sem variação a partir do século 18.

Organizamos este capítulo em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos os contextos de licenciamento de estruturas de tópico e foco do português antigo, descritos por Ribeiro (1995); acrescentando as propostas de análise oferecidas por essa autora para justificar a manifestação desse fenômeno na forma de estruturas de Topicalização-V2 e estruturas de Tópico marcado. Na segunda seção, apresentamos a proposta de Adams (1987, 1988) dos fatores sintático e prosódico em jogo no licenciamento das estruturas V2 no francês antigo e dos fatores de mudança atestados nessa língua no período medieval. Dedicamos a terceira seção para a apresentação da proposta de Benincá (2004) e Benincá e Poletto (2004) das projeções funcionais na periferia à esquerda das orações de gramáticas do romance medieval com sintagmas que carregam as funções de tópico ou foco em configuração V2/V3. Na quarta e última seção, resenhamos as propostas de Galves (1995, 2000, 2003); Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005); Galves e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004), que descrevem a ordem das palavras e a posição dos clíticos no

português clássico.

2.1. Manifestação de estruturas de tópico no português antigo (Ribeiro, 1995)

Em seu estudo sobre a sintaxe da ordem no português arcaico, Ribeiro (1995, 191) defende que essa gramática reflete propriedades estruturais de uma língua V2, evidenciadas pela frequência elevada de construções com o verbo em posição medial e um constituinte diferente do sujeito iniciando a sentença. Em sua proposta, as construções V2 do português antigo definem, na sintaxe visível, a realização do verbo finito (V+f) no núcleo C⁰, em Comp.

Segundo Ribeiro, dois tipos de construção distinguem o português antigo dos sistemas V2 germânicos: as construções declarativas V1 e V>2.

As sentenças com verbo em posição inicial são as de uso mais frequente em seus dados, indicando, segundo a autora, que o movimento do verbo para o Spec/C' era opcional naquela gramática. Nessas construções de ordem V1, o sujeito não é expresso ou é expresso em posição pós-verbal, configurando a ordem V(S), não havendo restrição de licenciamento de sujeito nulo nas orações encaixadas, podendo o sujeito referencial e o expletivo estar foneticamente vazio em ambientes VC e VX. Nessas construções de ordem V1, o sujeito pode ser expresso em posição pós-verbal em ambiente raiz e encaixado. Nas construções de ordem V2, com o verbo em segunda posição, o sujeito ou outro constituinte ocupa a primeira posição, sendo maior a frequência das sentenças de ordem V2 com constituintes diferentes do sujeito em posição pré-verbal, perfazendo um total de 23,92% dos dados levantados em sua pesquisa. Nas construções que dispõem de um constituinte diferente do sujeito precedendo o verbo, o sujeito pode ser oculto ou pode ser expresso em posição pós-verbal, configurando a ordem XV(S). O sujeito expresso em posição pós-verbal, nessas estruturas V2, ocorre em contextos de orações raízes e/ou subordinadas, havendo frequência maior de uso de sujeito pós-verbal em sentenças raízes.

De acordo com Ribeiro (ibidem p. 56), as estruturas V1 e V2 podem ser explicadas em termos de condições sintáticas, independentemente requeridas para licenciamento de sujeito nulo e de elementos topicalizados no Spec/C' e/ou em uma posição externa a CP. O

preenchimento de Spec/C' e o movimento de V para C⁰ podem ser tomados como processos dissociados, requeridos por diferentes fatores.

Ribeiro atesta, nos documentos antigos investigados, que as construções de ordem V>2 ocorrem com menor frequência. Nessas construções, o sujeito pode ser expresso em posição pré-verbal, nas ordens variantes: SXV/XSV/ SXXV/XXSV, com o elemento X na categoria de um sintagma preposicional, um advérbio, um predicativo, um objeto ou uma sentença adverbial. As construções V>2 também são licenciadas sem sujeito expresso em orações encaixadas, nas ordens XXV/XXXV.

A autora identifica três processos de fronteamto do objeto nessa gramática: tópico-V2, foco-V2 e tópico marcado. Dentro de sua proposta, a Topicalização - V2 se realiza no Spec/C'. Em sua argumentação, é o movimento do tópico não marcado para o Spec/C' que caracteriza os sistemas V2:

(2.1.1)

(a) *E esta vertude de paceença* ouve este santo monge. (DSG. 1.5.5)

(b) *Daqueste* conta huü clérigo de missa, que foi seu criado muitas maravilhas que fez (DSG 17.13)

Segundo Ribeiro, o português desse período também licencia sintagmas focalizados no Spec/C':

(2.1.2)

(a) *Outra torre* avia no castelo de Santarém (CDP. 12.35-36)

(b) *Unha verdade* vos direi (CD.309)

Ribeiro (ibidem, p. 158), assume uma única posição em CP para hospedar constituintes argumentos e constituintes adjuntos. O DP-sujeito de uma oração encaixada pode ser alçado para o início da sentença raiz e desencadear a inversão do sujeito com o verbo nessa sentença. O DP-objeto de uma sentença encaixada também pode ser topicalizado para o Spec/C' da oração matriz, desencadeando a inversão sujeito- verbo nessa oração.

A autora (ibidem, p. 179) descreve como estruturas de TOPICALIZAÇÃO as construções licenciadas na forma de tópico marcado, que dispõem de elementos deslocados à esquerda e topicalizados. Na categoria de tópico marcado, estão as ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, licenciadas naquela gramática:

(2.1.3)

(a) e *as leys que el-rey lis der metanas* neste liuro. (FR.1.7.77)

(b) e *os ospedes* asentarãnos em senhas cadeiras. (CPVC. F.10 v. 12-13)

Para Ribeiro, uma diferença básica entre Topicalização-V2 e TOP é a inversão sujeito-verbo, verificada, de acordo com a autora, no primeiro caso, mas não no segundo.

Dentro de sua proposta (ibidem, p. 164), um pronome correferencial com um sujeito de uma sentença anterior também se caracteriza como tópico:

(2.1.4)

e *elle* fogio a pressa. (CDP. 21.16)

Conforme Ribeiro enfatiza, esse tipo de construção leva à interpretação ambígua do sujeito exposto em posição pré-verbal, podendo esse elemento ter uma interpretação de tópico não marcado ou de tópico marcado:

(2.1.5)

(a) e *nicolaa*o *coelho* lhe fez sinal. (CPVC. F1v. 30-31)

(b) e *el*, por cumprir voontade, depenou-lhe a barva. (CDP)

Ribeiro descreve o sujeito pré-verbal na sentença em (2.1.5 a) como tópico não marcado e no exemplo em (2.1.5 b), como tópico-marcado. O sujeito tópico marcado ocupa a posição de Spec/TOP' e o sujeito tópico não marcado ocupa o Spec/C'. O tópico marcado é separado do resto da sentença, ocorrendo externo a CP.

Conforme Ribeiro aponta (ibidem, p. 164-165), o português antigo licencia construções

que dispõem de tópico marcado coocorrendo com Topicalização/Focalização V2:

(2.1.6)

- (a) *Aqueste des as meninice sempre* fez mui grande astença (DSG. 1.2.4)
- (b) *E o coraçõ de cada huü prelado, polos cuidados muitos que há, ca non cuida em hüa cousa sôo, ligeiramente* se pode em bargar. (DSG. 1.8.55)
- (c) *Aquell dia, logo aa noite, estando el-rei em sua câmara, dom Samuel Levi* seu tesoureiro-mor lhe disse presente todos (CDP.13.13-15)

Dentro de sua análise, nos exemplos em (2.1.6 a, b), um tópico marcado coocorre com Focalização-V2. Os advérbios *sempreligeiramente* ocupam o Spec/C⁰, posição de realização dos elementos licenciados na forma de Topicalização/focalização-V2. Em (2.1.6c), o tópico marcado coocorre com Topicalização-V2, com o sujeito - *dom Samuel Levi*- ocupando o Spec/C⁰; havendo, nessas ocorrências, mais de um tópico marcado precedendo o sintagma focalizado/topicalizado no Spec/C'.

Quanto às construções V>2 que dispõem de sujeito pré-verbal, Ribeiro mostra que, nas sentenças de ordem SXV, o constituinte X pode ser realizado por sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionais, predicativos, sentenças adverbiais e/ou por objetos:

(2.1.7)

- (a) *e cada huü deles ainda* he vivo. (DSG. 1.13.4)
- (b) *E o juízo de Deus maravilhoso e escondudo* foi contra ela. (DSG. 1.24.21)
- (c) *E quem taees leis* comprir, sempre bem obrará. (CDP. 36)
- (d) *El-rrei de Castella, como isto soube,* partio de Sevilha. (CDP. 19.21-22)

Nas ocorrências de ordem XSV, o elemento X pode ser realizado por advérbios, sintagmas preposicionais e sentenças adverbiais; mas há restrição de objetos e/ou predicativos se realizarem nessa posição.

(2.1.8)

- (a) *e logo* o penedo esteve em si (DSG. 1.2.14)

(b) e *estas dobras que el-rrei dom Pedro mandava lavar*, conqouenta d' ellas faziam hüu marco. (CDP. 11.37.90v) – tópico relacionado ao sujeito (ibidem, p. 128)

(c) *se per nós algüa cousa* podesse ser feita (CDP. 3.70-72)

Nas argumentações de Ribeiro (ibidem, 194), com exceção da Focalização-V2, que envolve sempre movimento do foco para Spec/C', as demais construções XV(S) sem realização de um pronome clítico podem permitir uma das duas análises: Topicalização-V2 com o movimento do sintagma para o Spec/C' ou TOPICALIZAÇÃO, com o sintagma posicionado no Spec/TOP'. Os constituintes deslocados para o Spec/C', tópico ou foco, condicionam o uso de clíticos em próclise. Nas ocorrências de constituintes topicalizados em posição externa a CP e uso de clíticos, esses pronomes são realizados em ênclise.

Em sua proposta (ibidem, p. 191-194), a realização de clíticos em próclise ou em ênclise, nas sentenças raízes de ordem V2, depende de condições estruturais relacionadas ao estatuto teórico do constituinte XP que antecede o clítico e o verbo. A possibilidade de ocorrência de ênclise ou de próclise é definida pelo estatuto sintático de XP como elemento TOPICALIZADO, ocupando o Spec/TOP', ou como um constituinte topicalizado, realizado no Spec/C', e também das possibilidades estruturais licenciadas pela gramática da língua pertinente. Os dois padrões de ordem de realização de clíticos nas sentenças raízes do português antigo revelam que os XPs que precedem o verbo ocupam posições sintáticas diferentes: os constituintes topicalizados que ocupam uma posição externa a CP ocorrem com ênclise; os constituintes deslocados para o Spec/C', sejam tópicos ou focos, condicionam o uso da próclise:

(2.1.9)

(a) e *eu* ch' o darei. (DSG. 1.5.47)

(b) e *el* perdoou-*lhe* (CDP.17.88)

(c) e *depois a* teve presa em Medina Sidonia (CDP. 16-101)

(d) E *todos aqueles que esto viron* maravilharon-*se* muito. (DSG. 1.2.10)

(e) e *esto lhe* fazia o prazer que avia em cuidar sempre nas cousas celestiais (DSG. 1.1.12)

Como hipótese de trabalho, Ribeiro (1995, p. 199-201), seguindo as formulações de Roberts (1993), propõe a projeção de um núcleo $AGRc^0$ como lugar de realização dos clíticos nos sistemas V2 e também como posição em que são especificados traços relacionados com operador; sendo este núcleo projetado mesmo quando não há um clítico na construção. Entre os traços relacionados a operador locados em $AGRc^0$, estão: + Wh, + Neg, + foco, + tópico, e, segundo a autora, possivelmente o traço [+ específico] associado aos clíticos. Um operador em Spec/C' deve estar numa relação Spec/núcleo com um núcleo carregando o mesmo tipo de traço. Para satisfazer a relação Spec/núcleo, o sintagma carregando o traço de operador desloca-se para o domínio de checagem do núcleo C^0 para checar os seus traços. O núcleo $AGRc^0$, especificado com os traços de operador carregado pelo sintagma, se desloca para C^0 para checar esses traços de operador com o sintagma posicionado no Spec/C'. Nas ocorrências em que não há traços de operador, o núcleo $AGRc^0$, embora projetado, não se desloca para C^0 . A adjunção de $AGRc^0$ a C^0 só ocorre se o constituinte frontado ocupar o Spec/C'. Não havendo projeção do núcleo $AGRc^0$, por não haver traços de operador a serem checados, o clítico não sobe, sendo realizado em posição de ênclise. Em sua análise, os clíticos no português antigo estão sempre em $AGRc^0$, e o verbo se move para C^0 , independentemente da subida do clítico. A diferença entre ênclise e próclise é definida pela condição de constituinte ocupar ou não o Spec/C'. A ênclise resulta do movimento do verbo para C^0 , enquanto o clítico permanece em $AGRc^0$. A próclise ocorre se $AGRc^0$ se move para o núcleo C^0 ; nesse caso, com a subida de um constituinte para o Spec/C'. Os elementos de estruturas de Deslocação à Esquerda estão fora do domínio de CP. Nessas construções, o núcleo $AGRc^0$ não se desloca para C^0 , e os clíticos são licenciados em ênclise.

Ribeiro atesta em seus dados uma oscilação entre o uso da ênclise e da próclise no

português do século 13, em condições semelhantes aos resultados apresentados por Martins (1994), Salvi (1990)², Lobo (1992)³, citados pela autora; havendo evolução na diacronia de uso de sentenças com clíticos em próclise, sendo esta forma de uso predominante no século 16. Para Ribeiro, o aumento da frequência da próclise no século 16 resulta de uma reanálise diacrônica dos constituintes que podem ocupar o Spec/C'. A reanálise diacrônica, segundo a autora, reduz a frequência das construções XVCL, mas não as elimina do sistema, na medida em que a reanálise diacrônica não implica em mudança de parâmetro.

2.2 O licenciamento da ordem V2 no francês antigo (Adams, 1987, 1988)

Adams (1987, 133-140), que descreve o francês antigo como uma gramática V2, defende que o licenciamento da ordem XV nessa gramática vem de dois fatos independentes: o movimento do verbo flexionado e a estrutura rítmica. A estrutura rítmica de línguas V2 requer acento no constituinte inicial. Segundo a autora (1988, p. 25), nessa gramática, as frases começam sempre com uma forma forte. Para obter esse efeito, o francês antigo, em condições semelhantes ao alemão, recorre a certo número de estratégias, sendo a mais comum, a de iniciar a frase com o sujeito, mesmo com um sujeito expletivo, ou por um advérbio. Segundo Adams (1987, p.204), os efeitos-V2 resultam da coexistência em uma língua de uma sintaxe particular e propriedades prosódicas.

Na descrição de Adams (1987, p. 103-105), qualquer XP pode preencher o Spec de Comp nessa gramática. O constituinte inicial pode ser estilisticamente proeminente, como no caso de objetos fronteados, ou o sintagma pode ser frontado sem carregar essas funções, como no caso de algum advérbio ou um expletivo realizado nessa posição. Para a autora, os efeitos-V2 do francês antigo não podem ser iguados a topicalização/focalização. Os sintagmas em configuração V2 não carregam qualquer tipo de acento enfático ou contrastivo, característicos das estruturas de topicalização. Quando o objeto é frontado, o efeito é mais marcado do que quando o sujeito ou alguma expressão adverbial preenche o Spec de Comp. O sujeito frontado não implica, necessariamente, em

² SALVI, G. (1990). "La sopravvivenza della legge di Wackrnegel nei dialetti occidentali Della Penisola Iberica". *Medievo Romano*, 15, p. 117-210. Società editrice il Mulino Bologna.

³ LOBO, T. (1992). *A colocação dos clíticos em português. Duas sincronias em confronto Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.*

qualquer valor marcado. Em suas argumentações, a força de tópico ocorre quando o argumento fronteado apresenta uma ordem diferente da ordem básica de sua realização na oração, como no caso de fronteamento de objetos. Nas observações dessa autora, em decorrência da ordem subjacente SVO dessa gramática, os efeitos de movimento não são aparentes quando o sujeito é fronteado.

Adams (1987, p. 56) aponta quatro propriedades intrínsecas do francês antigo: sujeito nulo, inversão germânica, efeitos-V2 e ordem SVO.

Conforme a autora indica (1987, p. 44), o sujeito nulo é licenciado em orações principais independentes, não ocorrendo sujeito nulo em orações dependentes. Nesse tipo de oração, o sujeito é sempre expresso.

Essa gramática licencia sujeito expresso em posição pós-verbal em configuração de inversão germânica, mas não licencia o sujeito pós-verbal em configuração de inversão românica.

De acordo com Adams, o francês antigo é língua de núcleo inicial, com a ordem básica SVO. Nas orações principais, qualquer constituinte pode ser realizado como primeiro elemento da oração; o verbo flexionado ocupa a segunda posição da frase. As ordens SV(X) e XV(S) são as sequências de ordem mais comum nessa gramática até começo do francês medieval.

Adams (1987, p. 190) propõe que a ordem XSV é uma exceção no francês antigo; tornando-se mais freqüente após 1300. Dentro de sua proposta, nessas construções V3, o elemento X é realizado em posição de adjunção a CP; o segundo constituinte é sempre o sujeito. Adams não registra, em seus dados, sentenças de ordem XOVS.

Em suas formulações (1987, p. 57), nas estruturas V2, o verbo é realizado em C⁰ e um constituinte precede o verbo: um DP (o sujeito, o objeto), um PP (indireto ou um adjunto) um sintagma adjetivo, um sintagma adverbial, sintagma-wh, sintagma quantificacional ou uma oração inteira. O constituinte inicial sempre representa o tema da sentença; se nada é tematizado, um advérbio ou um expletivo preenche a posição inicial, satisfazendo o requerimento V2. Nessas construções de ordem V2, o advérbio preposto é freqüentemente

destituído de significado, indicando, segundo a autora, que o papel desse elemento em posição pré-verbal é mais por motivo sintático do que por motivo semântico.

Adams (ibidem, p. 147), defende que a estrutura rítmica requerida para os efeitos V2 começou a mudar na história do francês antes da restrição de fronteamento do verbo flexionado. Em sua argumentação, foi a mudança rítmica que precipitou a mudança sintática.

A autora ressalta que a segunda indicação da perda de V2 foi o desaparecimento do sujeito nulo. Dentro de sua proposta (ibidem, p. 190), o elemento pronominal *pro* no francês antigo era licenciado no contexto de fronteamento do verbo (V_I). Dessa forma, a restrição de fronteamento do verbo finito explica a perda da habilidade dessa gramática de licenciar o sujeito nulo *pro* no período medieval.

A terceira indicação da perda de efeitos V2 é a restrição de o verbo flexionado (V_I) ser fronteado em contextos específicos: nas orações interrogativas, seguindo um pequeno número de expressões adverbiais.

Adams defende que as mudanças sintáticas operadas no francês medieval estão estritamente ligadas a profundas mudanças no ritmo e intonação.

2.3. O preenchimento da periferia à esquerda de gramáticas do romance medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ & POLETTI, 2004)

Benincà (2004) e Benincà e Poletto (2004) apresentam, nesses trabalhos, generalizações descritivas baseadas no romance medieval com respeito à periferia à esquerda. Divergindo da proposta cartográfica de Rizzi (1997) no que diz respeito à recursividade de Top, Benincà (2004) e Benincà e Poletto (2004), assumem que os elementos topicalizados são reunidos e projetados no Campo Tópico, em projeções funcionais estritamente ordenadas; enquanto que os elementos focalizados são reunidos e projetados no Campo Foco. Cada projeção tem propriedades semânticas diferentes e podem hospedar um único XP. As projeções em posição mais baixa que Tópico têm características de elementos focalizados, comportando-se como operadores; enquanto os tópicos de vários tipos são gerados na base

e hospedados em um Campo acima do Campo Foco. Nessa perspectiva, dois Campos diferentes são identificados em CP: um Campo Tópico, em posição mais alta, hospedando elementos não operadores, e um Campo Foco, projetado em posição mais baixa em CP, que hospeda elementos que se comportam como operadores. Com essa modificação, a estrutura projetada em CP, proposta por essas autoras, apresenta a seguinte configuração:

(2.3.1)

[ForceP [FrameP [TopP [FocP [Fin]]]]]

Nas considerações de Benincà e Poletto (2004, p. 53), o que distingue o Campo Tópico do Campo Foco é que o tópico pode ser conectado com um clítico ou com um *pro* na oração, enquanto o foco se desloca para o sistema CP deixando uma variável na posição de base. Na condição de variável, o vestígio do foco é sensível aos efeitos do movimento de Cruzamento fraco, enquanto a categoria vazia relacionada aos tópicos não é sensível aos efeitos desse movimento.

Na perspectiva dessa proposta, Benincà (2004, p. 5), defende que os elementos-wh são ocupantes típicos do Campo Foco; o Tópico Pendente ocupa o Campo “Frame” e a estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica é realizada no Campo Tópico. O argumento em CP está no Spec de uma projeção estritamente na forma X-barra (um núcleo, um Spec). Um núcleo em CP pode também ser ocupado pelo complementizador ou pelo verbo.

De acordo com as formulações de Benincà (2004), Benincà e Poletto, (2004), no italiano moderno, os advérbios circunstanciais e os Tópicos Pendentes ocupam o Campo “Frame”; os tópicos listados e as estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica ocupam o Campo Tópico.

Para Benincà (2004, p. 5), a hipótese de o Campo Foco poder hospedar vários tipos de focos é relevante particularmente para as línguas do romance medieval que apresentam essa posição mais ativada do que no italiano moderno, dispondo não só de foco contrastivo ou de elementos-wh nessa posição, mas também de elementos menos marcados, na condição de foco informacional, identificacional, ou um operador anafórico.

Benincà e Poletto (2004, p. 58) apontam algumas características do italiano da região Sul que correspondem a propriedades V2 do romance medieval. Nessas variantes do italiano moderno, o Foco Informacional aparece na posição inicial das sentenças.

(2.3.2)

(a) *Ço dis-el plusor fiade* (veneziano antigo)

Isto disse ele muitas vezes.

(c) *Una fertra* fei lo reis Salomon. (Piedmontês antigo)

Uma cadeira de seda fez o rei Salomão.

Em função das características comuns às línguas do romance medieval quanto ao compartilhamento de traços importantes da estrutura das sentenças e de propriedades comuns de constituintes lexicais e elementos funcionais, Benincà (2004, p. 2) assume essas línguas como um conjunto de variantes de um abstrato “Romance Medieval”. Com respeito às configurações estruturais dessas línguas antigas, definidas nas pesquisas como línguas que apresentam uma sintaxe V2, Benincà (2004) atesta que essas gramáticas têm em comum a inversão do sujeito/verbo nas orações principais, dispondo de um constituinte diferente do sujeito em primeira posição. Em sua argumentação, como muitas dessas gramáticas dispõem do fenômeno pro-drop, a ordem superficial V2 não é imediatamente visível.

Nas descrições de Benincà (2004, p. 12), as línguas do romance medieval licenciam um objeto, um advérbio ou qualquer outro constituinte em primeira posição no contexto de orações principais, sendo o verbo flexionado projetado em segunda posição. Dentro de sua proposta, essas estruturas resultam do movimento do verbo para um núcleo em CP; qualquer constituinte, incluindo o sujeito, pode ser realizado no Spec desse núcleo.

(2.3.3)

(a) *Autre chose* ne pot li roi trouver. (francês antigo.: La Mort Artu, p. 101)

Outra coisa não poderia o rei encontrar.

(b) *Mal cosseh* Donet Pilat. (Provençal antigo: Venjansa, p. 106)

Mau conselho deu Pilatos.

(c) *Este logar* MOSTRO Dios a Abraam. (espanhol antigo.: Venjansa, p. 106)

Este lugar mostrou Deus a Abraão.

(d) *Com tanta pazeença* sofria ela esta enfermidade. (Português antigo.: Diálogos de São Gregório)

Com tanta paciência sofria ela esta enfermidade.

(e) *Bon wine* FA l'uga negra. (Milanês antigo. :Bonvesin, p. 96)

Bom vinho faz a uva preta.

De acordo com os estudos de Benincà (2004, p. 14), parte das línguas do romance medieval, distribuída numa área contínua da França ao norte da Itália, apresenta a assimetria pro-drop: as orações principais são pro-drop; nas orações dependentes, como o verbo não é realizado em C⁰, o sujeito tem de ser expresso. Essa assimetria, segundo a autora, tem de ser tomada como uma evidência do movimento do verbo para C⁰ nas orações principais. Quando o verbo flexionado localmente rege a posição de sujeito, ele transmite corretamente seus traços e licencia *pro*. Essa hipótese explica a assimetria pro-drop como o movimento do verbo para C⁰; portanto, em princípio, como um fenômeno raiz. Entretanto, como a autora ressalta, em muitos casos, o sujeito também não é realizado nas orações dependentes. Em sua argumentação, o movimento do verbo para C⁰ não é obrigatório nas orações dependentes, mas é possível, estabelecido que a projeção do núcleo mais baixo em CP não é ocupada. Para a autora, o único caso no qual o movimento de V é proibido é no contexto de orações interrogativas dependentes. Nas orações dependentes envolvendo porções de estruturas mais altas do que o lócus do movimento-wh, o verbo é permitido mover-se pelo menos para o núcleo Foc, licenciando *pro* na posição do sujeito.

Em sua análise, o italiano medieval apresenta acesso ao sistema CP em orações principais e dependentes mais livremente do que as outras variedades do romance medieval. Nessa gramática, os elementos pré-verbais de orações principais sempre aparecem estritamente adjacentes ao verbo; os clíticos, quando presentes, são sempre realizados em posição de próclise:

(2.3.4)

(a) *an lo dies tu Ben!* (Ven., Lio Mazor, p. 18)

Pelo contrário, disse-o você bem!

(b) *Si en la reïne moult corrocie.* (Artu, p. 166)

Então disto estava a rainha muito transtornada.

(c) *An' me credev-eo servirte.* (Ven. : Rainaldo e Lesengrino, p. 172)

Pelo contrário, (me) pensei em servir-te

Na proposta de Benincà (2004, p. 16), um traço comum compartilhado por todas as línguas do romance medieval é a realização de um objeto em posição pré-verbal nas orações principais, geralmente, mas não necessariamente, em primeira posição. Se o objeto é seguido imediatamente pelo verbo, normalmente, ele aparece sem um clítico resumptivo. Dentro das considerações da autora, o objeto licenciado nessas construções pode ter várias interpretações: pode representar um foco contrastivo ou um foco não marcado; um tema relevante, ou um tema anafórico. Segundo a autora, o objeto nessa posição não aparece pragmaticamente identificado como no italiano moderno.

(2.3.5)

(a) *La traison Li a CONTE que li vasals a apreste.* (Francês antigo. ; Enéas, p. 23-24)

A traição lhe disse que o vassalo preparou.

(b) *Mal cossehh DONET Pilatus.* (Provençal antigo.: Venjansa de la mort de Nostre Senhor)

Mau conselho deu Pilatos.

(c) *Vino y água DEVE el clérigo mezclar en el caliz.* (Espanhol antigo.: GE-I 22v)

Vinho e água deve o clérigo misturar no cálice.

(d) *Tal serviço lhe pode fazer hûn homen pequeno.* (português antigo.: Huber, 1933)

O objeto preposto, mesmo quando adjacente ao verbo, pode ser realizado na forma com retomada pronominal (cópia), configurando a estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica:

(2.3.6)

(a) [Lo primo modo] chiamo-lo estado temoroso. (o.Umbr., Jacopone)

O primeiro modo chamo-o estado temeroso.

(b) e [a los outros] acomendo-los a dios. (o.: Estória de España, II. 2v)

...e aos outros encomendo-os a Deus.

De acordo com Benincà (2004, 17), nessas gramáticas, o objeto direto somente pode ser movido para a posição que precede imediatamente o núcleo para o qual o verbo se move nas orações principais, que a autora assume ser em FocP, no Campo Foco. Nessas construções, o objeto se move deixando um vestígio incompatível com um clítico resumptivo. Objetos prepostos sem redobramento de clítico não podem ser licenciados se alguma coisa intervém entre o objeto preposto e o verbo. Segundo Benincà, como FocP é a projeção adjacente ao verbo nas orações principais, somente o elemento interveniente poderia ocupar esta posição, forçando o objeto a ser realizado à esquerda, em TopP; nesse caso, sendo redobrado por um clítico. Se alguma coisa precede o verbo, os clíticos são proclíticos; se o verbo é inicial, os clíticos são enclíticos; estando de acordo com as restrições da Lei Tobler-Mussafia de o clítico não poder aparecer em primeira posição nas sentenças das gramáticas do romance medieval.

Nas descrições de Benincà (2004, p. 21), os dialetos do italiano medieval licenciam sentenças de ordens V1/V3/V4, indicando que essas gramáticas são menos rígidas do que as outras línguas do romance antigo com respeito ao licenciamento exclusivo da ordem V2. Para a autora, essas estruturas não são totalmente impossíveis em outras línguas do romance medieval, mas são regidas por fortes requerimentos textuais e/ou pragmáticos. Benincà (2004, p. 21) considera em sua análise, a múltipla acessibilidade de CP nesses dialetos do italiano medieval.

(2.3.7)

(a) [L', altre ami] [si] est la moiller. (oPiem. : Serm. Sub., p. 238)

A outra amiga então é a esposa.

(b) [A lè] [per tug li tempi] me rend e me consegno. (O. Milan.: Bonvesin, 163)

Por ela por todos os tempos eu me cerco e me

(c) [Allora] [questi] ando e ricombatté. (o. Florent.: Novellino p. 37)

Então este foi e lutou novamente.

(d) E [Pero Capel] [en la fiata] branchà uno uiger de pes. (o Ven: Lio Mazor, p. 3)

E Pero Capel imediatamente mediu uma cesta de peixe.

A autora defende que essas estruturas do italiano permitem refinar as generalizações com respeito aos elementos na periferia à esquerda, sugerindo que, mesmo que o verbo possa ser frequentemente inicial e mais do que um elemento possa precedê-lo em orações principais e dependentes, a sintaxe continua sendo V2, com o movimento obrigatório do verbo para um núcleo projetado no CP da oração principal.

Dentro das suposições de Benincà, nas orações dependentes das variantes do italiano medieval, o movimento do verbo para CP é bloqueado somente nas interrogativas. Nas outras orações dependentes, os constituintes podem se mover para a periferia à esquerda.

Diferente dos dialetos do italiano medieval, outras gramáticas antigas, como o espanhol, o português e o francês, apresentam poucos casos de estruturas V3; sendo que, na maioria dessas construções, o primeiro constituinte é um advérbio circunstancial ou uma estrutura oracional, ocupando a posição mais alta em Frame.

Nas variantes do italiano medieval, dois sintagmas nominais podem preceder o verbo. Se não há uma cópia na forma de clítico, o sintagma mais à esquerda é o sujeito, o objeto é adjacente ao verbo.

(2.3.8)

[La mia cattivanza] [l'alma] ha menata (o. Umbr., Jascopone)

A minha maldade a alma levou.

Segundo Benincà (2004, p. 23), nesta sentença, o sujeito precede o objeto. Se o objeto fosse o primeiro DP, este constituinte seria retomado por um clítico.

Nas orações dependentes regidas por verbos-ponte e nas relativas, a acessibilidade de CP é mais restrita do que nas orações principais; mas, segundo a autora, somente em quantidade, não em qualidade. Para Benincà, (ibidem, p. 24), a acessibilidade de CP nas

orações dependentes é a mesma em todas as línguas do romance medieval, como nas variantes do italiano; sendo as diferenças regidas por questões pragmáticas.

(2.3.9)

(a) vos poez bien dire (...) que [*riñes qu'il me requiere*] je ne feroie (Artu, p. 142)

Você pode bem dizer que nada que ele me pede eu (não) farei.

(b) li Chevalier qui [*a la guerre*] devoient aler. (Artur, p. 138)

Os cavaleiros que para a guerra foram.

Um objeto em CP separado do verbo por outro constituinte é licenciado na forma com redobro de clítico (Benincà, 2004, p. 24). Um objeto precedendo o verbo, se nada intervém entre eles, pode ser interpretado a ocupar por movimento o Campo Foco ou gerado na base no campo Tópico ou no Campo “Frame”. O objeto ocupando o Campo Foco comporta-se como um sintagma-wh e não há licenciamento de clítico resumptivo. Quando gerado no Campo Tópico, o objeto é retomado por um clítico. Um objeto direto seguido imediatamente por um verbo e retomado por um clítico requer este pronome em ênclise.

(2.3.10)

[*Lo vostro amor ch'écaro*] donatelo al notatro ch'é nato da lentino. (o. Sic., Jacopo da Lentini)

Nas ocorrências com clítico em ênclise que não dispõem do verbo em primeira posição, o elemento que ocupa essa posição é um dos que permitem a ordem V3, sendo inserido no campo “Frame”.

Nas formulações de Benincà (2004, p. 26), quando o verbo está em C⁰ e é precedido por um elemento realizado no Campo Foco, a ênclise é impossível. Se o verbo, em uma sentença com clítico, é precedido por um constituinte que ocupa um Spec mais alto do que o Campo Foco, o clítico é realizado obrigatoriamente em ênclise.

Os elementos realizados em posição mais alta do que o Campo Foco são Tópicos Pendentes (HT). A posição natural dos advérbios circunstanciais é em algum Spec em

“Frame”, mas esta posição não é uma restrição sintática forte. A realização advérbios circunstanciais prepostos no Campo “Frame”, no Campo Tópico ou no Campo Foco vai depender de condições pragmáticas. De acordo com a autora, no exemplo do espanhol antigo, a seguir, o advérbio é gerado na base no Campo “Frame”.

(2.3.11)

E depuis mandolo fazer a sus discípulos. (Fontana: Leyes)

E depois mandou-o fazer a seus dicípulos.

Segundo Benincà (2004, p, 27), estruturas similares, com um advérbio seguido por um clítico em próclise e o verbo, são exemplos que definem a opção de um advérbio circunstancial ser realizado em FocP.

2.4 Ordens das palavras e colocação dos clíticos no português clássico (Galves, 2003, 2009; Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2005; Galves e Paixão de Sousa, 2005; Paixão de Sousa, 2004).

Nas considerações de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), referidas na introdução deste capítulo, um dos traços sintáticos de mudança mais nitidamente evidenciados na história do português ao longo do tempo é a posição de realização do clítico. Segundo as autoras, como a posição de realização do clítico pode ser considerada um dos maiores indicadores gramaticais, as mudanças neste domínio constituem uma chave importante para a história gramatical de uma língua. Para Galves (2000), “a posição dos clíticos é um dos fenômenos mais interessantes do ponto de vista da história da língua”. Em sua descrição, no português europeu, há dois grandes tipos de contextos em orações finitas: aqueles em que a posição de realização dos clíticos se mantém imutável ao longo do tempo, e aqueles em que ela varia e muda. Os primeiros são os contextos de posições categóricas: ênclise categórica, quando o verbo está em primeira posição; próclise categórica, quando ele vem precedido de certos elementos como negação, sintagmas interrogativos, operadores de focalização, conjunções de subordinação (com algumas exceções), certos advérbios. Os segundos

contextos são todos os outros casos, nos quais ao longo do tempo há variação. De acordo com a autora, a hipótese fundamental levantada é que a ênclise, na gramática clássica, deriva da restrição da Lei de Tobler-Mussafia, ou seja, da impossibilidade de o clítico estar em primeira posição absoluta na oração. Consequentemente, se o clítico segue o verbo apesar de algum sintagma o preceder, significa que este sintagma está, na estrutura subjacente, numa posição externa à oração.

Galves & Galves (1995) e Galves (2000, 2003) defendem que a ordem normal dos clíticos nas sentenças do português clássico é em posição de próclise; a ênclise corresponde a estruturas de ordem V1, com o sintagma pré-verbal realizado em posição anterior à fronteira prosódica da oração, na forma de um adjunto.

(2.4.1)

(a) próclise: [XP cl-V]

(b) ênclise: XP [V-cl]

Paixão de Sousa (2004, p. 64), em sua tese de doutoramento, confirma a ordem V2 como ordem linear de uso mais frequente em sentenças declarativas finitas com clíticos no português médio (clássico); vindo, em segundo lugar, a ordem V1. Partindo da hipótese inicial de que a posição dos clíticos pode ser um indicador importante da estrutura que está subjacente nos padrões superficiais atestados, Paixão de Sousa define que as ordens superficiais V3 podem corresponder a V2 estruturais, e as ordens superficiais V2 podem corresponder a V1 estruturais. Para a autora, além de uma posição efetivamente inicial da sentença, há uma posição à esquerda, definida como externa em relação à fronteira da frase (limite sintático e fonológico), indicado esquematicamente por #. O preenchimento dessa posição pode corresponder às ordens XV e XXV com estruturas subjacentes: X#V e X#XV.

Nas considerações de Paixão de Sousa (2004, p. 66):

“A partir da generalização de Tobler-Mussafia de restrição do clítico em primeira posição, pode-se supor a posição interna ou externa ocupada pelos elementos pré-verbais, uma vez que, se o clítico não pode ser o primeiro elemento da oração, XV com próclise não poderá corresponder a um X externo. Nessa perspectiva, XV com próclise corresponderia à estrutura # X-clítico-V e XV com ênclise, corresponderia sempre a X # [V-clítico].”

Em sua proposta (ibidem, p. 80), a ocupação da posição pré-verbal é resultante de uma operação de movimento na sintaxe, que estaria disponível para constituintes de VP, como advérbios ou argumentos.

Paixão de Sousa defende que os padrões superficiais nas sentenças independentes do sistema médio se dividem em duas categorias: construções resultantes de movimento na sintaxe, com alvo na posição interna, que ela chama de fronteamento, e construções que não envolvem movimento na sintaxe, mas sim adjunção a uma posição externa em relação aos limites sintáticos e fonológicos da sentença. Em sua argumentação, apenas elementos referenciais podem ocupar a posição externa, o que inclui os argumentos dos verbos; considerando como adjuntos os elementos pré-verbais que não são constituintes do VP: orações dependentes e os PPs adjuntos. Para a autora, a classe dos constituintes que pode, em princípio, participar das duas configurações é a dos argumentos referenciais. Nas ocorrências com complementos referenciais pré-verbais sem retomada clítica, o complemento verbal está sempre fronteado; no caso de retomada clítica, os complementos verbais prepostos são sempre adjuntos. Os constituintes que não podem participar da operação de adjunção nunca aparecem com ênclise. Sua tese é que, no sistema médio, a ênclise é uma característica indicadora de adjunção.

A autora assume um constituinte adjunto à sentença, configurando a ordem [X] [sentença], como elemento gerado em posição de adjunção. Um fato destacado por Paixão de Sousa é a regularidade da frequência de ocorrência de estruturas de adjunção ao longo do período pesquisado. Dentro de sua argumentação, a adjunção é um fato diacronicamente

constante, ou seja, sua estrutura básica não sofre mudança ao longo dos séculos. Nas estruturas de adjunção, um DP referencial que ocupa uma posição externa discursivamente codificada é correferente a um argumento do verbo. O tópico da frase está externo e coincide com o sujeito gramatical ou o complemento do verbo no interior da frase. Os adjuntos que coincidem com os complementos do verbo remetem a pronomes – os clíticos, nas CLLD- ou a um elemento vazio (nos sistemas que possibilitam o objeto nulo). Os sujeitos adjuntos podem remeter ao sujeito nulo no interior da frase.

Considerando o fato de que os argumentos referenciais do verbo podem ser adjuntos se eles estabelecerem uma relação de predicação com um constituinte correferente no interior da sentença, Paixão de Sousa (ibidem, 102) propõe que as ordens complemento-V com retomada clítica indicam a adjunção do complemento pré-verbal. As ordens Sujeito-V com ênclise indicam adjunção do sujeito pré-verbal nos textos do português médio.

Em sua proposta de análise, o fronteamento é concebido em termos gerais como uma operação na qual os argumentos do verbo e advérbios modais podem ser movidos, na sintaxe, para o especificador de uma categoria superior às categorias de flexão ou concordância, cujo núcleo é, então, ocupado pelo verbo flexionado. Paixão de Sousa (ibidem, 123), rotula esse núcleo como núcleo de fronteamento (FP):

(2.4.2)

(a) VX → XV

(b) [XP X, V] → [FP X [X-V] [XV traço X, traço V]]

Para Paixão de Sousa (ibidem, p. 126), mais que uma evolução da tendência da ênclise contra a próclise, atestada nos dados dos autores nascidos a partir do século 18, esses dados mostram uma diminuição generalizada de construções proclíticas, mesmo naqueles ambientes XV em que não se registram ênclises. Dentro de sua argumentação, isso significa que há uma queda na proporção de construções XV com X interno. A queda na proporção de construções XclV é uma queda na frequência de construções que, quando usadas são sempre proclíticas: queda na frequência de fronteamento. Conforme a autora aponta, a ordem XV com próclise, em ambientes de variação e de próclise categórica, é mais

frequente no século 17 do que nos séculos seguintes. Em sua argumentação, a alternância próclise/ênclise, nesses ambientes, não implica em variação. Sua pesquisa revela que os textos que apresentam tendência maior de uso de sujeito pré-verbal com clítico disposto em próclise, configurando a ordem S-cl-V, apresentam também maior proporção de sentenças X-cl-V.

Dentro de sua hipótese, a sintaxe clássica do português se caracteriza fundamentalmente pela produtividade de construções em que um constituinte do VP pode ser frontado para uma determinada posição pré-verbal (que licencia sempre a próclise), incluindo os sujeitos. Nas descrições da autora, os textos do século 16-17 apresentam poucas ocorrências de SV com ênclise. Nesses textos, a proporção de ordens XV e de ordens SV é comparável, o que pode indicar que um sistema em que SV é um subconjunto das ordens XV, e que a posição pré-verbal está disponível para qualquer constituinte de VP, seja ou não focalizado. É nesse que a autora define o português desse período como um sistema do tipo V2.

No que concerne ao estatuto informacional do sujeito, Paixão de Sousa (ibidem, p. 147), assume como hipótese geral que, no sistema médio, qualquer sujeito pré-verbal é proeminente do ponto de vista informacional; não apenas em SV com ênclise, mas também em SV com próclise. No caso de SV com ênclise, o sujeito externo pode ser interpretado como um elemento que se contrasta com outros elementos da frase ou do período. Os sujeitos com ênclise são externos e podem representar topicalização contrastiva.

Paixão de Sousa (ibidem, p. 169-170) ressalta que não se encontram nas construções XXclV evidências de que o primeiro dos constituintes pré-verbais seja necessariamente um constituinte interno; não se encontram sequências deste tipo iniciadas por elementos não referenciais. Sua proposta é que, no sistema médio, todo SV corresponderia a um sujeito fora de sua posição de flexão, sendo realizado, por movimento, em uma categoria funcional mais elevada que a flexão; podendo, entretanto, ser também realizado em posição pré-verbal, na forma de um adjunto.

Nas formulações de Galves e Paixão de Sousa (2005, p. 139), os sintagmas pré-verbais em sentenças de ordem V3 com clítico disposto em ênclise são realizados em posição anterior à fronteira prosódica da oração; nas sentenças V3 com próclise, o segundo sintagma é realizado internamente à oração:

(2.4.3)

(a) [X] [X] # [V-cl] → XXVcl

(b) [X] # [X cl-V] → XXclV

(2.4.4)

(a) [As minhas cartas,] [quando Vossa Mercê lhe achar] # [..mostre-as].

(b) [Se eu a governara,] # [neste lugar a havia].

Conforme as autoras descrevem, o elemento X, nessas construções, pode ser de dois tipos: XPs-argumentais e XPs adjuntos (como os sintagmas preposicionais, advérbios sentenciais, orações dependentes). Os XPs-argumentais realizados em posição externa correspondem à construção de topicalização. No caso dos complementos nominais, esses elementos se superficializam na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica. Para as autoras, os sujeitos também podem ser envolvidos em construções de topicalização, mas eles não são visivelmente retomados por um pronome resumptivo ou qualquer categoria lexical em função da propriedade dessa gramática de licenciar sujeito nulo.

As autoras assumem que o sujeito nas sentenças V3 do português clássico pode ser realizado nas seguintes configurações:

(2.4.5)

(a) [Sujeito] [XP] # [V-cl] → SXVcl

(b) [Sujeito] # [XP clV] → SXclV

(c) [XP] [Sujeito] # [V-cl] → XSVcl

(d) [XP] # [Subjeito clV] → XScIV

Nos exemplos abaixo, disponibilizados por Galves e Paixão de Sousa (2005, p. 140), a posição de realização dos constituintes pré-verbais segue, respectivamente, essas ordens estruturais:

(2.4.6)

- (a) *Nós*, pelo contrário, pegamo-*nos*. (Vieira, 1608, Cartas)
- (b) *Ela*, com o ruído os chama, com suas doces águas os deleita. (Chagas, 1631)
- (c) Vendo tão rara e verdadeira amizade, *el-rei Dionísio o mais velho* disse-*lhes*. (Bernardes, 1644)
- (d) Se este negócio é de Deus, *ele o* há de conservar. (Chagas, 1631)

Galves e Paixão de Sousa (ibidem:,140) verificam que as construções V3 com clíticos em ênclise, como nos exemplos (2.4.6 a, c) são muito menos frequentes do que as construções de ordem V3 com a próclise.

Segundo Galves (2003), a possibilidade da ênclise ou da próclise, combinada com outros fatores da gramática portuguesa, traz indícios da posição do verbo e dos demais constituintes da sentença abstrata. Para a autora, na diacronia do português, as duas ordens se apresentam em variação em determinados contextos sintáticos nos quais a variação já não é possível na língua moderna (sentenças raízes afirmativas nas quais o verbo é precedido de um sujeito referencial, uma frase preposicional ou certos advérbios). Os segundos são todos os outros casos, nos quais ao longo do tempo, existe variação entre ênclise e próclise, até que, no séc.19, a ênclise se torne obrigatória. Na observação de Galves e Paixão de Sousa (2005), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005: 4), o português clássico licencia sentenças com clíticos dispostos em próclise ou em ênclise em contextos que se mostram categóricos em toda a história do português, que as autoras definem como contextos categóricos de próclise e contextos categóricos de ênclise. Na categoria de contextos categóricos de próclise, estão os operadores de focalização, conjunções de subordinação e certos advérbios:

(2.4.7)

- (a) Bem me importava entender ao certo o que se passa ... (Melo, 1608)
- (b) Muito vos desejei cá ontem para ouvirdes explicar a Ene êste retrato. (Melo, 1608)
- (c) Todos me tratam como a desfavorecido (Melo, 1608)

A realização da ênclise é categórica nas sentenças V1 com clíticos:

(2.4.8)

Defendeu-o, *emparou-o* (bem sabe Vossa Paternidade a história) e como verdadeiro amigo escreveu-lhe. (Sousa, 1556)

Nas descrições de Galves e Paixão de Sousa (2005); Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005, p. 4), quando o verbo não está em primeira posição e não é precedido por um sintagma da categoria dos que desencadeiam a próclise, há variação entre o uso de clíticos em próclise ou em ênclise, sendo a forma com próclise a de uso dominante. Esta variação é confirmada nas ocorrências que dispõem de advérbios pré-verbais e sintagmas deslocados. As autoras definem, nos trabalhos referidos, a alternância entre próclise e ênclise nos textos dos autores nascidos entre os séculos 16-17, em dois modelos diferentes: no modelo, refletido nas construções em que elas definem como contextos de variação I. Nesses contextos, a variante com próclise é a opção de uso majoritário:

(2.4.9)

- (a) Ele *me disse que* *pasmava como lhe* *abastava o que tinha* (Sousa, 1556)
- (b) Ruy Lopes de Villa-Lobos *o recebo com muita honra* (Couto, 1542)
- (c) Depois *sucedo-lhe o Mirão, seu sobrinho,* (Couto, 1542)
- (d) Hoje *me parto.* (A. Chagas, 1631)
- (e) Em troca disto, *ofereço-lhe da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e...* (Alorna, 1750)
- (f) Sábado passado *vos mandei um papel de engaços* (Melo, 1608)
- (g) *Para os críticos me* deu Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com lês. (Melo, 1608)

E no modelo que as autoras definem como contextos de variação II, caracterizados pela variação de uso de clíticos em próclise ou em ênclise no deslocamento de orações, especificamente, nas segundas coordenadas de ordem V1 e orações encaixadas fronteadas.

Nesses contextos oracionais, a próclise deixa de ser a opção de uso de clíticos em todos os textos investigados por essas autoras:

(2.4.10)

(a) *Achou-os ditosamenemte, falou-lhes, e rendeu-os a largarem aquela vida brutal , e virem a ser filhos da Igreja, e vassalos do Império Português.* (A. Barros, 1675)

(b) *Durando as persuasões do padre, chegou preparada uma mezinha, e lhe pediram se retirasse.*(Bernardes, 1644)

(c) *Para os começar a render, amimou-os com donativos, língua a todas as Nações não menos nteligível, que grata.* (A. Barros, 1675)

(d) *Vendo-o um Cónego no adro daquela antiga Sé lhe disse: De quem sois meu menino?* (A. Barros, 1675)

Nas descrições dessas autoras, este quadro muda nos dados levantados dos textos dos autores nascidos a partir de 1700. Nesses textos, a ênclise vai gradualmente se estabelecendo como uma opção favorita em todos os contextos; revelando uma mudança gramatical importante, que se superficializa na sintaxe dos autores nascidos no começo do século 18.

Com respeito à posição de realização do sintagma pré-verbal nas sentenças com clíticos, Galves (2003) propõe que o português clássico licencia uma posição pré-verbal interna à oração disponível para o sujeito ou outro constituinte do VP, como nas línguas V2. Nas formulações dessa autora, o português clássico, em condições semelhantes às línguas V2, licencia estruturas de tópico em posição interna e/ou externa à fronteira prosódica da oração, sendo esta última uma ordem marcada.

Outro fato assinalado por Galves e Paixão de Sousa (2005) é o uso estilístico de construções enclíticas com frequência elevada nos Sermões de Antonio Vieira. As autoras observam que, na totalidade dos casos de sentenças enclíticas com sujeito pré-verbal, esse elemento é contrastado com outro termo na oração ou no discurso imediatamente próximo, como nos dois exemplos abaixo, levantados desse trabalho.

(2.4.11)

(a) Nós deixamos as pégadas de traz das costas, e Deus *tem-n'as* sempre diante dos olhos.

(p. 121)

(b) Deus *julga-nos* a nós por nós; os homens *judgam-nos* a nós por si. (p.170)

Dentro das observações de Galves e Paixão de Sousa (2005), o uso estilístico da ênclise nos Sermões de Vieira, sustenta a hipótese levantada anteriormente por Salvi (1990), de que a alternância na disposição do clítico deriva da disponibilidade de duas posições de tópico nessa gramática. Uma posição de tópico externa à oração e outra se qualificando como uma posição de tópico interna à oração, como nas línguas V2.

(2.4.12)

(a) [Subject/XP] # [V-cl]

(b) # [Subject/XP cl-V]

Galves e Paixão de Sousa (2005) ressaltam que o uso de orações com clíticos em posição de ênclise para marcar contraste nos Sermões de Vieira dá suporte à proposta de que o material pré-verbal nessa configuração tem o seu próprio contorno intonacional, que lhe dá uma proeminência discursiva.

Quanto à mudança na ordem de disposição dos clíticos nas sentenças declarativas de ordem SV, Galves (2003) atesta que a variação de uso dessas sentenças com ênclise e próclise cessa de ser produzida por uma única gramática; e o modelo produzido pela nova gramática dispõe de clíticos em ênclise. As ocorrências com próclise, observadas nos textos, são efeitos de competição de gramáticas, no sentido definido por Kroch (1994).

Galves e Paixão de Sousa (2005) assumem que a disposição de clíticos em ênclise no português clássico corresponde a estruturas nas quais o sintagma pré-verbal é realizado em posição anterior à fronteira prosódica da oração. As autoras defendem que a mudança do português clássico para o português europeu moderno não envolve somente uma mudança na frequência de ocorrência da ênclise, mas é também uma mudança qualitativa que afeta a posição do sujeito com ênclise. Na formulação dessas autoras, diferente do português

clássico, que licencia orações declarativas raízes ordem SVcl com o sujeito fora da estrutura prosódica da oração, o português europeu moderno licencia, nesses contextos oracionais, o sujeito pré-verbal em posição interna à estrutura prosódica da frase.

Para autoras, isso significa que há uma queda na proporção de construções XV com X interno. A queda na proporção de construções XclV é uma queda na frequência de construções que, quando usadas são sempre proclíticas: queda na frequência de frontamento.

CAPÍTULO 3

Descrição dos Dados

3.0 Introdução.

Apresentamos neste capítulo a descrição e a quantificação dos dados que fundamentam as propostas de análise oferecidas no desenvolvimento da pesquisa. O objetivo que pretendemos alcançar nesta tarefa é explicitar, no âmbito do Projeto Cartográfico de Rizzi (1997, 2004a), a peculiaridade do português clássico de licenciar sintagmas na categoria de tópicos e adjuntos em posição interna e/ou externa à estrutura prosódica da oração (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004). Com este trabalho, pretendemos investigar os contextos sintáticos e prosódicos de mudança diacrônica que evidenciam a atuação de outro sistema gramatical na língua a partir do século 18 no licenciamento dessas construções (FROTA, GALVES & VIGÁRIO, 2008; GALVES & GALVES, 1995; GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Não competem à nossa pesquisa reflexões exaustivas voltadas para questões discursivas de tópico e foco; as análises oferecidas para a explicitação das propriedades do português clássico no licenciamento dessas construções se centram mais especificamente no plano sintático e prosódico, dentro do quadro teórico do modelo de Princípios e Parâmetros, em sua versão minimalista, e nas propostas do Projeto Cartográfico de Rizzi (1997, 2004a) de projeção de núcleos específicos no sistema de CP como posições que acomodam sintagmas deslocados para a periferia à esquerda por razões de tópico ou foco ou sintagmas adverbiais sem essas funções.

Considerando, por outro lado, o fato emergido na pesquisa da semelhança de comportamento sintático do português clássico com o comportamento do português antigo (RIBEIRO, 1995) e de gramáticas do romance medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ & POLETTO, 2004), no que se refere à peculiaridade dessas línguas de licenciar estruturas de

tópico com propriedades V2, tomamos como referência os trabalhos citados ao descrevermos os contextos de formação dessas construções.

Distribuído no eixo do tempo, o resultado alcançado na pesquisa revela haver semelhança de comportamento linguístico nos textos dos autores nascidos nos séculos 16-17 no que se refere à frequência de uso de estruturas de tópico e foco com efeitos-V2, caracterizado pelo licenciamento dessas construções com o verbo ocupando a segunda posição da oração e uso de sujeito em posição pós-verbal em configuração de inversão germânica. As diferenças neles atestadas podem ser justificadas em função da diversidade de estilo dos autores e dos gêneros das obras investigadas.

Um dos fatos relevantes evidenciados na pesquisa é a mudança de comportamento sintático nos textos dos autores nascidos entre 1702 e 1845 nas formas de manifestação dessas construções, atrelada à evolução da frequência de uso de clítico em ênclise em contextos que licenciam esse pronome em próclise nos textos dos séculos 16-17 (GALVES, 1995, 2003; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004). A descrição mais detalhada dos contextos que definem a mudança de sistema gramatical no licenciamento de estruturas de tópico e foco no português a partir do século 18 é oferecida no decorrer da apresentação e descrição dos dados pertinentes aos autores nascidos nesse período histórico.

3.1 Corpus e Metodologia

Este trabalho de pesquisa tem como base empírica os dados levantados de trinta e nove textos de autores portugueses nascidos entre 1502 e 1845, pertencentes ao acervo do Projeto Tycho Brahe. A escolha dos textos foi feita de acordo com a ordem cronológica de nascimento dos autores, demarcada no eixo do tempo que compete à nossa pesquisa. Nessa sequência, iniciamos a formação dos corpora com os dados selecionados das Cartas de D. João III, autor nascido em 1502, e terminamos com os dados levantados do texto Correspondência, de Almeida Garrett, nascido em 1845. Para a realização desta tarefa, fizemos uso das ferramentas de busca oferecidas no Projeto Tycho Brahe, nas obras catalogadas, disponibilizadas a este recurso técnico. Nos textos ainda não disponibilizados ao seu uso, empreendemos uma busca manual. Para a quantificação dos dados, construções

de tabelas e gráficos, utilizamo-nos dos recursos do programa Excel do Windows.

3.1.1 Corpus

Os dados que formam a base empírica de nossa pesquisa foram levantados junto ao acervo do Corpus Tycho Brahe, de trinta e nove textos de autores portugueses nascidos entre o séc. 16 e meados do séc. 19, conforme apresentamos no Anexo 2, nas páginas 291-298 deste volume.

3.1.2 Metodologia

No âmbito da realização deste trabalho, levantamos, do conjunto dos textos referidos, um total de 21563 sentenças raízes e subordinadas com sintagmas nominais, adverbiais, preposicionais, adjetivais e/ou sintagmas quantificados/quantificadores nus em posição pré-verbal, com as funções gramaticais, respectivamente, de objeto, sujeito, adjunto adverbial, complemento nominal, predicativo, argumento do verbo haver (impessoal) e/ou oração reduzida de particípio. Em posição pré-verbal, esses elementos são realizados nas formas que se assemelham às construções definidas na literatura como estrutura de Topicalização, Focalização, Deslocação à Esquerda Clítica e Tópico Pendente (BARBOSA, 1991; CINQUE 1990; CHOMSKY, 1977; DUARTE, 1987; KATO, 1989, 2009; RAPOSO, 2000; entre outros). Reunimos, para efeito de quantificação, as ocorrências que dispõem de objeto frontado na ordem OV(S) sob o rótulo estrutura de Topicalização/Focalização-V2⁴, sem emprendermos, nesse primeiro momento, a separação das ocorrências que carregam a função de tópico e ocorrências que recebem o acento de foco. As ocorrências de objeto topicalizado na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica e as ocorrências de estruturas de Tópico Pendente são, respectivamente, reunidas e quantificadas em outros dois subconjuntos de dados.

Quantificamos, por texto, seguindo a ordem cronológica da data de nascimento dos

⁴ Adotamos, para efeito de descrição dos dados, os rótulos *Topicalização/Focalização-V2*, nos moldes de Ribeiro (1995, p. 155), para as construções que licenciam estruturas de tópico/foco na ordem OV(S), com o objeto posicionado dentro do contorno intonacional da frase.

autores, a frequência de uso dessas construções em orações matrizes, subordinadas, coordenadas, imperativas e/ou optativas de ordens superficiais V2/V3/V4. Incluímos no conjunto desses dados as ocorrências formadas em orações declarativas negativas com o operador predicativo de negação *não* e/ou com os sintagmas adverbiais *nunca, jamais*. Quantificamos, no conjunto de orações raízes, as ocorrências dessas construções formadas em sentenças matrizes, coordenadas, imperativas e optativas. Do total de dados correspondentes às sentenças que licenciam constituintes diferentes de objeto em posição pré-verbal, distribuimos, em subconjuntos, as ocorrências que legitimam, nessa posição, sintagmas nominais e/ou pronominais com a função de sujeito; sintagmas adverbiais/sintagmas preposicionais e/ou sintagmas adjetivais com funções gramaticais, respectivamente, de adjunto adverbial complemento nominal e/ou predicativo. Ordenamos em outros subconjuntos de dados, as ocorrências que apresentam, respectivamente, advérbios quantificacionais, sujeito deslocado de oração encaixada, oração reduzida de particípio e argumento do verbo haver impessoal.

Em todos os contextos, verificamos a frequência de ocorrência de sentenças sem sujeito expresso e sentenças com esse constituinte expresso em posição pós-verbal, assumindo a proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005, p. 13), de não haver uma posição pré-verbal especial para o sujeito nas sentenças raízes do português clássico. Na ordem XV, com o X interno à oração, o X frontado pode ser um sujeito, um objeto, um PP ou um Adv.

Refinando mais a pesquisa, investigamos a posição pós-verbal de realização do sujeito no conjunto de dados de estruturas de tópico e foco; ordenando, em subconjuntos específicos, as ocorrências que projetam a inversão germânica, com o sujeito seguindo imediatamente o verbo, e as ocorrências que dispõem da inversão românica, com o sujeito focalizado realizado em posição mais baixa, antecedido de um ou mais de um constituinte da oração, inclusive de complementos verbais (KATO 1989, 2009). Paralelamente à investigação da frequência de uso de sujeito pós-verbal, verificamos a categoria do verbo flexionado licenciado nessas construções. Com respeito às construções de ordens V3/V4, quantificamos essas produções obedecendo aos critérios estipulados na apresentação e descrição dos dados. Dessa forma, as construções que apresentam o objeto precedido ou seguido de um sintagma de qualquer natureza, ou mesmo, de uma estrutura oracional, são

quantificadas como estruturas de tópico ou foco de ordem V3/V4. As demais ocorrências, sem fronteamto de objeto, são quantificadas de acordo com a categoria e/ou a função gramatical do elemento que se realiza em posição mais alta à esquerda. Seguindo esses critérios, descrevemos essas construções como realizações de Suj/PP/AdvP/Pred/ArgH de ordem V3/V4.

Tendo em conta que um dos fatores que definem a mudança de comportamento linguístico nos textos dos autores nascidos a partir do século 18 é o uso menor de objetos fronteados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e o progressivo aumento da frequência de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, investigamos os contextos de licenciamento dessas construções, particularmente, no que se refere à categoria do objeto topicalizado, obedecendo à ordenação sequencial das obras investigadas.

Não incluímos na pesquisa as construções que apresentam o fronteamto de constituintes de orações relativas explicativas. Neste contexto, são computados apenas os dados que expõem o fronteamto de um DP-complexo e/ou as ocorrências nas quais a ordem V3 é projetada com a interposição de uma oração relativa restritiva entre o sintagma topicalizado e a oração principal. Excluimos também da pesquisa as ocorrências formadas no contexto de orações passivas analíticas e/ou pronominais. As construções com clítico *se* inseridas na quantificação dos dados correspondem às ocorrências nas quais este elemento é um pronome reflexivo ou quando este pronome é realizado em orações com sujeito indeterminado.

Considerando os efeitos de mudança que emergem no licenciamento de estruturas de tópico nos dados dos autores nascidos a partir do século 18, enfocamos nosso trabalho na averiguação do comportamento sintático do português clássico em dois períodos demarcados no eixo do tempo em estudo nesta pesquisa, especificamente, no período que compreende o início do século 16 e final do século 17 e no período que abrange o início do século 18 às quatro primeiras décadas do século 19.

Organizamos o capítulo em quatro seções. Na primeira seção, descrevemos, quantificamos e analisamos os dados pertinentes aos autores nascidos no período referente aos séculos 16-17. Ordenamos a apresentação dos contextos de formação de estruturas de tópico e foco em subseções, seguindo os seguintes critérios: na primeira subseção,

descrevemos as ocorrências de objetos pré-verbais licenciados, respectivamente, nas formas de estrutura de Topicalização/Focalização e estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica, em sentenças de ordem superficial V2/V3/V4. Na segunda subseção, descrevemos os dados que dispõem de sintagmas diferentes de objeto em posição pré-verbal. Incluímos, nessa parte, a quantificação e descrição das ocorrências de sujeito pré-verbal no contexto de sentenças raízes e subordinadas de ordens V2/V3/V4. Em cada uma das subseções, mostramos, por meio de tabelas, o resultado obtido da quantificação do conjunto de dados correspondentes aos autores nascidos nesse período. As tabelas com os resultados individuais, pertinentes às produções específicas de cada texto, são apresentadas, em anexo, nas páginas 291-298 deste volume, seguindo a sequência numérica dada aos resultados obtidos na quantificação dos dados produzidos no séc. 16 e dados produzidos no séc. 17. Na segunda seção, mostramos o comportamento linguístico dos autores nascidos entre o começo do séc. 18 e meados do séc. 19, seguindo os mesmos critérios propostos na primeira seção. Destinamos a terceira seção para a apresentação das formas de manifestação de estruturas de Tópico Pendente na diacronia, tendo em conta a semelhança de comportamento sintático no licenciamento dessas construções nos dois períodos demarcados no eixo do tempo. Na quarta seção, apresentamos por meio de gráficos os contextos que expressam mais nitidamente as mudanças de comportamento diacrônico nas formas de manifestação de estruturas de tópico.

Os exemplos disponibilizados no desenvolvimento deste capítulo se fazem acompanhar do nome do autor e data de seu nascimento, seguido do nome da obra quando mais de uma obra em uso na pesquisa pertence a um mesmo autor.

Códigos de identificação dos textos pesquisados do Corpus Tycho Brahe:

A-001- Mathias Aires (1705-1763)
A-002- Manuel Pires de Almeida (1597-1655)
A-003 – Marques de Fronteira e Alorna (1802-1881)
A-004 - Marquesa D'Alorna (1750-1839)
B-001 - Andre de Barros (1675-1754)
B-003 - Manuel Bernardes (644-1710)
B-004 - Camilo Castelo Branco /Amor ... (1825-1890)
B-005 - Camilo Castelo Branco /Maria ... (1825-1890)
B-006 - Antonio Brandão (1584-1637)
B-007- Bernardo de Brito (1569-1617)
B-008 - Jose da Cunha Brochado (1651-1735)
C-001– Cavaleiro de Oliveira (1702-1783)
C-002 – Maria do Céu (1658-1753)
C-003 –Antonio Chagas (1631-1682)
C-004 – Antonio da Costa (1714-1780)
C-005 - José Daniel Rodrigues da Costa (1757-1832)
C-006 – Manuel da Costa (1601-1667)
C-007 – Diogo Couto (1542-1606)
D-001 – D. João III (1502-1557)
E-001 - Eça de Queiróz & Oliveira Martins (1845-1900)
F-001 – Manuel Severim de Faria (1583-1655)
G-001 – Manuel de Galhegos (1597-1665)
G-002 – Correia Garção (1724-1772)
G-003 – Almeida Garrett/Cartas (1799-1854)
G-004 – Almeida Garrett /Teatro (1799-1854)
G-005 – Almeida Garrett /Viagens (1799-1854)
G-006 – Alexandre de Gusmão (1696-1724);
H_001 – Francisco de Holanda (1517-1584)
L-001 – Francisco Rodrigues Lobo (1579-1621)
M-001 – Diogo I. de Pina Manique (1733-1805)
M-003 – Francisco Manuel de Melo / Cartas (1608-1666)
M-004 – Francisco Manuel de Melo/Tácito (1608-1666)

O-001 – Ramalho Ortigão (1836-1845);
P_001 – Fernão Mendes Pinto (1510-1583)
S-001 - Luis de Sousa (1556-1632)
V-001 – Luiz Antonio Verney (1713-1792)
V-002 - A. Vieira/ Cartas (1608-1697); A. Vieira
V-003/- História do Futuro (1608-1697)
V-004 - A. Vieira /Sermões (1608-169).

3.2 O comportamento sintático do português dos séc. 16-17 no licenciamento de estruturas de tópico e foco.

Descrevemos e quantificamos, nesta seção, os dados pertinentes aos textos dos autores nascidos entre o início do séc. 16 e final do séc. 17, seguindo os critérios metodológicos definidos acima. Levantamos e quantificamos, individualmente, por texto, as ocorrências de estruturas de tópico e foco, formadas no contexto de orações matrizes, subordinadas, coordenadas, imperativas e optativas com verbos finitos ocupando a segunda, terceira ou quarta posição na ordenação linear.

O resultado desse trabalho, apresentado no Anexo 2 na página 291 deste volume, indica haver comportamento semelhante entre os autores nascidos no séc. 16 e autores nascidos no séc. 17 quanto à regularidade de uso de objeto, sujeito ou outros constituintes da oração em posição de tópico ou foco projetando a ordem V2. A predominância, no corpus investigado, da frequência de uso dessas construções com o verbo realizado em segunda posição na ordenação linear da estrutura da frase, confirma a hipótese levantada por Galves (2003), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005); Antonneli (2008), Ribeiro (1995), entre outros, da natureza V2 dessa gramática. Em condições estruturais semelhantes às línguas V2, como o francês antigo (ADAMS, 1997; ROBERTS, 1993), o português antigo (RIBEIRO, 1995) e a gramáticas do romance medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ & POLETTI, 2004), o português clássico licencia objetos ou outros constituintes em posição de tópico e/ou foco na ordem padrão V2 com o sujeito exposto posposto imediatamente ao verbo,

configurando a inversão germânica⁵:

(3.2.1) Inversão germânica:

- (a) Na *Côrte* andou *este Rei* dous anos, (D. Couto, 1542).
- (b) E *isto* cometeo o *Turco*, porque ficou mui assombrado de Dom Estevão da Gama chegar com sua Armada até o porto de Suez, cousa que êle nunca receou. (D. Couto, 1542).
- (c) Ao senhor *António do Couto* me faça *Vossa Mercê* mercê da mesma recomendação. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (d) *Esta* lhe mostrou o *tempo* muy accomodada, porque a gente que de novo entrara em Ethiopia, (B. de Brito, 1569)
- (e) A *região de Arabia* deserta povoou *Arabo*. (B. de Brito, 1569)
- (f) A *jornada, & cerco de Lisboa* refere a *Historia dos Godos* com estas palavras (A. Brandão, 1584)
- (g) A *gloria do desenho e perfil ou traço* concederão os *antigos* a Parrhasio, Antigone e Senocrate, os quaes screverão da pintura, a qual no desenho consiste. (F. de Holanda, 1517)
- (h) Nas *casas de Augustin Guis* pintou *Rafael* de poesia preciosamente a historia de Psique, e muito gentilmente cercou Galatea de homens marinhos no meo das ondase de Amores polo ar. (F. de Holanda, 1517)
- (i) Na *criação dos noviços* se esmerava *Frei Bertolameu* com particular cuidado. (L. de Sousa, 1556)

Nossa pesquisa mostra que o português dos séc. 16-17 licencia estruturas de tópico e/ou foco na ordem padrão V2 com o sujeito posposto ao verbo também em configuração de inversão românica, projetando as ordens XVXS, XVXXS, XVXXXS, com o sujeito realizado em posição mais baixa, sendo precedido por um ou mais de um constituinte da oração, inclusive pelo objeto direto.

⁵ O alemão, que se caracteriza como língua genuinamente V2, apresenta o verbo finito em segunda posição nas orações declarativas. A posição pré-verbal – *Vorfeld* - dessas orações pode ser ocupada por um adjunto ou por um argumento. O elemento no “*Vorfeld*” pode ser um elemento que não seja diretamente dependente do verbo da oração matriz. (MÜLLER, 2002, p. 113)

(3.2.2) Inversão românica: ordem XVXS:

- (a) E *por Dezembro do mesmo ano*, tomou posse *dele o Padre Frei Jerónimo Borges*, primeiro vigairo do convento de Viana. (L. de Sousa, 1556)
- (b) Não me espanto que *pelo mar* corram *perigo os homens* (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (c) *Deste soberano sentimento* teue *revelação a Madre Elena*, (M. do Céu, 1658)
- (d) E *d'aqui* tomou *licença o insaciabil desejo humano* a lhe de avorrecer alguma vez mais um edeficio com suas columnas e janellas e portas que outro fingido de falso grutesco, (F. de Holanda, 1517)
- (e) *Sepultada* ou *adormecida* esteve *em suas ruínas Viana*, até o tempo d'el-Rei Dom Afonso III de Portugal, (L. de Sousa, 1556)
- (f) *A sustância destes três pontos* escreveu *logo de sua mão o humilde Arcebispo* em um retalho de papel bem pequeno, que trazia no breviário como por registro (L. de Sousa, 1556)
- (g) *Neste correio* me mandou *uma carta o padre confessor* para o Padre Pomereau (A. Brandão, 1585)
- (h) *A todos* causou *grande sentimento a sua morte* (C. Brochado, 1651)

Em todos os contextos, o sujeito expresso em posição pós-verbal nessas construções é licenciado com maior frequência em configuração de inversão germânica.

Do conjunto de 12109 sentenças raízes e subordinadas finitas de ordem V2/V3/V4, levantadas dos textos dos autores nascidos nos séculos 16-17, com argumentos e/ou advérbios em posição pré-verbal interpretados como tópico e/ou foco, atestamos que 83,6% dessas produções projetam a ordem V2. A taxa média de frequência de ocorrência de estruturas de tópico e/ou foco nesses padrões de ordem nos textos representativos do português do séc. 16 e do séc. 17 é indicada no quadro a seguir:

Tabela 1. Taxa média da frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco nos padrões de ordem V2/V3/V4 nos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc. 16	Séc. 17
Ordem V2	83,6%	83,7%
Ordem V3	14,7%	14,6%
Ordem V4	1,7%	1,7%

Estamos assumindo, junto a Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), de não haver nas sentenças do português dos séculos 16-17 uma posição pré-verbal específica para o sujeito, podendo esta posição ser ocupada por qualquer constituinte da oração. Assim considerando, as construções com sujeito pré-verbal, levantadas dos textos dos autores nascidos nesse período, correspondem a construções nas quais esse elemento ocupa a posição de tópico ou foco, dentro da oração, ou ocupa, na forma de um adjunto, uma posição externa à fronteira prosódica da frase.

No corpus em estudo, 40,5% das ocorrências de ordem V2 apresentam o sujeito ocupando a posição pré-verbal. As outras ocorrências, com sintagmas diferentes de sujeito em posição pré-verbal, dispõem de sujeito nulo e/ou o sujeito é expresso em posição pós-verbal. A taxa média de uso de sintagmas fronteados interpretados como foco e/ou tópico no padrão de ordem V2 com sujeito posposto ao verbo apresenta valores semelhantes nos textos representativos do português de ambos os séculos:

Tabela 2. Taxa média da frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com o sujeito pós-verbal nos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc. 16	Séc. 17
Suj não expresso	59,2%	61,1%
Suj pós-verbal	40,8%	38,9%

Constatamos que 83,6% das ocorrências com sujeito pós-verbal são realizadas em configuração de inversão germânica. Apenas 16,4% dessas construções projetam a inversão românica.

Tabela 3. Taxa média da frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 com inversão germânica e/ou de inversão românica nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc. 16	Séc. 17
Inversão germânica	82,8%	84,5%
Inversão românica	17,2%	15,5%

Este fato é apontado por Ribeiro (1995, p. 82) na descrição da ordem de licenciamento das sentenças no português antigo. Nas formulações dessa autora, a frequência menor de sentenças que dispõem da inversão românica no português antigo pode ser devida ao uso preferencial de outro recurso utilizado por aquela gramática para enfatizar os DPs-sujeitos: as construções de Topicalização ou de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica. Nessas construções, conforme a autora propõe, o elemento deslocado - o sujeito, o complemento do verbo ou um adjunto verbal - é um constituinte que carrega acento enfático.

Antes de iniciarmos a descrição e quantificação dos dados correspondentes às formas de manifestação de estruturas de tópico e/ou foco, necessário se faz que tracemos algumas considerações a respeito do comportamento sintático do português clássico no licenciamento dessas construções. Em primeiro lugar, nossos dados mostram que o português dos séc. 16-17 se assemelha ao português antigo (RIBEIRO, 1995) no licenciamento dessas construções. Em condições semelhantes ao português antigo, os dados de nossa pesquisa apresentam sintagmas topicalizados e/ou focalizados nos padrões de ordem V2/V3/V4, realizados nas formas de estruturas de Tópicalização-V2, Focalização-V2 e Tópico marcado.

Por outro lado, o português clássico se assemelha ao francês antigo (ADAMS, 1987, ROBERS, 1993) e/ou a gramáticas V2 modernas, pela tendência de uso de sintagmas pré-verbais em sentenças raízes de ordem V2 (GREWENDORF, 2002; ROBERTS, 2004).

Contraopondo-se ao italiano e a outras línguas do romance moderno, que dispõem de sintagmas com a função de tópico na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica, mas não os licencia na forma de estruturas de Topicalização, legitimando, nessa configuração, sintagmas que carregam o acento de foco (CINQUE, 1990; RIZZI, 1997, 2004a), o português clássico licencia ambas as construções. Nossa pesquisa mostra que os autores nascidos entre o séc. 16 e séc. 17 apresentam frequência maior de objetos topicalizados na forma de estrutura de Topicalização-V2.

(3.2.3) Estruturas de Topicalização-V2:

- (a) e que *isto* segure Joham Ango de modo que nam aja niso duvida nem debate ao diante.
(D. João III, 1502)
- (b) *A gloria do desenho e perfil ou traço* concederão os antigosa Parrhasio, Antígone e Senocrate, os quaes screverão da pintura, a qual no desenhoconsiste. (F. de Holanda, 1517)
- (c) *Bom conselho* te deu teu mestre. (M. Bernardes, 1644)
- (d) *A sustância destes três pontos* escreveu logo de sua mão o humilde Arcebispo em um retalho de papel bem pequeno, que trazia no breviário como por registro (S. de Faria, 1583)
- (e) *Ancora* lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. (M. da Costa, 1601)
- (f) *As particularidades deste cerco* não achámos, e por isso o contamos assim em soma.
(L. de Sousa, 1556)
- (g) *Grandes duas novas* nos trouxeram as cartas de Vossa Excelência dêste correio,
(A. Vieira, 1608: Cartas).
- (h) *Sete fontes de graça* deixei na minha Igreja, (A. Vieira, 1608: Sermões)

(3.2.4) Estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica:

- (a) *ao austinado* move-o á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á contemplação e medo e vergonha. (F. de Holanda, 1517)
- (b) e *os que corrião os pareos*, faziam *nos* quasi da mesma maneira, mas com muita oufania e galhardeza no correr dos cavallos; (F. de Holanda, 1517)
- (c) e *o pão* o mandava dar em grão. (L. de Sousa, 1556)
- (d) que *a Hércules* convidaram-no os conflitos e fizeram-no Hércules os trabalhos. (M. da Costa, 1601)
- (e) Mas *esta* não *a* pódem ter os que morrem em quanto dura o mundo, (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (f) *A fragata "Fortuna"* *a* teve ainda melhor do que escreve Lanier, (A. Vieira, 1608: Cartas).
- (g) *Aos apóstolos sagrados* trocou-lhes a pesca de peixes pela de homens, no mar do século.
(M. Bernardes, 1644)

Por outro lado, nossa pesquisa mostra que o português clássico também licencia estruturas de tópico nas formas de Tópico Pendente e/ou de estruturas de Deslocação de Tópico Pendente (DUARTE, 1987). As estruturas de Tópico Pendente não apresentam nenhum elemento pronominal dentro da frase correferente ao tópico. Em contrapartida, nas construções de estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente, há presença, na frase, de um elemento pronominal que estabelece uma relação de referência com o tópico; não existindo, entretanto, nenhuma conectividade de Caso entre esses elementos.

(3.2.5) Estruturas de Tópico Pendente:

(a) *Quanto ao cõtrato dos escravos que faz Affonso Nunez*, eu vy as condições que a nova das do cõtrato que estava feyto em Allvito. (D. João III, 1502)

(b) *Quanto à povoação destas Ilhas*, são tão soberbos os Japões, que se tem pelos primeiros do Mundo, sobre o que fabulão cousas muito pera rir, de que brevemente diremos algumas. (D. Couto, 1542)

(c) E, *quanto ao princípio das Empresas*, escreve Pausânias que Agamenon trazia no escudo a cabeça de um leão de ouro, com uma letra que dizia (R. Lobo, 1579)

(d) *quanto ao dos socorros que, suposto haverem de ser em dinheiro*, será bom que Vossa Excelência mande pedir a Sua Majestade a lista do que fazem de custo, muito pelo miúdo, segundo os soldos que levam, os estrangeiros, (A. Vieira, 1608: Cartas).

(e) *Quanto a coligação de ambos os poderes de Portugal e os Estados* não se oferecia dúvida. (M. de Melo, 1608: Tácito)

(f) *Quanto ao espiritual*, ninguém ha no mundo que possa responder a esta pergunta. (A. Vieira, 1608: Sermões)

(3.2.6) Estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente:

- (a) *A Rainha*, que ia algumas jornadas diante, deram-*lhe* as dôres do parto de noite. (D. Couto, 1542)
- (b) e *a sua náó Sant-Iago fez dela* Capitão Dom Francisco de Noronha, (D. Couto, 1542)
- (c) *no tocante á restituição da lingoagem*, não *lhe* acho muito proposito, nem outro author que neste caso o favoreça. (B. de Brito, 1569)
- (d) De guerras dizem que Joane Mendes tomou *a Codiceira* bem tomada, e não sei se oforte de Telená, (porque só a Ene o ouvi) depois de saquear Santa Marta. (M. de Melo, 1608: Cartas)

3.2.1.1 Topicalização/Focalização de objetos.

Os dados levantados dos autores nascidos nos séc. 16-17 apresentam ocorrências de objetos com as funções de tópico e/ou foco nos padrões de ordem V2/V3/V4. A frequência predominante de uso dessas construções é verificada em sentenças raízes e/ou subordinadas no padrão de ordem V2. Do total de 1426 ocorrências de estruturas de tópico ou foco formadas nesses padrões de ordem, levantadas desses textos, verificamos que 83,5 % dessas construções projetam a ordem V2. Apenas 16,5% dessas ocorrências dispõem de objetos topicalizados/focalizados no padrão de ordem V3/V4, nas formas variantes XOY/OXV, com a posição de X preenchida por outro constituinte da oração, inclusive pelo sujeito. A taxa média da frequência de uso dessas construções nesses padrões de ordem apresenta valores extremamente semelhantes nos dois séculos.

Tabela 4. Taxa média da frequência de uso de objetos topicalizados e/ou focalizados nos padrões de ordens V2/V3/V4 nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc 16	Séc 17
V2	83,9%	83,2%
V3	14,2%	15,5%
V4	1,9%	1,3%

Outro fato evidenciado na pesquisa é a tendência desses autores de formar estruturas de tópico e/ou foco nesses padrões de ordem no contexto de sentenças raízes. Apenas 8,9% dessas produções são formadas em orações subordinadas.

Descrevemos, a seguir, separadamente, as condições de fronteamto de objetos topicalizados e/ou focalizados nesses padrões de ordem.

3.2.1.1 Estruturas de Topicalização/Focalização -V2.

De acordo com o resultado apresentado na tabela (4), acima, a frequência de uso maior de objetos topicalizados e/ou focalizados nos textos dos séc. 16-17 é na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2⁶. Nessas construções, o objeto precede imediatamente o verbo finito no contexto de orações raízes e/ou subordinadas.

Por outro lado, embora a frequência de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 no contexto de orações subordinadas seja consideravelmente baixa nos textos pesquisados, atestamos, nessas ocorrências, os efeitos-V2 que caracterizam as orações declarativas raízes no licenciamento dessas construções, especificamente, no que tange à posição pós-verbal de realização do sujeito. A propriedade do português desse período de licenciar orações subordinadas com efeitos V2 permite-nos caracterizá-lo como língua- V2 simétrica, como o islandês e o ídiche. As línguas-V2 assimétricas, como o alemão e o

⁶ Usamos, indistintamente, na descrição dos dados, o rótulo estrutura de Topicalização/Focalização-V2 para as construções de ordem OV(S) que dispõem de objetos fronteados com a função de tópico e/ou foco. Dentro da proposta de Rizzi (1997, p. 292), o foco é quantitacional, envolvendo uma ligação A-barras quantitacional; o tópico não.

holandês, apresentam regularmente o verbo em segunda posição nas orações matrizes, mas não nas orações subordinadas (ROBERTS, 1993, p. 59).

(3.2.7) Topicalização/Focalização-V2 no contexto de orações raízes:

- (a) *O aviso do triguo* vos agardeço muyto. (D. Couto, 1542)
- (b) E *esta carta* enviareis lloguo ao ministro, onde quer que estiver; e lhe escrevereis quam curto he o tempo, pera vos llogo enviar os frades que pera esta ida tener ordenados. (D. Couto, 1542)
- (c) *A gloria do desenho e perfil ou traço* concederão os antigos a Parrhasio, (F. de Holanda, 1517)
- (d) *Três géneros de cartas missivas* assina o mesmo Túlio, aos quais alguns costumam reduzir muitas espécies delas. (R. Lobo, 1579)
- (e) *A vós* pagará o Céu êste trabalho, e a estas senhoras o amor com que favorecem o meu desemparo. (R. Lobo, 1579)
- (f) *O fim da minha jornada* verá Vossa Excelência pelas cartas de Sua Majestade que remete a Vossa Excelência o Residente (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (g) E todos estes milagres vêmos em nossos dias. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (h) *Ao Correo mor* vio tambem em huma graue doença, que padeceo, (M. do Céu, 1658)
- (i) *Isto* confirma a tradição recebida, de aver neste exercito quasi cem Mouros para hum Christão, a celebre fama que ficou desta vitória (A. Brandão, 1584)
- (j) *Muita mercê* me fazem nisto. (A. Chagas, 1631)
- (k) *Grande parte do Sermão* dirigiu aos Capitulares, (A. de Barros, 1675)

(3.2.8) Topicalização/Focalização-V2 no contexto de orações subordinadas com sujeito pós-verbal:

- (a) e que *isto* segure Joham Ango de modo que nam aja niso duvida nem debate ao diante. (D. João III, 1502)
- (b) De que *muitas graças* dou eu ao immortal e soberano Deos por me neste grande e confuso mundo dar alguma pequena luz nos desejos da altissima pintura, (F. de Holanda, 1517)
- (c) que *a Tito* cheirava bem o dinheiro que cobrava das imundícias de Roma; (R. Lobo, 1579)
- (d) Dizem que *a de linias ou traços* achou *Philocte egitio* ou ueramente Cleanthecoryntho;

(F. de Holanda, 1517)

(e) E, assim diz São Hierónimo que *tanta necessidade* tem o *cobiçoso* do que possui Cômodo que lhe falta, (R. Lobo, 1579)

(f) de modo que *a um* deu a vida o *ouro*, (R. Lobo, 1579)

(g) Dizia um fidalgo deste reino que *três cousas* cuidava o *homem* que tinha e, na verdade, não as tinha. (M. Bernardes, 1644)

(h) Santo Agostinho diz que *tudo isto* causará n'aquelles loucos *a falta de fé*. (A. Vieira, 1608: Sermões).

(l) e se *isto* calaram os *Historiadores*, deixou-o em memória numa certidão jurada o Capitão mor António Ferreira de Mello, (A. de Barros, 1675)

(3.2.9) Topicalização -V2 no contexto de orações subordinadas com sujeito nulo:

(a) quando *isto* escrevíamos (L. de Sousa, 1644)

(b) Ao *cõde de Castanheira*, que se informe do que esta molher diz, e, achando que he asy, a deixe ir pera seu marydo que amda na Imdia, avemdo ella embarçaã dos armadores.

(D. João III, 1502)

c) & que *a Deos* tomava por testemunha da grãde dór & sentimento que tinha pelo receyo em que estava de lhe acõtecer algum desastre (M. Pinto, 1510)

(d) Se *isso* (respondi eu) ouvissem na minha patria, bem, senhora, se spantariam assi de me bem Vossa Excelência louvar e por essa maneira, (F. de Holanda, 1517)

(e) quando disse que *a Ele* fazíamos o que a eles fizéssemos. (L. de Sousa, 1644)

(f) E porque *a esta* chamavam *livro*, conservam ainda agora êles o nome e a divisão que agora fazem os escritores de *livro primeiro*, (R. Lobo, 1579)

Investigamos, nesses dados, a frequência da categoria do objeto fronteadado, definindo a taxa de uso de pronomes demonstrativos (dêiticos), sintagmas nominais, pronomes pessoais, sintagmas quantificados (nomes/pronomes demonstrativos precedidos de quantificadores) e quantificadores nus prepostos com essa função. A quantificação dos dados, agrupados de acordo com a categoria do objeto topicalizado, indica que os autores, em ambos os séculos, licenciam com frequência maior objetos fronteados na categoria de sintagmas nominais. Distribuindo o resultado da quantificação dos dados de acordo com o século de nascimento dos autores que formam a base de pesquisa do português desse período, atestamos, nos textos, o mesmo comportamento linguístico com respeito à

frequência de uso maior e/ou menor da categoria do objeto fronteado. A taxa média de frequência de uso da categoria do objeto topicalizado/focalizado nos dois séculos indica o seguinte resultado:

Tabela 5. Taxa média da frequência de uso da categoria do objeto das ocorrências de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 dos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc 16	Séc 17
Pronome demonstr	19,2%	9,4%
Sintag nominal	62,2%	64,4%
Pronome pess	1,7%	1,1%
Sintag quantificado	14,1%	13,2%
Quantificador nu	2,8%	11,9%

O resultado apresentado na tabela (5), acima, mostra que as estruturas de Topicalização/Focalização-V2 em uso nos textos dos autores nascidos nesse período são formadas com maior frequência com objetos na categoria de sintagmas nominais e com frequência menor com objetos na categoria de pronomes pessoais e sintagmas quantificados. O fato relevante emergido na quantificação desses dados é a semelhança de comportamento dos autores nascidos nesse período quanto à frequência de uso, em seus textos, de objetos fronteados na categoria de sintagmas nominais, pronomes pessoais e/ou sintagmas quantificados. Esta regularidade deixa de ser observada com objetos na categoria de pronomes demonstrativos e quantificadores nus. O fronteamento de objetos na categoria de pronomes demonstrativos é maior nos textos do séc. 16 do que nos textos do séc. 17. Em contrapartida, a frequência de uso de quantificadores nus fronteados é maior nos textos do séc. 17 do que nos textos do séc. 16. Outro fato que se destaca no resultado da quantificação desses dados é a semelhança da taxa de queda da frequência de fronteamento de objetos na categoria de pronomes demonstrativos nos textos no séc. 17 com a taxa de aumento, nesses textos, da frequência de fronteamento de objetos na categoria de quantificadores nus (9,1%).

Reunimos no subconjunto de sintagma nominal com a função de objeto direto e/ou objeto indireto as ocorrências que apresentam nomes próprios, nomes comuns, precedidos ou não de pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos - *outro(s)*, *outra(s)*, *mesmo(s)*, *mesma(s)* -, de numerais, com a função de adjunto adnominal, e/ou, quando estes elementos

se realizam na categoria de um substantivo, sendo precedidos por artigos definidos/ indefinidos. Juntamos no subconjunto de sintagmas quantificados, os nomes precedidos dos quantificadores *algum (s)*, *alguma(s)*, *nenhum*, *nenhuma(s)*, *todo(s)*, *toda(s)*, *tanto(s)*, *tanta(s)*. Contabilizamos no subconjunto de quantificadores nus, os objetos representados pelos sintagmas *nenhum*, *algum*, *alguém*, *tudo*, *nada*.

Atestamos na pesquisa haver a regularidade de comportamento nos textos dos autores nascidos nesses dois séculos no que se refere à frequência maior de objetos diretos do que objetos indiretos nas estruturas de Topicalização/Focalização-V2.

(3.2.10) Objetos diretos topicalizados/focalizados:

- (a) *As vyas vos emvio per este moço d'estribeira*; (D. João III, 1502)
- (b) *Tua gente acharàs prompta para a guerra*, (A. Brandão, 1584)
- (c) *A região de Arabia deserta* povoou Arabo. (B. de Brito, 1569)
- (d) *Esta história* contou a peregrina com os olhos cheios de água, com que orvalhava de quando em quando as rosas do seu rosto; (R. Lobo, 1579)
- (e) *A réplica* não fiz ainda, porque de verdade se soltaram contra mi todos os enfadamentos do mundo estes dias (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (f) *Fortaleza de ânimo* lhe encomendo a Vossa Mercê, (A. Chagas, 1631)
- (g) *Os papeis* vi logo. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (h) *As misérias de Madrid* me participou o senhor Marquês das Minas, se bem as dissimulam as cartas castelhanas. (A. Vieira, 1608: Cartas).
- (i) *Essa Relação* estampeei os dias passados, que a Vossa Mercê faço conclusa. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (j) *Muytas pessoas* vio na doença da morte, (M. do Céu, 1658)

(3.2.11) Objetos indiretos topicalizados/focalizados:

- (a) *A êstes homens* se deve a glória deste descobrimento, (D. João III, 1502)
- (b) *A êste Arquipélago* puzeram o nome dos Coraes, (D. Couto, 1542)
- (c) *Mas a Lionardo e a Rafael* tenho mais enveja que a este famosissimo pintor toscano: tudo isto segundo o ponto que eu entendo. (F. de Holanda, 1542)
- (d) *& aos mesmos Mouros* se ordenou o principio de outros mayores (A. Brandão, 1584)
- (e) *À parcimónia* chamavam escasseza (L. de Sousa, 1556)
- (f) *A vós* pagará o Céu êste trabalho, e a estas senhoras o amor com que favorecem o meu desemparo (R. Lobo, 1579)
- (g) *e aos seus* disse São Paulo que andassem neste amor (M. Bernardes, 1644)
- (h) *A seus parentes* fale Vossa Mercê simplesmente, sem perguntar por ninguém, nem lhe escreva, salvo em responder ao que importa; (A. Chagas, 1631)

A regularidade de uso maior de objeto direto do que de objeto indireto nas estruturas de Topicalização/Focalização-V2 nesses dois séculos é confirmada não só em sua manifestação no contexto de orações raízes, mas também em sua manifestação no contexto de orações subordinadas.

Tabela 6: Taxa média da frequência de uso de objeto direto/objeto indireto das ocorrências de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 dos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc 16	Séc 17
Objeto direto	75,4%	74,0%
Objeto indireto	24,6%	26,0%

Outro resultado é apresentado quando quantificamos separadamente as ocorrências que licenciam estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com objetos diretos ou indiretos na categoria de nomes próprios. Verificamos que frequência de uso de nomes próprios com a função de objeto indireto é maior do que a frequência de uso desses sintagmas fronteados com a função de objeto direto.

Tabela 7: Taxa média da frequência de uso de nomes próprios com a função de objeto direto/objeto indireto fronteados nos textos dos séc. 16-17.

Nomes próprios fronteados	Séc 16	Séc 17
Objeto direto	16,3%	24,1%
Objeto indireto	83,7%	75,9%

(3.2.12) Objetos diretos na categoria de nomes próprios fronteados:

- (a) *A Túlio* degolaram, e por mais o afrontarem, lhe cortaram aquela língua, em que por tantas vezes consistiu a liberdade da República, (S. de Faria, 1583)
- (b) *Ao senhor Embaixador* tivemos em cama estes oito dias, mas já hoje se levantou livre da febre (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (c) *A Hercules* pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, (M. da Costa, 1601)
- (d) *A Dona Joanna de Castro* Tia do Correo Mor, vio logo, que espirou, junto à sua cama com uma fermosura celestial, (M. do Céu, 1658)
- (e) *A Martinho* tratarão sempre seus pais com particular afeição, vendo sempre nelle grandes indícios de temor & amor de Deos. (B de Brito, 1569)

(3.2.13) Objetos indiretos na categoria de nomes próprios fronteados:

- (a) *E a Antonio Gallvam* direis da minha parte que, se nom pode quebrar o cõtrato ao mercador, (D. João III, 1502)
- (b) que *a Tito* cheirava bem o dinheiro que cobrava das imundícias de Roma; (R. Lobo, 1579)
- (c) *A Remígio Belleo* chamou Ronsardo pintor da natureza, (P. de Almeida, 1597)
- (d) *A Dona Leonor* peço muito continue os seus amores com êsse Cristo que lá tem, que, se eu puder, lhe darei algum; (A. Chagas, 1631)
- (e) *Ao senhor Ene* agradeça Vossa Mercê a mercê que me fez, e a tôdas essassenhoras a memória que tem de mim. (A. Chagas, 1631)
- (f) *A Portugal* deixaram os despojos de suas casas, (A. Vieira, 1608: História do Futuro)
- (g) *Ao padre Ene* encomendo a êste Senhor quanto posso, (A. Chagas, 1631)

Os nomes próprios fronteados com a função de objeto indireto são legitimados com frequência regular no contexto de verbos intransitivos/inacusativos.

(3.2.14) Objetos indiretos na categoria de nomes próprios fronteados no contexto de verbos_ intransitivos/inacusativos:

(a) *& ao piloto pareceo* bem yr demãdar Pullo Champeiloo, que he umailha despovoadá que está na boca da enseada da Cauchenchina em quatorze graos& hum terço da banda do norte (M. Pinto, 1510)

(b) *E aos Cavalleiros, & pessoas militares, que defendião& dilatavão a Fè Catholica em seu Reyno, não faltasse* o premio devido a seus trabalhos. (A. Brandão, 1584)

(c) *A Sócrates faltava* muitas vezes uma capa com que se cobrir, e em fim veio a morrer condenado pelos Atenienses, (S. de Faria, 1583)

(d) *E a Fernam d'Alvarez fica* cuydado de fazer os Regimentos e provisões necessarias pera a dita armada e vollos emvyar. (D. João III, 1502)

Outra propriedade intrínseca do português clássico, emergida na investigação desses dados, é o uso generalizado da próclise nas estruturas de Topicalização-V2 em sentenças finitas com clíticos. Nessas construções, o clítico é sempre realizado em posição de próclise, em ambientes sintáticos categóricos e não categóricos⁷.

(3.2.15) Topicalização-V2 com clíticos dispostos em próclise em ambientes não categóricos:

(a) *As outras tres vos* encomendo que, cõ a moor brevidade que poderdes, llançais fora esoutras tres, (D. João III, 1502)

(b) *Três novas me dá* Vossa Mercê tôdas grandes e tôdas dignas de reflexão. (C. Brochado, 1651)

(c) *e o trellado me* enviareis pera o eu ver. (D. João III, 1502)

(d) *Grandes duas novas nos* trouxeram as cartas de Vossa Excelência dêste correio, (A. Vieira, 1608: Cartas)

⁷ *Contextos categóricos são os contextos nos quais os clíticos são realizados em posição de próclise em ambientes de orações subordinadas e/ou ambientes de orações raízes com o verbo precedido de operadores adverbiais de negação (não, nunca, jamais), de sintagmas interrogativos, quantificados, focalizados e/ou de determinados advérbios aspectuais e advérbios de foco (GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005).*

- (e) *Isto lhe* disse de todo seu ânimo; (D. Couto, 1542)
- (f) *Semelhante instrução lhe* dá o Tridentino, referindo-se a este Cartaginense.
(M. Bernardes, 1644)
- (g) *Bom conselho te* deu teu mestre (M. Bernardes, 1644)

(3.2.16) Topicalização -V2 com clíticos dispostos em próclise em ambientes categóricos:

- (a) *Muita mercê* me fazem nisto. (A. Chagas, 1644)
- (b) e *tudo me* sprevee pera o asiento que se ha de tomar no que fara Duarte Coelho.
(D. João III, 1502)
- (c) *nenhuma outra lhe* pediria, depois da fé, senão o alto entendimento de pintar ilustremente. (F. de Holanda, 1517)
- (d) e se *a nenhum se* perdoar, todos andarão compóstos, como lá disse hum Poeta.
(M. da Costa, 1601)
- (e) *até os pescadores nos* tomavaõ os Mouros; (M. da Costa, 1601)
- (f) Porém, *nada se* sabe com certeza, (C. Brochado, 1651)

Incluimos, nessas ocorrências, as construções com objetos fronteados que se qualificam como estruturas de foco. No exemplo apresentado em (3.2.16 e), o objeto fronteadado é precedido por um operador de foco: *até*. Nos outros exemplos enumerados em (3.2.16), a categoria de quantificador nu/sintagma quantificado do objeto fronteadado é contexto de próclise obrigatória. Dentro do que é proposto na literatura, o estatuto de sintagmas não referenciais desses objetos fronteados define a função de foco que eles carregam (BARBOSA, 1991, 1996, 2009; CINQUE, 1990; KATO, 1998, 2009; RAPOSO, 2000; RIZZI, 1987, 2004a; entre outros). Benincà (2004) e Benincà e Polleto (2004), defendem que a realização de clíticos em próclise nas construções com fronteamto de objeto no romance medieval define o posicionamento de um constituinte da oração no Campo Foco. A disposição de clíticos em ênclise, nessas construções, ocorre quando o campo Foco não é preenchido por nenhum dos sintagmas pré-verbais. Nas formulações de Galves (2000, 2003), Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), assentadas na restrição da Lei de Tobler-Mussafia,⁸ a disposição do clítico nas sentenças V2 do português dos séculos 16-17 define

⁸ *Generalização Tobler-Mussafia: Restrição de o clítico ser realizado em primeira posição nas sentenças de gramáticas do romance medieval.*

a posição estrutural de realização do constituinte em posição pré-verbal. A presença da próclise é fator que assegura a posição interna à estrutura prosódica da frase de realização do sintagma pré-verbal; o uso da ênclise, nessas estruturas, define o constituinte pré-verbal em posição anterior a essa fronteira, na condição de elemento em adjunção.

A questão relevante que buscamos definir neste trabalho é a a posição interna ou externa à estrutura prosódica da oração de realização do objeto pré-verbal nas construções de tópico manifestadas em orações sem clíticos. A frequência maior de ocorrência de estrutura de Topicalização-V2 é registrada no corpus em sentenças sem clíticos. Tendo em conta a restrição de lidarmos com dados escritos de uma gramática do passado histórico, não temos evidências suficientemente robustas que nos permitam definir se o objeto fronteado na categoria de sintagma referencial nessas sentenças sem clíticos de ordem V2 carrega a função de tópico ou foco, mesmo quando analisamos essas construções dentro de conceitos discursivos de tópico - “informação dada” - e foco - informação nova⁹

A categoria de elemento focalizado do objeto fronteado nessas estruturas V2 é nitidamente definida nas ocorrências que apresentam esse constituinte precedido de um marcador de foco, tais como, os advérbios *somente, até, já*; advérbios quantificacionais - *muito, bem, e/ou* quando o objeto é um sintagma não referencial.

(3.2.17) Estruturas de foco:

- (a) & *so a vòs escolhi*, de quem tenho esperiencia larga, (A. Brandão, 1584)
- (b) *só uma cousa furtara*, e esta é o vosso amor (A. Chagas, 1631)
- (c) *Tambem a Vossa Alteza Real, e Serenissima* pertence a emenda desta Arte portodos os titulos, que a ElRey nosso Senhor pertence, pois não tem, assim como elle, limite em suas grandezas (M. da Costa, 1601)
- (d) *Só o amor de Deus* se não pode ter senão em graça. (A. Chagas, 1531)

⁹ Nas considerações de Benincà e Polleto (2004, p. 4), é uma tarefa difícil caracterizar as projeções de tópico ou foco em bases semânticas e pragmáticas; não somente quando se lida com línguas que não dispõem mais de um falante nativo que possa ser consultado. Para as autoras, nas gramáticas atuais, a fonologia não é fator crucial para se determinar a natureza do constituinte fronteado através do acento ou da intonação, não sendo tópico intonação um traço necessário nem suficiente para determinar se um elemento está no campo Foco ou não. Ribeiro (2005, 163) aborda esta questão ao descrever as sentenças do português antigo que licenciam o objeto pré-verbal em sentenças de ordem V2.

Dentro da hipótese de trabalho que oferecemos nesta pesquisa, a ordem V2 é projetada quando o sintagma frontado ocupa a posição interna à estrutura prosódica da oração, carregando este elemento, respectivamente, as funções de tópico, foco, ou mesmo quando um advérbio, nessa posição, não carrega nenhuma dessas duas funções.

Uma das evidências empíricas, emergidas na pesquisa, que vêm definir a realização do objeto topicalizado em posição interna à oração é a generalização de uso de clíticos em próclise nessas produções de ordem V2 e, por conseguinte, de restrição de sua formação em sentenças com clíticos dispostos em ênclise. A ausência, no corpus, de estruturas de Topicalização-V2 com clítico em posição enclítica é o fator que confirma a tendência do português clássico de licenciar objetos topicalizados dentro da estrutura prosódica da oração (GALVES, 2003). Nas abordagens de Galves (2009), “uma característica importante desse tipo de construção é que o sintagma frontado não é retomado por um pronome”. Outro fator sintático que define a ordem subjacente V2 dessas construções é a frequência elevada e regular de sua realização em sentenças com o sujeito expresso em posição pós-verbal.

Nossa pesquisa revela que 36,6 % das ocorrências de objetos frontados na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2, levantadas dos textos dos autores nascidos nos séc. 16-17, dispõem de sujeito expresso em posição pós-verbal.

Tabela 8. Taxa média da frequência de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com sujeito nulo e/ou com sujeito pós-verbal nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc 16	Séc 17
Sujeito não expresso	64,9%	62,1%
Sujeito pós-verbal	35,1%	37,9%

Os dados levantados das Cartas de D. João III, autor nascido em 1502, apresentam frequência mais restrita de estruturas de Topicalização V2 com o sujeito expresso em posição pós-verbal (8,5%). Nos dados levantados dos textos dos outros autores nascidos nesse século e no século 17, a frequência de uso dessa construção com sujeito pós-verbal apresenta taxas acima de 20,0%.

Do conjunto de dados de objetos frontados na forma estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com sujeito expresso em posição pós-verbal, comprovamos

que 86,2% das ocorrências projetam a inversão germânica; havendo regularidade nos dois séculos de uso maior de sujeito posposto ao verbo nesta configuração. Este resultado expõe a média da frequência de ocorrência dessas construções com inversão germânica e /ou com inversão românica nos textos dos autores nascidos, respectivamente, nos séculos 16 e 17.

Tabela 9. Taxa média de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com inversão germânica e/ou inversão românica nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc. 16	Séc. 17
Inversão germânica	83,6%	88,4%
Inversão românica	16,4%	11,6%

Como mencionamos no início da seção, estamos assumindo, na descrição desses dados a proposta de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) de não haver uma posição pré-verbal específica para o sujeito nas sentenças V2 do português clássico, sendo a ordem SV projetada com o deslocamento desse constituinte da posição canônica de sua realização no Spec de IP para o Spec de um núcleo em Comp. Nas ocorrências com sujeito não expresso, a posição canônica de licenciamento do elemento pronominal nulo – *pro* - é pós-verbal; refletindo as condições estruturais do francês antigo (ADAMS, 1987)¹⁰, que licenciam este elemento pronominal no Spec de IP, uma posição regida pelo verbo em Comp.

No corpus, encontramos, com frequência mais restrita, ocorrências de objetos topicalizados/focalizados formadas por movimento longo. Nessas construções, o objeto de uma oração subordinada se desloca para a posição de tópico ou foco da oração matriz:

¹⁰ *Dentro das considerações de Adams (1987:106) sobre o fronteamento no francês antigo, “quando o objeto é fronteado, o efeito é mais marcado do que quando o sujeito ou algum advérbio preenche o Spec de Comp.[...] Parece que somente quando o movimento resulta em uma ordem superficial diferente da ordem básica é que observamos necessariamente a força de tópico”.*

(3.2.18) Objetos topicalizados/focalizados de tópico por movimento longo:

- (a) *E o coreo que esta vos dara* māderya Alvaro Mendez que despachase de laa em grande diligemçia, (D. João III, 1502)
- (b) *A petição* creio oferecerá o senhor Bispo de Ene em dia de São José, (M. Bernardes, 1644)
- (c) *e o dinheiro que se achar que he*, mamdeis emregar ao dito Manoel Velho, que d'ele dara cõta em forma a Joam Gomez pera sua comta; (D. João III, 1502)
- (d) *e todas estas diferenças e emsejos* saberes muy bem guardar. (D. João III, 1502)
- (e) estas nos dizião elles, que caçavam tâbem de rapina no chaõ, (M. Pinto, 1510)
- (f) *Ao mercador que me trouxe* mādou Pero de Faria dar sessenta cruzados, & duas peças de damasco da China, (M. Pinto, 1510)
- (g) *Tanto amor* sabem aqueles Índios lhes tem os Padres, que esta só promessa bastava para os render. (A. de Barros, 1675)

Chamamos a atenção para o fato de que em todas essas produções, o sujeito, quando expresso, é realizado em posição pós-verbal. Há ausência no corpus desse tipo de construção com o sujeito da oração matriz expresso em posição pré-verbal. Nessas construções, o objeto deslocado precede imediatamente o verbo da oração matriz, configurando a ordem V2.

Observamos, na pesquisa, não haver restrição de uso de sujeito expresso em posição pré-verbal no licenciamento de estrutura de Tópico Pendente, com o elemento topicalizado na categoria de um adjunto gerado na base, não estando relacionado a nenhuma posição sintática interna à oração (CINQUE, 1990; DUARTE, 1987):

(3.2.19) Estruturas de Tópico Pendente:

- (a) *Quanto ao llanço que vos fazem nos tratos de Guinee*, eu averey por meu serviço que se arrendem. (D. João III, 1502)
- (b) *E no que toca ao princípio das Armas, Hércules* foi o primeiro que trouxe porarmas a pele do leão que matou na selva Nemea, depois da vitória que deleteve (R. Lobo, 1579)
- (c) *E quanto ao mar de Inglaterra, João Botero* confessa que com uma boa armada que andasse naquela parte não somente asseguraria sua Majestade as costas de Espanha,

(S. de Faria, 1583)

Outra particularidade do português dos séculos 16-17, confirmada na pesquisa, é a formação de estruturas de tópico e/ou foco com sintagmas descontínuos. Esta forma de manifestação de estrutura de tópico e/ou foco é regularmente licenciada nos textos dos autores nascidos nesse período, principalmente no contexto de mini-orações. Na forma de sintagmas descontínuos, o sujeito ou o predicado de uma mini-oração sofre movimento para a posição de tópico ou foco, permanecendo o restante do material *in situ*, dentro do VP. No corpus investigado, a frequência predominante de uso de sintagmas de mini-orações fronteados carregando a função de tópico ou foco é verificada com o deslocamento do sujeito dessas estruturas. Não há restrição quanto à categoria de sintagmas referenciais ou não referenciais dos sujeitos de mini-orações fronteados.

(3.2.20) Sujeito de mini-oração na categoria de elemento referencial fronteados:

(a) *Razões* tinha o nosso Arcebispo *bem suficientes* pera poder furtar o corpo ao trabalho de tão comprida jornada. (L. de Sousa, 1556)

(b) Ao Conde de Gebrian General do exercito, que venceu a Lamboi, fez elRey *Christianissimo Mariscal*, e a Monsiur de la Mota de Ancour. (M. de Galhegos, 1597)

(c) A *Hercules* pintou a Antiguidade *ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos*, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. (M. da Costa, 1601)

(d) *As ruínas* veria Vossa Mercê *lastimosas*, se agora aqui se achasse, no estrago que fez um depósito de pólvora, (A. de Gusmão, 1696)

(e) A *Guilhelmo* criou Marquês de Monferrato; (R. Lobo, 1579)

(f) *Este nobre* animal vi muitas vezes sculpido em pé e correndo, mas nunca deitado.

(F. de Holanda, 1517)

(g) A *cobiça* pintaram mulher, despida, com os olhos tapados e asas nos ombros: despida, pola facilidade com que por seus efeitos se descobre; (R. Lobo, 1579)

(h) *as túnicas* usou sempre de estamemha e vestidas a termos tão largos queacontecia perder-lhe a conta (L. de Sousa, 1556)

(i) e *as desconfianças que lhe vieram acêrca de mim*, tenha por tentação do demónio; (A. Chagas, 1644)

(j) *Isso* (tornou Dom Júlio) não tenho eu *por espanto*; (R. Lobo, 1579)

(3.2.21) Sujeito de mini-orção na categoria de sintagma não referencial frontado:

- (a) tanto que *nenhuma outra coisa* tinham por maior admiração, nem milagre, (F. de Holanda, 1517)
- (b) *nenhuma coisa perdereis da minha & da vossa herança.* (A. Brandão, 1584)
- (c) & *alguns destes ultimos* firmão como testemunha. (A. Brandão, 1584)
- (d) *Todos os alívios de Vossa Mercê* estimo como próprios, porque tôdas as suas penas e ânsias me afligem como minhas (A. Chagas, 1644)
- (e) A todos os anjos e serafins, a todos êsses espíritos bem-aventurados deixaria eu bem-aventurados; (A. Chagas, 1644)

O deslocamento para a posição pré-verbal de sujeito de mini-orção carregando a função de tópico ou foco em ambientes V2 e o sujeito oracional em configuração de inversão germânica são fatores que evidenciam a propriedade dessa gramática de licenciar sintagmas descontínuos na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2. O licenciamento de sintagmas descontínuos topicalizados é um fenômeno produzido em gramáticas V2 modernas, como o alemão (FREY, 2000)¹¹.

Entre esses dados, encontramos ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco, formadas com o deslocamento de sujeito de mini-orção por movimento longo. Nessas ocorrências, o sujeito da mini-orção de uma sentença subordinada é realizado em posição de tópico e/ou foco da orção matriz.

(3.2.22) Sujeitos de mini-orções deslocados por movimento longo:

- (a) *Os pylotos* vos emcomendo muito que trabalheis por mãdar cōtentes o mais que poderdes, (D. João III, 1502)
- (b) *Estas duas coisas tão ignoradas,* quero que leveis hoje *sabidas:* (A. Vieira, 1608:

¹¹ Nas definições de Frey (2000), as construções com sintagmas descontínuos (Split DPs) do alemão, apresentam o nome (que pode se apresentar junto ou não com algum atributo) deslocado do resto do DP para o Spec de CP, no “Prefield” - posição que antecede o verbo flexionado nas sentenças do alemão-, e/ou este nome pode ser realizado no “Middle Field”- posição entre o verbo flexionado e os elementos verbais no fim da frase. De acordo com esse autor (2000, p. 4), “dada a suposição de que os tópicos têm de ser mover para o “prefield” e dado o fato de que os não-tópicos também se movem para o “prefield”, a visão estabelecida é que nas orções canônicas do alemão não há uma posição que é reservada exclusivamente para tópicos.

Cartas)

(c) *Esta obra* me afirmaram algumas pessoas graves que viram *de todo acabada*, (S. de Faria, 1583)

(d) E *aos outros* mandarão uma noite lançar na praya de Melides, *nús, & descalços*, (M. Pinto, 1510)

No exemplo que acrescentamos a seguir, levantado dos dados de Antonio Chagas, autor nascido em 1631, o sujeito da mini-oração de uma sentença subordinada mais encaixada, na categoria de quantificador, ocupa a posição de foco da sentença subordinada projetada em posição mais alta.

(3.2.23) Sintagmas descontínuos topicalizados no contexto de oração subordinada:

Ora, senhora, ¿como lhe hei de agradecer o muito que lhe devo? Digo-lhe que .mas ¿para que é dizer-lhe? - fique para Deus. Saiba que *neste mundo a ninguém* desejara ver mais santa, não só o por que Vossa Mercê me deseja perfeito, mas por trezentas dívidas.

(A. Chagas, 1644)

A categoria de quantificador nu do objeto direto nesta ocorrência define sua interpretação como elemento que expressa foco (BARBOSA, 1991, 1996, 2009; CINQUE, 1990; KATO, 1989, 2009; RAPOSO, 2000; RIZZI, 1997, 2004a; entre outros). Por outro lado, a manifestação de estrutura de foco nesta configuração confirma a propriedade do português dos séculos 16-17 de licenciar esse tipo de estrutura na forma de sintagmas descontínuos.

Outras ocorrências, encontradas no corpus, licenciam o predicado de mini-oração em posição de tópico ou foco, permanecendo o sujeito in situ.

(3.2.24) Estruturas de tópico de predicado de mini-oração:

(a) *Por secretário* recebeu a *António Paes Viegas*; (M de Melo, 1608: Tácito)

(b) *Pera secretário* escolheu o *Doutor Pero de Tavares*, desembargador de sua relação, pessoa de muitas letras e virtude (L de Sousa, 1556).

(c) *Em italiano* tenho *todas as obras de aquele francês grande Pedro Mateo*.

(M de Mello, 1608: Cartas)

(d) Pera *tesoureiros do dinheiro* buscou *os mais afeiçoados aos pobres e a fazer esmolos*.

(L de Sousa, 1556)

Encontramos também, entre esses dados, estruturas de tópico e/ou foco de sujeito de mini-oração de objeto indireto; havendo frequência maior dessas construções em sentenças com o verbo *chamar*:

(3.2.25) Partes de mini-oração de objeto indireto topicalizadas/focalizadas:

(a) À *parcimônia* chamavam *escasseza*; à ordem e registro e moderação do gasto, mera miséria; ao trabalho contínuo e santo, vileza e desautoridade; à humildade, baixeza e ânimo apoucado. (L de Sousa, 1556)

(b) *Caça* chamamos vulgarmente *aquela Arte que ensina a prender e matar as Aves, animais da terra*. (S. de Faria, 1583)

(c) e *a este* chamam os pintores *ponto*, a que endereçam toda a vista da sua obra e figuras. (F. de Holanda, 1517)

3.2.1.2 Objetos topicalizados/focalizados nos padrões de ordem V3/V4.

Ainda que os dados dos autores nascidos nesse período apresentem estruturas de tópico e/ou foco nos padrões de ordem V3/V4, a frequência de ocorrência dessas construções no corpus, como mostramos acima, é restrita, confirmando a tendência do português desse período de licenciar sintagmas topicalizados dentro da estrutura prosódica da oração (GALVES, 2003).

Observamos, por outro lado, que os objetos topicalizados e/ou focalizados em sentenças de ordens V3/V4 apresentam variação quanto à posição de sua realização na periferia à esquerda. Em configuração V3, objetos carregando a função de tópico ou foco são licenciados nas ordens variantes XOV/OXV, com o elemento X na categoria de um sintagma preposicional, um sintagma adverbial, uma estrutura oracional apositiva e/ou com o sujeito ocupando a posição de X.

(3.2.26) Ordem OXV:

- (a) *& ao Rey com hum pao muyto grosso* fez botar os miolos fora, & tornou de novo a senhorear o reyno de Aarù, de que logo intitulou por Rey o seu filho mais velho, (M. Pinto, 1510)
- (b) *esta pois perfeição sobre todas* amou a Madre Elena como quem conhecia o seu valor. (M. do Céu, 1658).
- (c) *e a Vossa Excelência como seu herdeiro* conhecerei sempre por meu amo e senhor, (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (d) *que a cada uma por sua rezão* estimava e venerava: (L. de Sousa, 1556)
- (e) *e a este entre o festivo aplauso, e cuidadosa atenção daquele abreviado mundo,* entregou o livro: (A. de Barros, 1675)
- (f) *Todas estas calúnias porém, sem motins, nem estrondos,* desfazia logo destramente o Padre VIEIRA com tanta evidência, e luz, porque na verdade a nenhum conheço, (A. de Barros, 1675)
- (g) *Muitas cousas a este intento* traz Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, no livro segundo que se intitula, Noticia de Portugal, (A. Brandão, 1584)

(3.2.27) Ordem XOY:

- (a) *Com este rigor nenhuma comparação* tem o Juizo de Deus (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (b) *Verdadeiramente dous grandes e dificultosos conhecimentos* achamos nestes casos. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (c) *desde esse tempo nada* desejei senão padecer dentro e fora e fora (M. Bernardes, 1644)
- (d) *pois dele nenhuma menção* faz. (L. de Sousa, 1556)
- (e) *e em particular a esta causa* se atribuíram (como já disse) as dissonâncias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano (S. de Faria, 1583)
- (f) Saiba que *neste mundo a ninguém* desejara ver mais santa, não só o por que Vossa Mercê me deseja perfeito, mas por trezentas dívidas. (A. Chagas, 1631)
- (g) *Ordinariamente* os sucessos em que haui de padecer ou mortificação, ou trabalho, lhe vaticinava com algum sinal este enferral espírito (M. do Céu, 1658)

Em se tratando do uso de estruturas de tópico e/ou foco de ordem V3 com o sujeito e o objeto precedendo o verbo, a tendência do português clássico é deslocar o sujeito para a

posição mais alta à esquerda da oração e o objeto para a posição que precede imediatamente o verbo, configurando a ordem SOV. Das 44 ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco de ordem V3 com sujeito pré-verbal, registradas no corpus, 84,1% dessas produções projetam a ordem SOV.

(3.2.28) Ordem SOV:

- (a) que *vos ao dito Corvarão* nam fales niso (D. João III, 1502)
- (b) mas todavia *eu a el-rei* sirvo de Portugal, (F. de Holanda, 1517)
- (c) se *eles alguma cousa* fezerã como nam deviam, e pasaram meu mandado, que sabendo eu quem errou, nam pasara sem castigo; (D. João III, 1502)
- (d) porque *os Italianos nenhum nome, ou verbo*, acabam em consoante, senão em vogal, com que notoriamente ficam corrompendo a mor parte dos vocábulos Latinos. (S. de Faria, 1583)
- (e) que se *vós isso* dixereis em Spanha, por ventura vos fará pior de crêr que haver em Italia tão mãos pintores, que vão pintar ao Emperador com pernas decranguêjo, com a letra de Plus ultra (F. de Holanda, 1517)
- (f) Porque *eu, aquella obra* stimo que vale muito preço que pola mão d'um valentissimo homem é feita, inda que seja em breve tempo; (F. de Holanda, 1517)
- (g) e *estes os olhos* satisfazem, e como com algum fermoso espectaculo têm como presos e embelesados todos os homens. (F. de Holanda, 1517)
- (h) e *eu nenhuma outra cousa* pretendo e rogo. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (i) *El-Rei tudo* sabia (M. de Melo, 1608: Tácito)
- (j) e *a embriaguez tudo* confunde com tumultos (M. Bernardes, 1644).

Apenas 15,9% dessas produções são realizadas na ordem estrutural OSV. Nessas produções, o objeto, em posição mais alta, pode ser realizado por um sintagma não referencial, o que define sua interpretação como foco. Nessa ordem, encontramos também ocorrências que licenciam objetos na categoria de sintagma referencial carregando a função de tópico contrastivo.

(3.2.29) Estruturas de foco de ordem OSV:

- (a) porque, como disse Publico Mímio, nenhuma cousa o avaro faz boa senão quando morre, porque deixa o que tem a quem possa usar dele. (R. Lobo, 1579).
- (b) tudo as damas podem dever a este Rey, escusando suas vaydades. (B. de Brito, 1569)
- (c) Tôda a outra dor eu lhe perdão e o mais que disserem de mim; (A. Chagas, 1631)

(3.2.30) Estruturas de tópico contrastivo de ordem OSV:

mas como a César as armas não impediam a ciência, assim ao Grande VIEIRA a ciência não impedia as virtudes. (A. de Barros, 1675)

Nesta ocorrência, o objeto indireto, realizado por nome próprio de pessoa, carrega a função de tópico contrastivo. O contraste é estabelecido em termos de oposições lexicais no mesmo discurso.

Encontramos entre os dados de Francisco de Holanda, autor nascido em 1517, uma ocorrência com sujeito pronominal realizado em posição pré-verbal com a interpretação de foco. A interpretação de foco desse elemento é definida pelo advébio “antes” que o precede, definido, nessa sentença, como um operador de foco:

(3.2.31)

Senhor *Lactancio*, de chamarem á pintura poesia muda me parece que sómente os poetas não souberam bem pintar; que se elles alcançaram quanto mais ella declara e falla que essa sua irmã, não o dixeram; e antes eu a poesia sustentarei por mais muda. (F. de Holanda, 1517)

O objeto, precedendo imediatamente o verbo, ocupa a posição de tópico interna à oração (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA 2005; PAIXÃO DE SOUSA, (2004). Por conseguinte, os dois sintagmas pré-verbais, o sujeito, na categoria de elemento focalizado, e o objeto, em posição de tópico, integram a estrutura prosódica da oração.

As ordens SXV/XSV são licenciadas no português antigo (RIBEIRO, 1995:127). Nas

descrições de Ribeiro, o sujeito pré-verbal nas sentenças independentes de ordem SXV do português antigo pode ser de diversas categorias: expressões nominais definidas, DPs-complexos, pronomes pessoais ou pronomes indefinidos. Na ordem XSV, os elementos que ocupam a posição de X são do mesmo tipo dos que ocorrem na ordem XVS, com a inversão sujeito-verbo¹².

Paixão de Sousa (op. cit: 102) define como estrutura de adjunção às ocorrências que apresentam um argumento referencial em posição externa, discursivamente codificada, correferente ao argumento do verbo. Segundo a autora, nessas construções, o tópico da frase está externo e coincide com o sujeito gramatical ou o complemento do verbo no interior da frase-comentário. Os adjuntos que coincidem com os complementos do verbo remetem a pronomes (os clíticos, nas DEC), ou a um elemento vazio (nos sistemas que admitem o objeto nulo). Os sujeitos adjuntos podem remeter ao sujeito nulo no interior da frase.

Ainda que não haja presença de um clítico nos exemplos em (3.2.28) acima, como fator de definição da posição interna ou externa à estrutura prosódica da frase de realização do sujeito em posição pré-verbal, a categoria de sintagma referencial desse constituinte nos permite defini-lo como um adjunto, posicionado externamente ao contorno intonacional da frase. Para Galves (2003), a possibilidade da não retomada do sujeito por um pronome no português dos séculos 16-17 se deve à natureza pronominal da flexão verbal dessa gramática; podendo essa retomada também ser feita por outros tipos de pronomes. Paixão de Sousa (op. cit: 119) propõe que todo o sujeito na ordem SVcl nas sentenças do português desse período é um adjunto, sendo interpretado como um elemento que estabelece uma relação de contraste com os outros elementos da frase (op. cit: 147).

Outras ocorrências de objetos topicalizados na ordem SOV, com o sujeito expresso em posição mais alta na categoria de sintagma não referencial, confirmam a propriedade do português dos séc. 16-17 de licenciar sentenças de ordem V3 com os dois elementos pré-verbais integrando a estrutura prosódica da oração. A categoria de sintagma não referencial

¹² Nas descrições de Ribeiro (1995, p. 99), os sintagmas que podem ocupar a posição de X nas sentenças finitas de ordem XVS do português antigo são: complementos verbais, predicativos, adjuntos verbais, advérbios de sentença e/ou sentenças adverbiais

do sujeito nessas sentenças permite-nos interpretá-los como elementos que expressam foco.

(3.2.32) Ordem SOV com sujeito em posição de foco:

- (a) *Tudo* seus avessos tem. (M. Bernardes, 1644)
- (b) E, porque, sendo a verdade a alma das histórias, *ninguém* desta duvide, advirto que é tomada de autores de primeira nota neste género, (M. Bernardes, 1644)
- (c) *Outros* toda a polvora gastaõ em dar conselhos politicos a quem lhos não pede, (M. da Costa, 1601)
- (d) outros por covardia meteraõ tanto panno, que quebraraõ os mastros (M. da Costa, 1601)
- (e) E *outro* a um barbeiro disse que lhe rubricara a parede com a sangria (R. Lobo, 1579)

Nas ocorrências em (3.2.32 a, c, e), um objeto (direto e/ou indireto) precede imediatamente o verbo; na ocorrência em (3.2.32 b), o sintagma que precede imediatamente o verbo é um PP. Dentro da proposta que estamos seguindo, o sujeito, em posição mais alta, na categoria de um quantificador não pode ser interpretado como tópico, mas pode ser interpretado como elemento que carrega o acento de foco. Descrevemos essas produções do português clássico como estruturas de foco que coocorrem com estruturas V2¹³.

Dentro das formulações de Galves (2003), Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), a ordem V3 com clíticos em posição de próclise, licenciada no português clássico, define a posição do sintagma que precede imediatamente o verbo dentro da estrutura prosódica da oração, e o sintagma em posição mais alta na categoria de um adjunto, sendo realizado fora do contorno intonacional da frase. Nos exemplos em (3.2.29) e (3.2.32), a categoria de sintagma não referencial do objeto e/ou do sujeito, em posição mais alta, os exclui de serem interpretados como tópicos. Assim considerando, o licenciamento de sentenças de ordem OSV/SOV, com o objeto e/ou o sujeito carregando o acento de foco em posição mais alta na estrutura da frase ratifica a propriedade do português clássico de licenciar a projeção de dois núcleos funcionais na periferia à esquerda dentro da estrutura prosódica da oração. Nessas produções, a função de foco carregada pelo objeto e/ou pelo sujeito em posição

¹³ *No português antigo, o Foco aparecia em posição inicial com o padrão V2, stricto sensu, isto é, com quaisquer tipos de verbos ocupando a segunda posição (KATO & RIBEIRO, 2006)*

mais alta delimita a fronteira prosódica da oração nessa posição.

Outras ocorrências de ordem V3/V4, encontradas no corpus, com o sujeito expresso em posição mais alta, precedido por partículas de foco e/ou na categoria um quantificador, evidenciam empiricamente a propriedade do português desse período de licenciar mais de um sintagma em posição pré-verbal dentro da estrutura prosódica da oração:

(3.2.33)

(a) E *até Quintiliano* na perfeição da sua Rhetorica manda que não sómente no compartir das palavras o seu orador debuxe, mas que com a propria mão saibatraçar e deitar de desenho.

(F. de Holanda, 1517)

(b) *Sempre eu em verdade* folgarei de ouvir a Michael Angelo, mas quando se leremas epistolas de São Paulo, antes quero ouvir a frate Ambrosio. (R. Lobo, 1579).

(c) *ninguém* com mais sutileza penetrava o sentido delas. (L. de Sousa, 1556)

Entre esses dados, encontramos ocorrências de sentenças de ordem OSV com o objeto na categoria de um sintagma referencial reduplicado na oração por um elemento pronominal:

(3.2.34) Ordem OSV com reduplicação pronominal:

Estas dicções todas nós acabamos em, m, ou no nosso ditongo: o qual é quasi como o, *am*, que os Latinos usam nos acusativos da primeira declinação, (S. de Faria, 1569)

Outras ocorrências registradas no corpus apresentam o sujeito seguido de um elemento pronominal que o retoma:

(3.2.35) Estruturas com retomada do sujeito em sentenças de ordem SV:

(a) Os Capitães *ambos* lhe cometerão então se se queria tornar a fê, & fazerse Christão (M. Pinto, 1510)

(b) & *elles ambos* por esmolos que tirarãopola terra, & polo que tambem derão de suas casas, ajuntarão duzentos pardaos, que derão por mim ao Judeu. (M. Pinto, 1510)

(c) *As obras portuguesas, elas* são como minhas: necessitam do mesmo que eu.

(M. de Melo, 1608: Cartas)

(d) *Os homens n'aquella primeira infancia do mundo todos vestiam de pelles, todos eram de uma côr, todos fallavam a mesma lingua, todos guardavam a mesma lei.*

(A. Vieira, 1608: Sermões)

(e) *e a sua nãoo Sant-Iago fez dela Capitão Dom Francisco de Noronha, filho de um irmão do Marquez de Vila-Real* (D. Couto, 1542)

Entre os dados levantados das Cartas D. João III, registramos uma ocorrência de estrutura de tópico/foco de ordem V3 que dispõem de objeto indireto e objeto direto coocorrendo na periferia à esquerda:

(3.2.36)

E porque o imperador, meu muyto amado e prezado irmãoo, se ofereceu a dom Pedro Mazcarenhas, que lhe d'este neguoço deu conta, a fazer nelle todo o que podese, e estprever a elRey de Framça, e eu tenho aceytado seu oferecimento, e espero que elle nisso faça o que deve, e eu d'elle confyó, lhe tenho sobre yso *esprito e dado conta do que por vos mãdo dizer a elRey; e a dõ Pedro yssó mesmo estprevy.* (D. João III, 1502)

Esta construção nos permite dois tipos de análises. Podemos interpretar o objeto indireto - *a dõ Pedro* –como tópico contrastivo, definindo que essa sentença, como um todo, contrasta-se com o discurso imediatamente próximo. O objeto direto, em posição mais baixa, pode ser interpretado como elemento que expressa o acento de foco, considerando o pronome *mesmo* como um recurso usado pela gramática para a focalização do sintagma que o precede. Podemos, por outro lado, descrever o objeto indireto como foco e o objeto direto, seguido do pronome *mesmo*, como estrutura de tópico, haja vista que esse elemento tem sua referência no discurso imediatamente próximo. Dessa forma, podemos analisar esta construção como estrutura de foco que coocorre com Topicalização-V2.

Em contrapartida, os dados levantados dos textos dos autores nascidos entre o séc. 16 e séc. 17 mostram que o português clássico licencia estruturas de tópico em contraste que se assemelham às estruturas de Deslocação à Esquerda (LD) do italiano e do inglês (CINQUE, 1990), nas quais o objeto deslocado é realizado fora da estrutura da frase, na condição de um adjunto. O estatuto de adjunto é defendido por Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005)

e Galves e Paixão de Sousa (2005) para sujeitos pré-verbais com a função de tópico contrastivo em sentenças com clíticos em ênclise. Em nosso corpus, a baixa frequência de ocorrência de objetos carregando a função de tópico contrastivo confirma a condição de estrutura marcada dessas produções. Nesse sentido, as ocorrências de tópico marcado, registradas em nossa pesquisa, se conformam com as construções do português antigo, descritas por Ribeiro (1995) como estrutura de tópico externa a CP, com o sintagma topicalizado realizado em TOP¹⁴.

Encontramos, entre esses dados, ocorrências que dispõem de objetos com a função de tópico contrastivo no contexto de sentença interrogativa de ordem OSV, com o sujeito expresso pelo sintagma-wh:

(3.2.37)

Se é de Deus que eu deixe isto, ¿quem há de vencer a Deus? *E se é de minha vaidade e engano, ¿a soberba quem poderá dobrar, se o mesmo Deus não for?*

(A. Chagas, 1556)

A função de tópico contrastivo do objeto deslocado é evidenciada também em sentenças interrogativas com o sintagma-wh na categoria de um adjunto:

¹⁴ Ribeiro (1995, p. 178) descreve dois processos de topicalização do português antigo: Topicalização V2, com o sintagma topicalizado posicionado no Spec de C' e Topicalização externa a CP, rotulada como estrutura de TOP. Nas formulações dessa autora, ocorre a inversão sujeito-verbo nas construções de Topicalização-V2, mas não nas construções de TOP.

(3.2.38)

¿A quem não anima ler as histórias de seus passados? ¿A quem não move o desejo de igualar a fama que lê de suas obras? O govêrno da paz, a ordem da guerra, o trato dos homens, o comércio das províncias, ¿donde se conserva, alcança e sabe senão polas histórias verdadeiras? Porque nelas sabe cada um felizmente polos sucessos alheios o que deve seguir. Donde Marco Túlio chamou à história mestra da vida. (R. Lobo, 1579)

Verificamos, entre esses dados, uma ocorrência de estrutura de tópico contrastivo no contexto de oração interrogativa de ordem V3. Nessa produção, o sujeito da oração é expresso pelo sintagma-wh. O sujeito de uma mini-oração de verbo intransitivo, em posição mais alta, carrega a função de tópico contrastivo:

(3.2.39)

O Juiso de Deus terrivel é, mas posso-me livrar d'elle emendando-me. Porém o juiso dos homens, em que não vale emenda, quem poderá negar que é mais terrivel? E se contra o juiso dos homens não vale a emenda onde a ha, que remedio teria aquelle innocente, em que a não podia haver, porque não havia que emendar: (A. Vieira, 1608: Sermões)

Em síntese, na descrição das estruturas de tópico ou foco no padrão de ordem V3 com sujeito pré-verbal, os dados dos autores nascidos nos séculos 16-17 revelam que o português desse período licencia sentenças de ordem V3 com os dois sintagmas pré-verbais dentro da estrutura prosódica da oração. Nessas ocorrências, o sintagma em posição mais alta expressa, necessariamente, a função de foco. Adotando o esquema proposto por Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004), essas produções corresponderiam à configuração: [# XXV].

Nas ocorrências que licenciam o sintagma em posição mais alta carregando a função de tópico contrastivo, esse elemento é realizado em posição anterior à fronteira prosódica da oração, na forma de um adjunto. O sintagma que precede imediatamente o verbo integra a estrutura prosódica da frase, correspondendo à ordem configuracional: [X # XV].

Outra ocorrência de sentença de ordem V3, encontrada nos dados de Francisco de

Holanda, autor nascido em 1517, apresenta o objeto na categoria de um pronome demonstrativo em posição mais alta e um sintagma adverbial em posição mais baixa, projetando a ordem OXV:

(3.2.40)

como em todas as obras dessem esta ordem, *isto principalmente* fazião nos templos dos deoses, em os quaes os louvores ou as culpas da obra ficão para sempre eternas. (F. de Holanda, 1517)

Registramos nos dados desse mesmo autor uma ocorrência que dispõe do sujeito de uma mini-oração em posição mais alta à esquerda. Uma estrutura oracional parentética e um sintagma na categoria de um adjunto adverbial se interpõem entre o sujeito da mini-oração e o verbo:

(3.2.41)

porque *o corpo como dixé, nas assentadas* fazião quasi stendido e lançado ao longo, (F. de Holanda, 1517)

3.2.1.3 O licenciamento de Estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica.

Com respeito ao uso de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, os dados levantados dos textos dos séc. 16-17 apresentam ocorrências desse tipo de construção em sentenças de ordens superficiais V2/V3/V4, em formas variantes com respeito à disposição do clítico resumptivo em próclise e/ou em ênclise.

Outro fato atestado é a semelhança de comportamento linguístico dos autores nascidos no séc. 16 e séc. 17 quanto à tendência de uso maior de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2. A frequência de ocorrência de estruturas Deslocação à Esquerda Clítica é significativamente menor em seus textos.

É no uso dessas estruturas de tópico que a mudança de comportamento linguístico é mais evidenciada nos textos dos autores nascidos a partir do séc. 18. Diferente do

comportamento desses autores dos séc. 16-17, que apresentam tendência maior de uso de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2, os autores nascidos a partir do séc. 18 apresentam tendência de uso maior de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica.

Assumindo a proposta dos autores dos trabalhos citados acima de restrição de sintagmas não referenciais carregarem a função de tópico, separamos as ocorrências que dispõem de sintagmas quantificados/quantificadores nus do conjunto de dados de objetos frontados no padrão de ordem V2. Quantificamos um total de 1121 ocorrências de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica. O resultado da quantificação desses dados confirma a tendência dos autores nascidos entre os séc. 16 e séc. 17 de licenciar objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2. A taxa média de frequência de uso de estruturas de Topicalização-V2 nos dados referentes aos dois séculos é de 84,3%. Apenas 16,3 % das ocorrências de objetos topicalizados configuram estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica.

Tabela 10. Taxa média de ocorrência de estruturas de Topicalização-V2 & Deslocação à Esquerda Clítica nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc. 16	Séc.17
TOP	89,8%	78,3%
DEC	10,2%	21,7%

Os autores nascidos no séc. 17 fazem uso maior de estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica do que os autores nascidos no séc. 16¹⁵. Os textos de Manuel da Costa, Antonio Chagas, Manuel Bernardes, Maria do Céu e Os Sermões, de Antonio Vieira, apresentam este tipo de estrutura com frequência acima de 25,0%.

Os dados levantados de Mendes Pinto, nascido em 1510, e Cunha Brochado, autor nascido em 1651, não apresentam ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com objetos topicalizados na categoria de sintagma nominal. Em seus dados, encontramos apenas ocorrências que dispõem de pronomes retomados por clíticos. Não incluímos essas ocorrências na quantificação dos dados.

Tabela 10.1: Frequência de uso de estruturas de Topicalização & estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
TOP	90,3%	100,0%	77,9%	85,3%	95,4%	80,8%	90,7%	95,2%	98,0%	97,4%	66,7%
DEC	9,7%	0,0%	22,1%	14,7%	4,6%	19,2%	9,3%	4,8%	2,0%	2,6%	33,3%

Tabela 10.2: Frequência de uso de estruturas de Topicalização & estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica nos textos do séc. 17.

Séc 17	M.Costa	Vieir/Ca	Viei/H	Vieira/S	Mel/Ca	Mel/Tá	Chagas	Bernar	Brocha	Céu	Barros	Gusmão
TOP	72,7%	87,3%	82,4%	55,0%	83,9%	89,3%	72,0%	74,6%	100,0%	72,7%	81,8%	92,6%
DEC	27,3%	12,7%	17,6%	45,0%	16,1%	10,7%	28,0%	25,4%	0,0%	27,3%	18,2%	7,4%

A frequência elevada de uso de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica no texto Sermões, de Antonio Vieira, mostra uma discrepância em relação ao resultado obtido na quantificação dos dados levantados dos outros textos, inclusive dos dados levantados dos seus outros dois textos: Cartas e Histórias de Portugal.

3.2.1.3.1 Estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V2.

Contraopondo-se ao português europeu moderno, que licencia estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com pronomes resumptivos, exclusivamente, na forma enclítica, em ambientes sintáticos não categóricos de próclise, o português dos séc. 16-17 licencia essa construção com clíticos resumptivos em próclise e/ou em ênclise nesses ambientes.

Do total de 183 ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordens V2/V3/V4, levantadas desses textos, 53,0% dessas produções projetam a ordem superficial V2, com o clítico resumptivo disposto em próclise e/ou em ênclise.

(3.2.42) DEC com próclise em contextos não categóricos:

- (a) Aos *Turcos lhes* pezou muito da morte de Dom Christovão, porque desejavam de o levarem de presente ao Grão Turco, pelo valor, e esforço da sua pessoa (D. Couto, 1542)
- (b) E *Dia de Santo Estevão o* fizeram em uma, a que puzeram o mesmo nome: (D. Couto, 1542)
- (c) outra se chama visão obscura, e *esta a* tem os que no mundo chegam a fazer actos de fé.

(M. do Céu, 1658)

(d) *este exercicio*, que o he de todos os Santos, o deue ser de todo o catholico.(M. do Céu, 1658)

(e) Assim como os pés se chamam plantas, assim *ás pégadas lhes* quadra bem o nome de raizes. (A. Vieira, 1608: Sermões)

(f) *A as pessoas pera quem levaeas minhas cartas de crença, lhas* dareys; (D. Couto, 1542)

A frequência maior de uso dessas construções com próclise é assinalada com o clítico em ambientes de próclise obrigatória: com esse pronome precedido de um operador de foco, de um operador adverbial de negação e/ou quando o objeto topicalizado é licenciado em ambientes de oração subordinada:

(3.2.43) DEC com clíticos resumptivos em próclise em contextos categóricos:

(a) *A oração não a* largue, ou seja assim ou assim. (M. do Céu, 1658)

(b) *A outra mortificação extraordinária não a* faça sem ordem expressa, salvo se lho mandar a obediência. (M. do Céu, 1658)

(c) Por isso *a essas mesmas coisas não lhes* chamou o Oraculo do terceiro céu coisas, senão apparencias. (A. Vieira, 1608: Sermões)

(d) porque *estas não as* lança o mar à costa muitas vezes; (A. Chagas, 1631)

(e) Quando *ao Baptista lhe* perguntaram quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias; (A. Vieira, 1608: Sermões)

(f) que, se *os pecados só os* comete a vontade, pouco importa que haja algum reboliço natural ou diabólico, se o não consente a vontade, ainda que a natureza os sinta.

(M. da Costa, 1601)

A formação de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos em próclise em ambientes sintáticos não categóricos evidencia a natureza diferente dessa gramática em relação à gramática do português europeu moderno. Nas considerações de Barbosa (1991, 1996a, 2000, 2009), o conjunto de expressões que desencadeiam a próclise no PE coincide com o conjunto de expressões que são incompatíveis com a DEC. A ênclise é o padrão observado na DEC de objeto nessa gramática; a próclise é o padrão observado na anteposição de quantificadores negativos ou indefinidos não específicos.

O fato relevante transparecido na descrição dos dados de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica é a frequência elevada de realização da forma com ênclise em contexto de paralelismo sentencial.

(3.2.44) DEC com clíticos resumptivos em ênclise:

- (a) *e os que corrião os pareos, faziam nos* quasi da mesma maneira, mas com muita oufania e galhardeza no correr dos cavallos; (F de Holanda, 1517)
- (b) *ao austinado move-o* á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á contemplação e medo e vergonha. (F de Holanda, 1517)
- (c) *E isto sabe-o* Deos e sabe-o Roma. (F de Holanda, 1517)
- (d) *Aos apóstolos sagrados trocou-lhes* a pesca de peixes pela de homens, no mar do século: *a São Mateus mudou-lhe* o livro das contas pelo do Evangelho. (M. Bernardes, 1644)
- (e) A São Paulo não *lhe buliu* na emulação do ardente zelo, mas *deu-lhe* novo objecto, transferindo- a, das tradições paternas para o Evangelho do Reino, (M. Bernardes, 1644)
- (f) *Ao gigante derrubou-o* a pedra, e *a David* o sonido. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (g) *Ao Espirito Santo que procede por vontade,* *deu-lhe* o Padre o despacho das mercês: ao Filho que se produz por entendimento, *deu-lhe* o Juizo das culpas: (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (h) *A José deu-lhe* Jacob por benção, que crescesse: *A Ruben deu-lhe* Jacob por benção, que não crescesse: (A. Vieira, 1608: Sermões)

Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005: 22) justificam a variação de uso de clíticos em próclise ou em ênclise nas estruturas de adjunção do português clássico, licenciadas no padrão de ordem V2, defendendo a hipótese da posição de alinhamento da fronteira prosódica no segmento mais alto ou mais baixo de CP. A variante com próclise, segundo essas autoras, define a fronteira intoacional da frase no segmento mais alto de CP, coincidindo, portanto, com a fronteira sintática da oração; a variante com ênclise, por seu turno, define a fronteira intoacional da frase no segmento mais baixo de CP. Na perspectiva dessa hipótese, a categoria de adjunto das estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com o clítico resumptivo em próclise define a fronteira intoacional da frase no segmento mais alto de CP. Assim considerando, podemos dizer que, nas construções de ordem V2, como

os exemplos expostos em (3.2.42), o objeto retomado é realizado dentro da estrutura prosódica da oração. Nas ocorrências com clíticos resumptivos em ênclise em (3.2.44), o objeto topicalizado é realizado em posição anterior à fronteira prosódica da frase.

A variação de uso de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com o clítico resumptivo em próclise ou em ênclise é extensiva à sua realização no contexto de estruturas causativas. Ainda que o uso de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica neste contexto seja bem restrito no corpus em estudo, verificamos que a próclise é a única opção nas ocorrências licenciadas em estruturas causativas que dispõem de verbo transitivo na oração encaixada.

(3.2.45) DEC com próclise no contexto de verbos causativos:

- a) e o *pão* o mandava dar em grão. (L. de Sousa, 1556)
- b) e o *dinheiro* o mandará Vossa Excelência entregar aos donos dos navios. (A. Vieira, 1608: Cartas)

O uso de clíticos resumptivos em ênclise na formação dessas estruturas de tópico no contexto de verbos causativos é verificado nas ocorrências que apresentam verbos intransitivos na oração encaixada:

(3.2.46) DEC com ênclise no contexto de verbos causativos:

O bispo manda-o sair da corte. (M de Melo, 1608: Cartas)

Em nossos dados, registramos ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica que apresentam o fenômeno da interpolação de sujeito ou do operador predicativo de negação. “não”, em ambientes de orações raízes e/ou subordinadas¹⁶. Nessas produções, o clítico disposto em próclise não se apresenta contíguo ao verbo; o operador predicativo de

¹⁶ Não tratamos do fenômeno da interpolação neste trabalho, apenas abordamos os fatos que evidenciam comportamentos sintáticos distintos em sua manifestação nos dois períodos investigados: séc 16-17 e séc 18-19. Remetemos o leitor à leitura dos trabalhos de Martins (1994) e Namiuti (2008) que descrevem, respectivamente, os contextos de licenciamento desse tipo de ocorrência não português antigo e português médio.

negação *não* ou o sujeito (em ocorrências bem restritas) se interpõe entre o clítico e o verbo:

(3.2.47) DEC em ambiente de interpolação:

(a) *O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o não julgasse por tyrannico, álem de ridiculo?* (M. da Costa, 1601)

(b) *Sinto eu que a Vossa Mercê lhe não parem os seus achaques:* (A. Chagas, 1631)

(c) *Cadeas já as não trago, porque desde a Meda, antes de São João da Pesqueira, se juntaram meus companheiros e por santa obediência mas tiraram.* (A. Chagas, 1631)

(d) *E porem, porque ysto Martim mo nam estcreve, nem d'iso sey mais que dizer senam ho tenho por certo,* (D. João III, 1502)

(e) *Finalmente, senhor António Luis de Azevedo, o que eu peço a Vossa Mercê sem lho eu pedir sei que fizera:* (M. de Melo, 1608: Cartas)

(f) *e que estas as não pode sua Majestade ter sem assistir em porto de mar,* (S. de Faria, 1583)

(g) *A saúde e formosura, a honra e fama, as riquezas e delícias, as dignidades e ciências, os filhos, amigos e parentes, etc., não há homem que os não possa perder, ainda que não queira;* (M. Bernardes, 1644)

Nas considerações de Martins (1994, p. 161), o fenômeno de não adjacência entre clíticos e verbos é um fenômeno comum no português medieval e clássico. Nos dados do português antigo, estudado por essa autora, os elementos interpolados são: o *advérbio de negação não*, o *sujeito* (pronominal ou nominal), *um sintagma preposicional* ou *um sintagma adverbial*; sendo este fenômeno encontrado com maior frequência em orações subordinadas. Em orações não-dependentes, a interpolação é menos frequente, ocorrendo em orações introduzidas por advérbios que provocam a anteposição dos clíticos (*sempre, ainda*); em orações introduzidas por quantificadores, incluindo quantificadores negativos (*todo, nunca*) e/ou orações introduzidas por sintagmas focalizados.

Em nossos dados, a interpolação nas estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica ocorre com maior frequência em ambientes de orações subordinadas. Em orações não dependentes, um operador de foco antecede o clítico resumptivo, ilustrado no exemplo (3.2.47 c). O ambiente de orações subordinadas é contexto categórico de uso de clíticos em

próclise e também contexto de interpolação, com o clítico seguindo imediatamente o completizador. Nas descrições de Martins (*ibidem*, p. 195), a contiguidade do clítico com o elemento que condiciona a sua anteposição não é obrigatória. Um sintagma nominal (objeto direto, indireto ou sujeito), preposicional, ou adverbial pode ser realizado entre o clítico e o elemento que motiva a sua anteposição. Outros dados, registrados em nosso corpus, apresentam ocorrências de objetos fronteados em ambientes de interpolação que se conformam com os contextos que licenciam este tipo de fenômeno no português antigo:

(3.2.48) Estruturas de tópico ou foco em ambientes de interpolação do sujeito e/ou do operador predicativo de negação:

(a) *Só o amor de Deus se não pode ter senão em graça.* (A. Chagas, 1631)

(b) *e o trellado me enviareis pera o eu ver.* (D. João III, 1502)

(c) *e ysto se vos não diz pera mais que pera lembrança vossa;* (D. João III, 1502)

No exemplo em (3.2.48 a), o objeto fronteadado é precedido por um operador de foco; na ocorrência de estrutura de Topicalização em (3.2.48 b), a interpolação ocorre em oração infinitiva introduzida por preposição (Martins, 1994, p. 185); na ocorrência em (3.2.48 c), o pronome demonstrativo *isto* pode ser interpretado elemento que carrega o acento de foco.

3.2.1.3.2 O licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V3/V4.

Importa destacar que os dados dos autores nascidos entre os séculos 16 e 17 apresentam estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica em sentenças de ordem superficial V3, inclusive na ordem OSV. Nessa ordem, como mostramos, os dados desses autores apresentam ocorrências com objetos expressando foco ou com objetos carregando a função de tópico contrastivo.

Não encontramos, no corpus, ocorrências de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem SOV.

(3.2.49) DEC licenciadas na ordem OSV com clíticos resumptivos em próclise em ambientes não categóricos:

(a) e que *justiça eu ha* mãey fazer, e que a de lla o ñõ pode ser sem primeiro se provar que a de caa o ñõ foy; (D. João III, 1502)

(b) *Esta deferemça vos a* conheçereis e sabereis mui bem fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui bem servido (D. João III, 1502)

(c) E *a architectura eu a* comparo e lhe chamo pintura incorporada em matérias grossas (F. de Holanda, 1517)

(d) e *ao que crê, a sua mesma fé lhe* conservará a vida. (A. Vieira, 1608: História do Futuro)

(e) declaro, que *os tais livros, & Auctores condemnados, eu os* condemno & reprovo, com todas suas palavras & proposições erroneas, & mal soantes, na forma que a Santa Madre Igreja as condemna: (B. de Brito, 1569)

(f) que *o amor de Deus nada o* desinquieta: nas penas se consola, nos espinhos descansa, nas inquietações ñõ se perturba; e, ainda que se dói em todos a natureza, ñõ se queixa nem se aflige a graça. (A. Chagas, 1631)

(g) *Esau e Jacob o sangue os* fez irmãos inteiros, mas o génio nunca os pôde fazer amigos, senão de a metade; (M. Bernardes, 1644)

(h) *a huma alma inflammada no amor de Deos, a actividade daquelle fervor, lhe* faria lançar pellos olhos aagua em que desafogue o incendio (M. do Céu, 1658)

Entre esses dados, encontramos ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com próclise em sentenças de ordem superficial V3, com a interposição de uma estrutura oracional entre o objeto deslocado e o verbo:

(3.2.50) DEC na ordem OXV com próclise e interposição de uma estrutura oracional:

- (a) & a dezasete que escapamos cõ vida, atados de pès & de mãos nos meterão no seu navio (M. Pinto, 1510)
- (b) e assim as partes vergonhosas do corpo, por terem pouca graça, as cobre ou com panos, ou com folhagens, ou com as mãos. (P. de Almeida, 1597)
- (c) que *ao Rey*, pelas muytas escutas que nisso trazia, *lhe* deraõ logo rebate, (M. Pinto, 1510)
- (d) A contrária verdade, além de ser de fé, (como consta de muitos lugares da Sagrada Escritura e do concílio Lateranense e consenso universal dos Santos Padres), a tiveram até os filósofos étnicos, Pitágoras, Sócrates, Platão, (M. Bernardes, 1644)

Os dados de Francisco de Holanda, autor nascido em 1517, apresentam duas ocorrências dessa construção no padrão de ordem V3, com o objeto topicalizado seguido de um operador de foco e/ou de um elemento enfatizado:

(3.2.51) DEC na ordem OXV com clíticos resumptivos em próclise em ambientes categóricos.

- (a) Mas *o corpo do homem d'esta arte* o compos a natureza: (F. de Holanda, 1517)
- (b) *O cavallo sempre o* pintavam com sprito e meo rinchando, porque aquelle. (F. de Holanda, 1517)

Registramos também no corpus ocorrências de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica com ênclise na ordem OXV, com aposição de X ocupada por uma estrutura oracional de valor adverbial:

(3.2.52) DEC com ênclise de ordem OXV com a interposição de estrutura oracional adverbial:

- (a) A *El-rei Faraó, porque consentiu no seu reino o injusto cativo do povo hebreu,* deu-*lhe* Deus grandes castigos, e um dêles foi tirar-*lhe* os primogénitos. (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (b) Assim *todas as coisas d'este mundo, por grandes e estaveis que pareçam,* tirou-*as* Deus com o mesmo mundo do não ser ao ser; (A. Vieira: Sermões)
- (c) *As minhas cartas, quando Vossa Mercê* *lhe* achar alguma cousa, *que sem nojo possa*

aproveitar a alguém, mostre-as, se quiser; (A. Chagas, 1631)

(d) Aos clérigos que achava de boa vida e boa fama, depois de apontar o nome e lugar em que moravam, sinalava-os com um círculo de campo branco; (L. de Sousa, 1556)

Outras ocorrências de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V3 com próclise são formadas em sentenças com o sujeito na categoria de um sintagma-wh:

(3.2.53) DEC de ordem OSV com sujeito na categoria de sintagma-wh:

(a) Mas os santos e apóstolos e mártires quem os quiser bem pintar, emite ao seu capitão e Nosso Salvador, (F. de Holanda, 1517)

(b) Assim que as obras humanas, quem as bem considerar e entender achará sem dúvida serem ou a mesma pintura ou alguma parte da pintura: (F. de Holanda, 1517)

(c) sendo certo que aquele que se oferece para um feito não tem desculpa se o não consegue; como a tem justíssima, quem emprende qualquer acção, obedecendo; porque, quando erre, a injúria da culpa corre por conta de quem o mandou, e a honra da obediência não haverá quem lha negue. (M. de Melo, 1608: Cartas)

Em outras duas ocorrências manifestadas no padrão de ordem V3, a estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica é licenciada no contexto de orações interrogativas:

(3.2.54) DEC de ordem V3 no contexto de oração interrogativa:

(a) O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o não julgasse por tyrannico, além de ridiculo? e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejáraõ as mulheres no Porto. (M. da Costa, 1601)

(b) e é certo que, ou teimem ou não, já se sabe no mundo que eu sou peor que todos, e por isto talvez no mal teimarei; que a soberba, se Deus a não tirar, quem a há de vencer?

(A. Chagas, 1631)

3.2.2 O fronteamento de sintagmas com funções gramaticais diferentes de objeto.

Em se tratando do licenciamento de sintagmas com função gramatical diferente de objeto em posição de tópico e/ou foco, os dados levantados dos textos dos autores nascidos nesse período apresentam ocorrências de sintagmas nominais, advérbios quantificacionais, advérbios circunstanciais, sintagmas preposicionais e/ou adjetivos com as funções gramaticais, respectivamente, de sujeito, argumento de *haver* (impessoal), complemento nominal, predicativo, oração reduzida de particípio e/ou de adjuntos adverbiais nessas posições. O fato relevante mostrado na pesquisa com respeito às construções que dispõem do fronteamento de sintagmas dessa natureza carregando a função de tópico e/ou foco, é a frequência significativamente maior de uso de sintagmas nominais com a função de sujeito nessa posição, em sentenças que projetam a ordem superficial V2. Dentro da hipótese que estamos assumindo neste trabalho, o sujeito pré-verbal, em condições semelhantes aos outros constituintes deslocados, é realizado em posição de tópico interna e/ou externa à estrutura prosódica da oração.

Quantificamos e descrevemos, do conjunto de dados levantados dos textos dos autores nascidos entre os séc. 16 e séc. 17, 8921 ocorrências que dispõem de sintagmas com funções gramaticais diferentes de objeto em posição pré-verbal, licenciadas no padrão de ordem V2. Separamos e ordenamos essas produções de acordo com as etiquetas: Suj (sujeito) P (sintagmas preposicionais), ADV (sintagmas adverbiais circunstanciais), Pred (predicativos), Suj subord (sujeito de oração subordinada fronteado na oração principal), ADVQ (advérbios quantificacionais), ArgH (argumento de *haver* impessoal), Or. de partic. (oração reduzida de particípio). A distribuição da frequência de uso desses de sintagmas com essas funções gramaticais em posição de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 nos dois séculos corresponde ao resultado mostrado na tabela a seguir:

Tabela 11. Taxa média de frequência de uso de sintagmas fronteados com funções gramaticais diferentes de objeto nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc. 16	Séc 17
Suj	43,3%	48,9%
PP	23,6%	22,7%
ADV/ADVP	26,7%	21,8%
Pred	1,6%	2,7%
Suj Subord	1,0%	0,8%
Quantif	2,0%	1,9%
Arg de Haver	0,6%	0,7%
Or. de particípio	1,2%	0,5%

O resultado apresentado nesta tabela define o sujeito como o elemento de uso mais frequente na periferia à esquerda de sentenças raízes e/ou subordinadas que projetam a ordem V2 nos textos dos séculos 16 e 17. Depois do sujeito, são os sintagmas preposicionais e os advérbios circunstanciais de uso frequente e regular em posição pré-verbal. O fronteamento de sintagmas adjetivais com a função de predicativo, de sujeito deslocado de oração subordinada, de advérbios quantificacionais, de argumento do verbo haver e/ou de orações reduzidas de particípio é mais restrito.

Dos autores nascidos no séc. 16, apenas Severim de Faria, Bernardo de Brito e Manuel de Galhegos não dispõem do sujeito como elemento que sofre maior fronteamento no contexto de sentenças de ordem V2. No séc. 17, apenas no texto de André de Barros o sujeito deixa de ser o elemento a ocupar a posição pré-verbal com maior frequência.

A mesma regularidade de comportamento linguístico é verificada em relação à frequência da categoria do sintagma que ocupa a posição pré-verbal em sentenças raízes e encaixadas de ordem superficial V2 quando incluímos na quantificação desses dados as ocorrências que licenciam o fronteamento de objetos na forma de estrutura de Topicalização/Focalização-V2. O uso de objetos na periferia à esquerda carregando a função de tópico e/ou foco é menor do que o uso de advérbios e sintagmas preposicionais nessa posição. O sujeito continua a ser o constituinte de uso mais frequente em posição pré-verbal na maioria dos textos produzidos nesses dois séculos:

Tabela 12. Taxa média de frequência de uso dos constituintes verbais em posição de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 nos textos dos séc. 16.-17.

Períodos	Séc. 16	Séc 17
Suj	38,3%	42,8%
Objetos	11,4%	12,5%
PP	20,9%	19,8%
ADV	23,8%	19,1%
Pred	1,4%	2,4%
Suj Subord	0,9%	0,7%
ADVQ	1,8%	1,6%
Arg de Haver	0,6%	0,6%
Or. de partic	1,1%	0,5%

3.2.2.1 O fronteamento de sujeito.

Os dados dos autores nascidos entre os séc. 16 e 17 apresentam ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco nas ordens configuracionais V2/V3/V4 com sujeitos em posição pré-verbal. Em todos os textos, o sujeito pré-verbal é legitimado, majoritariamente, na ordem padrão V2 e com menor frequência na ordem V4. Em sentenças de ordem V3, o sujeito pré-verbal é realizado em duas ordens configuracionais variantes: SXV/XSV, com a posição de X preenchida por um advérbio, um sintagma preposicional, uma estrutura oracional, por um objeto com a função de tópico contrastivo ou com o objeto carregando o acento de foco. Já descrevemos o comportamento do sujeito pré-verbal nas estruturas de ordem OSV/SOV. Vimos que os autores nascidos nesse período fazem uso com maior frequência de sentenças de ordem SOV com o objeto na categoria de sintagma não referencial. Tratamos agora das construções de ordem SV, com o sujeito como único elemento na periferia à esquerda de sentenças raízes e/ou subordinadas finitas.

3.2.2.1.1 Sujeitos pré-verbais no padrão de ordem V2.

Ressaltamos no início da seção o fato mostrado na pesquisa de o sujeito ser o constituinte de uso mais frequente em posição pré-verbal no contexto de sentenças declarativas finitas de ordem V2. O sujeito ocupando a posição pré-verbal em sentenças de ordem V2 é assinalado em 40,8% das ocorrências. O fronteamento de outros constituintes, como um todo, corresponde a 59,2% das ocorrências. Essa taxa significa, portanto, a frequência com que o sujeito deixa de ser fronteado. Não há restrição da categoria de sintagma referencial ou não referencial do sujeito em posição pré-verbal nessas sentenças de ordem SV. Na categoria de sintagma referencial, o sujeito deslocado pode ser interpretado como foco ou tópico; podendo, por outro lado, ocupar, na forma de um adjunto, uma posição de tópico externa à estrutura prosódica da oração (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES E PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004).

Segundo Paixão de Sousa (2004, p. 250), os sujeitos referenciais são o ambiente mais ambíguo para se postular a adjunção ou o fronteamento, tendo em conta que, na condição de um argumento do verbo, esse elemento pode ser fronteado. Por outro lado, conforme argumenta a autora, na condição de um constituinte com referencialidade garantida, o sujeito deslocado pode ser retomado no interior da frase, inclusive por uma categoria vazia; portanto, podendo se caracterizar como um adjunto.

Nas formulações de Galves (2003); Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Galves e Paixão de Sousa (2005), a posição interna ou externa à estrutura prosódica da oração ocupada pelo sujeito nas sentenças que superficializam a ordem SV é explicitamente definida nas ocorrências com clíticos. Conforme essas autoras apontam, o uso de sujeito pré-verbal em sentenças que superficializam a ordem SV no português clássico é contexto de variação de realização de clíticos em próclise ou em ênclise, sendo maior a frequência de uso dessas construções com clíticos dispostos em próclise.

Em nossa pesquisa, investigamos 743 ocorrências de sentenças de ordem SV com clíticos em contextos não proclisadores. Comprovamos que 94,3% dessas produções são licenciadas com esses pronomes em posição de próclise.

(3.2.55) Ordem SVX com próclise em ambientes não categóricos:

- (a) *Eu o* mandey a Genoa àquele negocio que sabes; (D. João III, 1502)
- (b) *O Doutor Guaspar Vaaz vos* mostrara seu Regimento, que todo vay Remetido a vos; (D. João III, 1502)
- (c) *O Capitão môr lhe* respondeo que os embaixadores tinhão seguro para suas pessoas, & licença para dizerem livremente o a que eraõ mandados, pelo que sem nenhum receyo podia falar o que quisesse (M. Pinto, 1510)
- (d) e *eu a* vi em Puzol e em Baias a par de Napoles, antiquissima e nova. (F. de Holanda, 1517)
- (e) *Eu o* fiz com a ceia porque os homens de serviço me não deram lugar senão a esta hora (R. Lobo, 1579)
- (f) *Eu a* tenho por adequada, genuina e litteral. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (g) *a paz lhe* tirará o receio, (A. Vieira, 1608: História do Futuro)

Incluimos na quantificação desses dados as ocorrências que apresentam variação no uso de clíticos em próclise ou em ênclise em ambientes de perífrase verbal.

(3.2.56) Ordem SVX com próclise em ambientes de perífrase verbal:

- (a) nem *elle a* deve poer, em fazer o que lhe peço (D. João III, 1502)
- (b) êle o há de conservar, (A. Chagas, 1631)
- (c) *Vossa Mercê me* há de prometer, segundo a vontade que tem de me fazer mercê. (M. de Mello, 1608: Cartas)
- (d) e *eu* os poderia também ir ver, (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (e) *Deus vos* há de fazer santa e agora começais também o caminho, pois já vos persuadis a que o vosso maior amor vos vai deseparando (A. Chagas, 1631)
- (f) e *Vossa Mercê as* sabe sazonar com tais requintes, que se reconhecem por originais e únicos do seu incomparável coração. (A. Gusmão, 1696)
- (g) Alexandre de Gusmão *Sua Majestade me* manda advertir a Vossa Mercê que as leis costumam ser feitas com muito vagar e sossego (A. Gusmão, 1696)
- (h) Deus vos há de fazer santa e agora começais também o caminho, pois já vos persuadis a que o vosso maior amor vos vai deseparando. (A. Chagas, 1631)

(3.2.57) Ordem SVX com ênclise em ambientes de perífrase verbal:

- (a) e que *Vossa Excelência* queria meter-*nos* em arengas, o que era tentar a Deus.
(A. Gusmão, 1696)
- (b) e *Deus* anda-*nos* espreitando dentro dos rostos de tôdas as criaturas (A. Chagas, 1631)
- (c) porque *a liberdade dos escritores* não deve restringir-*se* em matérias que não são de fé,
(C. Brochado, 1651)
- (d) *Êles* querem fazer-*nos* a vítima da sua injúria e da sua perda, (C. Brochado, 1651)
- (e) e *Sua Majestade* manda insinuar-*lho* assim, (A. Gusmão, 1696)
- (f) mas *ela* poderia então conservar-*se* salva pela temperança (M. de Melo, 1608: Tácito)
- (g) *Muitos* hão de persuadir-*se* não está Vossa Senhoria desobrigado do primeiro
prometimento, para os Príncipes mais vezes inviolável do que inviolável neles.
(M. de Melo, 1608: Cartas)
- (h) e *Vossa Mercê* pode enviar-*me* quaisquer livros ou papeis, que for servido. (M. de Melo,
1608: Cartas)

Ainda que tenhamos levantado e quantificado essas produções junto às outras ocorrências de estruturas SV com clíticos, não oferecemos nenhuma proposta de análise para a explicitação dos fatores sintáticos e prosódicos no desencadeamento da variação de uso de clíticos em próclise e/ou em ênclise no licenciamento de sujeitos fronteados em ambientes de perífrase verbal¹⁷.

Dentro das considerações de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), a frequência maior de sentenças de ordem SV com clíticos em ênclise no português desse período é atestada com o uso do pronome *se*, conjuntamente, nas funções de pronome passivo, partícula de indeterminação ou de pronome reflexivo; sendo a variação de uso dessas construções com o sujeito pré-verbal dentro ou fora do contorno intocional da oração plenamente definida nas sentenças com clíticos. O uso da próclise assegura a posição interna do sintagma intocional da frase de realização do sujeito nas sentenças que projetam a ordem SV; o uso de clíticos em ênclise, por seu turno, define a posição externa à estrutura prosódica da oração de realização desse elemento.

¹⁷ Não incluímos na quantificação desses dados as construções passivas com o clítico *se*.

Registramos maior produtividade de sentenças de ordem SV com clíticos dispostos em ênclise no texto Sermões, de Antonio Vieira, autor nascido em 1608. Nesse texto de Vieira, 51,7% das sentenças SV com clíticos, diferentes do pronome *se* passivo, licenciam a ênclise em ambientes não categóricos de próclise. Galves; Britto e Paixão de Sousa (op. cit: 7) defendem que os textos escritos por autores nascidos nos séculos 16-17 representam uma gramática onde o uso de sentenças com clíticos em próclise ou em ênclise corresponde a estruturas distintas; sendo as construções com ênclise uma forma marcada. A opção de uso maior ou menor de uma dessas formas está atrelada às condições textuais e estilísticas dessas produções. Nas argumentações dessas autoras, a frequência elevada de sentenças com ênclise no texto Os Sermões se deve à natureza do próprio texto, que favorece a produção de sentenças que licenciam o sintagma pré-verbal na categoria de um adjunto em posição anterior à estrutura prosódica da frase. Nas ocorrências com ênclise, o sintagma pré-verbal é interpretado como tópico contrastivo. Conforme essas autoras apontam, o sujeito pré-verbal em sentenças com clíticos em ênclise no texto de Vieira é realizado em contexto de contraste, com esse constituinte se contrastando com outro sintagma, na forma de oposições lexicais, explicitamente assinaladas na própria sentença, ou em contraste com um elemento do contexto imediato.

Levantamos do texto Os Sermões as construções de ordem SVcl que integram os corpora investigados por essas autoras. Nessas ocorrências com ênclise, formadas em ambientes de paralelismo sentencial, o sujeito frontado carrega a função de tópico contrastivo:

(3.2.58) Ordem SVcl com o sujeito na categoria de Tópico em contraste:

- (a) *Elles* conheciam-*se*, como homens, *Christo* conhecia-*os*, como Deus. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (b) *Deus* julga-*nos* a nós por nós, *os homens* julgam-*nos* a nós por si. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (c) porque *as figuras* vão-*se*, e *o theatro* fica. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (d) entre o juiz e o judiciario ha esta differença, que o juiz suppõe o caso, *o judiciario* adivinha-*o*. (A. Vieira, 1608: Sermões)

Em contrapartida, nossa pesquisa mostra que o português desse período legitima a variante com ênclise em contextos nos quais o sujeito pré-verbal não carrega explicitamente a função de tópico contrastivo. Essas formas variantes com ênclise são licenciadas em sentenças com clíticos na categoria de pronomes reflexivos e não-reflexivos:

(3.2.59) Ordem SVcl com clíticos na categoria de pronomes reflexivos:

- (a) *O Pocarale vestio-se* pera ir lá, o que a mulher trabalhou de estorvar, dizendo-lhe que não fôsse por então, porque não sabia o que o coração lhe dizia (D. Couto, 1542)
- (b) *Ruy Gonçalves deixou-se* ficar seu hóspede alguns dias, em que tornou apertar com êle sôbre a ida de Goa, afirmando-lhe o muito que o Governador o desejava de ver, assim por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com êle cousas de muita importância, e que relevava muito. (D. Couto, 1542)
- (c) *A Rainha meteo-se* na serra, que era forte, onde se deixou estar com grande dor, e tristeza, por não ter novas de Dom Christovão, que ela amava como seu filho. (D. Couto, 1542)
- (d) *Eu auzentome*. (M. do Céu, 1658)
- (e) *eu acho-me* bem em caminhos chãos, ainda que me seja preciso vadear serras e meter debaixo dos pés os montes. (A. Chagas, 1631)
- (f) *O Limbo chamava-se* Inferno; (A. Vieira, 1608: História do Futuro)
- (g) *Xaholan deo-se* tanta pressa, que chegou poucos dias depois, e assentou seu arraial da outra banda do rio (D. Couto, 1542)

(3.2.60) SVcl com clíticos não-reflexivos:

- (a) *Ella contou-o* com singeleza, e sem desvanecimento, nem menos com cuydado, (M. do Céu, 1658)
- (b) *E eu assentei-me* um pouco arredado, mas a senhora Marquesa, estando-se um pouco sem fallar e não querendo dilatar o seu stylo de ennobrecer sempre os que a conversavam e o lugar onde stava, (F. de Holanda, 1517)
- (c) *mas todos estes engenhos que não são mui firmes e de grande força de crescimento apagão-se e finão-se* em mui breve tempo. (F. de Holanda, 1517)
- (d) *Madame Hamanville* perguntou-me, um dia dêstes, por Vossa Senhoria. (C. Brochado, 1651)

- (e) *Os cortesãos chamam-lhe* replexão por haver comido muito, (C. Brochado, 1651)
- (f) *Esta fortuna pesa-me* já muito. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (g) e *ElRey ajuntelhe* dous galeoens por Capitanías: (M. da Costa, 1601)
- (h) *a vossa substancia* converte-se em zelo (A. Vieira, 1608: Sermões)

Dentro da proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005); Galves e Paixão de Sousa (2005), o uso da ênclise nas sentenças com clíticos do português dos séculos 16-17 corresponde à projeção da ordem subjacente V1, com o sintagma pré-verbal realizado na forma de um adjunto em posição anterior à fronteira prosódica da frase. Paixão de Sousa (2004, p. 167) defende que a variação de uso de estruturas SV com clíticos em ênclise no português desse período não corresponde à ocupação de IP pelo sujeito. Para a autora, a ordem SV legitimada nessa gramática corresponderia sempre a um sujeito fora de sua posição de flexão, ocupando esse elemento uma posição mais alta que a flexão ou ocupando uma posição de adjunção à frase.

No corpus que formamos, as ocorrências de sujeito pré-verbal, configurando a ordem SV, apresentam frequência predominante em ambientes sentenciais sem clíticos. A questão, portanto, que buscamos definir é a posição pré-verbal de realização do sujeito e, por conseguinte, o estatuto de sintagma fronteado ou de adjunto desse elemento nas sentenças de ordem SV sem clíticos.

Não há restrição da categoria de sintagma referencial ou não referencial do sujeito expresso em posição pré-verbal nas sentenças de ordem V2:

(3.2.61) Ordem SV com sujeito na categoria de sintagma referencial:

- (a) *O senhor Embaixador* aprova mais a proposta futura que a passada, a qual dizque sente muito, e mais não cheguei eu a lhe descobrir todas as circunstâncias, porque calei cá as que Vossa Excelência lá calou (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (b) *A Raínha* nossa senhora quer que Vossa Reverência aceite o arcebispado de Braga, (L de Sousa, 1556)
- (c) *o Fariseu* jejuava dois dias na semana (M. Bernardes, 1644)
- (d) *A Madre Elena* melhorou logo da sua toce em virtude daquella promessa (M. do Céu, 1658)

(e) *A pátria lhe* deu o título de Grande, o Mundo todo o admirou ainda maior. (A. de Barros, 1675)

(f) Mas *São Matheus* refere, que tudo isto se ha-de verificar depois dos signaes e prodigios que hão-de preceder ao dia do Juizo (A. Vieira, 1608: Sermões)

(g) *A pátria lhe* deu o título de Grande, o Mundo todo o admirou ainda maior. (A. de Barros, 1675)

(h) *Monsieur de Torcy me* deu ontem, nesta vila, a mesma nova, fazendo milplazenterias sôbre ela, (C. Brochado, 1651)

(3.2.62) Ordem SV com sujeito na categoria de sintagma não referencial:

(a) E *algum* teve lugar nos tribunais supremos da Côrte de Espanha, que para negócios particulares de um Príncipe dêste Reino foi mandado a ela, (R. Lobo, 1579)

(b) *Ninguém* ignora que as profecias do *Apocalipse* (e mais as que ainda estão por cumprir) são próprias do tempo que hoje corre e hão-de parar no fim do mundo. (A. Vieira, 1608: História do Futuro)

(c) *todos* passaram (A. Vieira, 1608: Sermões)

(d) *Todo* homem ama os partos de seu entendimento e, às vezes, mais que os mesmos filhos. (L. de Sousa, 1556)

(e) E *ninguém* pode ser tão pobre e desvalido que lhe falte a comiserção, na qualas penas do amigo descrecem e se mitigam (M. Bernardes, 1644)

(f) *Nenhum Portuguez* abafe com ellas, que logo lhas desfarey como sal na água. (M. da Costa, 1601)

(g) *Muitos* morrerão na batalha, outros forão levados a Santarem em modo de triumpho, (A. Brandão, 1584)

(h) Com tudo, *ninguem* me argua com outras tais afirmativas, quando não poucas *vezes disse e tenho escrito* (M. de Melo, 1608: Cartas)

(i) *Alguns* entenderam que, depois de perder as esperanças da herança, aborrecia os herdeiros; (M. de Melo, 1608: Tácito)

Considerando, por outro lado, a tendência dos autores nascidos nesse período de dispor de sintagmas fronteados em ambientes que satisfazem os requerimentos de efeitos-V2, podemos assumir que, nas sentenças de ordem SV sem clíticos, o sujeito pré-verbal integra a estrutura prosódica da oração, independentemente da natureza referencial ou não

referencial desse constituinte. Nessas sentenças, o sujeito fronteado pode ser interpretado como tópico ou foco¹⁸.

Os dados de nossa pesquisa mostram que o português clássico também legitima o fronteamento de sujeito por movimento longo. Nessas construções, o sujeito de uma oração subordinada é realizado em posição de tópico ou foco da oração matriz. Verificamos que, embora o português desse período legitime estruturas de tópico ou foco nessa configuração, a frequência de sua ocorrência nos textos examinados é baixa quando comparada à frequência de sentenças com o sujeito pré-verbal deslocado por movimento curto. Das 4186 ocorrências de sujeitos fronteados no contexto de sentenças que projetam a ordem V2, apenas 1,9 % dessas construções são formadas por movimento longo.

(3.2.63) Sujeito deslocado por movimento longo:

- (a) *Os capitães e pessoas que quaa anda*_i, mãdarey que se partam lloguo. (D. João III, 1502)
- (b) *O verniz cuidão* alguns que é inventado n'este tempo, e elle é achado por Apelles, famoso pintor, segundo se vê em C Plinio aos livros XXXV. (F. de Holanda, 1517)
- (c) *Esta Ilha* afirmam os naturaes, que tem de comprido quinhentas léguas suas, que fazem trezentas sessenta e seis nossas. (D. Couto, 1542)
- (d) *Tôdas as bestas da selva do Infern*_i, diz a Escritura que hão de passar pelo justo na noite desta vida (A. Chagas, 1631)
- (e) *este Rey* diz Beroso, que teve algumas venturosas batalhas contra os Phenices, & Palestinos, por meo das quais os fez tributarios ao Imperio Babylonico. (B de Brito, 1569)
- (f) *Muitos letrados* sei eu (disse Solino) que não são moços e nisso o querem parecer, que falam uma linguagem como Sereia, mulher até os peitos e a metade peixe; (R. Lobo, 1579)
- (g) *Os Romanos*, diz Appiano, que não quizerão aceitar por vassallos muitos póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. (M. da Costa, 1601)
- (h) *os negócios de aqui* entendo que não terão conclusão até que se ratifique a paz e venha nova do Brasil em nosso favor. (A. Vieira, 1608: Cartas)

¹⁸ Esta condição é assumida por Grewendorf (2002) nas estruturas de Topicalização do alemão, uma estrutura típica de orações declarativas principais de ordem V2. Não há restrição da categoria do elemento que precede o verbo finito nessas construções. Segundo esse autor, o fronteamento desses sintagmas no alemão não está correlacionado a nenhum requerimento intonacional específico e nem o elemento preposto está associado a propriedades de tópico e/ou foco.

(i) *E uma cousa e outra*, diz Nazianzeno que é de gente nécia, (L. de Sousa, 1556)

Em condições sintáticas semelhantes ao licenciamento de sujeito frontado por movimento curto, nas ocorrências que envolvem movimento longo, registramos a presença de sujeitos referenciais e não referenciais precedendo o verbo da oração matriz.

Os dados levantados na pesquisa confirmam a propriedade do português clássico de licenciar estruturas de tópico em ambientes de orações subordinadas com o sujeito expresso em posição pós-verbal. A frequência menor de uso de construções com sujeito de oração subordinada expresso em posição pós-verbal fica pode ser justificada em função da tendência de uso maior de estruturas de tópico, foco e advérbios prepostos em contextos raízes.

3.2.2.1.2 Sujeitos pré-verbais no padrão de ordem V3/V4.

Ainda que os autores nascidos entre os séc. 16 e 17 tenham tendência de formar estruturas de tópico e/ou foco na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2, dispondo, com frequência elevada, de sujeitos frontados, interpretados como tópico/foco, nessas configurações, seus dados apresentam ocorrências com sujeito expresso em posição pré-verbal em sentenças que projetam a ordem V3. Registramos no corpus sentenças de ordem V3 com sujeito em posição pré-verbal em duas ordens variantes: SXV/XSV. Nas ocorrências de ordem SXV, o sujeito é realizado em posição mais alta à esquerda da oração e o elemento X, na categoria de um objeto, um advérbio, um sintagma preposicional e/ou uma estrutura oracional, precede imediatamente o verbo. Na ordem variante XSV, o sujeito precede imediatamente o verbo e o objeto, um advérbio/sintagma preposicional e/ou uma estrutura oracional ocupa a posição mais alta à esquerda.

(3.2.64) Ordem SXV:

- (a) e *eu por este Respeito* vos mamdey cõ aquella deligemçia; (D. João III, 1502)
- (b) *O Capitão mór com tudo* se abalou para onde os inimigos estavam, (M. Pinto, 1510)
- (c) *João Daudine em Roma* tem o preço e nome d'esta pintura. (F. de Holanda, 1517)
- (d) O senhor Dom Júlio em tudo tem tenção de me fazer mercês (R. Lobo, 1579)
- (e) *Êste em certo modo* tomou também pera si o poder do espiritual (D. Couto, 1542)
- (f) Santa Clara, nossa madre, vinte oito anos teve de enfêrma e de unida. (A. Chagas, 1631)
- (g) *Um grande delicto muitas vezes* achou piedade (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (h) *O Marquês verdadeiramente* faz tudo o que deve e pode um grande, prudente e zeloso ministro (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (i) Pouca terra sobre seus olhos *o alumia* (M. Bernardes, 1644)
- (j) *Eu pouco* sabia das nossas Ordenações, (C. Brochado, 1651)

(3.2.65) Ordens XSV:

- (a) *Das mesas de Cleópatra, das hortas e banquetes de Luculo, dos manjares e convites de Heliogáballo, êle* tem a culpa. (R. Lobo, 1579)
- (b) E *em seus artifices ninguém* creya, que pode haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguém, (M. da Costa, 1601)
- (c) *Neste sentido o império do mar* passou dos Gregos para os Romanos; foi para os Espanhóis; (C. Brochado, 1651)
- (d) e *da prática da Rainha também eu* não tive notícia (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (e) *Em todas as ocasiões, este prelado* sabia conciliar o zelo do serviço da Sé Apostólica com o respeito e atenção a esta Corte, (A. Gusmão, 1696)
- (f) *No dia da imaculada Conceição da Mãe de Deus, e em outros, toda agente* se confessou. (A. de Barros, 1675)
- (g) *Depois de vossa morte todos meus filhos legitimos* averão a minha herança que vos deixo, (A. Brandão, 1584)
- (h) porque *de Lisboa nenhuma pessoa* me escreve. (M de Melo, 1608: Cartas)
- (i) & *milagrosamente os Portuguezes* vencerão, posto que morresse a mòr parte da gente, (A. Brandão, 1584)
- (j) e *do pai ninguém* duvidou ser criado tanto à sua vontade que pretende que todos estimem e aprovelem o que êle aprova e estima (M de Melo, 1608: Cartas)

(k) mas no meio desta escuridade o Céu o ensinou felizmente a buscar a fonte do Sol; (A. de Barros, 1675)

Levantamos um total de 964 sentenças raízes e subordinadas com sujeitos expressos em posição pré-verbal nas formas variantes SXV/XSV, com o sujeito seguido ou precedido de sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionais ou estruturas oracionais. O resultado da quantificação desses dados revela haver uso maior da ordem variante SXV, com o sujeito ocupando a posição mais alta na periferia à esquerda, e o outro elemento – um objeto direto ou indireto, um sintagma preposicional, um advérbio ou uma estrutura oracional – precedendo imediatamente o verbo. A tendência de uso do sujeito em posição mais alta nesses contextos de ordem V3 é confirmada nos dados correspondentes aos dois séculos:

Tabela 13. Taxa média de uso de sujeito pré-verbal nas ordens variantes SXV/XSV nos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc. 16	Séc. 17
SXV	63,6%	57,7%
XSV	36,4%	42,3%

Em se tratando do licenciamento dessas construções em sentenças com clíticos, atestamos haver também variação da ordem estrutural de realização desses pronomes em próclise e/ou em ênclise. A frequência maior de uso dessas construções com clíticos é atestada com a forma que dispõe desse pronome em próclise. .

(3.2.66) Ordem SXV com próclise:

- (a) *e eu de alvícaras lhe* mandei êsse soneto, de que parto convosco. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (b) *Alguns com zelo de amigos me* aconselharão compuzesse esta Obra em lingoa Latina, (B. de Brito, 1569)
- (c) *& eu cheo de confiança & suavidade me* tornei para o Real. (A. Brandão, 1584)
- (d) *ElRey Dom Afonso Henriques antes da batalha de Ourique se* nomeava ja Rey posto que raramente; depois della se intitula Rey em todas as Escrituras (A. Brandão, 1584)
- (e) *mas eu nem por esta confissão me* ponho em graça. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (f) *elle com este intento a* separou das mais, & trouxe em parte, que algum potro lhe não

chegasse, & dahi a mes & meo a vio prenhe: (B. de Brito, 1569)

(g) e *eu deles* tanto me compadeço que rogo a Vossa Excelência se persuada do contrário;
(A. Gusmão, 1696)

A variante com ênclise é verificada em contextos específicos, como ilustram os exemplos abaixo:

(3.2.67) Ordem SXV com ênclise:

(a) *Mas o verdadeiro humilde, como áspide a quem a natureza ensina tapar as orelhas por não ouvir a voz do encantador, armava-se, fechava-se contra a retórica também encantadora do seu Provincial*, (L. de Sousa, 1556)

(b) e *eu por força* havia de perdoá-los (M. de Melo, 1608: Cartas)

(c) *O Provincial, encomendando o negócio a Deus e ponderando de vagar com que pessoa satisfaria à tenção pia e sábia da Rainha, resolveu-se que não havia em todo o Reino outra como Frei Bertolameu dos Mártires, prior de Benfica*. (L. de Sousa, 1556)

No exemplo em (3.2.67b), a ênclise é licenciada em contexto de perífrase verbal. O licenciamento de estruturas de tópico com o verbo realizado na forma de perífrase verbal é contexto de variação de uso de clíticos em próclise ou em ênclise, como referimos acima. Por outro lado, os exemplos em (3.2.67 a, c) licenciam a ênclise com clíticos na categoria de pronomes reflexivos. O uso de clíticos na categoria de pronomes reflexivos também é contexto de variação de uso da ênclise nas sentenças de ordem SV.

O sujeito expresso em posição pré-verbal pode coocorrer com estrutura de foco. Os dados levantados na pesquisa apresentam ocorrências na ordem SXV com o elemento adverbial interveniente na categoria de um operador de foco:

(3.2.68) Ordem SXV com o elemento X na categoria de operador de foco:

(a) *mas eu sempre o acompanhei, e servi com muito amor, e gosto até á hora em que os Portugueses o mataram, que pelo não deixar fiquei cativo em seu poder, ferido, e á morte*.
(D. Couto, 1542)

(b) porque *eu somente me* satisfação com a permissão de casar ao duque meu filho donde

convenha. (M de Melo, 1608: Tácito)

Outras ocorrências de ordem V3 encontradas no corpus apresentam o sujeito precedido e/ou seguido do advérbio aspectual *sempre*:

(3.2.69) Ordem AdvSV:

Sempre os seus bens remedeia a pobreza do Mundo (D. Couto, 1542)

(3.2.70) Ordem SAdvV:

O Povo sempre deseja ser antes temido que amado, (M. de Melo, 1608: Tácito)

3.2.2.2 O fronteamento de advérbios.

Inicialmente, queremos enfatizar a regularidade diacrônica de uso de sentenças com fronteamento de advérbios. Como apontamos, os advérbios e o sujeito são os elementos de uso mais freqüente em posição pré-verbal no contexto de sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2 nos textos dos séc. 16-17 e também nos textos dos séc. 18-19. E é justamente no licenciamento de sentenças de ordem V2 com sujeito e/ou advérbio em posição pré-verbal que a mudança de comportamento sintático atestada nos textos dos autores nascidos a partir do séc. 18 não é tão prontamente evidenciada. Segundo Paixão de Sousa (2004: 89), a adjunção é um fato diacronicamente constante no português clássico, não ocorrendo mudança ao longo dos séculos na estrutura básica dessas construções.

Contudo, nossa pesquisa mostra que, diferente do comportamento do português dos séc. 18-19 no licenciamento de sentenças que dispõem de advérbios em posição pré-verbal, o português em uso nos séc. 16-17 licencia o fronteamento de advérbios por requerimento de efeitos V2, com esses elementos em posição pré-verbal carregando ou não as funções de tópico e/ou foco.

Com respeito ao estatuto do sintagma adverbial realizado em posição pré-verbal em ambientes V2, os dados levantados dos autores nascidos entre os séc. 16 e séc. 17

apresentam ocorrências de advérbios fronteados na categoria de advérbios modificadores, quantitativos, pragmáticos e circunstanciais¹⁹.

Levantamos 2655 sentenças raízes e subordinadas de ordem V2/V3/V4 com sintagmas adverbiais em posição pré-verbal dos textos dos séc. 16-17. Verificamos que 81,2 % dessas produções projetam a ordem V2. O sujeito é expresso em posição pós-verbal em 40,8% dessas ocorrências:

Tabela 14: Taxa média de frequência de uso de advérbios em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com sujeito posposto ao verbo nos textos dos séc. 16-17l.

Períodos	Séc. 16	Séc. 17
sujeito nulo	55,4%	63,8%
Sujeito pós-verbal	44,6%	36,2%

Em todos os textos dos autores nascidos no séc 16 e nos dos autores nascidos no séc. 17, as ocorrências de advérbios fronteados em sentenças com sujeito expresso posposto ao verbo apresentam taxas de frequência acima de 20 %.

3.2.2.2.1 Advérbios pré-verbais no padrão de ordem V2.

Estamos assumindo que os sintagmas adverbiais prepostos ao verbo flexionado, em sentenças sem clíticos ou com clíticos dispostos em próclise, ocupam uma posição pré-verbal interna à estrutura prosódica da oração por restrições de requerimento de efeitos-V2. A evidência empírica que nos permite levantar esta hipótese está assentada no fato de serem essas construções legitimadas com frequência elevada em configuração de inversão germânica, com o sujeito expresso em posição pós-verbal no contexto de verbos transitivos e/ou verbos intransitivos/inacusativos; havendo, por outro lado, frequência elevada de uso dessas construções com sujeito nulo²⁰, conforme indica o resultado mostrado na tabela (14), acima.

¹⁹ Adotamos a classificação dos advérbios de acordo com as descrições de Cinque (1999)

²⁰ *O sujeito nulo em contextos-V2 é um fenômeno licenciado no francês dos séculos 12 e 13 (cf. ADAMS, 1997; ROBERTS, 1993). Dentro da proposta de Roberts (ibidem, p. 124, o sujeito nulo é licenciado sob regência do verbo que sobe para um núcleo funcional que o rege. V + Agri [pro [ti ...*

(3.2.71) Sintagmas adverbiais fronteados no padrão de ordem V2 com sujeito expresso em posição pós-verbal:

- (a) *Nas casas de Augustin Guis* pintou *Rafael* de poesia preciosamente a historia de Psique, e muito gentilmente cercou Galatea de homens marinhos no meo das ondas e de Amores polo ar. (F. de Holanda, 1517)
- (b) e *neste mesmo tempo* lançou *ela* o toucado sôbre os cabelos, pondo os olhos na fonte como em espelho (F. Lobo, 1579)
- (c) *Variamente* respondem os *Doutores* á duvida; eu o farei com uma comparação. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (d) *Sãbiamente* o *disse um poeta sisudo*, falando com Deus (M. Bernardes, 1644)
- (e) *Na terra* dizem os antigos, que pôz a primeira Cathedra Mercurio, (M. da Costa, 1601)
- (f) *Grandemente* ficou o *prior* sobressaltado, (L de Sousa, 1556)
- (g) *Erradamente* escrevem *alguns nossos Auctores*, ser Pero Paes o Alferez: (A. Brandão, 1584)

O sujeito é licenciado em posição pós-verbal em sentenças de ordem V2 com verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos. A taxa média de uso dessas construções com verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos nos textos do séc. 16 e séc. 17 é indicada na tabela (15), abaixo:

Tabela 15. Taxa média de uso de advérbios pré-verbais no padrão de ordem V2 com sujeito posposto ao verbo no contexto de verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos nos textos do séc. 16-17.

Períodos	Séc. 16	Séc.17
Verbo transitivo	35,8%	53,9%
Verbo intrans/inacus	64,2%	46,1%

Ainda que a média da frequência de uso de sintagmas adverbiais prepostos com sujeito expresso em posição pós-verbal em sentenças com verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos apresente valores diferentes nos dois séculos, a evidência empírica que confirma as propriedades V2 dessas construções é a regularidade de licenciamento dessas construções em configuração de inversão germânica. No corpus investigado, 81,9% dessas construções dispõem de sujeito pós-verbal em configuração de

inversão germânica.

Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005) atestam variação de uso de clíticos em próclise/ênclise nas estruturas de adjunção de sentenças que se superficializam na ordem V2. No corpus que formamos a frequência predominante de advérbios prepostos em sentenças com clíticos é atestada com esses pronomes em posição de próclise, em ambientes sintáticos categóricos e não categóricos:

(3.2.72) Sintagmas adverbiais prepostos no padrão de ordem V2 com clíticos em próclise:

- (a) por que *la o* veera Gaspar Vaaz muyto beem. Praticay o cõ ele muy beem, e asentese como for mais meu serviço. (D. João III, 1502)
- (b) *loguo me* depachareis outro correo cõ toda deligemçia, fazendo-me saber o que passa e todo ho mais que vos parecer que compre a meu serviço e a bem do negoço eu saber, pera eu vos mãdar vir naquela maneira, e fazer o que mais ouver por meu serviço. (D. João III, 1502)
- (c) e *n'aquella mesma mão lhe* punhão o cornucopia, com muitos pomos, mostrando a fertilidadedo humido rio (F. de Holanda, 1517)
- (d) e *em Portugal o* declaraõ as Bullas dos Summos Pontifices de sua fundaçã, assentos de Cortes do Rey Dom Joaõ o I e testamento delRey Dom Affonso, (M. da Costa, 1601)
- (e) *Muytos annos antes do da sua elleyçã a* mandou a Abbadeça, que entãõ era, pedisse a Deos *lhe* desse a entender se hauia neste convento alguma cousa deseu desagrado, para que a emendasse, (M. do Céu, 1658)
- (f) *Aqui nos* dão por melhorado El-Rei Católico, (C. Brochado, 1651)
- (g) mas *em Orléans me* disseram os padres do nosso Colégio havia Vossa Excelência passado por aquela cidade oito dias antes. (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (h) e *hoje lhes* mandou os quinhentos. (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (i) *Juntamente lhe* agradeço as expressões que fez a Vossa Mercê a meu respeito, e certamente me deixou muito obrigado a sua memória. (A. Gusmão, 1696)

(3.2.73) Sintagmas adverbiais prepostos no padrão de ordem V2 com clíticos em ênclise:

- (a) E *despois da informação* chamava-os, metia a mão neles, por ver o que podia esperar de cada um, e, segundo o que alcançava deles, assi era o título que ajuntava ao nome (L. de Sousa, 1556)

- (b) *No mar* contente-se a remora com ser rêmora [...] *No ar* contente-se a andorinha com ser andorinha: [...] *Na terra* contente-se a formiga com ser formiga: (A. Vieira, 1608: Semões)
- (c) e *de pois disto* trouxeram-no para o sítial; donde elRey Nosso Senhor com grandíssima alegria o recebeo nos braços. (M de Galhegos, 1597)
- (d) e *ao terceiro invite* descarregoulhe com o bordaõ na cabeça (M. da Costa, 1631)
- (e) e *depois disto* tornou-se a ver com êle em Tidore, afirmando-lhe que estava excomungado êle, e todos, se se não fossem pera os Portugueses; (D. Couto, 1542)
- (f) e *ao terceiro* tornou-se pera o exército, (D. Couto, 1542)
- (g) e *ao sábado que havia de ir*, mandou-lhe a Lisboa, onde se achava, uma mula (L. de Sousa, 1556)

Outro fato evidenciado no levantamento desses dados é a realização de clíticos em ênclise nas ocorrências de ordem V2 atrelada ao uso de advérbios circunstanciais de *tempo* e *lugar em posição pré-verbal*. Há ausência em nossos dados de ocorrências de advérbios prepostos de outra natureza em sentenças com clíticos em posição de ênclise. A variante com próclise é licenciada com advérbios de qualquer natureza, inclusive com esses advérbios.

Encontramos entre os dados levantados do texto Sermões, de Antonio Vieira, uma ocorrência da variante com ênclise, licenciada em contexto que dispõe de sintagma adverbial circunstancial de tempo carregando a função de tópico contrastivo:

(3.2.74)

Finalmente, *no dia do Juizo* ha se de acabar a vida com o mundo; mas com o mesmo mundo se hão-de acabar também os encargos da vida; porém *no dia da morte* acaba-se o mundo para a vida, mas não se acaba para os encargos.(V-004, 78)

De acordo com a proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), o uso da ênclise define a ordem V1 dessas construções, com o adjunto adverbial projetado em posição externa ao contorno intonacional da frase. Nessas ocorrências, a estrutura prosódica da oração está alinhada com o segmento mais baixo de CP.

Tendo em conta a restrição de estarmos lidando com dados escritos de uma gramática histórica, empecilho que já apontamos no início do capítulo, as funções de tópico ou foco

atribuídas aos advérbios não quantificacionais prepostos - modificadores, pragmáticos e/ou circunstanciais - não são prontamente evidenciadas.

Segundo Rizzi (2004a, p. 240):

“Somente as expressões nominais referenciais são Tópicos naturais; advérbios, por não serem expressões referenciais não podem naturalmente ocupar posições de Tópico. Em condições normais de discurso, esses elementos adquirem proeminência somente por estarem ocupando posições especiais próprias na periferia à esquerda [...]. Mas mesmo elementos que não são Tópicos naturais podem torna-se Tópicos em condições contextuais especiais, isto é, quando eles são mencionados no discurso imediatamente prévio.”

Em nossos dados, nem sempre o contexto próximo permite a distinção dos advérbios/locuções adverbiais que expressam tópico ou foco. Para o objetivo da pesquisa, entretanto, o que é relevante é a distinção da posição pré-verbal ocupada por esses elementos, tendo em conta a propriedade prosódica do português clássico de legitimar estruturas de adjunção em posição interna ou externa ao contorno intonacional da oração em ambientes V2.

A função de foco carregada por esses elementos é explicitamente definida nos advérbios quantificacionais e/ou nos sintagmas adverbiais caracterizados como marcadores de foco: *até, só, somente, já.*

(3.2.75) Estruturas de foco no padrão de ordem V2:

- (a) *Bem* desejara eu poder-lhas mandar pontualmente (A. Gusmão, 1696)
- (b) *Já* no correio passado terá Vossa Reverência sabido quanto me lembro e que pouco caso faço do que a mim me toca (M. da Costa, 1601)
- (c) *Já* na passada avisei que, se viessem quarenta mil cruzados, compraríamos sem dúvida cinco fragatas, (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (d) *Também* sei que a quem desatasse o nó gordiano que Alexandre cortou com a espada estava prometido pelos oráculos de Apolo Delfico o Império de todo o Oriente. (A. Vieira, 1608: História do Futuro)
- (e) *Só* sinto que nestes papéis me negue Vossa Paternidade os princípios, que nos outros costuma pôr e os últimos signáculos, que nos mais costumam vir (A. Chagas, 1644)

3.2.2.2.2 Advérbios pré-verbais nos padrões de ordens V3/V4.

Registramos no corpus em estudo ocorrências de sintagmas adverbiais em posição pré-verbal nos padrões de ordem V3/V4, em formas variantes no que diz respeito à realização do elemento adverbial em posição mais alta ou mais baixa em relação à posição de realização de outro sintagma que, juntamente com esse elemento, precede o verbo: o sujeito, um sintagma preposicional, outro advérbio ou uma estrutura oracional. Já descrevemos os contextos de ordem V3 com o sujeito e um advérbio em posição pré-verbal. Descrevemos as ocorrências de ordem OXV com a interposição de um adjunto adverbial entre o objeto e o verbo finito. Conforme assinalamos, a frequência maior de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V3 é verificada nas ocorrências que dispõem de um sintagma adverbial precedendo ou seguindo o sujeito, nas ordens variantes: SAdvV/AdvSV.

Outras ocorrências de sintagmas adverbiais prepostos no padrão de ordem V3, de uso frequente nos textos dos autores nascidos nesse período, apresentam o sintagma adverbial em posição mais alta na periferia à esquerda, sendo seguido por um outro advérbio, um sintagma preposicional ou por uma estrutura oracional.

(3.2.76) Sintagmas adverbiais prepostos em sentenças de ordens V3/V4:

- (a) e *dentro da dita casa, cõ um escryvã d'ela*, mandeis as ditas pessoas todo o que lhes pelos ditos livros for devydo, (D. João, 1542)
- (b) porque *as mais das vezes com isto* cuidareis que agradais, e desagradais (A. Chagas, 1644)
- (c) que *talvez com isso* conseguiria alguma ampliação (A. Gusmão, 1696)
- (d) & depois de varios recontros, *em fim* lhe tirou o Reyno & vida, (B. de Brito, 1569)
- (e) *Em muytas noites continuadas, no breue tempo em que tomava o precizo descanso*, a espertavaõ, puchandolhe pella coifa, sem ver quem fosse (M. do Céu, 1658)
- (f) Porém, *hoje por muitas razões* vos parecerá que ainda ha outro Juiso mais terrivel, ainda ha outro Juiso mais rigoroso, ainda ha outro Juiso mais estreito que o Juiso de Deus. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (g) & *ultimamente na provincia da Estremadura* (em a qual està a villa de Soure) vivia o servo de Deos Martinho, deputado pello Senhor para ornamento & emparo desta terra, como consta do progresso de sua vida. (A. Brandão, 1584)
- (h) e *em a mesma hora, em diferentes forcas* padeceram afrontosa morte Belchior Correa, Pedro de Baeça; (M. de Melo, 1608: Tácito)
- (i) *Logo com intrínsecos desgostos* pagou aquele prelado a demasia da sua vaidade, vendo-a não só sem logro, mas com desprezo; (M. de Melo, 1608: Tácito)
- (j) e *nos versos vária e eruditamente* se explica a figura ou figuras, que sempre devem ser bem achadas; (P. de Almeida, 1597)
- (k) e *depois de outro breve intervalo terceira vez* deu a mesma mostra de alegria. (M. Bernardes, 1644)

No corpus em estudo, as ocorrências formadas em sentenças com clíticos apresentam uso generalizado da próclise:

(3.2.77) Sintagmas adverbiais em sentenças de ordem V3/V4 com próclise:

- (a) *Depois de vosa partida, praticando cõ algumas pessoas, me* disseram que, segundo a a navegaçam que as naos e navios d'esta armada que mando fazer prestes em setembro podem fazer, que nam poderã dobrar o cabo de Boa Esperança senam no mes de fevereiro; (D. João III, 1502)

- (b) Por que, *loguo asy apresada e em toda diligencia, vos Responderey*, (D. João III, 1502)
- (c) *Logo ao outro dia pela menham nos partimos desta aldea, & fomos velejando ao longo da costa com ventos terrenos até depois da vespora que dobramos os ilheus de Anhepisaõ*, (A. Brandão, 1584)
- (d) *De todos estes lugares estando em Lisboa se podem lograr as pessoas Reais cortesãos com muita comodidade, em seus tempos devidos, e com maior gosto que em nenhuma outra parte de Espanha* (S. de Faria, 1583)
- (e) *Dahi a dous dias naquella mesma paragem lhes deu uma tormenta*, (M. de Galhegos, 1597)
- (f) *Nos ultimos de Mayo vindo alguns Barcos de trigo de Mertola para Alcoutim pello Rio arriba lhe saíram outros bem armados de Castelhanos succedeo*, (M. de Galhegos, 1597)

Entre esses dados, registramos apenas uma ocorrência da variante com ênclise no contexto do verbo de alçamento *parecer*:

(3.2.78)

Agora, com esta duvyda d'esta deradeira carta que veo muyto breve, pareceu-me necesario estas declarações saber. (D. João III, 1502)

A mesma proposta de análise que oferecemos para justificar o licenciamento das construções que dispõem de sujeito pré-verbal em sentenças que superficializam a ordem V3, como os exemplos em (3.2.64) e (3.2.65) ilustram, pode explicar a formação dessas construções com advérbios pré-verbais nos padrões de ordem V3/V4. A realização do clítico em próclise define o elemento que precede imediatamente o verbo dentro da estrutura prosódica da oração.

3.2.2.3 O fronteamento de sintagmas preposicionais.

Seguindo a mesma metodologia, investigamos o comportamento do português clássico no licenciamento de sintagmas preposicionais em posição pré-verbal interpretados como tópico e/ou foco. Levantamos um total de 2187 ocorrências de sintagmas preposicionais com funções de argumentos e/ou adjuntos na periferia à esquerda de orações raízes e/ou subordinadas nos padrões de ordem V2/V3/V4. Constatamos que 94,7% dessas construções são licenciadas no padrão de ordem V2.

Mostrando o mesmo comportamento assinalado na topicalização/focalização de sujeito, objetos e/ou advérbios, o uso de sintagmas preposicionais topicalizados/focalizados nesses padrões de ordens nos textos do séc. 16 e textos do séc. 17 apresenta taxas de frequência bem semelhantes.

Tabela 16. Taxa média de uso de sintagmas preposicionais prepostos nos padrões de ordem V2/V3/V4 nos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc. 16	Séc. 17
Ordem V2	93,8%	95,5%
Ordem V3	5,7%	4,0%
Ordem V4	0,5%	0,6%

3.2.2.3.1 Sintagmas preposicionais pré-verbais no padrão de ordem V2.

O resultado exposto na tabela (16), acima, estabelece a ordem V2 como ordem padrão no uso de sintagmas preposicionais deslocados para a posição pré-verbal de sentenças raízes e/ou subordinadas, com sujeito nulo e/ou com sujeito expresso em posição pós-verbal. A frequência de uso de sujeito expresso em posição pós-verbal é atestada em 40,7% dessas construções.

(3.2.79) Sintagmas preposicionais topicalizados/focalizados no padrão de ordem de ordem V2 com sujeito nulo:

(a) e *com lux e dia*, cor perfeitissima, pintou todas as cousas mirabeis que vemos, e não com noite; (F. de Holanda, 1517)

- (b) *Em nenhuma destas coisas se deve proceder com aceleração.* (A. Gusmão, 1696)
- (c) e que *dos outros capitulos* nam lançareys mão, porque nam tynheys minha comisam; (D. João III, 1502)
- (d) e *em muitas práticas que teve com ElRei, e com os seus Capitães* não pôde alcançar a causa daquela vinda, (D. Couto, 1542)
- (e) & *delle* se deo nome á nova povoação, que fundara, chamandolhe Cethubala, (B. de rito, 1569)
- (f) *Em duas couzas* peço a Vossa Alteza que ostente aqui seu poder: (M. da Costa, 1601)
- (g) porque *por ellas* conseguirão o effeito e fim da predestinação. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (h) *De ambas* daremos agora grata narração. (A. de Barros, 1675)
- (i) *do Padre Lyreo* não sei que forma seguiu, porque o não pude haver à mão (M. Bernardes, 1644)

(3.2.80) Sintagmas preposicionais topicalizados/focalizados no padrão de ordem V2 com sujeito expresso em posição pós-verbal:

- (a) *E d'esta sustancia seera toda a pratica que com elRey e com todos neeste caso teverdes.* (D. João III, 1502)
- (b) Porque *d'elles* recebi *eu* algum fruto e doutrina e das suas obras na minha arte, e me recreava em praticar em muitas cousas claras e nobres, assi do tempo antigo como novo. (F. de Holanda, 1517)
- (c) *Com estas novas* folgou o Imperador muito, e deo conta delas aos Portuguezes. (D. Couto, 1542)
- (d) *Nêle* achará Vossa Mercê reprovada altamente a definição dos consultos que o direito natural era aquêle que a natureza ensinava a todos os animais, (C. Brochado, 1651)
- (e) *Por morte de Jasio* criou *Siceleo*, Rey de Italia, a hum filho do defuncto, chamado Coribanto (B. de Brito, 1569)
- (f) *Desta resolução, e vitória* formaram juízo os maiores políticos, (A. de Barros, 1675)
- (g) mas *dêste outro dinheiro* nos socorra Vossa Excelência, porque será grandíssimadesgraça que por falta de tão pouco se perca tanto (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (h) *Desta humildade* nasce o conhecimento de nossa grande vileza, (A. Chagas, 1631)
- (i) *Destas vitórias* desejo *eu* a meus inimigos (M. Bernardes, 1644)
- (j) *Com arte* repara *huma mulher* as ruínas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabelo, com que a natureza no melhor lhe faltou. (M. da Costa, 1601)

É nesse contexto que o sujeito é expresso com maior frequência em posição pós-verbal, suplantando até mesmo, em alguns dos textos, a frequência das ocorrências com sujeito não expresso. Este fato é atestado nos dados de Bernardo de Brito, Severim de Faria e Manuel Pires de Almeida, autores nascidos no séc. 16. Dos autores nascidos no séc. 17, Antonio Vieira, nas Cartas e no texto Histórias de Portugal, Francisco de Melo, no texto Tácito Português, e Manuel Bernardes apresentam frequência maior de uso dessa construção com sujeito posposto ao verbo do que com sujeito nulo:

Tabela 17. Taxa média de frequência de uso de sintagmas preposicionais pré-verbais no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou sujeito posposto ao verbo nos textos dos séc. 16-17.

Período	Séc. 16	Séc. 17
Suj nulo	59,3%	59,4%
Suj pós-verbal	40,7%	40,6%

A inversão germânica é atestada em 81,7 % das ocorrências com sujeito pós-verbal:

Tabela 18. Taxa média da frequência de uso de sintagmas preposicionais pré-verbais no padrão de ordem V2 com inversão germânica e/ou românica nos textos dos séc. 16-17.

Períodos	Séc. 16	Séc. 17
Inversão germânica	80,8%	82,7%
Inversão românica	19,2%	17,3%

Em sentenças com clíticos, o uso da próclise é majoritário, sendo realizada em 97,6% das ocorrências levantadas dos textos desses autores.

(3.2.81) Sintagmas preposicionais prepostos no padrão de ordem V2 com clíticos em próclise:

- (a) *Das cartas de crença que vão pera o Gram Chanceler e o Almirante* vos envio um trelado, porque todas sam d'um teor, pera as verdes; (D. João III, 1502)
- (b) *Do falecimento de Nuno Mendonça me* desprove, por as calidades de sua pesoa, (D. João III, 1502)
- (c) *Dessa arte a* fiz (lhe dizia eu) e nisso quis pôr todo o primor, e nenhuma cousa lhe acrescentar nem demenuir d'aquelle grave rigor. (F de Holanda, 1517)
- (d) pois *com ambas nos* pretende arruinar nosso capital inimigo, (P de Almeida, 1597)
- (e) *Entre alfayates, e oleiros se* moveo questaõ, quais eraõ mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza (M. da Costa, 1601)
- (f) *Com o ferro desta alabarda me* ferrou Vossa Mercê (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (g) Pela capa nos pega o mundo (M. Bernardes, 1644)
- (h) Nos *comissários* se fala variamente (A. Vieira, 1608: Cartas)
 - (i) e *em todas estas três diferenças de tempos e estados* lhe revelou sempre Deus e mandou interpretar primeiro os favores e as mercês tão notáveis com que o determinava enobrecer: (A. Vieira, 1608: História do Futuro)
 - (j) *Com semelhantes almas se* desagrava Deus da afronta que outros fazem à sua presença, (M. Bernardes, 1644)

(3.2.82) Sintagmas preposicionais prepostos no padrão V2 com clíticos em ênclise:

- (a) *Em virtude do Senhor*, que me conforta, vemo-la mui maciça pelos golpes da humildade e conhecimento próprio. (M. Bernardes, 1644)
- (b) *E em castigo desta minha ousadia*, mande-me Vossa Senhoria êste Cristo aqui a Montemór, para que êle me repreenda, (A. Chagas, 1631)
- (c) *Entre as feras* tomava-se com os leões, e entre os homens com os gigantes. (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (d) *Entre estas fadigas da Corte* levava lhe toda a alma o aumento da Missão. (A. de Barros, 1675)
- (e) *Entre tão gloriosas Missões*, como temos dito, seguiu-se a da serra de Ibiapaba. (A. de Barros, 1675)
- (f) E, *por caridade sincera de próximo*, sirva-se Vossa Excelência dizer-lhes que devem todos saber em como se não pode duvidar da Lei reconhecida pelo Príncipe. (A. Gusmão, 1696)

Os outros contextos que apresentam sintagmas preposicionais prepostos em sentenças com clíticos em posição de ênclise são contextos de orações imperativas e orações passivas, ou contextos de orações com verbos não finitos.

Estamos assumindo que, nessas construções de ordem V2 sem clíticos ou com clíticos dispostos em próclise em ambientes não categóricos, o sintagma preposicional em posição pré-verbal, com a função gramatical de argumento ou na categoria de um adjunto, integra a estrutura prosódica da frase. A realização de sintagmas preposicionais com a função gramatical de complemento nominal ocupando a posição de tópico ou foco confirma a propriedade do português clássico de legitimar sintagmas descontínuos na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2.

3.2.2.3.2 Sintagmas preposicionais pré-verbais no padrão de ordem V3/V4

Registramos, entre esses dados, ocorrências de sintagmas preposicionais em posição pré-verbal no padrão de ordem V3, em formas variantes quanto à posição de sua realização na periferia à esquerda. Há presença, no corpus, desse tipo de construção na ordem PPXV, com o sintagma preposicional em posição mais alta na periferia à esquerda e um advérbio, outro sintagma preposicional, uma estrutura oracional ou o sujeito da oração em posição mais baixa, precedendo imediatamente o verbo, configurando a ordem PPXV. Encontramos também ocorrências na ordem variante XPPV, com o sintagma preposicional precedendo imediatamente o verbo e um advérbio, uma estrutura oracional ou o sujeito realizado em posição mais alta:

(3.2.83) Sintagmas preposicionais prepostos na ordem variante PPXV:

- (a) *Com ele, à instância do mesmo Vice-Rei*, embarcou para Lisboa o Padre ANTÓNIO VIEIRA, (A. de Barros, 1675)
- (b) e *nêle em pouco* tempo cresceu tanto no esforço e opinião dos homens que já entre êles e do mesmo Emperador era mui conhecido. (R. Lobo, 1579)
- (c) *Sôbre aquilo do convento, cedo* nos veremos e então falaremos. (A. Chagas, 1644)
- (d) mas *do moderno em Veneza e em Senna* vi o mais nobre. (F. de Holanda, 1517)

- (e) *Dos regallados finalmente tanto* se apurou nesta materia, que lhe deu huma abominação de estomago (M. do Céu, 1658)
- (f) pois, *pola irmandade de meus antepassados e minha, em tôda a ocasião* deve Vossa Majestade usar delas como se foram comuns a ambos. (R. Lobo, 1579)
- (g) *Com eloquência muda ali* reprendem as da idade presente (P. de Almeida, 1597)
- (h) E pera maior dissimulação, ao outro dia lhe mandou os cascos de três naviosvelhos (D. Couto, 1542)
- (i) E com elas ordinariamente se levantava à meia noite. (L de Sousa, 1556)
- (j) *daquela amorosa e piadosa mão de Deus igualmente* havíamos estimar tudo o que nos vem, porque tudo é bem; (A. Chagas, 1631)

Verificamos haver frequência menor de ocorrência dessas construções na ordem XPPV quando o sintagma preposicional tem o estatuto de argumento. Entre os dados que levantamos desse tipo de construção, projetadas nessas duas ordens, encontramos apenas as ocorrências, que acrescentamos a seguir, na ordem XPPV, com um advérbio ocupando a posição mais alta à esquerda e um sintagma preposicional na categoria de argumento ocupando a posição que precede imediatamente o verbo:

(3.2.84) Sintagmas prepositivos prepostos na ordem variante XPPV:

- (a) *Primeiramente da patria, e da geração, e por si,* se conhecem quasi os homens, que os francezes deferentes são dos spanhóes, os mouros dos tudescos, e os gregos dos judeus, e assi as outras nações todas são mui deferentes. (F. de Holanda, 1631)
- (b) *No meio deste trabalho, e em prémio dele,* tiveram a glória os incansáveis Missionários (A. de Barros, 1675)
- (c) mas *logo por sua morte* se começou a sentir falta nesta obrigação (A. Brandão, 1584)
- (d) *Especialmente das suspeitas* diz São Bernardo que turbam a sinceridade do amor, assim como as fezes revolvidas o licor puro (M. Bernardes, 1644)
- (e) *& dahi, por morte de Hispalo seu filho,* tornou a reynar em Espanha, onde acabou a vida. (B. de Brito, 1569)

A frequência maior de sintagmas prepostos na ordem XPPV é evidenciada, no corpus, na forma que dispõe do sujeito ocupando a posição de X. O sujeito, nessa posição, pode ser um sintagma nominal, um pronome ou mesmo um sintagma quantificado. Há, entretanto, ausência, no corpus, de ocorrências com sujeito na categoria de quantificadores nus em posição mais alta na estrutura da frase. O sintagma preposicional, realizado entre o sujeito e o verbo finito, pode ser um adjunto ou um argumento. Não há restrição de o sintagma preposicional na categoria de argumento ser realizado por um quantificador.

(3.2.85) Ordem SPPV:

- (a) e eu espero que elle *nisso* faça o que deve, (D. João III, 1502)
- (b) e *eu d'elle* confyo, lhe tenho sobre yso esprito e dado conta do que por vos mândo dizer a elRey. (D. João III, 1502)
- (c) *ElRei de Zeilá com o socorro dos Turcos* ficou tão soberbo, e confiado, que foi logo buscar Dom Christovão, (D. Couto, 1542)
- (d) *Polidoro dos modernos* foi em Roma o que mais valente mestre se mostrou n'estamaneira de fazer de preto e branco, e é a pintura mais grave e mais suave que eu sei. (F. de Holanda, 1517)
- (e) mas *eu nada d'isso* me spantarei. (F. de Holanda, 1517)
- (f) mas *eu nem por esta confissão* me ponho em graça (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (g) *Alguns Capitães & soldados dos Imperiaes sem ordem do Emperador* sahirão do campo, (A. Brandão, 1584)
- (h) *Alguns Auctores modernos com pouca consideração* nomeão Egas Moniz com o sobrenome de Coelho. (A. Brandão, 1584)
- (i) *Os Papas em suas Bullas* tratão os Reys Portuguezes com extraordinarios favores, louvando suas empresas, seu zelo, suas vitorias. (A. Brandão, 1584)
- (j) *elle com este intento* a separou das mais, & trouxe em parte, que algum potro lhe não chegasse, & dahi a mes & meo a vio prenhe: (B. de Brito, 1569)

Entre esses dados, encontramos ocorrências licenciadas na forma PPSV, com o sintagma preposicional em posição mais alta e o sujeito em posição mais baixa, precedendo imediatamente o verbo. Não há restrição de uso de sujeitos na categoria de quantificadores nus nessas construções.

(3.2.86) Ordem PPSV:

- (a) que, *por tam pequena cousa, elle* deixara pasar uma tamanha, do que outras tanto mayores se podem seguir; (D. João III, 1502)
- (b) E *com a penna eu* fui o primeiro que em Spanha desenhasse sem perfil, se não me engano; (F. de Holanda, 1517)
- (c) *N'esta parte Micael Angello* foi constantissimo, que nunca se deixou anichelardos comuns e fracos entendimentos dos imperitos, (F. de Holanda, 1517)
- (d) se *por êle* Polícrates morreu na fôrca; Cresso, na fogueira; Crasso, degolado; Heliogábalo, arrastrado, (R. Lobo, 1579)
- (e) e *dos nossos ninguém* perigou (M. de Galhegos, 1597)
- (f) e *do pai ninguém* duvidou ser criado tanto à sua vontade que pretende que todos estimem e aproveem o que êle aprova e estima. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (g) e *entre todas as injustiças nenhuma*s clamam tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, (A. Vieira, 1608: Cartas)

Dentro da proposta de análise que estamos assumindo neste trabalho, o sujeito expresso em posição pré-verbal nessas produções de ordem PPSV é realizado dentro da estrutura prosódica da oração, sendo deslocado de sua posição canônica no Spec de IP para a posição de tópico ou foco. O sujeito em posição pré-verbal pode também ser realizado como um adjunto em posição externa ao contorno intoacional da oração, recebendo, nessa posição, a interpretação de tópico contrastivo. Outras ocorrências de sintagmas preposicionais em posição pré-verbal projetando a ordem PPXV são mais apropriadamente interpretadas como realizações de estruturas de Tópico Pendente. Nos exemplos a seguir, a posição de X pode ser ocupada pelo sujeito da oração, por um advérbio ou por argumento do verbo haver.

(3.2.87) Ordem PPXV em configuração de Tópico Pendente:

- (a) *De Baltesar de Senna, architector, muitas façadas de paços* ha nesta cidade, de branco e preto, e de Maturino e de Polidoro, homem que, naquela maneira da fazer, manificamente ennobreceu Roma. (F. de Holanda, 1517)
- (b) *Dos modernos Lionardo de Vince*, segundo vi em Napoles n'uma grande cabeça de cavallo de bronzo, e Donatello scultor, tinhão muita parte n'isso de seu nome e primor.

(F. de Holanda, 1517)

(c) *Da mão de Bastião Venezeano a pintura de São Pedro Montorio* tem fama, o qual fez por competir com Rafael. (F. de Holanda, 1517)

(d) *De despacho ainda* estamos na mesma incerteza, porém com ele ou sem ele, não demorarei mais a função. (A. Gusmão, 1696)

(e) Mas *da gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora também* vi em Nossa Senhora do Populo a *sua* imagem antiquíssima feita polo mesmo São Lucas, com o menino paleado, em o colo. (H-001, 141)

(f) *Deste Gabriel de la Rey barbaramente* ofereciam *seus* despachos porque justificavam serem hamburgueses. (M-004, 143)

Nos exemplos expostos em (3.2.87 a, c), não há um elemento ou uma categoria vazia na frase correferente ao sintagma preposicional topicalizado; em (3.2.87 b, d, e, f), a correferência do sintagma preposicional topicalizado é estabelecida na frase por pronomes possessivos e/ou por PPs pronominais: *seu nome, sua, seus, com ele, sem ele*. Dentro do conceito de Duarte (1987) para as estruturas de tópico marcado do português europeu moderno, essas construções corresponderiam a estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente. As ocorrências apresentadas em (3.2.87 a, c) corresponderiam a estruturas de Tópico Pendente.

3.2.2.4 O fronteamento de advérbios quantitativos.

A peculiaridade do português clássico de licenciar o fronteamento de sintagmas com funções gramaticais diferentes em posição de foco é confirmada nas ocorrências levantadas do corpus que dispõem de advérbios quantitativos em posição pré-verbal. A frequência de uso dessas construções nos textos dos séc. 16-17 é significativamente menor do que o uso de sintagmas nominais, sintagmas preposicionais e/ou de advérbios não quantitativos topicalizados e/ou focalizados. Outro fato constatado na pesquisa é a tendência generalizada de uso desses advérbios em posição pré-verbal no padrão de ordem V2, na forma de estruturas de Focalização-V2.

Enfatizamos que esse é um dos contextos obrigatórios de uso de clíticos em próclise. Na

história do português, advérbios quantificacionais em sentenças com clítico, categoricamente, desencadeiam a próclise (Martins, 1994). Dentro da proposta que estamos seguindo, a força quantificacional desses advérbios define-os como estruturas de foco.

(3.2.88) Advérbios quantificacionais fronteados no padrão de ordem V2:

- (a) *Muyto vos* agradeço quam myudamente me de todo avisaees, e as boas llenbranças de vosas cartas. (D. João III, 1502)
- (b) e se *muíto* estima a gram pintura. (F. de Holanda, 1517)
- (c) que muito vale a pintura e mui pouco fóra d'ella (F. de Holanda, 1517)
- (d) E *tanto lhe* durou que nem na última idade o largou e (L de Sousa, 1556)
- (e) *Muito* engrandecera Cadmo aquella terra com sua prudencia, se a fortuna lhe não fora contraria no melhor tempo; (B. de Brito, 1569)
- (f) Mas *pouco* lhes durou a tyrannia, (B. de Brito, 1569)
- (g) *Pouco* pudera eu dizer (respondeu Leonardo) se não fôsse acostado à vossaerudição e autoridade (R. Lobo, 1579)
- (h) *Muito me* alegre com a vitória que alcançastes da cidade de Tiro e com todas vossas venturas e façanhas (R. Lobo, 1579)
- (i) *Tanto* perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte, (S. de Faria, 1583)
- (j) *Nada me* deixou em pé esta tormentosa fortuna, senão o desejo de ser muito agradecido. (M de Melo, 1608: Cartas)
- (k) *Muito* folgamos de ver as cópias do Governador do Brasil, (A. Vieira, 1608: Cartas)

Registramos nesses dados uma ocorrência de advérbio quantificacional no padrão de ordem V3, com esse elemento realizado em posição mais alta na estrutura da frase e outro constituinte da oração precedendo imediatamente o verbo:

(3.2.89)

muito por vontade lhe entregai o coração (A. Chagas, 1631)

3.2.2.5 O fronteamento de predicativos.

Nossa pesquisa revela que o português clássico licencia sintagmas adjetivais com a função gramatical de predicativos de sujeito²¹ em posição de tópico ou foco no contexto de sentenças raízes e/ou subordinadas com verbos transitivos e verbos intransitivos. A frequência de uso de predicativos de sujeito em posição de tópico ou foco é maior no contexto de sentenças de ordem V2 com verbos intransitivos. Este é um dos contextos de formação de estruturas de tópico/foco de uso regular e freqüente nos textos dos autores dos séc. 16-17 e também nos textos dos autores nascidos a partir do séc. 18.

(3.2.90) Sintagmas adjetivais topicalizados/focalizados em sentenças com verbos intransitivos:

- (a) *Muito magoado* andava o Governador Martim Affonso de Sousa de Coge Cemaçadim o ter enganado no negócio do tesouro do Accedecan, (D. Couto, 15)
- (b) *Contentissimo elRey* do que ouvia, sahio huma tarde a passear (como se diz em sua Chronica) pelo campo de Coimbra, que chamão do Arnado (A. Brandão, 1584)
- (c) *Assaz lastimado* ando do que me dizem de Ene (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (d) *Bem aviado* estava o crédito de nosso amor, se ele se houvesse de pesar pelo peso de nosso pesar. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (e) *Luxuriosa* cousa é o vinho, (M. Bernardes, 1544)
- (f) *Aparelhado* estou para passar por onde eles passaram, a troco de chegar onde eles têm chegado. (M. Bernardes, 1544)
- (g) *Neste estado de horror e miséria*, sai de noite o príncipe Jónatas, filho de el-rei Saul, (A. Vieira, 1608: História do Futuro)
- (h) *Muito mais* loucos somos, (A. Vieira, 1608: Sermões)
- (i) *& por general do campo hia hum Heredim Mafamede*, cunhado do mesmo Rey, casado com uma sua irmam, & Governador do reyno de Baarrós. (M. Pinto, 1510)

²¹ Estamos adotando para os sintagmas adjetivais prepostos nessas construções do português clássico a terminologia dada pela gramática tradicional.

(3.2.91) Sintagmas adjetivais topicalizados/focalizados em sentenças com verbos transitivos:

(a) Assim *resoluto* avisou ao secretário era tempo que se retirasse; (M de. Melo, 1608: Tácito)

(b) *Exército* se chama a universal hierarquia dos espíritos. (M de. Melo, 1608: Cartas)

(c) *Benigno* me ouviu Sua Majestade, (A. Gusmão, 1696)

3.2.2.6 O fronteamento de argumento do verbo haver.

A propriedade do português dos séc. 16-17 de manifestar estruturas de tópico e/ou foco com efeitos V2 é confirmada nas sentenças formadas com o verbo *haver*. Os dados levantados em nossa pesquisa apresentam ocorrências desse tipo de estrutura com o fronteamento de argumentos do verbo *haver* na categoria de sintagmas referenciais e/ou não referenciais.

(2.3.92) Argumentos de *haver* fronteados na categoria de sintagmas nominais:

(a) *Outra doação* ha neste Mosteiro, em que elRey Dom Afonso lhe dà a Igreja de São Martinho de Gaia, & algumas herdades, em terras de Entrambolos rios, & se chama nella pio, vencedor, triunfante, & sempre invencivel, (A. Brandão, 1584)

(b) *Cinco conferências* houve a semana passada, (A. Vieira, 1608: Sermões)

(c) *Lanços* ha em que està bem ao Principe exporse aos perigos da guerra, & outros em que seria grande erro offererse a elles. (A. Brandão, 1584)

(d) e *pessoa* houve de grande valor e juízo que disse a El-Rei, notando profundamente as demasias de suas paixões: (M. Melo, 1608: Tácito)

(e) *Opiniões* ouve tambem, que o inventor destas Pyramides fora o Patriarcha Joseph, para effeito de arrecadar nellas o trigo, com que sustentou aquelle Reyno nos sete annos da fome; (B de Brito, 1569)

(f) *Duvida notavel* ha entre alguns Authores graves, se esteve o Patriarcha Noe presente á fabrica da torre, ou se estaria ja quieto em Italia, onde viveo muito tempo debaixo deste nome Jano, (B de Brito, 1569)

(3.2.93) Argumentos do verbo *haver* fronteados na categoria de sintagmas quantificados/quantificadores nus:

(a) *nenhuma dúvida* há (respondeu o Doutor) que a prática seja mais nobre, mais antiga e mais excelente. (R. Lobo, 1579)

(b) *Alguns grandes* houve entre os grandes, uns que se passaram ao serviço de El-Rei Dom Filipe, outros que, com maior ousadia, o quiseram servir em Portugal; (A. Vieira, 1608: História do Futuro)

(c) *Alguns* ha que tem pera si não ser esta sucessão immediata a Josue, (B-007,240)

(d) *nada* houve de raro e delicado que não servisse naquêlê dia aos olhos e ao gôsto. (C. Brochado, 1651)

(e) *Alguns* há aqui de fortuna que se podem estabelecer para sempre, e êsses são os melhores. (C. Brochado, 1651)

(f) *nenhuma coisa* houve mais assentada na antiguidade, que ser inhabitavel a zona tórrida (A. Vieira, 1608: Sermões)

(g) *Ninguem* ha n'este mundo que se descreva com a sua definição. (A. Vieira, 1608: Sermões)

Encontramos, no corpus, ocorrências de fronteamo de argumentos do verbo *haver* na forma de sintagmas descontínuos. Confirma-se, no uso dessas construções, a peculiaridade do português clássico de topicalizar/focalizar partes de um DP, permanecendo o restante do material *in situ*.

(3.2.94) Fronteamo de argumentos do verbo *haver* na forma de sintagmas descontínuos:

(a) e *pintor* haverá *que* pinta quantas cousas ha no mundo tão imperfeitamente e tão sem nome que seria melhor não fazê-lo. (F. de Holanda, 1517)

(b) E *mestre* haverá *excelente que* nunca pintou mais que uma só fegura, e sem mais pintar merece mór nome e honor que os que pintaram mil retavolos, e melhor sabe elle fazer o que não faz, que os outros sabem o que fazem. (F. de Holanda, 1517)

(c) *Outras invenções* ha *de sortes, & modos de adivinhar*. (B de Brito, 1569)

(d) *Muitos erros* há (disse Dom Júlio) *nascidos da mesma ocasião* (R. Lobo, 1579)

(e) porque *ninguem* ha tão recto juiz de si mesmo, que ou diga o que é, ou seja o que diz. (A. Vieira, 1608: Sermões)

Notamos haver, nos textos pesquisados, restrição de uso de argumentos do verbo haver fronteados em sentenças no padrão de ordem V3. As três ocorrências encontradas no corpus são produzidas por autores nascidos no séc. 17.

(3.2.95) Argumentos do verbo haver fronteados coocorrendo com estruturas de Tópico Pendente:

(a) Quanto ao espiritual, *ninguem* ha no mundo que possa responder a esta pergunta

(A. Vieira, 1608: Sermões)

(b) Entre todos os expositores da Escripura, mais letrados e de maior engenho, *nenhum* houve até agora que dêsse satisfação cabal a esta duvida. (A. Vieira, 1608: Sermões)

(c) fora desta *nenhuma* hauia (M. do Céu, 1658)

A ocorrência em (3.2.95 a), encontrada nos dados levantados de Os Sermões, de Antonio Vieira, apresenta o argumento do verbo haver fronteados precedido de uma estrutura de Tópico Pendente. As ocorrências em (3.2.95 b, c) apresentam o argumento do verbo haver fronteados precedido de sintagmas preposicionais. Em todas essas três produções, o argumento do verbo haver fronteados é um sintagma quantificado/quantificador nu, o que nos permite interpretá-lo como elemento que carrega o acento de foco.

3.2.2.7 O fronteamento de estruturas oracionais de participio.

Além da propriedade intrínseca de manifestar estruturas de tópico/foco em configuração-V2, com o deslocamento de qualquer constituinte da oração, o português clássico licencia o deslocamento de estruturas oracionais nominalizadas para a posição pré-verbal de orações matrizes. Registramos no corpus ocorrências desse tipo de construção com o fronteamento de orações gerundivas e participiais. Contemplamos, neste trabalho, somente as ocorrências que dispõem de estruturas oracionais fronteadas com o estatuto de orações reduzidas de participio. Embora a frequência de uso desse tipo de construção seja consideravelmente baixa, elas são encontradas nos dados de autores nascidos no século 16 e também nos dados de autores nascidos no século 17. Em ambos os séculos, a frequência maior de uso dessas construções é na ordem V2, com sujeito nulo ou com esse constituinte

expresso em posição pós-verbal em configuração de inversão germânica.

(3.2.96) Fronteamento de estrutura oracional de participio em configuração de inversão germânica:

- (a) *Depois de despachado Luis Afomso, e estando pera partir, me vieram, novas das naaos de Imdia que agora se esperavam*, (D. João III, 1502)
- (b) *Chegado a Goa, diz Pero de Mariz que o mandou o vizo-Rei por Provedor-mor dos defuntos da China*, (S. de Faria, 1583)
- (c) *Chegados os doze exploradores da Terra da Promissão, concordaram todos na largueza, bondade e fertilidade da terra*; (A. Vieira, 1608: História do Futuro)
- (d) *Recolhido o duque a Vila Viçosa, sucedeu logo a mudança do príncipe pela morte de Filipe III* (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (e) *Extraídas do Convento as religiosas presas, fará Vossa Mercê que saia logo dele o fato que houverem de levar*, (A. Gusmão, 1696)

(3.2.97) Fronteamento de estrutura oracional de participio sem sujeito expresso:

- (a) *PARTIDO (como já dissemos) o valeroso capitão Hercules pera Italia, começou Hispalo seu filho a governar o Reyno de toda Espanha*, (B. de Brito, 1569)
- (b) *Acabada a pregação fazia pôr três mesas em lugares diferentes* (L. Sousa, 1556)
- (c) *e, despachado o correio, deixou logo o convento*. (L. Sousa, 1556)
- (d) *mas passada a festa irei logo fazer todas as diligências*. (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (e) *Chegado a esta côrte avisei logo a Vossa Excelência da minha vinda e da causa dela, significando o sentimento, com que ainda estou, de por tão poucos dias perder a Vossa Excelência*. (A. Vieira, 1608: Cartas)
- (f) *Repulsado o Vimioso, procederam à consideração de outros sujeitos*. (M. de Melo, 1608: Sermões)
- (g) *Movido desta resposta (e muito mais dos conselhos de Santa Catarina de Sena, que lhe conheceu e aprovou o pensamento com que andava de mudar-se), passou a Cadeira para Roma*, (M. Bernardes, 1644)
- (h) *Empenhada em os creditos de hum auzente, orava por elle*, (M do Céu, 1658)

O uso generalizado da próclise no licenciamento dessas construções em sentenças com

clíticos nos permite definir a realização da estruturas de participio em posição interna à fronteira prosódica da oração matriz.

(3.2.98) Fronteamento de estrutura oracional de participio com clíticos em próclise:

- (a) *Passados cinco dias depois de eu ser aly chegado, me* mandou el Rey chamar, (M. Pinto, 1510)
- (b) *Depois de isto assi ordenado, se* partio o Visorrey desta barra de Goa uma quinta feira pela menham, seys dias do mês de Dezembro. (M. Pinto, 1510)
- (c) *Reformado deste naufrágio se* veio a Malaca, e daí a Goa, (S. de Faria, 1583)
- (d) *Acabado o seu tempo se* embarcou pera Goa com esperanças de lograr algum descanso nela; (S. de Faria, 1583)
- (e) pois, *fiado eu na firmeza da sua bondade a meu respeito,* às vezes *me* descuido mais do que cabe nos limites da paciência e da desculpa. (A. Gusmão, 1696)
- (f) e *passado algum tempo a* torne de novo a especular e ver como coisa estranha, (P de Almeida, 1597)
- (g) *Chamados os Medicos a* mandaraõ logo sacramentar, recebendo o desengano da vida, como quem estaua tambem aparelhada para a morte (M. do Céu, 1658)
- (h) *Ditas estas palavras lhe* sobreveo hum brando sono, (A. Brandão, 1584)

A variação de uso dessa construção com clíticos dispostos em ênclise é verificada somente em contextos com verbos intransitivos e uso do clítico *se* na categoria de pronome reflexivo. Há ausência, em nossos dados, desse tipo de estrutura com clíticos diferentes do pronome *se* reflexivo em posição de ênclise.

(3.2.99) Fronteamento de estrutura oracional participial com clítico *se* disposto em ênclise:

- (a) *Passada aquela contagião, e outros trabalhos que naquele tempo sucederam a este Reino, de grandes inundações de água, e tremores de terra,* veio-se João de Barros a Lisboa, onde el-Rei o proveio do cargo de feitor da casa da Índia, e Mina, de propriedade (S. de Faria, 1583)
- (b) *Concluídos estes despachos em Janeiro de 1568,* foi-se João de Barros pera a sua quinta da Ribeira de Alitém junto a Pombal pera possuir aquele ócio da velhice, (S. de Faria, 1583)
- (c) *Acabado o capítulo,* saiu-se o eleito do coro e foi-se lançar diante do Santíssimo

Sacramento no altar de Jesus, (L. de Sousa, 1556)

Registramos, no corpus, ocorrências da forma variante XSV, com o sujeito expesso precedendo imediatamente o verbo. Em sentenças com clíticos, a próclise é generalizada, independentemente da categoria reflexiva ou não desses pronomes:

(3.2.100) Ordem XSV:

(a) *DESPIDIDO o Bramene, o Capitão mór Gonçallo Vaz Coutinho se determinou de todo em pelear com os Turcos*, (M. Pinto, 1510)

(b) *E satisfeito este concerto por ambas as partes, a Bata se tornou para sua terra, onde desfez logo o seu campo, & despidio toda a gente* (M. Pinto, 1510)

(c) *PASSADO este tempo da minha infirmitade, Pero de Faria me mandou logo chamar á fortaleza*, (M. Pinto, 1510)

(d) *Chegado este Embaixador ao Achem, elle o mandou receber honradamente, & lhe tomou a carta que lhe trazia*, (M. Pinto, 1510)

(e) *Acabadas em Espanha estas cousas, Osiris se tornou com seu exercito caminho do Egypto*, (B de Brito, 1569)

(f) *Despedida esta Armada, o Governador se fez à vela, levando sete galeões*, (D. Couto, 1542).

(g) *DIVIDIDOS em varias partes do mundo os descendentes de Noe conforme a primeira divisão, que ja tocamos, Tubal filho de Japhet com a gente de sua familia, escolheu por habitação muy accõmodada a seu gosto, a parte mais occidental de Europa, pera onde se partio com grande numero de gente*. (B. de Brito, 1569)

(h) *Perdido Tristão de Mendonça e por essa causa derrotado o socorro que se enviava ao sítio da ilha Terceira, logo El-Rei pôs em prática o despacho de outra armada para aquele efeito*. (M de Melo, 1608: Tácito)

3.3 Mudanças de comportamento sintático no licenciamento de estruturas de tópico e foco no português a partir do século 18.

Apresentamos, nesta seção, as mudanças estruturais que emergem nos textos dos autores nascidos entre 1702-1845 nas formas de manifestação de estruturas de tópico e foco. Ainda que o volume de textos que representam o português do século 19 seja consideravelmente menor do que o volume dos textos que representam o português em uso no séc. 18 e português em uso nos séc. 16-17, os dados que lhes são pertinentes apresentam de forma regular os fatores que definem a mudança de comportamento sintático no licenciamento dessas construções.

Levantamos dos textos dos autores nascidos no século 18-19 um total de 8295 sentenças raízes e encaixadas de ordem V2/V3/V4, com argumentos e/ou adjuntos ocupando posições na periferia à esquerda dessas orações. Classificamos essas construções seguindo os mesmos critérios adotados na descrição dos dados levantados dos textos dos autores dos séculos 16-17. Separamos em subconjuntos as ocorrências que apresentam objetos pré-verbais em sentenças que projetam as ordens V2/V3/V4. Em outro subconjunto, reunimos as ocorrências que licenciam sintagmas com funções gramaticais diferentes de objeto em posição pré-verbal nesses padrões de ordem. Formamos outros subconjuntos de dados com as ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica e Tópico Pendente.

O primeiro fato empírico visível de mudança de comportamento sintático nos textos dos autores nascidos no séc. 18 e meados do séc. 19 em relação ao comportamento dos autores nascidos entre os séc. 16 e 17 é a evolução da frequência de uso menor de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito e adjuntos adverbiais em posição pré-verbal, em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2. Do total dos dados levantados, separamos e quantificamos 6451 ocorrências dessas construções no padrão de ordem V2. A quantificação dos dados por século de produção, apresentada a seguir, confirma essa mudança:

Tabela 19. Taxa média de frequência de uso da dos constituintes em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 nos textos dos autores nascidos nos séculos 18-19.

Período	Séc 18	Séc 19
Suj	67,0%	69,8%
Objeto	5,3%	2,6%
PP	8,2%	3,4%
ADV	17,0%	21,5%
Pred	1,0%	1,1%
Suj Subord	0,7%	0,7%
ADVQ	0,6%	0,7%
ArgH	0,2%	0,0%
Or. de partic	0,0%	0,1%

O resultado apresentado no quadro acima define nitidamente mudanças de comportamento com respeito à frequência de uso de objetos e sintagmas preposicionais fronteados nos textos dos autores nascidos nesse período em relação à frequência de seu fronteamto nos textos dos autores dos dois séculos precedentes. De acordo com o resultado que alcançamos na descrição dos dados levantados dos textos dos séc. 16-17, apresentado na primeira seção deste capítulo, a taxa média de uso de objetos fronteados na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 naqueles textos é de 12,% e de sintagmas preposicionais é de 20,4%. Nos textos dos autores nascidos nos séc. 18-19, como podemos conferir, a taxa média de uso de objetos fronteados cai para 4,4% e de sintagmas preposicionais fronteados para 6,6%.

Em se tratando de uso de advérbios circunstanciais em posição pré-verbal em sentenças raízes e/ou subordinadas que projetam a ordem V2, há uma ligeira queda da frequência desse tipo de construção nos textos do séc. 18; mas ela volta a subir nos textos do séc. 19.

O fato relevante transparecido no resultado mostrado neste quadro é a relação estabelecida entre o aumento de 26,6% da frequência de uso de sentenças de ordem SV nos séc. 18-19 e a queda, na mesma proporção, da frequência de uso de constituintes diferentes de sujeito em posição pré-verbal:

Tabela 20. Taxa média da frequência de uso do constituinte em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 na diacronia.

Taxa média	Séc.16-17	Séc 18-19	aumento	diminuição
Suj	41,3%	67,9%	26,6%	
Obj	11,7%	4,4%		7,3%
PP	19,8%	6,6%		13,2%
ADV	21,3%	18,5%		2,8%
Predic	1,9%	1,0%		0,9%
Suj Subord	0,8%	0,7%		0,1%
ADVQ	1,7%	0,7%		1,0%
ArgH	0,6%	0,1%		0,5%
Or. de partic	0,8%	0,0%		0,8%

Descrevemos, a seguir, as mudanças de comportamento lingüístico dos autores nascidos a partir do século 18, plenamente evidenciadas no resultado exposto neste quadro. Vamos tratar primeiro das mudanças operadas no licenciamento de objetos fronteados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica e estruturas de Topicalização/Focalização-V2.

3.3.1 O licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica no português a partir do séc. 18.

Contrariamente aos fatos atestados nos dados dos autores nascidos no período precedente, que apresentam regularidade de uso maior de objeto topicalizado na forma de estruturas de Topicalização-V2, os dados dos autores nascidos a partir do séc. 18 apresentam evolução da frequência de uso maior de objetos topicalizados na forma de Deslocada à Esquerda Clítica.

Seguindo a mesma metodologia que adotamos ao descrevermos as formas de manifestação de objetos topicalizados nos textos dos séc. 16-17, separamos do conjunto de ocorrências que levantamos dos textos dos séc. 18-19 de objetos fronteados no padrão de ordem V2 as ocorrências que dispõem de objetos nessa configuração na categoria de sintagmas quantificados/quantificadores nus e construções que, visivelmente, expressam focalização, com o objeto fronteado precedido de operadores de foco. Reunimos e quantificamos um total de 372 ocorrências de objetos na categoria de sintagmas referenciais topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e estruturas de Deslocação à

Esquerda Clítica. O resultado da quantificação desses dados revela que, já no século 18, evolui a frequência de uso de objetos topicalizados na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica; diminuindo, na mesma proporção, a frequência de uso de objetos fronteados na forma de estrutura de Topicalização-V2.

Nos textos dos séc. 16-17, como mostramos, a taxa média de uso de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica é de 16,0%; nos textos dos séc. 18-19, a taxa média de uso dessas estruturas é de 49,2%:

Tabela 21 . Taxa média de frequência de uso de estruturas de Topicalização-V2/ Deslocação à Esquerda Clítica nos textos do séc. 18-19.

Período	Séc. 18	Séc. 19
TOP	54,8%	36,3%
DEC	45,2%	63,7%

Com exceção de Antonio Verney, que dispõe de objetos topicalizados na forma de Deslocada à Esquerda Clítica com uma taxa de 14,0% de frequência, os outros autores nascidos no século 18 fazem uso desse tipo de estrutura de tópico com frequência acima de 35,0%. Muitos desses autores, inclusive, fazem uso maior de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica do que na forma de Topicalização-V2. No século 19, apenas os dados levantados do texto de Marquês de Fronteira e d'Alorna, autor nascido em 1802, apresentam frequência menor de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica:

Tabela 21. 1: Frequência de uso de estrutura de Topicalização/ Deslocação à Esquerda Clítica nos textos do séc 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garre-Ca	Garr-Tea	Garr-Vi
TOP	52,9%	42,9%	85,4%	50,0%	72,7%	58,3%	57,9%	47,1%	52,6%	45,2%	38,9%
DEC	47,1%	57,1%	14,6%	50,0%	27,3%	41,7%	42,1%	52,9%	47,4%	54,8%	61,1%

Tabela 21. 2: Frequência de uso de estrutura de Topicalização/Deslocação à Esquerda Clítica nos textos do séc 19.

Séc 19	Marquês A.	Branco_Amor	Branco_Moisés	Ortigão	Eça Queiróz
TOP	66,7%	21,1%	45,5%	42,1%	42,9%
DEC	33,3%	78,9%	54,5%	57,9%	57,1%

O resultado exposto nas tabelas acima define nitidamente uma mudança de comportamento linguístico dos autores nascidos a partir do séc. 18 em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séc. 16-17. A tendência dos autores nascidos nos séc. 16-17, plenamente evidenciada nas descrições dos dados apresentadas na primeira seção, é licenciar objetos em posição de tópico na forma de estrutura de Topicalização-V2. Em contrapartida, os autores nascidos a partir do séc. 18 apresentam tendência de uso de objetos topicalizados na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica.

Em condições semelhantes ao português dos séculos 16-17, o português do século 18 manifesta estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos em próclise e/ou em ênclise. Observamos, entretanto, o levantamento de 62 ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V2/V3/V4 com clíticos resumptivos em ambientes não categóricos, haver evolução da frequência de uso maior desse tipo de construção com clíticos resumptivos em ênclise:

Tabela 22. Taxa média da frequência de uso de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com próclise e/ou ênclise nos séc. 18-19.

Período	Séc.18	Séc. 19
DEC com próclise	41,2%	14,3%
DEC com ênclise	58,8%	85,7%

(3.3.101) DEC de ordem superficial V2 com clíticos resumptivos próclise em ambientes não categóricos:

- (a) *O moral lho ensinam as damas com o amor* (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *e a história a fazem renascer a cada instante*. (M. A-001, 50)
- (c) *Esse um m'o mandou e eu t'o mando* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (d) *isso o podera fazer naõ tendo eu Intendencia Alguma sobre o douto Collegio*. (P. Manique, 1733)
- (e) *Thomé Palmilha lhe chamavam por alcunha, que d'outro nome lhe não sube nunca*; (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (f) *Esse destino lho pedi eu muitas vezes*. (C. Branco, 1825: Amor...)
- (g) *e isto o dizia pelas calorosas simpatias de que me viu rodeado*. (R. Ortigão, 1836)
- (h) *Todo aquele escândalo monumental o dava por chic à sua moda*, (R. Ortigão, 1836)

(3.3.102) DEC de ordem superficial V2 com clíticos resumptivos em ênclise:

- (a) *Ao amigo que prega os guardanapos grandes, sucedeu-lhe* neste dia uma desgraça. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Os primeiros princípios, e os primeiros movimentos* reservou-os para si a Providência (M. Aires, 1705)
- (c) *e algumas notícias suas*, curiosas, e mande-*ma* logo pelo correio, como já lhe disse. (A. da Costa, 1714)
- (d) *A um meu amigo* perguntaram-*lhe* como faziam lá os homens quando se faziam calvos? (A. da Costa, 1714)
- (e) *Erba*, vi-*o* tocar muitas vezes a meu gôsto em casa de um discípulo seu, sobrinho do cónego de Santiago de Galiza aonde nos fizemos conhecidos. (A. da Costa, 1714)
- (f) *Ghilarducci*, ouvi-*o* tocar um concerto de solos em Santiago dos Espanhóis. (A. da Costa, 1714)
- (g) *O tal papel das preces, e oração a David* deu-*o* àquela mulher o seu confessor, que é padre crucífero com a condição de rezar tanto cada dia, e trazê-lo consigo, e não sei mais que miuedzas. ((A. da Costa, 1714)
- (h) *Três quartos de vinho que me vieram da Ilha* tomaram-*mos* por perdidos, porque os tirei por alto. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (i) *mas as teorias filosóficas dos liberais*, escarnecia-*as* como absurdas, rejeitava-*as* como perversoras de toda a ideia sã, de todo o sentimento justo, de toda a bondade praticável. (A. Garrett, 1799: Viagens ...)
- (j) *O princípio* porém *da monarquia antiga*, defendia-*o*, já se vê, por verdadeiro, embora fossem mentirosos e hipócritas os que o invocavam. (A. Garrett, 1799: Viagens ...)
- (k) *O Prado* espero-*o* aqui todos os dias, solteiro creio eu. (E. de Queiróz, 1845)

Outro fato que define a mudança de comportamento sintático no licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica é a ausência de ocorrências com clíticos resumptivos em ênclise em ambientes de paralelismo sentencial, um dos contextos de variação de uso da ênclise no licenciamento desse tipo de estrutura no português dos séculos 16-17. A ausência de dados de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com ênclise nesse contexto, nos dados dos autores nascidos a partir do século 18, confirma a natureza diferente desse tipo de construção nos dois períodos investigados. Dentro da proposta que estamos assumindo, do estatuto de adjunto das estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica (CINQUE, 1990; PAIXÃO DE SOUSA, 2004), podemos propor que evolui, nesse período, a frequência de ocorrência de objetos topicalizados na categoria de adjuntos, diminuindo a frequência de sua realização na forma de estrutura de Topicalização-V2.

Importa ressaltar que a propriedade dessa gramática de licenciar sujeito nulo leva a ambigüidade de interpretação da ordem projetada nessas sentenças. Essas produções podem ser analisadas como estruturas de ordem subjacente V1, com o elemento pronominal *pro* em posição pós-verbal, apresentando a mesma configuração estrutural que postulamos para as ocorrências de sujeito nulo no português dos séculos 16-17. Por outro lado, essas construções podem ser analisadas como estruturas de ordem V2, com o elemento *pro* em posição pré-verbal, com o verbo flexionado realizado no sistema de IP. Nessa perspectiva, o português desse período expressaria o mesmo tipo de mudança prosódica do francês medieval, apontada por Kroch (1989; 1994). Nas formulações de Kroch, conforme resenhamos no capítulo 1, no francês medieval, evolui a frequência de uso de objetos pré-verbais na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda, ocorrendo, concomitantemente, diminuição da frequência de uso de objetos na forma de estrutura de Topicalização em configuração V2.

(3.3.103) DEC de ordem superficial V3 com clíticos resumptivos em próclise em ambientes não categóricos.

(a) *Aqueles a quem a Providência fez árbitros do mundo, a mesma Providência os distinguiu.* (M. Aires, 1702)

(b) *O bom tom, eu lho darei antes de muito tempo* (J Daniel da Costa, 1757)

(c) *A magoa que ahinda Presentemente oprime meu Coração eu a Comonico a Vossa Senhora.* (P. Manique, 1733)

(d) *este nome – Marcus Tullius Cicero –os Gregos escreveram-no nas medalhas – Markos Tyllios Kikeron – , que tem bastante diferença do latino.* (A. Verney, 1713)
Senhoria. (P. Manique, 1733)

(e) *essa final e fatal palavra amo-te, Joanhina a pronunciara tão naturalmente, tão sincera, tão sem dificuldades nem hesitações,* (A. Garrett, 1799: Viagens)

A frequência maior de uso dessas construções com próclise é assinalada com clítico resumptivo em ambientes de próclise obrigatória.

(3.104) DEC de ordem superficial V3 com clíticos resumptivos em próclise em ambientes não categóricos:

(a) *A história eles mesmo a fazem.* (C. de Oliveira, 1702)

(b) *O padre frei Bernardo, esmoler-mór, ninguém lh'o tira.* (A. Garrett, 1799: Teatro)

(c) *ninguém adora ao homem por entendido, e à mulher todos a idolatram por fermosa*
(M. Aires, 1702)

(d) *e a todos parece que o Soberano os vê* (M. Aires, 1702)

(e) *Esse mesmo tu o nomeaste.* (A. Garrett, 1799: Teatro)

(f) *É o Pilho: lá isso ninguém lh'o póde negar;* (A. Garrett, 1799: Teatro)

(g) *A ameaça só ela a ouviu;* (C. Branco, 1825: Amor)

(h) *As notícias que consolavam, e os terrores que matavam, o frade é que os trazia.*
(A. Garrett, 1799: Viagens)

(i) *Nossa avó é ele que a mata decerto.* (A. Garrett, 1799: Viagens)

Mostramos, na seção anterior, que os autores nascidos nos séc. 16-17 também licenciam estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V3 com o sujeito expresso em posição

pré-verbal. Nas produções dos séc. 16-17, o clítico resumptivo é realizado em posição de próclise em ambientes categóricos e não categóricos. Não registramos, naqueles dados, ocorrências dessas construções na ordem OSV com clíticos resumptivos em posição de ênclise.

Entre esses dados, encontramos uma ocorrência de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica na ordem padrão V3 com o sujeito expresso em posição pós-verbal e o clítico resumptivo em próclise precedido do advérbio *ainda*:

(3.3.105)

O mais belo contudo de seus ornatos e glórias suburbanas, ainda o possui a nobre vila, não lho destruíram de todo; (A. Garrett, 1799: Viagens...)

Os dados levantados do texto *Viagens na minha terra*, de Antonio Garrett, autor nascido em 1799, registram uma ocorrência de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V3 com o clítico resumptivo disposto em próclise em ambiente não categórico. Nessa produção, um adjunto adverbial se interpõe entre o objeto deslocado e o verbo:

(3.3.106)

Os seus lindos olhos na terra os pregava. (A. Garrett, 1799: Viagens)

Os dados de José Daniel Rodrigues da Costa, nascido em 1757, dispõem de uma ocorrência desse tipo de estrutura de tópico no padrão de ordem V4, com o sujeito expresso em posição pós-verbal e o clítico resumptivo precedido de dois sintagmas adverbiais circunstanciais: um locativo e um temporal:

(3.3.107) DEC de ordem V4 com próclise:

As lições de picaria no meu ruço ou macho, *logo no quintal* as tomarás. (J. Daniel da Costa, 1757)

Os advérbios *ainda* e *logo* se comportam, na diacronia, como elementos desencadeadores da próclise.

Em contrapartida, o português desse período ainda apresenta estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com a interpolação do sujeito ou do operador adverbial de negação “não”, fato este já apontado por Martins (1994) e Namiuti (2008).

(3.3.108) DEC com próclise em ambiente de interpolação:

(a) e *outras* porque *as não* conhecemos, *as não* estimamos; (M. Aires, 1705)

(b) *Êste*, ainda que *o não* conheça, tenho muito melhor opinião dêle que de Dom Diogo; (M. Aires, 1705)

(c) *A influencia do estado politico de huma Nação sobre as suas Artes, e Sciencias, só a não* colhe quem destas e daquella não fizer a mais minima idéa. (A. Garrett, 1799: Cartas)

(d) *As proprias Trovas do Bandarra* como *as eu* tenho n'aquelle manuscripto precioso que é unico em Portugal... no mundo, meu amigo! (A. Garrett, 1799: Teatro)

(e) *Homens* também *os não* havia – uns tinham morrido na África, outros andavam rezando pelas igrejas de Lisboa. (E. de Queiróz, 1845)

3.3.2 Restrição de licenciamento de estruturas de Topicalização/Focalização-V2.

Concomitantemente à evolução de uso maior de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, aumenta, nesses textos, a frequência de objetos fronteados na categoria de sintagmas não referenciais. Dentro das considerações de Cinque (1990, p. 63), um constituinte focalizado é inconsistente com um clítico resumptivo. Nos conceitos de Rizzi (1997, p. 290), uma das características diferenciadoras entre as estruturas de tópico e foco do italiano moderno é a natureza quantificacional do elemento que carrega a função de foco, mas não do sintagma que carrega a função de tópico. Segundo Rizzi, os elementos quantificacionais nus que não são associados a uma restrição lexical dentro do DP não podem ser tópicos, não sendo, portanto, licenciados nas construções de Deslocação à Esquerda Clítica.

Paralelamente a essa mudança, aumenta a frequência de uso de objetos fronteados na categoria de quantificadores nus. Nos textos dos autores nascidos nos séc. 16-17, somente 7,6 % das ocorrências de objetos fronteados em sentenças de ordem V2 correspondem a

objetos na categoria de quantificadores nus; nos dados dos autores nascidos nos séc. 18-19, a taxa média de frequência de uso de objetos fronteados na categoria de quantificadores nus é de 25,5%:

Tabela 23. Taxa média da frequência de uso da categoria do objeto fronteado no padrão de ordem V2 nos séc. 18-19.

Período	Séc 18	Séc 19
Pronome demonstr	27,0%	12,5%
Sintag nominal	35,4%	37,5%
Pronome pessoal	2,7%	5,4%
Sintag quantificado	10,6%	14,3%
Quantificador	24,3%	30,4%

Ao compararmos o resultado obtido na quantificação dos dados levantados dos textos representativos do português dos séc. 16-17 com o resultado da quantificação dos dados dos textos dos séc. 18-19, apresentados no quadro acima, verificamos comportamentos distintos dos autores nesses dois períodos no que diz respeito à categoria do objeto de uso mais frequente em posição de tópico ou foco no contexto de sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2:

Tabela 24. Taxa da frequência de uso da categoria do objeto fronteado no padrão de ordem V2 na diacronia.

Categoria do objeto fronteado	Séc 16-17	Séc 18-19	aumento	Diminuição
Pronome demonstrativo	14,0%	24,1%	10,1%	
Sintagma nominal	63,4%	35,8%		27,6%
Pronome pessoal	1,4%	3,2%	1,8%	
Sintagma quantificado	14,1%	11,3%		2,8%
Quantificador	7,1%	25,5%	18,4%	

O resultado da quantificação dos dados apresentado na tabela (24) acima evidencia nitidamente mudanças de comportamento lingüístico desses autores em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séculos 16-17. O primeiro fato que expressa mudança é a frequência de uso maior de objetos fronteados na categoria de quantificadores nus; por conseguinte, de uso maior de objetos fronteados que podem ser interpretados como foco. Por outro lado, a queda de 27,6% da frequência de uso de objetos fronteados na categoria de sintagmas nominais nos textos dos séc. 18-19 em relação à frequência de

fronteamento desses objetos nos textos dos séc. 16-17 pode corresponder à taxa de diminuição de uso de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2.

Um comportamento diferente é verificado em relação ao uso de objetos fronteados na categoria de pronomes demonstrativos. Como podemos observar, aumenta a frequência de fronteamento de objetos na categoria de pronomes demonstrativos nos textos do séc. 18 em relação à média de seu fronteamento nos textos dos séc. 16-17. Nos textos do séc. 19, entretanto, ocorre queda abrupta da frequência de fronteamento desses objetos. Como apontamos na primeira seção, o uso de objetos na categoria de pronomes demonstrativos em posição de tópico e/ou foco já apresenta variação nos textos dos séc. 16-17. Em nossa análise, a diminuição da taxa de uso desses objetos em posição pré-verbal nos textos do séc. 17 em relação aos textos do séc. 16 não deve à uma mudança de sistema gramatical no português daquele período, mas a fatores pragmáticos envolvidos nessas produções. Em contrapartida, a queda da frequência de uso desses objetos fronteados nos textos do séc. 19 pode ser atribuída à restrição de licenciamento de estrutura de Topicalização-V2, confirmada em outros contextos.

Estamos assumindo que a frequência maior de objetos fronteados na categoria de quantificadores em sentenças de ordem V2 corresponde à frequência maior de uso de estruturas de foco nos textos desses autores.

(3.3.109) Focalização no padrão V2:

- (a) Julgo que *a ninguém* deixará de parecer óbvio e natural o sentido do texto, tão livre da anfibologia (C. Garção, 1724)
- (b) *Tudo* lhe agradecerei e pode-se retirar. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (c) *Nada* disse ao Príncipe de importante que não fôsse na presença de Vossa Eminência (Marquesa de Alorna, 1750)
- (d) Tudo tenho na cabeça, (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (e) *Nada* conseguiria; (A. Garrett, 1799: Teatro)

No entanto, a mudança de comportamento sintático, nitidamente evidenciada pela evolução da frequência menor de fronteamento de objetos na forma de estruturas de Topicalização-V2 não pode ser tomada em função exclusivamente de uso mais acentuado

de estrutura de foco, haja vista as mudanças processadas no fronteamto de sintagmas com funções diferentes de objeto, que não correspondem necessariamente a um aumento dessas construções na categoria de foco, como as construções que dispõem de sujeito expreso e/ou de advérbios em posição pré-verbal. Ainda que haja aumento da frequência de uso de objetos fronteados na categoria de quantificadores nos textos de autores nascidos nos séc. 18 e 19, seus dados apresentam ocorrências de objetos fronteados na categoria de sintagmas referenciais em configuração de estruturas de Topicalização-V2, com sujeito oculto ou com sujeito expreso em posição pós-verbal.

(3.3.110) Objetos fronteados na categoria de sintagmas referenciais no padrão de ordem V2:

- (a) *Dois dignos vassallos escolheu o soberano* para lhe sucederem nos empregados. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Furor e desesperação* causaram os *desdêns de Susana* aos velhos lascivos e a Fedra os desprezos de Hipólito. (C. de Oliveira, 1702)
- (c) e *isto* guardaria *eu* para uma tragédia; (C. Garção, 1724)
- (d) *Esta generosa liberdade* concede Horácio aos poetas, (C. Garção, 1724)
- (e) e *esta vantagem* levam *todos* os de cá aos de lá; (A. da Costa 1714)
- (f) *Este quadro* vi *eu*, em Munich, na galeria do Príncipe Eugenio, quando viajei com minha mulher. (M. Fronteira e Alorna, 1802)
- (g) *Duas primaveras* via *Simão Botelho* pelas grades do seu cárcere. (C. Branco, 1825: Amor)

Assumimos que o aumento da frequência de uso de objetos fronteados na categoria de sintagma não referencial, configurando estruturas de foco, não é devido à mudança de sistema gramatical em processamento na língua nesse período. O uso mais acentuado de estruturas de foco pode ser justificado por fatores pragmáticos envolvidos nessas produções. Considerando, porém, o fato de essas produções serem formadas num momento de diglossia linguística, podemos interpretar as ocorrências de objetos na categoria de sintagmas não quantificacionais como realizações de estruturas de Topicalização-V2, produzidas pela gramática em uso nos séc. 16-17, que subjaz a escrita desses autores. Nessa perspectiva, a evolução de uso menor dessas construções reflete a competição de gramáticas atuantes nesses textos. Assumindo a proposta de Kroch (1989, 1994, 2001),

definimos que a competição de gramáticas subjacentes à produção escrita desses autores, emerge no licenciamento, em moldes clássicos, de objetos não quantitativos na forma de estruturas de Topicalização-V2 com clítico disposto em próclise e em seu licenciamento, em moldes modernos, na forma de Deslocada à Esquerda Clítica, com o clítico resumptivo em ênclise em ambientes não proclisadores.

De outra parte, observamos haver restrição generalizada de sintagmas fronteados carregando a função de tópico em contextos que licenciam esse constituinte na forma de estruturas de Topicalização-V2 nos séculos 16-17. Descrevemos esses outros contextos de mudança no desenvolvimento desta seção.

A gramática atuante nos textos dos autores dos séc. 16-17 se caracteriza pela propriedade de licenciar objetos com a função de tópico na categoria de elementos fronteados, inseridos na estrutura prosódica da frase, satisfazendo, assim, o requerimento de efeitos-V2. Em contrapartida, o novo sistema que emerge na produção escrita dos autores nascidos a partir do séc. 18 reflete, no uso de estruturas de tópico e foco, propriedades que a aproximam do português europeu moderno no licenciamento dessas construções (BARBOSA, 1991, 1996a, 2009).

Em condições semelhantes aos autores dos séculos 16-17, os autores nascidos a partir do século 18 apresentam restrição de licenciamento de objetos fronteados na forma de estruturas de Topicalização com clíticos em posição de ênclise. Em sentenças com clíticos, o uso da próclise é generalizado. O uso dessas construções com clíticos em próclise é atestado mesmo em ambientes não categóricos.

(3.3.111) Objetos fronteados em sentenças de ordem V2 com clíticos dispostos em próclise em ambientes não categóricos:

(a) e, por isso, *a ela se aplicavam homens* (A. Verney, 1713)

(b) *O mesmo que tenha dito a Vossa Mercê a respeito de livros lhe digo também a respeito de ver mundo* (A. da Costa, 1714)

(c) *A estas razões absurdas me opus eu*, (M de Alorna, 1750)

(d) *Isto se intende se tu proteges, ajudas e encaminhas este negócio* (A. Garrett, 1799: Cartas)

(e) Mas o Pilho, *essa justiça lhe hei de eu fazer*, o Pilho nunca tem petisco sédeço.

(A. Garrett: Teatro)

(f) mas se vossas senhorias tomarem conta da enjeitadinha, *boa esmola lhe fazem*.

(C. Branco, 1725: Maria Moisés)

(g) *três expostos lhe* pusera a Divina Providência no pátio, durante o ano. (C. Branco, 1725: Maria Moisés)

(3.3.112) Objetos fronteados em sentenças de ordem V2 com clíticos dispostos em próclise em ambientes categóricos:

(a) Tudo isto *se* entende visto por diante, (A. da Costa, 1714)

(b) *muito mau jeito lhe* levo para falar pouco. (A. da Costa, 1714)

(c) que *tudo lhe* agradecei muito, sem me aproveitar de nada, do que lhe pedi mil perdões, etc. (A. da Costa, 1714)

(d) Semelhante atentado *nunca se* viu. (J. Daniel. da Costa, 1757)

(e) *pouco ou nenhum proveito se* tira das tardes. (M. de Alorna, 1750)

(f) *Nenhuma impressão me* fêz a má resposta do Arcebispo. (M. de Alorna, 1750)

(g) e *tudo lhe* sacrificara a ele exilado, desconhecido. (A. Garrett, 1799: Viagens)

(h) *Muito prazer nos* deu também a vinda para Bemfica, (M. de Fronteira e Alorna, 1802)

(i) *Todas as minhas angústias lhe* ofereço em desconto das tuas culpas. (C. Branco, 1825: Amor)

(j) *Receita desta não se* pode arranjar (R. Ortigão, 1836)

Ocorrem outras mudanças sintáticas no licenciamento de estruturas de tópico no português desse período. Entre essas mudanças, destacamos a restrição de fronteamento de objetos por movimento longo. Não encontramos nos textos dos autores nascidos nesse período, ocorrências de estruturas de Topicalização/Focalização por movimento longo com objetos deslocados na forma de sintagmas completos e/ou na forma de sintagmas descontínuos. Nesse contexto, os dados desses autores apresentam ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica:

(3.3.113)

(a) *Esta sentença irrevogável* elas mesmas são as que cantando em altas vozes *a* publicam; (M. Aires, 1705)

(b) e *a todos* parece que o Soberano *os* vê (M. Aires, 1705)

(c) *A renda desta quinta* continua o Senhor Francisco Bragadas a pagá-la à mãe carinhosa dos enjeitados. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

(d) *Este olmo que ainda tem um sinal de letras*, fui eu que plantei há vinte e três anos. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

(e) *Estes conselhos e estas informações* que os dêem o Oliveira Martins e o Chagas, que põem as suas fitas e vão com elas ao paço e às Câmaras. (R. Ortigão, 1736)

De modo geral, os dados dos autores nascidos a partir do século 18 apresentam restrição de uso de objetos topicalizados/focalizados na forma de sintagmas descontínuos. Nesse contexto, encontramos uma ocorrência que dispõe de sujeito de mini-oração topicalizado. Chamamos a atenção para o fato de que esta construção é licenciada no texto de José Daniel Rodrigues da Costa, autor nascido em 1757, em contexto de literatura de cordel:

(3.3.114) Topicalização/Focalização de sujeito de mini-oração de objeto direto:

A mana Inês faça Ernesto, a mana Olaia, Eritreia. (J. Daniel da Costa, 1757)

As outras ocorrências de sintagmas descontínuos topicalizados/focalizados, registradas no corpus, são realizações de sujeito de mini-oração de objeto indireto, formadas no contexto de sentenças raízes com o verbo *chamar*:

(3.3.115) Topicalização de sujeito de mini-oração de objeto indireto:

(a) *A estas últimas* chamam os médicos doenças contra as leis da Natureza. (C. de Oliveira, 1702)

(b) *A isto* chamo eu destruir, não emendar, a boa Ortografia (A. Verney, 1713)

(c) *A estes últimos* chama o comum dos Gramáticos grandes Latinos. (A. Verney, 1713)

(d) *Êsse* chamo eu um mesquinho, um miserável (M. de Alorna, 1750)

(e) *A esta saudável ignorância das misérias do próximo* chamava o meu padre Manuel Bernardes "trevas claríssimas". (C. Branco, 1725)

A restrição de licenciamento de sintagmas descontínuos em posição de tópico ou foco é confirmada no uso de predicados de mini-oração. Nos dados investigados, registramos

apenas três ocorrências de estruturas de tópico/foco nessa configuração. Todas as três produções são legitimadas em textos de autores nascidos no século 18:

(3.3.116) Predicados de mini-oração de verbos transitivos topicalizados/focalizados:

- (a) Por Nobre, entendiam os antigos um Herói, (M. Aires, 1705)
- (b) *Escura* chamais vós a uma obra que não há moço de navio que não leia, nem regateira que não chore com ela? (J Daniel da Costa, 1757)
- (c) *O Bravo de Leorne* chama-se o *Senhor Nardini*; (A. da Costa, 1714)

Os textos dos autores nascidos no século 19 não apresentam esta forma de manifestação de estrutura de tópico/foco.

Em contrapartida, encontramos nos textos dos autores nascidos nos séc. 18 e séc. 19 ocorrências de estruturas de tópico/foco de sujeitos deslocados por movimento longo. Nessas produções, o sujeito de uma oração subordinada, formada com verbos transitivos ou intransitivos/inacusativos, precede o verbo da oração matriz. O sujeito da oração matriz, quando expresso, é realizado em posição pós-verbal.

(3.3.117) Sujeito deslocado por movimento longo nos dados dos autores nascidos no séc. 18:

- (a) *A lei e o uso* é necessário que sejam recíprocos (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Aquele célebre português*, a que tu chamas Camones, e de quem ouviste tantas maravilhas em Itália, não sabemos em Portugal que cantasse solfa (C. de Oliveira, 1702)
- (c) *Um sinal em certas partes* da cara dizem que produz um efeito maravilhoso. (C. de Oliveira, 1702)
- (d) Êstes dois homens dizem que são dois estudantes de Coimbra. (A-004,145.1379).
- (e) *Os louvores que Pedro da Silva me deu*, creio que foram a propósito de algumas cartas que vii minhas. (M de Alorna, 1750)
- (f) *Uma irmã chamada Clara*, que é mais velha, também dizem que os faz, porém há opiniões de quem será o autor. (M. Aires, 1705)
- (g) *O primeiro*, disse eu que era o mais perfeito, mas absolutamente impossível em Portugal. (A. Garrett, 1799: Cartas)

(3.3.118) Sujeito deslocado por movimento longo nos dados dos autores nascidos no séc. 19:

- (a) *Os nossos corações* penso eu que estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam. (C. Branco, 1825: Amor...)
- (b) *Esta carta* reconheço que não é alegre. (R. Ortigão, 1825)
- (c) *Maria da Lage*, a mãe, diziam que dava em louca, porque não comia, nem bebia, nem chorava (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (d) *Os Silvas* nem sei quando estão em casa nem se recebem. (R. Ortigão, 1836)
- (e) *O pobre João Arnoso* creio que chegou agora ao seu fim. (R. Ortigão, 1836)
- (f) *O governo* parece que mandará fechar a exposição portuguesa para o fim do mês que vem. (R. Ortigão, 1836)
- (g) *O menino* diz o Eduardo, que cá esteve ontem, que está bom, bom, bom que não pode ser melhor. (R. Ortigão, 1836)

Entre esses dados, encontramos três ocorrências com clítico na oração matriz em posição de ênclise. Duas dessas construções são produzidas por Almeida Garrett, autor nascido em 1799, respectivamente, nos textos “Teatro” e “Cartas”. A outra ocorrência pertence aos dados de Ramalho Ortigão, nascido em 1836.

(3.3.119) Sujeito deslocado por movimento longo com clíticos em ênclise:

- (a) *O nosso Pantaleão* parece-me que desta vez que sincou (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (b) *O canario*, pede-me minha filha que lhe diga que era lindo: sabe?
(A. Garrett, 1799: Cartas)
- (c) *A pista das corridas* sabe-se que é a mais bela do mundo. (R. Ortigão, 1836)

Os dados de Antonio da Costa, autor nascido em 1714, apresentam uma ocorrência desse tipo de construção com clítico na oração matriz disposto em próclise.

(3.3.120) Sujeito deslocado por movimento longo com clítico em próclise:

- Estes lhe digo eu Senhor Doutor, que são enxabidos despropositadamente,
(A. da Costa, 1714)

Uma análise possível para justificar a presença dessa construção com próclise é assumi-la como estrutura gerada pela gramática dos séculos 16-17. Outra proposta seria assumir esta construção como estrutura de foco, gerada pela nova gramática que subjaz a produção escrita dos autores nascidos a partir do século 18. A condição de um DP definido (específico) carregar o acento de foco é confirmada no português brasileiro (cf. KATO & RAPOSO, 1996, p. 267-278). Nas descrições de Kato e Raposo, no trabalho referido, este fenômeno é autorizado no português brasileiro, mas não no português europeu. No português europeu, um DP definido focalizado deve ser não marcado em posição pós-verbal. Para esses autores, no PB e PE, um operador afetivo deve aparecer frontado, sendo interpretado como foco primário da oração. A diferença estrutural entre a produção registrada nos dados de Antonio da Costa e as estruturas de foco do PB analisadas por Kato e Raposo está na posição de realização do sujeito. No dado de Antonio da Costa, o sujeito é expresso em posição pós-verbal; no PB, de acordo com as observações desses autores, a realização do sujeito nessas estruturas de foco é pré-verbal.

Por outro lado, os dados de Camilo Castelo Branco, autor nascido em 1825, apresentam uma ocorrência com o sujeito da oração subordinada ocupando a posição pré-verbal de uma oração matriz sem clítico:

(3.3.121) Sujeito deslocado por movimento longo carregando a função de tópico ou foco contrastivo:

Um anjo só me basta na vida, e *esse* quero eu que me assista na morte.

(C. Branco, 1825: Maria Moisés)

Duas interpretações são possíveis para essa produção: o sujeito deslocado pode ser interpretado como tópico, na medida em que ele retoma um elemento do discurso anterior; podendo também ser interpretado como elemento que carrega o acento de foco, considerando o fato mostrado na pesquisa da presença nos textos de autores nascidos nesse período de construções que expressam ênfase nessa configuração.

Os dados de Matias Aires, autor nascido em 1705, apresentam ocorrências desse tipo de construção no padrão de ordem V3, com um sintagma adverbial locativo focalizado, seguindo imediatamente o sujeito da oração encaixada que precede o verbo da oração

matriz:

(3.3.122) Sujeito deslocado por movimento longo no padrão de ordem V3:

... a Fénix só na Arábia se diz que sabe renascer das suas cinzas (M. Aires, 1705)

Observamos não haver restrição de fronteamto de predicativos de sujeito no contexto de verbos intransitivos. Nessas construções, o sintagma com a função de predicativo, realizado em posição pré-verbal, carrega o acento de foco:

(3.3.123) Predicativos em posição de foco:

(a) *Bem persuadido* estava *eu*, continuou o cavaleiro, tu me não darias crédito.

(C. de Oliveira, 1702)

(b) *Bem aviado* estava *eu*, minhas Senhoras - respondi a todas- se eu falasse com Vossa Senhorias (C. de Oliveira, 1702)

(c) *Bem certa* estou *eu* que tôdas as dilções no importante negócio que expus a Vossa Alteza Real vêm de outras circunstâncias e não do seu ânimo augusto, (M. de Alorna, 1750)

d) Bonita era *ela...* - concordou o estudante de teologia dogmática; (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

Nos três primeiros exemplos acrescentados acima, o predicativo é precedido por um operador de foco, o advérbio quantificacional *bem*; o sujeito é expresso em posição pós-verbal. Essas construções apresentam as duas estratégias de legitimação de foco apontadas por Âmbar (1992, 76) para as construções semelhantes licenciadas no português europeu moderno.

3.3.3 Mudanças no licenciamento de estruturas de tópico de ordem V3/V4.

Em se tratando de objetos em posição de tópico e/ou foco no padrão de ordem V3, a mudança atestada é o aumento da frequência dessas construções com o sujeito expresso em posição pré-verbal em relação à frequência de ocorrência dessas construções nessa

configuração nos textos dos séc. 16-17. E o aumento da frequência de ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco com sujeito expresso em posição pré-verbal nos textos dos séc. 18-19 corresponde ao aumento da frequência dessas construções na ordem OSV.

A frequência maior de sentenças de ordem OSV em uso nesses textos é atestada com objetos (diretos ou indiretos) precedidos ou seguidos de um operador de foco, ou com objetos na categoria de quantificadores/sintagmas quantificados, o que lhes assegura a interpretação de foco.

(3.3.124) Estruturas de foco de ordem OSV:

- (a) *tudo ele* teme (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *à sua vigilância nada* se opõe, (C. de Oliveira, 1702)
- (c) porque *à sua actividade nada* suspende. (C. de Oliveira, 1702)
- (d) que *aos ousados a fortuna* favorece. (M. Aires, 1705)
- (e) *a Galocha já eu* recusei - bem vêes, não podia formar uma aliança que me não desse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (f) *Um nunca eu* pude saber quem era... mas o outro...! (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (g) Se não sabe outro, *esse já eu* conheço. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (h) *A um viajante artrítico um grande médico* inglês disse: (R. Ortigão, 1836)
- (i) *A nenhuma senhora de Lisboa eu* devo metade das obrigações constantes das repetidas, das inalteráveis provas de interesse sincero, de amizade verdadeira que ela constantemente me deu (R. Ortigão, 1836)

(3.3.125) Estruturas de tópico/foco de ordem SOV:

- (a) *e as minhas Palavras e obras bastante Prova* fazem da minha conduta (P. Manique, 1733)
- (b) *eu a elles* e ao Padre Ferraõ recomendo muito vivament sempre, que se não apartem dos seus concelhos, (P. Manique, 1733)
- (c) Enfim, Senhor, *eu nada* disse a Vossa Alteza Real e ao Patriarca que Dom Rodrigo não dissesse antes e muito mais, (M. de Alorna, 1750)
- (d) *Um espaço tão longo de pesares alguma cousa* promete. (M. de Alorna, 1750)
- (e) *Eu as modas* não dispenso (J. Daniel da Costa, 1757)
- (f) *Eu cá nada* sei do que me prégunta; (A. Garrett, 1799: Teatro)

- (g) *Tantos anos de penitência e de remorsos nada* fizeram (A. Garrett, 1799: Viagens...)
- (h) e *nós nenhum conhecimento* tínhamos de o espanhol (M de Fronteira e Alorna, 1802)
- (i) *Minha Avó*, que estava em Londres, *nada* sabia de ele, depois que o Exército entrara em a Polônia. (M de Fronteira e Alorna, 1802)
- (j) mas *o Príncipe nada* decidiu. (M de Fronteira e Alorna, 1802)
- (k) *Os amigos que daí têm vindo recentemente, Navarro, Maria Amália, etc., nenhuma outra notícia* me dão a teu respeito (E de Queiróz, 1845)

3.3.4 Mudança no licenciamento de sujeito pré-verbal.

Entre as mudanças processadas no português a partir do século 18, apontadas no resultado da quantificação dos dados na tabela (21), acima, está o aumento da frequência de uso de sujeito expresso em posição pré-verbal. Nos textos dos séculos 16-17, conforme mostramos, a taxa média de uso de sujeito fronteado em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2 é de 40,5%; no séc 18, a frequência de uso de sentenças de ordem V2 com fronteamento de sujeito aumenta 67,0%. Em condição inversa ao licenciamento de objetos e sintagmas preposicionais fronteados, que apresentam evolução na frequência de uso menor do séc. 18 para o séc. 19, a frequência de uso de sujeito pré-verbal em sentenças de ordem V2 aumenta em todos os contextos nesse período. Portanto, uma maior produtividade de fronteamento de sujeito corresponde à diminuição, na mesma proporção, da frequência de objetos e sintagmas preposicionais fronteados. A correlação entre esses dois fatos linguísticos já é suficiente para assegurar a presença de gramáticas distintas em competição, subjacentes a essas produções.

3.3.3.1 Mudanças estruturais no licenciamento de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V2.

A mudança sintática operada nos textos dos autores nascidos a partir do séc. 18 não é imediatamente visível no contexto de sentenças raízes projetadas na ordem SV, com o sujeito expresso em posição pré-verbal. Como ressaltamos, o sujeito é o constituinte que sofre maior fronteamento nos dados dos autores dos séc. 16-17, por motivo de foco ou tópico. Contudo, a relação estabelecida entre o aumento da frequência de uso desse

constituente em posição pré-verbal e a queda da frequência de fronteamto de outros constituintes nos textos a partir do século 18 é fator que confirma a atuação de um outro sistema gramatical em processamento na língua nesse período; evidenciado, justamente, em função da restrição de fronteamto de argumentos verbais diferentes de sujeito, com esses elementos topicalizados/focalizados integrando a estrutura prosódica da oração.

Levantamos 6228 sentenças raízes e encaixadas com sujeito pré-verbal nos padrões de ordem V2/V3/V4, dos textos dos autores nascidos no séc. 18 e meados do séc. 19. 75,6% dessas ocorrências projetam a ordem V2 Em condições semelhantes ao licenciamento de sujeito fronteado no padrão de ordem V2 nos séculos 16-17, as construções de ordem SV no português a partir do século 18 não apresentam restrição quanto à categoria de sintagma referencial ou não referencial do sujeito fronteado.

(3.3.126) Sujeitos referenciais em sentenças raízes de V2:

- (a) *Vossa Mercê* sabe que na minha terra nem uma nem outra coisa é peixe podre.
(C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Os Soberanos* têm um certo modo de olhar, de ver, de ouvir, de andar, de perguntar, e de responder, que só neles é natural. (M. Aires, 1705)
- (c) *Marco Terêncio Varrão* escreveu comentários doutíssimos sobre a sua língua e uma gramática (A. Verney, 1713)
- (d) *O Papa* tem nove ou dez mil escudos cada ano (A. da Costa, 1714)
- (e) *Eu* confessi de cá a dificuldade em que se meteu Ioze Barreto de querer hir para huma Estallage que serve de abrigo aos Passageiros, e de utilidade Publica (P. Manique, 1733)
- (f) Mas *tu* tens dote; acabou-se. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (g) *Napoleão* cria na sua estrela (A. Garrett, 1799: Viagens...)
- (h) *Domingos Botelho* desconfiava da eficácia dos merecimentos próprios para cabalmente encher o coração de sua mulher. (C. Branco, 1825: Amor...)
- (i) *Ela* saltou do campo à barroca por cima do tapume de espinheiros e silvas,
(C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (j) E *ele* compreende pelo menos *dez artigos* (E. de Queiróz, 1845)

(3.3.127) Sujeitos não referenciais em sentenças raízes de V2:

- (a) *Ninguém* duvida que o ciúme de que vos devo falar é filho do mesmo amo. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Alguma dificuldade* pode nascer no princípio das palavras impressas. (A. Verney, 1725)
- (c) *nenhum* se embaraça no seu solo. (A. da Costa, 1714).
- (d) *Cada cousa* tem um limite certo, entre cuja extremidade se deve conter, e regular. (M. Aires, 1705)
- (e) *Tudo* pende da fatalidade de um dia. (C. Garção, 1724)
- (f) *Poucas mulheres* são muito mais baixas. (A. Garrett, 1799: Viagens...)
- (g) *Tôda a pessoa que quiser viver feliz e útilmente*, deve arranjar-se de modo que as manhãs lhe fiquem inteiramente livres para si, e as tardes para consagrar aos outros. (M. de Alorna, 1750)

Mostramos, na seção anterior, que o uso da ênclise sentenças de ordem SV com clíticos diferentes do pronome *se* passivo nos dos textos dos séc. 16-17 ocorre em contextos específicos: com o sujeito carregando a função de tópico em contraste, com o pronome *se* reflexivo ou com clíticos em ambientes de perífrase verbal. Em outros ambientes, categóricos ou não categóricos, os clíticos, nessas construções, são realizados em posição de próclise. Uma mudança de comportamento é verificada nos textos dados dos autores nascidos entre 1702-1845. Seus dados apresentam variação de uso de sentenças de ordem SV com clíticos dispostos em próclise ou em ênclise em contextos não proclisadores. A variação de uso de clíticos em próclise/ênclise é mais acentuada nos textos dos autores nascidos no século 18; nos textos dos autores nascidos no século 19, a frequência predominante de sentenças de ordem SV com clíticos é verificada com esses pronomes em posição de ênclise; confirmando o resultado já apontado por Galves e Paixão de Sousa (2005), Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), e Paixão de Sousa (2004).

Levantamos dos textos desses autores 643 orações raízes de ordem SV clíticos diferentes do pronome *se* passivo em ambientes não categóricos de próclise. O uso dessas sentenças com clíticos nos textos do século 18 definem uma mudança de comportamento em relação aos dados levantados dos textos dos séc. 16-17. Como indicamos na primeira seção deste capítulo, nos textos dos séc. 16-17, apenas 5,7% das sentenças de ordem SV

com clíticos diferentes do pronome se passivo dispõem desses pronomes em ênclise. Nos textos do séc. 18, o uso dessas sentenças com clíticos em posição enclítica apresenta taxa de frequência de 33,6%. Nos textos do séc. 19, a taxa de média de uso dessas sentenças com clítico em ênclise é de 92,2%:

Tabela 25. Taxa média da frequência de uso de sentenças de ordem SV com clítico em próclise/ênclise nos textos dos séculos 18-19.

Período	Séc. 18	Séc. 19
SV com próclise	66,4%	7,8%
SV com ênclise	33,6%	92,2%

È justamente no uso de sentenças de ordem SV que a competição de gramáticas é mais definida nesse período. A frequência maior de sentenças de ordem SV com clíticos em próclise nos textos do séc. 18 emerge da atuação maior da gramática do período anterior, que licencia o deslocamento do sujeito de sua posição canônica no Spec de IP para a posição-V2 de tópico ou foco. A frequência maior dessas sentenças com clítico em ênclise nos textos do séc. 19 define a atuação maior do novo sistema gramatical que não projeta a posição V2 de tópico ou foco. Nessas construções, a ordem SV é projetada com o sujeito realizado no Spec de IP (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES E PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004).

(3.3.128) Sujeito pré-verbal no padrão de ordem V2 com clítico disposto em próclise em ambientes não categóricos:

- (a) *Dois nossos amigos lhe* pediram instantemente que a imprimisse (A. Verney, 1713)
- (b) *o mau método os* pinta difíceis (A. Verney, 1713)
- (c) *Moisés nos* ensina que os anjos foram cílios e orgulhosos ao mesmo tempo, (C. de Oliveira, 1702)
- (d) *Eu me* sujeito à correção. (J. Daniel da Costa, 1759)
- (f) *Um patrício seu me* disse que os ia comer à casa alheia, de que lhe provém o ser de alcunha o Morgado Tolineiro (J. Daniel da Costa, 1759)
- (g) *Eu lhe* digo como a coisa se passou. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (h) e *a Direção os* empregará como parecer, e fará a respeito d'elles o que em eguaes circunstancias costuma. (A. Garrett, 1799: Cartas)

- (i) *Os Franceses a receberam, a adoptaram e a defendem, com a prática e com a doutrina.* (C. Garção, 1724)
- (j) *ela nos tempera, e põe no tom, que lhe parece* (M. Aires, 1705).
- (k) *a mais pequena animação, o mais leve sorriso a fazia alegre e prazenteira.* (A. Garrett, 1799: Viagens)

(3.3.129) Sujeito pré-verbal no padrão de ordem V2 com clíticos em posição de ênclise:

- (a) *O senhor meu sogro levanta-se* no meio do almoço, (A. Garrett, 1799: Teatro).
- (b) *mas a moda inventou-os.* (J. Daniel da Costa, 1757)
- (c) *Vossa Paternidade segura-me* certas coisas, que não são de pouca consideração. (A. Verney, 1713)
- (d) *As açafatas lançaram-se* tôdas a ele (M. de Alorna, 1750)
- (e) *Êle disse-me* logo quanto era necessário para sossegar a minha inquietação. (M. de Alorna, 1750)
- (f) *O amor acaba-se* em nós, não por nossa vontade, mas porque tem por natureza o acabar. (M. Aires, 1706)
- (g) *O Conde respondeu-lhe* que desejava encher tôdas as obrigações do seu emprego com a maior habilidade possível (M. de Alorna, 1750)

Nos textos do século 19, observamos haver restrição de uso de sentenças de ordem SV com próclise em contextos não proclisadores.

(3.3.130) SV(X) com próclise nos dados dos autores nascidos no século 19:

- (a) e as velhas freiras nos contavam então as ordens tirânicas que tinham recebido de o Marquês de Pombal contra minha Bisavó e minha Avó (M. de Fronteira e Alorna, 1802)
- (b) Um estranho lhe esmolou a subsistência de oito meses de cárcere,
(C. Branco, 1825: Amor)
- (c) Eu lhe conto, Josefinha. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (d) e tão funda amargura o avassalou que se arrependeu de voltar à terra natal,
(C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (e) Uma coisa me dá cuidado (R. Ortigão, 1836)

(3.3.131) SV(X) com ênclise nos dados dos autores nascidos no século 19:

- (a) *Meu tio* trouxe *me* debaixo de a sua proteção (M. de Alorna, 1750)
- (b) O cortejo compunha se de umas sessenta equipagens diferentes (M. Aires, 1705)
- (c) *O pequeno* seguia-o tão de perto que o trilhava nos calcanhares.
(C. Branco, 1725: Maria Moisés)
- (d) mas *o cirurgião* convenceu-me de que bastava a alegria de fugir, quando se julgava abandonada, para lhe produzir um forte abalo. (C. Branco, 1725: Maria Moisés)
- (e) *As irmãs* temiam-no. (C. Branco, 1725: Amor)
- (f) *Um dos criados deles* chamou-o ao lado para lhe dizer que aquele dos dois que não falava parecia ser o João da Cruz ((C. Branco, 1725: Amor)
- (g) *A barca da lagoa com o guarda* esperava-nos para nos levar para o prediozinhode Dom Pedro V para onde nós íamos (R. Ortigão, 1836)
- (h) mas *o porteiro* disse-me que havia jádois dias que El-Rei tinha mandado recado para que se eu viesse me introduzissem a qualquer hora que fosse (R. Ortigão, 1836)
- (i) *Ele* conheceu-o. (E. de Queiróz, 1845)
- (j) *A Brites do Eirô* reconheceu-a a saltar para o campo da Lagoa;
(C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (k) mas o porteiro disse-me que havia jádois dias que El-Rei tinha mandado recado para que se eu viesse meintroduzissem a qualquer hora que fosse. (R. Ortigão, 1836)

(1) *Eu envio-te um longo e bom abraço.* (E. de Queiróz, 1845)

A mudança de comportamento sintático no que tange à restrição de uso de sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos e concomitante aumento da frequência de uso de clíticos em ênclise nas sentenças com sujeito exposto em posição pré-verbal confirmam o resultado indicado por Paixão de Sousa (2004, p. 163) de ocorrência da ordem VS com frequência menor do que a frequência de ocorrência da ordem SV com ênclise a partir do século 18. Nas descrições dessa autora, é justamente no período em que a taxa de VS cai que a taxa de ênclise versus próclise aumenta. Nos textos clássicos, conforme a autora propõe, a ordem SV com ênclise corresponde a uma estrutura de adjunção; sua característica, em termos de frequência, é de ser menos frequente que as ordens VS e tão ou menos frequente que outros XSV; nos textos modernos, a proporção da ênclise em SV será sempre maior que a proporção de VS e maior que a proporção de XVcl. Paixão de Sousa defende que a ordem SV com ênclise, no português a partir do séc. 18 corresponde a estruturas que dispõem do sujeito interno e não adjuntos.

Nos séc. 16-17, conforme destacamos, a frequência maior de uso de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V2 em sentenças com clíticos é atestada com esses pronomes em posição de próclise, mesmo em ambientes sintáticos não categóricos.

3.3.3.2 Mudanças estruturais no licenciamento de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V3.

Já tratamos do uso de sujeito pré-verbal no licenciamento de objetos topicalizados/focalizados no padrão de ordem V3. Vimos que há coocorrência no corpus de uso dessas estruturas em duas configurações variantes: na ordem SOV, com o sujeito realizado em posição mais alta à esquerda e o objeto precedendo imediatamente o verbo e/ou na ordem OSV, com o objeto em posição mais alta e o sujeito precedendo e o verbo. A variação da posição pré-verbal de realização do sujeito em sentenças de ordem V3 é confirmada no licenciamento de advérbios e/ou de sintagmas posicionais prepostos, configurando as ordens XSV/SXV.

(3.3.132) Sujeito pré-verbal na ordem SXV:

- (a) *Este bom eclesiástico em um quarto de hora* toma mais resoluções do que muitos homens juntos podem tomar em toda a vida. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *As águas de uma fonte a cada passo* mudam. (M Aires, 1705)
- (c) *Eu no princípio* seguiria esta regra. (A. Verney, 1713)
- (d) *O maior trágico da França, Monsieur Corneille, no exame do seu Horácio* diz. (C. Garção, 1724)
- (e) *Eu domingo* vi na ópera Toucados dos mais bonitos (J. Daniel da Costa, 1757)
- (f) *e eu decerto* tive muito gosto em o fazer ficar mal, como fico. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (g) O Rodrigo aqui tem um quarto e as magras sopas, oferecidas de todo o coração que é riquíssimo. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (h) *O corregedor, nesse mesmo dia*, ordenou que se preparassem mulher e filhas para no dia imediato saírem de Viseu com tudo que pudesse ser transportado em cavalgadas. (C. Branco, 1725: Amor...)
- (i) *O Duque poucos dias* se demorou em Lisboa. (M. de Fronteira e Alorna, 1802)

(3.3.133) Sujeito pré-verbal na ordem XSV:

- (a) Entre todas as divindades o amor é a única que não mudou de serviço. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) Nisto alguns são tão escrupulosos que, se encontram escrito com s Sapato, fazem um horrível espalhafato. (A. Verney, 1713)
- (c) Sempre Vossa Senhoria me achara pronto na Execução das suas ordenes (P. Manique, 1733)
- (d) Hoje todos desejam imitar os Antigos, (C. Garção, 1724)
- (e) Desde o berço o meu natural é ser alegre. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (f) Das filhas do Conde de Óbidos a mais velha é sumamente estimável. (M. de Fronteira e Alorna, 1802)
- (g) *Por diferentes motivos dos teus, eu também a não tenho*. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (h) Finalmente o Corregedor apitou, (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (i) No refeitório, o Marquez tomava o lugar do Prior e tinha a seu lado uma campainha para regular a marcha do banquete. (M. de Fronteira e Alorna, 1702)
- (j) Com esse dinheiro ele bebeu ainda cerveja e comprou uma gravata. (R. Ortigão, 1836)
- (k) Para esse fim o conselho abre concursos entre escritores, digamos de 5 em 5 anos, para a

redação de compêndios que de tal modo irão sendo renovados (E. de Queiróz, 1845)

Observamos o seguinte comportamento dos autores nascidos nos séculos 18 e 19 no uso dessas construções de ordem V3:

Tabela 26. Taxa média de frequência de uso de sujeito pré-verbal nas ordens variantes XSV/SXV nos séc. 18-19.

Períodos	Séc. 18	Séc. 19
Ordem SXV	53,2%	46,7%
Ordem XSV	46,8%	53,3%

Este resultado define uma mudança de comportamento linguístico dos autores nascidos a partir do século 18 em relação ao comportamento dos autores dos séculos 16-17. Nos textos dos séc. 16-17, a frequência maior de uso de sentenças de ordem V3 com o sujeito e outro elemento da oração, diferente de objeto, em posição pré-verbal é na ordem SXV, com o sujeito ocupando a posição mais alta à esquerda. Nos textos do século 18, a frequência de uso maior dessas sentenças V3 permanece sendo da ordem variante SXV. Nos textos do séc. 19, a frequência de uso maior passa a ser de sentenças de ordem XSV, com o sujeito precedendo imediatamente o verbo. No entanto, como podemos observar, embora aumente a frequência de ocorrências de ordem V3 com sujeito pré-verbal na ordem XSV nos textos do séc. 19 em relação à frequência de sua ocorrência nos textos do séc. 18, a diferença entre a taxa de uso dessas construções e a taxa de uso das construções de ordem SXV não é tão acentuada.

Investigamos as ocorrências formadas nas ordens variantes SXV/XSV em sentenças com clíticos em ambientes não proclisadores. Quantificamos, separadamente, as ocorrências de ordem SXV com clíticos dispostos em próclise e as ocorrências com clíticos dispostos em ênclise. Obtivemos o resultado indicado a seguir.

Tabela 27. Taxa média de frequência de uso de sentenças de ordem SXV com clíticos em próclise e/ou em ênclise nos textos dos séc. 18-19.

Períodos	Séc. 18	Séc. 19
Ordem SXV com próclise	79,6%	26,3%
Ordem SXV com ênclise	20,4%	73,7%

Seguindo a mesma metodologia, quantificamos as ocorrências de ordem XSV com clíticos dispostos em próclise e as ocorrências com clíticos dispostos em ênclise. Obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 28. Taxa média de frequência de uso de sentenças de ordem XSV com clíticos em próclise e/ou em ênclise nos textos dos séc. 18-19.

Período	Séc. 18	Séc. 19
Ordem XSV com próclise	26,3%	6,7%
Ordem XSV com ênclise	73,7%	93,3%

Nos textos do século 18, a frequência de uso maior de sentenças de ordem SXV com clíticos é atestada com esses pronomes em posição proclítica. Nos textos do século 19, aumenta a frequência de uso dessa construção com clíticos em ênclise. Já o uso da ordem variante XSV apresenta frequência maior com clíticos disposto em ênclise nos dois séculos. É justamente o uso maior de sentenças de ordem XSV que define a mudança de comportamento dos autores nascidos nesse período em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séculos 16-17 no licenciamento de sujeito pré-verbal no padrão de ordem V3.

(3.3.134) Sujeito pré-verbal em sentenças de ordem SXV/XSV com clíticos em próclise:

- (a) *Finalmente, as repetidas instâncias que Vossa Paternidade me faz, a sua grande autoridade, e as plausíveis razões que me alega, me fizeram pegar na pena, para escrever o meu parecer.* (A. Verney, 1713)
- (b) *O tal, que é de Cailé, entre outras coisas me contou que Francisco José das Chagas, aquele moço do Alemejo que tocava rabeça, morrera de repente bebendoum copo de leite em casa de Lourenço José* (A. da Costa, 17154)
- (c) *naqueles o costume os enfraquece,* (M. Aires, 1705)
- (d) *Êles unicamente me fazem perder um certo sério que é o meu natural,* (M. de Alorna, 1750)
- (e) *porque ainda agora este Thomaz José Marques me disse que tinha estado com elle esta manhã.* (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (f) *este nas azas da Liberdade vos levou meus toscos versos* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (g) *mas nós dificilmente a entendíamos porque não falava português* (M de Fronteira e

Alorna, 1802)

(3.3.135) Sujeito pré-verbal em sentenças de ordem SXV/XSV com clíticos em ênclise:

(a) e *verdadeiramente estes dois homens sós* divertem-me mais que a comédia toda junta.

(C. de Oliveira, 1702)

(b) *eu ao menos* achei-a tal, mais do que esperava, (A. da Costa, 17154)

(c) e sem embargo os italianos acham-lhe graça, e riem-se sempre desde o princípio até o fim; (A. da Costa, 17154)

(d) Mas, *no meio das minhas meditações, Dom Rodrigo* interrompeu-me, pondo-me na rua e tirando-me uma habitação que a bondade do Príncipe me tinha concedido. (M. de Alorna, 1750)

(e) De resto, *o meu proposto interessa-se em ver de perto a vida americana.* (A. Garrett, 1799: Cartas)

(f) Mas, *sem milagre nem orações, o rio* tinha-se retirado, havia muito, para um cantinho do seu leito, (A. Garrett, 1799: Viagens...)

(g) *Numa dessas conversações, Rita* descuidara-se, (C. Branco, 1725: Amor)

3.3.4 Mudanças no licenciamento de advérbios em posição pré-verbal.

Em condições semelhantes ao licenciamento de sentenças de ordem SV, que não definem, na ordem superficial projetada, a mudança de comportamento sintático nos textos dos autores nascidos no século 18 em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séc. 16-17, o uso de sentenças com advérbios em posição pré-verbal, nesses textos, também não evidencia tão prontamente a mudança que emerge nitidamente nos outros contextos. Assim como o sujeito, a frequência de uso de advérbios em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 é elevada nesses textos. Esse é um dos contextos que continuam a licenciar o sujeito em posição pós-verbal, contrariando os fatos que evidenciam a restrição de licenciamento da ordem VS nos outros contextos. No entanto, observamos haver também diferença de comportamento sintático no licenciamento dessa construção com sujeito pós-verbal em relação ao comportamento sintático atestado no período anterior, no que diz respeito, especificamente, à natureza do verbo licenciado nessas sentenças. Nos textos dos séculos 16-17, como apontamos, há regularidade da frequência de licenciamento de sintagmas adverbiais prepostos em sentenças de ordem XVS no contexto de verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos. No português a partir do século 18, evolui a frequência de uso menor de advérbios prepostos em sentenças de ordem V2 com sujeito expresso em posição pós-verbal no contexto de verbos transitivos:

Tabela 29. Taxa média de uso de advérbios fronteados com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos

Natureza do verbo	Séc 18	Séc 19
Transitivo	33,3%	20,6%
Intrans/Inacus	66,7%	79,4%

(3.3.146) Sintagmas adverbiais prepostos no padrão de ordem V2 com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos:

- (a) *Antigamente*, entendiam os *doutos* que era necessário saber Latim para saber as Ciências; (A. Verney, 1713)
- (b) *Mas em três colégios nobres que aqui há* fazem os *estudantes* suas comédias muito bem, certo. (A. da Costa, 1714)

- (c) e em torno da sua imagem lhe prospere a progressiva acção com alacridade. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (d) *O outro dia* vi eu um pedaço de asno a cavalo pelo Caracol da Graça. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (e) *Aqui* tem Vossa Senhoria os termos em que estão as couzas do Colegio (P. Manique, 1733)
- (f) *Hoje* verá Vossa Excelência aqui junta a próva d'este mau serviço. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (g) *Na manhã seguinte*, teve o Arcebispo uma larga conferência com meu marido e pareceu renovar nele todo o entusiasmo antigo. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (h) *Na Corunha* encontrou um antigo amigo, o Capitão de Mar e Guerra Lord Beauclerk que commandava uma nau ingleza, (M de Fronteira e Alorna, 1802)
- (i) *O anno passado* não gastei eu cinco réis no amanho das minhas terras, (A. Garrett, 1799: Cartas).
- (j) *O outro dia* compuz eu uma modinha para ella... uma letra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica. (A. Garrett, 1799: Teatro).
- (k) *Antes de hontem* recebi eu uma carta de seu pae, que me pareceu um enigma: (A. Garrett, 1799: Cartas).
- (l) *Em Bemfica* dava eu grandes merendas aos collegiaes. (M de Fronteira e Alorna, 1802)
- (m) *Facilmente* o acreditou João da Cruz; (C. Branco, 1725: Amor)

(3.3.147) Sintagmas adverbiais prepostos no padrão de ordem V2 com sujeito pós-verbal no contexto de verbos intransitivos/inacusativos:

- (a) *Debaixo da agradável sombra dum jasmineiro* me parecia Aspásia muito mais bela que a mesma deusa dos amores. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Nas casas, nas ruas e nas praças, em toda a parte*, soa o grande nome de Vossa Magestade, repetido com inexplicável prazer entre reiterados vivas e altas aclamações. (C. Garção, 1724)
- (c) *Aqui* está agora um "bravo", como êles dizem, de Leorne, discípulo de Tartini; (A. Costa, 1714)
- (d) *Nos olhos azuis de Georgina* arde, em sereno e modesto brilho, a luz tranquilde um amor provado. (A. Garrett, 1799: Viagens.)
- (e) *De todos os lados* sahiram *enthusiasticos vivas* ao Principe Regente e aos inglezes, (M de Fronteira e Alorna, 1802)

- (f) *À porta do moinho apareceu a moleira a perguntar-lhe se queria passar para além.*
(C. Branco, 1725: Maria Moisés)
- (g) *No dia seguinte, chegou o acadêmico a casa do ferrador.* (C. Branco, 1725: Amor)
- (h) *À uma hora da tarde chegam em grande toilette e mantilha branca, a infanta e a mãe da rainha, acompanhadas das pessoas do seu serviço.* (R. Ortigão, 1836)
- (i) *Antes disso porém virás tu a Lisboa,* (E. de Queiróz, 1845)
- (j) *No Rio de Janeiro faltaram-me para este trabalho muitos elementos que vim encontrar em Paris.* (R. Ortigão, 1836)

A frequência menor de uso de sintagmas adverbiais em posição pré-verbal no contexto de verbos transitivos é confirmada em ambientes de orações subordinadas. Apenas três do conjunto de textos que representam o português do século 18 dispõem de adjuntos prepostos e sujeito pós-verbal em sentenças subordinadas de ordem XVS com verbos transitivos:

(3.3.148) Ordem XVS no contexto de orações subordinadas com verbos transitivos:

- (a) *Prometteu-me que no dia que se assignassem as escripturas tinha eu o meu dote*
(A. Garrett, 1799: Teatro)
- (b) *pretendendo que debaixo desta expressão geral compreenda Aristóteles as duas espécies de mortes que sucedem na tragédia,* (C. Garção, 1724)
- (c) *conheço que neste sentido tinha ele mil razões*_(A. da Costa, 1714)

As outras ocorrências de advérbios pré-verbais em sentenças subordinadas com sujeito posposto ao verbo, levantadas desses textos, são formadas com verbos intransitivos/inacusativos. Nos textos do séc. 19, há restrição generalizada de uso dessa construção com sujeito expresso em posição pós-verbal no contexto de orações subordinadas. Das ocorrências levantadas, apenas uma delas, indicada em (3.3.149 f), é produzida por autor nascido no século 19, especificamente, por Camilo Castelo Branco, nascido em 1825, no texto *Amor de Perdição*:

(3.3.149) Ordem XVS no contexto de orações subordinadas com verbos intransitivos:

- (a) Com que *a estes bastam poucas palavras*; (A. Verney, 1713)
- (b) Como Vossa Alteza me diz que *em casa de Calamati se há-de também achar o prelado de Bresla*, peço a Vossa Alteza que me não deixe muito tempo só com ele. (C. de Oliveira, 1702)
- (c) Sei que *na última guerra de Espanha se achou um paisano* que, vendo saquear sua aldeia, a sua casa e os seus bens, passeava à vista de tudo mui sossegado; (C. de Oliveira, 1702)
- (d) é verdade que *muitas vezes me parecem as minhas opiniões* mais chegadas à razão que as dos outros, (A. da Costa, 1714)
- (e) *Se lá me pareciam algumas tão dignas de estimação* (pondo de parte os seus defeitos, que todos os têm). (A. da Costa, 1714)
- (f) e, *se cá viesse o Miramolim de Marrocas pedir-me a filha*, os diabos me levem se eu lha dava! (C. Branco, 1825: Amor...)
- (g) é preciso que *de cá se sustentem os meus passos*. (M de Alorna, 1750)

Por outro lado, registamos nos dados de autores nascidos nesse período frequência elevada de construções com verbos transitivos de ordem XVS em contextos de ênfase:

(3.3.150) Sujeito pós-verbal em contexto de ênfase:

- (a) Lá vai *outro*. *Lá vai outro*. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (b) Aqui chegou o nosso Piério terça-feira dêste mês, felizmente. (M de Fronteira e Alorna, 1802)
e *La se avenha o Senhor Intendente* com elles ou quem o douto Senhor detreminar. (P. Manique, 1733)
- (d) Olha: *ái estás tu* na mesma. (A. Garrett, 1799: Viagens)
- (e) *Agora me rio eu*. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (f) *O outro dia* compuz *eu* uma modinha para ella... uma lettra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (g) *Hoje espero eu* tomar a minha desforra. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (h) Oh! *lá está á janella a filha do meu homem*. (A. Garrett, 1799: Teatro)

- (i) *Em casa reinava a maior confusão* (M de Fronteira e Alorna, 1802)
- (j) *Palha comeria ele* – retrucou o enfermo (C. de Oliveira, 1702)
- (k) *Palha comeu Vossa Mercê lhe digo eu.* (C. de Oliveira, 1702)
- (l) *e lá diz a trova, a minha trova lá digo eu:* (A. Garrett, 1799: Teatro)

Entre essas construções, observamos haver uso mais frequente de ocorrências que dispõem de sujeito na categoria pronome pessoal de primeira pessoa.

A frequência de uso menor de advérbios prepostos em sentenças de ordem V2 com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos nesses textos pode ser tomada como evidência empírica da mudança gramatical submetida à língua nesse período.

A mudança de comportamento sintático no licenciamento de advérbios em posição pré-verbal é confirmada nas ocorrências com clíticos. Nos dados que levantamos dos textos dos séc.16-17, a taxa média de ocorrência de advérbios prepostos em sentenças de ordem V2 com clíticos em ênclise é de 2,7%; nos textos dos séc. 18-19, a taxa média de uso dessas construções com clíticos em ênclise é de 33,8%. Ocorre evolução de uso dessas estruturas com clítico em ênclise do séc. 18 para o séc. 19:

Tabela 30. Frequência de uso de advérbios em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 com clíticos em próclise e/ou em ênclise nos textos dos séc. 18-19:

Períodos	Séc. 18	Séc. 19
ADV com próclise	77,5%	40,3%
Adv com ênclise	22,5%	59,7%

Na perspectiva da hipótese de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), referida acima, a variação de uso de estruturas de adjunção com clíticos em posição de próclise e/ou ênclise no português dos séculos 16-17 define o alinhamento da fronteira prosódica no segmento mais alto ou mais baixo de CP. Em bases empíricas, podemos dizer que a evolução da frequência de uso maior de sintagmas adverbiais prepostos em sentenças com clítico em ênclise define uma mudança prosódica estabelecida no português a partir do século 18 de restrição de uso de estruturas de adjunção como parte integrante do contorno intonacional da frase.

3.3.5 Restrição de uso de sintagmas preposicionais fronteados.

A mudança de comportamento linguístico dos autores nascidos a partir do século 18, no que se refere ao fronteamento de sintagmas na forma de estruturas de tópico em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séculos 16-17 no uso dessas construções, é nitidamente identificada nas ocorrências que dispõem de sintagmas preposicionais prepostos com essa função. Diferente do comportamento dos autores nascidos nos séculos 16-17 que dispõem de sintagmas preposicionais prepostos com taxa de frequência semelhante à frequência de uso de advérbios nessa posição, os autores nascidos a partir do século 18 apresentam restrição acentuada da frequência de uso de sintagmas preposicionais em posição pré-verbal. Descrevemos acima as condições sintáticas que justificam a frequência elevada de advérbios prepostos nos dados dos autores que representam o português dos séculos 18 e 19. Em bases comparativas, comprovamos, efetivamente, comportamentos linguísticos distintos dos autores que representam o português desses dois períodos. A média de frequência de ocorrência de sintagmas preposicionais em posição pré-verbal nos textos dos autores nascidos nos séculos 16-17, como já apontamos, é de 19,8 %; no século 18, a média de uso dessas construções cai para 8,2%, e no século 19, a média da frequência com que elas se apresentam nos textos é ainda menor, contabilizando 3,4% de frequência.

Este mesmo comportamento é verificado em relação ao uso de objetos fronteados. Mostramos, no quadro a seguir, a frequência de uso de objetos, sintagmas preposicionais e sintagmas adverbiais fronteados no padrão de ordem V2 na diacronia:

Tabela 31. Frequência de uso de objetos, sintagmas preposicionais e sintagmas adverbiais fronteados em sentenças de ordem V2 na diacronia.

Períodos	Séc. 16	Séc 17	Séc 18	Séc 19
Objetos	11,3%	12,1%	5,3%	2,6%
Sintag prepos	20,9%	18,8%	8,2%	3,4%
Sintag adverbiais	23,80%	18,8%	17,0%	21,5%

Em condições semelhantes ao licenciamento de sentenças SV com clíticos que apresentam evolução da frequência de uso da forma com ênclise dos textos do séc. 18 para os textos do séc. 19, o uso de sintagmas prepostos com clíticos em ênclise também

apresenta evolução acentuada de um século para o outro. A taxa média de frequência dessas construções com clíticos em ênclise nos textos do séc. 18 é de 14,1 %; nos textos do séc. 19, a taxa média de uso dessa construção com ênclise é de 80,0 %:

Tabela 32. Frequência de uso de sintagmas preposicionais fronteados com clíticos dispostos em próclise/ênclise nos textos dos séc. 18-19.

Períodos	Séc. 18	Séc. 19
PP com próclise	85,9%	20,0%
PP com ênclise	14,1%	80,0%

A queda da frequência de fronteamo de sintagmas diferentes de sujeito no português desse período pode ser atribuída à propriedade do novo sistema gramatical em evolução na língua de restrição de licenciamento de sintagmas com a função de tópico dentro da estrutura prosódica da oração:

(3.3.151)

- (a) e desse mesmo lhe posso dar muito pouca, porque se passam àsvezes dois meses, e mais, que o não vejo (A. da Costa, 1714)
- (b) E nisto mesmo me parecem mais racionáveis; [A. Verney, 1713)
- (c) De Catão se conta que, licenciando Pompílio uma legião na qual militava ofilho daquele grande patricio, (C. Garção, 1724)
- (d) e por ele nos vêm as felicidades deque gozamos, a tranquilidade pública, os presentes e futuros interesses paraesta Monarquia (C. Garção, 1724)
- (e) *De mim lhe direi sem rebuso que trago atravessada a ideia de não ser eleito pela minha terra.* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (f) Com o dinheiro se come e bebe à regalada de Moura. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (g) mas pelas frases ríspidas e pedantes vos agradeço o trabalho de querer ouvir-me. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (h) Dessa me rio eu, senhor Rodrigo! (J. Daniel da Costa, 1757)
- (i) *Em muitas coisas acho-a excelente.* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (j) *Por mim peço-te que creias sempre na verdade e affeição com que te estimo,* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (k) *Em todo o caso fio-me na sua discrição e lealdade de cavalheiro que o distinguem.* (A. Garrett, 1799: Cartas)

(l) Por ele te enviei para os Caetanos um pacote de pastilhas de café, que são uma especialidade de Madrid. (R. Ortigão, 1836)

(m) Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos discípulos sensatos que o aconselhavam para bem, (C. Branco, 1825: Amor)

3.3.6 Mudanças no fronteamto de argumentos do verbo *haver*.

Outro contexto que expressa nítida mudança de comportamento linguístico é a restrição, assinalada no corpus, de fronteamto de argumentos de verbo *haver* na categoria de sintagmas nominais. Nos textos dos autores nascidos nos séculos 16-17, embora a frequência de uso desse tipo de construção não seja tão produtiva, as ocorrências levantadas apresentam argumentos do verbo *haver* fronteados na categoria de sintagmas referenciais e/ou não referenciais. Nos dados dos autores nascidos entre 1702-1845, além de atestarmos um uso bem mais restrito desse tipo de construção, as ocorrências levantadas apresentam somente sintagmas quantificados/quantificadores nus fronteados em sentenças com o verbo *haver*. No conjunto de dados que levantamos dos textos desses autores, registramos apenas quatro ocorrências com argumentos do verbo *haver* deslocados para a periferia à esquerda de sentenças raízes de ordem V2. Duas dessas ocorrências são produzidas no texto de Cavaleiro de Oliveira, autor nascido em 1702; as outras duas são produzidas, respectivamente, no texto de Marquesa de Alorna, nascida em 1750 e no texto de Eça de Queiroz, autor nascido em 1845:

(3.3.152) Argumentos do verbo *haver* topicalizados/focalizados no padrão de ordem V2:

(a) *coisa alguma* há mais deliciosa que a sua alegria, nem mais penetrante que asua ternura. (C. de Oliveira, 1702)

(b) *Poucos temperamentos* há que possam suportar esta fadiga. (C. de Oliveira, 1702)

(c) *nada* há mais decente que uma assembleia composta de companhia escolhida. (M. Aires, 1705)

(d) *Nada* havia, a não ser fome e descrença. (E. de Queiróz, 1845)

3.3.7 O fronteamento de advérbios quantificacionais.

Em condições semelhantes ao fronteamento de predicativo de sujeito que não apresenta mudança na frequência de uso e na ordem estrutural de licenciamento nos textos dos séculos 18-19, o fronteamento de advérbios quantificacionais também não apresenta mudanças visíveis nesses textos. O uso de advérbios quantificacionais em posição pré-verbal em sentenças de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com o sujeito posposto ao verbo é atestado nos textos do séc. 18 e também nos textos do séc. 19.

(3.3.153) Advérbios quantificacionais prepostos em sentenças sem sujeito expesso e/ou expesso em posição pós-verbal nos textos dos autores do século 18:

- (a) *Muito* me obrigarias - disse Mitridates - porém desejaria, se é possível, não ser visto nem conhecido de Natan. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Pouco* foi o nosso trato, mas quanto bastou para me encantar, para me formar no espírito um modelo de valor e merecimento feminino. (A. Garrett, 1799: Viagens...)
- (c) *Muito* me pesa, leitor amigo, se outra coisa esperavas das minhas VIAGENS, se te faltou, sem o querer, a promessas que julgaste ver nesse título, mas que eu não fiz decerto. (A. Garrett, 1799: Viagens...)
- (d) *Tanto* me preso, e honro desta qualidade, quanto menoscabo aquela, quando desta desligada. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (e) *muito* queria dizer-te, que nem digo agora por que te mando estas linhas por um compadre meu do Porto. (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (f) *Muito* sinto... não tenho a honra de o conhecer. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (g) *Muito* estimo, senhor compadre. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (h) *Muito* me arrisco eu às vezes, confiado na boa feição d'el-rei; (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (i) Alto lá! *tanto* não digo eu. (A. Garrett, 1799: Teatro)

(3.3.154) Advérbios quantificacionais prepostos em sentenças com sujeito nulo e/ou com sujeito expesso em posição pós-verbal nos textos dos autores do século 19:

- (a) *Muito* me custa não satisfazer a vontade dum sobrinho de quem era tão amigo, (M. de Fronteira e Alorna, 1802)
- (b) e *muito* nos lamentávamos por haveremos nascido em o princípio de este século

(M. de Fronteira e Alorna, 1802)

(c) Também *muito* se falava em o Bispo de o Porto, que depois foi Patriarca.

(M. de Fronteira e Alorna, 1802)

(d) e, ainda que tivéssemos pouca idade, *muito* nos afligiu esta nova, porque, mesmo criança, se pode ser grato. (M. de Fronteira e Alorna, 1802)

(e) *Muito* estimo as boas notícias do António (R. Ortigão, 1836)

(f) Muito folgo com o que me diz, minha boa prima - atalhou o fidalgo. (C. Branco, 1825: Amor)

(g) *Tanto* tenho pedido ao Senhor dos Passos que lhe dê remédio a essa paixão!. (C. Branco, 1825: Amor...)

(h) E *pouco* mais sei. (E. de Queiróz, 1845)

As ocorrências com advérbios quantificacionais prepostos licenciam o sujeito em posição pós-verbal no contexto de verbos transitivos ou intransitivos/inacusativos. Ressaltamos que são justamente as construções que dispõem de advérbios na categoria de elementos quantificacionais que continuam a licenciar com maior frequência o sujeito pós-verbal com verbos transitivos nos textos dos autores do século 18. São essas construções que não sofrem mudanças estruturais na diacronia. Outro fato a ressaltar é a regularidade quanto à frequência baixa de uso dessas construções nos textos de ambos os períodos. 1,9% de frequência de uso nos textos dos séc. 16-17 e 0,7% de frequência de uso nos textos dos séc. 18-19.

Incluímos no conjunto dos dados de sintagmas adverbiais prepostos com sujeito pós-verbal no padrão de ordem V2 as ocorrências que apresentam advérbios na categoria de operadores de foco: *bem, lá, sempre, aí*.

(3.3.155) Fronteamento de advérbios quantificacionais no padrão de ordem V2 com sujeito pós-verbal:

- (a) *Bem sei eu* quem podia restabelecer estes Intentos do Senhor Intendente (M-001, 101)
- (b) *bem* o sabe *Vossa Senhori*. (A. Garrett, 1799: Viagens)
- (c) *E bem* o sabes *tu*, nem t'o digo como quem avisa e quer convencer.
(A. Garrett, 1799: Viagens...)
- (d) Um cavalheiro! *Bem* o dizia *eu*. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (e) *Bem* digo *eu* que se elles não querem amanha as minhas terras, como é pratica e costume, (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (f) *Bem* n'o dizia *eu*: (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (g) *Bem* digo *eu*, que você está por conquistar. (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (h) *Bem* digo *eu* que está o mundo perdido; (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (i) *Bem* dizia *o outro*. Não é coruja nem sapo... (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (j) *Bem* sei *eu* quem foi a causa deste suicídio (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (k) *Muito bem* sabe *o Senhor desembargador* o que a Bíblia refere. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

3.3.8 Restrição de fronteamento de orações reduzidas de particípio.

A mudança de comportamento linguístico dos autores nascidos a partir do século 18 em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séculos 16-17 é confirmada no fronteamento de orações reduzidas de particípio. Ainda que o uso de orações reduzidas de particípio fronteadas não seja regularmente encontrado na totalidade dos textos representativos do português dos séculos 16-17, ocorrendo com frequência abaixo de 1,0 %, nos dados dos autores nascidos a partir do séc. 18, registramos apenas uma ocorrência desse tipo construção.

3.4 O licenciamento de estruturas de tópico marcado na diacronia.

Mostramos na primeira seção do capítulo que os autores nascidos nos séc. 16-17 fazem uso recorrente de estruturas de tópicos marcados que se assemelham às estruturas de Tópico Pendente e estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente do português europeu moderno, descritas por Duarte (1987). Nas definições de Duarte (*ibidem*, p. 74), a estrutura de Tópico Pendente é a construção de tópico marcado que exibe menor grau de sintatização, não existindo na frase qualquer lacuna ou elemento pronominal que seja referencialmente dependente do constituinte com a função de tópico. Não existe nenhuma relação de correferência entre o tópico e elementos internos à frase. Nas estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente existe obrigatoriamente uma expressão nominal interna à frase que é referencialmente dependente da expressão com função de tópico. Essa forma de estrutura de tópico se caracteriza pela propriedade de conectividade referencial; não havendo, entretanto, conectividade temática e casual entre os dois elementos. Atestamos, na pesquisa, que ambas as formas se manifestam nos textos dos séculos 16-17 e também nos textos dos séc. 18-19; havendo uso mais acentuado dessas construções nos textos dos séc. 18-19, especialmente, na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente. Ainda que a frequência de ocorrência dessas construções seja menor nos dados dos autores do período precedente, as duas formas apresentam taxas semelhantes de frequência. O fato relevante a ser destacado é que é justamente nessas estruturas que a frequência de uso do clítico em ênclise é maior do que o uso da próclise nos séculos 16-17 nos contextos de licenciamento de sintagmas com a função de tópico. Não empreendemos, neste trabalho, uma investigação exaustiva sobre o comportamento diacrônico de uso dessas construções de tópico marcado, apenas indicamos as formas de sua manifestação nos dados dos autores que representam o português desses dois períodos²².

²² *Um estudo descritivo sobre as construções de tópico marcado do português europeu e português brasileiro dos séculos 18-19 é apresentado por Araújo (2006) em sua tese de doutoramento.*

(3.4.156) Estruturas de Tópico Pendente no português dos séc. 16-17:

- (a) *Quanto ao que dizeis do navio que devia de ir ao Brasill*, nõ falley quaa cõ Pero Lopez o que se devia de proveer, (D. João III, 1502)
- (b) *Quanto à povoação destas Ilhas*, são tão soberbos os Japões, que se tem pelos primeiros do Mundo, sobre o que fabulão cousas muito pera rir, de que brevemente diremos algumas. (D. Couto, 1542)
- (c) E que *quanto aos Castelhanos*, se se quizesse ir pera êle, que o podiam fazer, porque não tinha deles necessidade alguma. (D. Couto, 1542)
- (d) *No tocante à ciência* convém saber obrar; (P. de Almeida, 1597)
- (e) *Ambas* creio que Deus quis esconder na nuvem desta vida os fins das causas, por temperar a ambição dos soberanos com a incerteza, e humilhar sua soberba, (M. de Melo, 1608: Tácito)

(3.4.157) Estruturas de Deslocada à Esquerda de Tópico Pendente no português dos séc. 16-17:

- (a) *Quanto aos criados meus que ham de ir nesta armada*, eu tomey agora *coremta*, pouco mais ou menos, pera ir nela, e de poucos mais deveis de fazer fundamento; (D. João III, 1502)
- (b) A Rainha, que ia algumas jornadas diante, deram-*lhe* as dôres do parto de noite. (D. Couto, 1542)
- (c) *A tenção do Governador mandar Mealecan pera Cananor*, não achámos *dela* a certeza; (D. Couto, 1542)
- (d) E *no que toca ao princípio das Armas*, Hércules foi o primeiro que trouxe por *armas* a pele do leão que matou na selva Nemea, depois da vitória que deleteve, (R. Lobo, 1579)
- (e) *De guerras* dizem que Joane Mendes tomou *a Codiceira* bem tomada, e não sei se o forte de Telená, (porque só a Ene o ouvi) depois de saquear Santa Marta. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (f) Quanto *ao espiritual*, ninguém ha no mundo que possa responder *a esta pergunta*. (A. Vieira, 1608: Sermões)

Observamos os seguintes fatos no levantamento dessas formas de estruturas de tópico nos dois períodos: o uso da próclise é generalizado nas ocorrências de ordem TPXV, com o

elemento X realizado pelo sujeito ou por um sintagma com outra função gramatical; nas ocorrências de ordem TPV, com a estrutura de Tópico Pendente seguida imediatamente pelo verbo flexionado, o clítico é realizado em posição de ênclise.

(3.4.158) Estruturas de Tópico Pendente com clítico disposto em próclise no português dos séc. 16-17:

(a) *E quanto a substituir a escritura em lugar da voz, ela o faz por tão excelente maneira que lhe tem muita ventagem*, (R. Lobo, 1579)

(b) *E, quanto ao retrato e exemplo da vida, melhor se colhe no que um bom entendimento traçou e seguiu com muito tempo de estudo que no sucesso que às vezes se alcançou por mão da ventura, sem a diligência e engenho meter em nenhum cabedal*. (R. Lobo, 1579)

(c) *quanto à água-forte, o Senhor Cardeal da Mota me segurou que por esta o casiãofazia remeter boa cópia dela*. (A. Brandão, 1584)

(d) *E quanto as traduções claramente se mostra, assi nas de verso que fizeram António Ferreira, e Luís de Camões, como nas de prosa do Bispo Dom António Pinheiro, e outros, que se não é mais breve que a Latina, ao menos não é mais larga*. (S. de Faria, 1583)v

(3.4.159) Estruturas de Tópico Pendente com clítico disposto em ênclise no português dos séc. 16-17:

(a) *E acerca do negocio sobre que vos spreveo o doutor Gaspar Vaaz, de que veo Recado depois de vosa partida, agradeço-vos muyto tudo o que sobre yso me dizees de voso parecer*, (D. João III, 1502)

(b) *Quanto ha o que dizeis d'Antonio Bello, parece-me bem nõ se prender*; (D. João III, 1502)

(c) *E quanto ao galeão Sam Johão, encomendo-vos que tanto que tiverdes praticado o que dizeis que aveys de praticar, pera mais afirmadamente me sprever, mo sprevaes, afirmando-nos se seraa meu serviço ir a a India nestas armadas d'outubro, pois ten menos corregimento, pêra saber o que se deve fazer*. (D. João III, 1502)

(d) *Pelo que toca às futuras providências que a respeito dessas minas se hão-de tomar, acha-se feita consulta para que a extracção dos diamantes se ponha por companhia, limitando o número dos escravos*. (A. Gusmão, 1696)

(e) *Quanto ao ano de morto, parece-me que a seu tempo daqui a cem anos se há-de pagar pro rata pelo sucessor e pela Patriarcal*, (A. Gusmão, 1696)

(f) *no concernente à experiência pertence-lhe ser exercitado na operação;*
(P. de Almeida, 1597)

(3.4.160) Estruturas de Tópico Pendente no português dos séc. 18-19:

(a) *Sobre as diferentes espécies de II, é incrível a bulha que alguns fazem, especialmente para determinar quando se deve pôr j rasgado ao princípio das dicções.* (A. Verney, 1713)

(b) *Quanto ao merecimento, é certo que nem todos os Antigos são iguais;*
(A. Verney, 1713)

(c) *Enquanto à segunda parte, todos sabem que o amor e ódio não podem estar juntos.*
(C. Garção, 1724)

(3.4.161) Estruturas de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente no português dos séc. 18-19:

(a) *Quanto aos Compêndios de História há tantos, que é supérfluo que eu aponte nenhum.*
(A. Verney, 1713)

b) *A respeito de livros: li noutra dia um curioso na Livraria da Sapiência;*
(A da Costa, 1714)

(c) *Pelo que toca às freiras de Lisboa, é melhor falar com elas do que falar nelas.*
(C. de Oliveira, 1702)

(d) *Dom Caetano tem muita gente que diz bem dele* (M. Aires, 1705)

(e) *Quanto a comunicarmo-nos a miudo por letra, Vossa Mercê mesmo diz com juízo que não nos tendo nós comunicado da boca é dificultoso da minha parte,* (A. da Costa, 1714)

(3.4.162) Estruturas de Tópico Pendente/Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente com clítico disposto em próclise no português dos séc. 18-19:

(a) *Pelo que respeita à física, elas a aprendem por força ou por vontade entre as mãos dos cirurgiões em que caem facilmente.* (C. de Oliveira, 1702)

(b) *Quanto aos nomes que ainda não estão em uso por todos, mas que sòmente usam, ou para melhor dizer, algumas vezes se servem deles os literatos, deve-se praticar outra regra.*
(A. Verney, 1713)

(3.4.163) Estruturas de Tópico Pendente/Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente com clítico disposto em ênclise no português dos séc. 16-17:

- (a) *Quanto ao nosso Homem digo-vos* que está-se nas tintas. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Sobre o Dicionário, parece-me* que o estudante deve servir-se do Scapula, (A. Verney, 1713)
- (c) *Uma mulher, patrona de um português meu conhecido,* deu-lhe a trasladar um papel célebre; (A. da Costa, 1714)
- (d) *Quanto às outras perguntas,* parece-me que bastantemente respondo, enviando-lhe o papel incluso, no qual achará tudo o que queria saber. (A. Verney, 1713)
- (e) *Os patetas dos criados deu-lhes para não me querer despertar quando veio o seu recado.* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (f) *Quanto a desarranjos, mais os soffro eu se sahir com família e casa posta do que elle que nada d'isso tem* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (g) *E o desgraçado tremiam-lhe* as pernas, e sufocava-o a tosse. (A. Garrett, 1799: Viagens)
- (h) *Enquanto a Simão,* creio que não é possível salvá-lo do degredo temporário. (C. Branco, 1825: Amor)

3.5 O comportamento do português clássico no licenciamento de estruturas de tópico e/ou foco.

Apresentamos, nesta seção, por meio de gráficos, o comportamento linguístico do português clássico no licenciamento das formas de manifestação de estruturas de tópico e/ou foco no eixo do tempo investigado. Nosso objetivo é mostrar as mudanças mais visíveis processadas na diacronia que definem, de maneira mais precisa, a atuação de gramáticas de naturezas distintas na legitimação desses fenômenos nos textos dos autores nascidos nos séc. 16-17 e nos textos dos autores nascidos a partir do séc. 18. Com esse propósito, resumimos, por meio de gráficos, os contextos de mudança já definidos nos resultados expostos em forma de tabelas nas seções precedentes.

Gráfico 1. Frequência de uso de sujeito nulo e/ou expresso em posição pré/pós-verbal nas ocorrências de estruturas de tópico e foco no padrão de ordem V2 na diacronia:

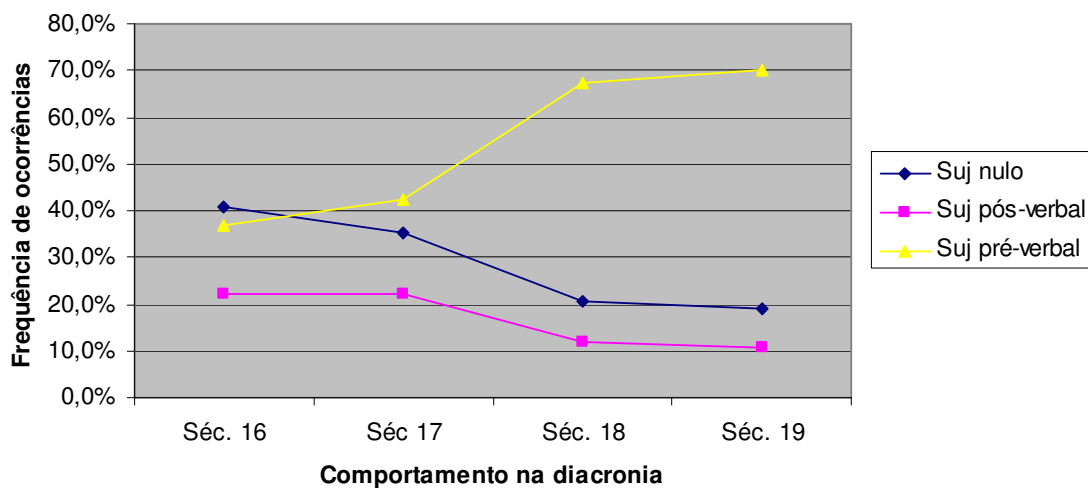


Gráfico 2. Frequência de uso dos constituintes verbais fronteados em orações raízes e/ou subordinadas de ordem V2:

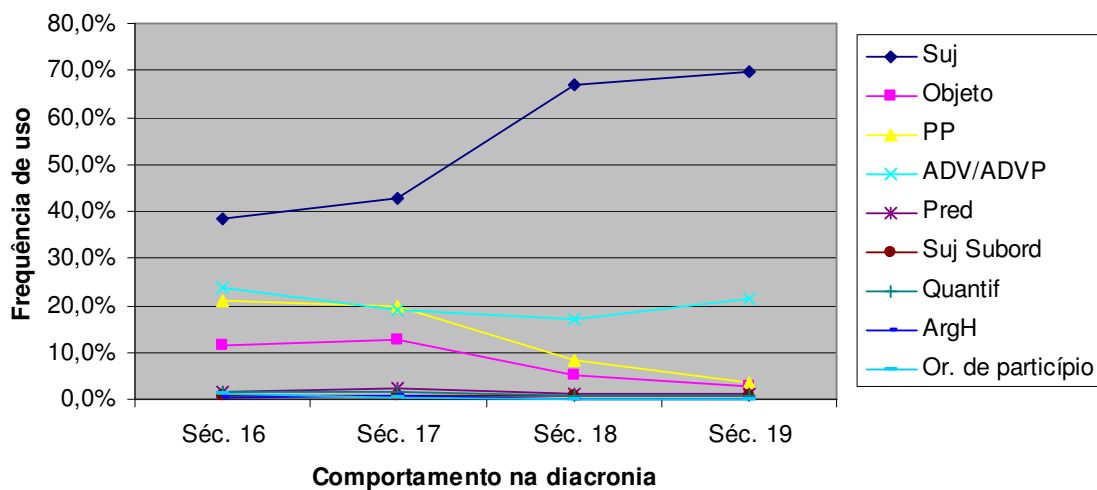


Gráfico 3. Comportamento diacrônico da frequência de uso da categoria do objeto fronteado em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2:

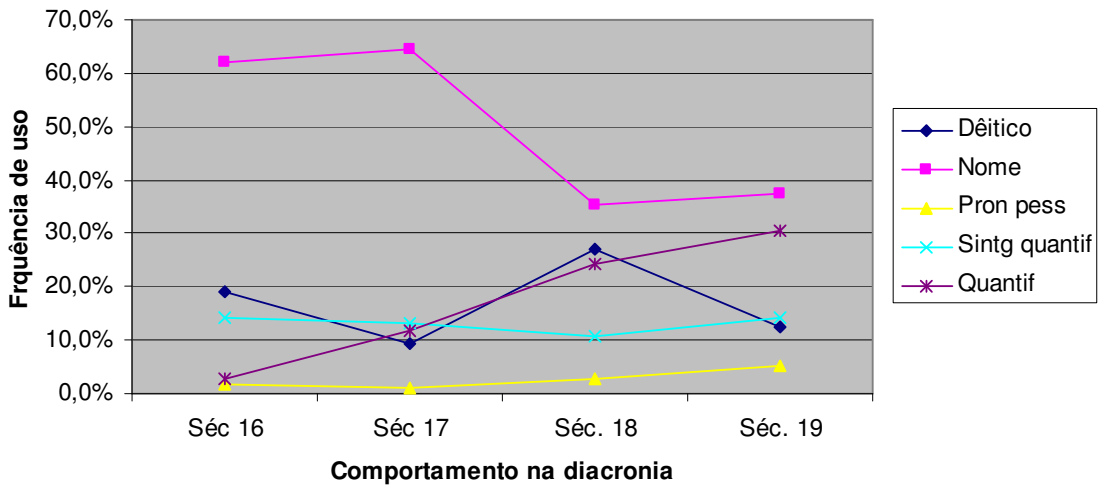
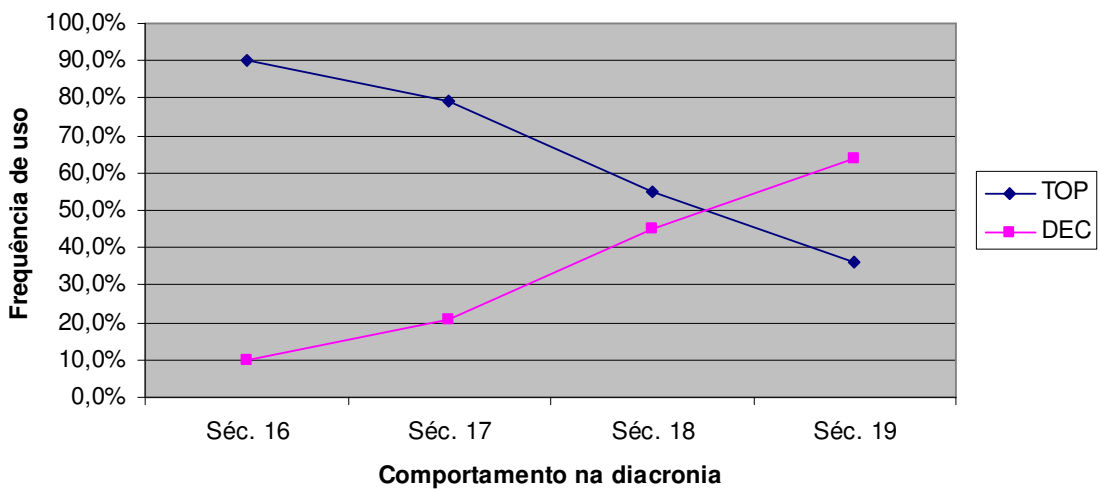


Gráfico 4. Frequência de uso de estruturas de Topicalização-V2 & estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica na diacronia:



3.6 Considerações finais do capítulo.

Tratamos, neste capítulo, da descrição dos contextos de uso de estruturas de tópico e foco no português clássico. O resultado obtido neste trabalho define a atuação de gramáticas com propriedades sintáticas distintas no licenciamento dessas construções em dois momentos do eixo de tempo submetido à pesquisa, compreendidos, especificamente, entre os séc. 16-17 e séc. 18-19. O português em uso nos séc 16-17 apresenta propriedades de línguas V2 no licenciamento de estruturas de tópico e foco, evidenciada pela tendência generalizada dos autores nascidos nesse período de uso dessas construções em contextos de sentenças raízes finitas com o verbo ocupando a segunda posição na estrutura da frase e o sujeito expresso em posição pós-verbal, em configuração de inversão germânica. Definimos essas formas de manifestação de estruturas de tópico e foco como estruturas de Topicalização/Focalização-V2, seguindo a nomenclatura adotada por Ribeiro (1995) na descrição desse tipo de construção no português antigo. O uso do sujeito em configuração de inversão germânica define a realização do verbo em um núcleo projetado acima do sistema de IP, que assumimos, em conformidade com a proposta de Antonelli (2008), como sendo no núcleo de Fin.

Destacamos a peculiaridade do português desse período de licenciar qualquer constituinte da oração, inclusive o sujeito em posição de tópico e/ou foco na forma de estrutura de Topicalização/Focalização-V2.

Ressaltamos, na descrição das formas de manifestação de estruturas de tópico, que o português clássico legitima objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e/ou na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica. Mostramos que a tendência dos autores nascidos nesse período é licenciar objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 com o sintagma topicalizado inserido na estrutura prosódica da oração. Em sentenças com clíticos, as estruturas de Topicalização-V2 apresentam uso generalizado da próclise. Apontamos que essa restrição não ocorre com objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica. O licenciamento de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica apresenta variação quanto à disposição proclítica ou enclítica dos pronomes resumptivos.

Outra propriedade intrínseca do português dos séc. 16-17, destacada na descrição dos dados, é o fronteamento de sintagmas descontínuos interpretados como tópico e/ou foco realizados na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2. Nessa configuração, os dados pesquisados apresentam ocorrências de sujeitos e/ou predicados de mini-orações fronteados por razões de tópico e/ou foco, permanecendo o restante do material *in situ*, dentro do VP.

Mostramos que o português desse período licencia com frequência menor estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V3, projetando as ordens superficiais: SOV/OSV/SXV/XSV. Nessas construções, a ordem V2 canônica é projetada quando o elemento em posição mais alta é realizado na forma de um adjunto, ocupando a posição de tópico externa à oração. O sintagma que precede imediatamente o verbo é realizado dentro da oração, satisfazendo, nessa posição, o requerimento de efeitos-V2.

Apontamos a propriedade do português clássico de licenciar a ordem subjacente V3 quando o elemento em posição mais alta, o sujeito e/ou o objeto, carrega o acento de foco.

De modo geral, a descrição e análise dos contextos de formação de estruturas de tópico e foco empreendidas neste capítulo confirmam a natureza V2 da gramática atuante no português dos séc; 16-17 no licenciamento dessas construções.

Na segunda seção do capítulo, descrevemos os contextos de mudança de comportamento linguístico no licenciamento dessas construções nos textos dos autores nascidos no séc. 18 e meados do séc. 19.

Entre as mudanças mais visíveis, destacamos a restrição de uso de sintagmas com funções diferentes de sujeito e adjuntos adverbiais em posição de tópico e/ou foco em sentenças de ordem V2. Em se tratando do fronteamento de objetos, mostramos que os autores nascidos a partir do século 18 apresentam tendência de licenciar objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica.

Propusemos que as ocorrências de objetos fronteados na categoria de sintagmas referenciais em contextos V2 com inversão sujeito-verbo licenciadas nos textos dos séc. 18-19 podem ser interpretadas como estruturas de Topicalização-V2, produzidas pelo sistema gramatical em uso nos séculos 16-17, ainda presente no português desse período. Nessa perspectiva, assumimos que a coocorrência no corpus de estruturas de tópico na forma

Topicalização-V2 e estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica sinalizam gramáticas em competição que subjazem a produção escrita desses autores. Nessas produções, a competição de gramáticas, em conformidade com a proposta de Kroch (1994), emerge no licenciamento, em moldes clássicos, de objetos não quantitativos na forma de estruturas de Topicalização-V2 e em seu licenciamento, em moldes modernos, na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica.

Por outro lado, propusemos que essas construções podem ser também interpretadas como realizações de estrutura de foco, independentemente da categoria de sintagma referencial/não referencial do objeto fronteado.

Apontamos, na descrição dos dados, a restrição do novo sistema gramatical em processamento na língua nesse período de legitimar estruturas de tópico na forma de sintagmas descontínuos, com esses elementos deslocados para a posição pré-verbal por movimento curto e/ou longo.

Ainda que as mudanças estruturais não sejam nitidamente evidenciadas nas sentenças declarativas finitas com sujeito pré-verbal, configurando a ordem SV, indicamos a relação estabelecida entre o aumento da frequência de uso deste constituinte em posição pré-verbal e a queda concomitante da frequência de fronteamento de outros constituintes da oração no português a partir do século 18 como um dos fatores que definem a mudança sintática processada na língua nesse período. Propusemos que o aumento da frequência de uso maior de sentenças de ordem SV não corresponde à diminuição, na mesma proporção, de sujeito exposto em posição pós-verbal, mas à diminuição, na mesma proporção, de uso de sintagmas topicalizados dentro da estrutura da oração por requerimento de efeitos-V2. Nesse período de mudança, a evolução da frequência de uso maior de sentenças de ordem SV corresponde ao uso maior de sentenças com sujeito fronteado ocupando a posição canônica de sua realização no Spec de IP.

CAPÍTULO 4

Propostas de análise

4.0 Introdução.

Apresentamos neste capítulo algumas propostas de análise para justificar, nos enfoques do Projeto Cartográfico de Rizzi (1987, 2004a), as condições de minimalidade envolvidas nas formas de manifestação de estruturas de tópico e foco no português clássico, considerando a propriedade dessa gramática de licenciar sintagmas com essas funções em configuração-V2.

Apoiamos nossas análises nas formulações de Rizzi (2003; 2004b) para as questões de movimento e localidade, formação de cadeias, critérios e efeitos de ECP.

Seguindo o mesmo critério adotado na descrição dos dados no capítulo 3, organizamos este capítulo em duas seções. Na primeira seção, analisamos as condições de minimalidade no licenciamento das formas de manifestação de estruturas de tópico e foco em uso nos textos dos autores nascidos entre os séc. 16-17. Na segunda seção, tratamos dos fatores de mudança que emergem nos dados levantados dos textos dos autores nascidos entre o séc. 18 e meados do séc. 19 no uso dessas construções.

4.1 O licenciamento de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 e Tópicos marcados no português dos séculos 16-17: propostas de análise.

De acordo com o resultado de nossa pesquisa, a gramática em uso nos textos dos autores nascidos entre os séc. 16-17 apresenta propriedades de línguas-V2 no licenciamento de estruturas de tópico e foco. Em condições estruturais semelhantes às línguas V2 antigas, como o francês (ADAMS, 1987; ROBERTS, 1993), o português (RIBEIRO, 1995), a gramáticas-V2 do romance medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ & POLETTO, 2004) e/ou a línguas V2 modernas, como o alemão (FREY, 2000, 2004; Féry, 2007;

GREWENDORF, 2002; ROBERTS, 2004; entre outros), os dados levantados em nossa pesquisa mostram que o português em uso nos séc. 16-17 manifesta estruturas de tópico e/ou foco com o fronteamto de qualquer constituinte da oração e uso de sujeito expresso em posição pós-verbal na forma de inversão germânica.

(4.1.1)

- (a) Na *Côrte* andou *este Rei* dous anos, (D. Couto, 1542).
- (b) E *isto* cometeo o *Turco*, porque ficou mui assombrado de Dom Estevão da Gama chegar com sua Armada até o porto de Suez, cousa que êle nunca receou. (D. Couto, 1542).
- (c) Ao senhor *António do Couto* me faça *Vossa Mercê* mercê da mesma recomendação. (M. de Melo, 1608: Cartas).
- (d) *A região de Arabia* deserta povoou *Arabo*. (B. de Brito, 1569)

A realização de sujeito expresso em posição pós-verbal nas gramáticas genuinamente V2 define o deslocamento do verbo flexionado para o núcleo Fin em Comp (FREY, 2000, 2004; GREWENDORF, 2002; ROBERTS, 2004). Contudo, nossa pesquisa mostra que, em condições diferentes das línguas germânicas, o português clássico também forma essas construções em sentenças com sujeito não expresso, caracterizando-se mais propriamente como língua-V2 de sujeito nulo.

(4.1.2)

- (a) *Nestas piquenas fustas navegarão* muitos dias ao longo de terra, té chegarem ao estreito de Gibraltar, (B. de Brito, 1569)
- (b) *Nenhum mal de culpa temos* no sentir, mal de pena, sim; (A. Chagas, 1631)
- (c) *Tua gente acharàs* prompta para a guerra, (A. Brandão, 1584)
- (d) *De tudo farei* aviso a *Vossa Excelência* fiado em que a gravidade da matéria pode ter lugar entre as suas ocupações. (C. Brochado, 1651)

Ainda que os dados levantados dos textos dos autores nascidos entre os séc. 16-17 apresentem ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco sentenças de ordem padrão V2 com o sujeito expresso em posição pós-verbal em configuração de inversão germânica ou em sentenças com sujeito nulo, o resultado de nossa pesquisa mostra que este é o

constituente da oração que sofre maior fronteamto em ambientes V2 de sentenças raízes e/ou subordinadas finitas licenciadas em seus textos:

(4.1.3)

(a) *O Doutor Guaspar Vaaz vos mostrara seu Regimento, que todo vay Remetido a vos;*

(D. João III, 1542)

(b) *Eu o mandey a Genoa àquele negocio que sabes;* (D. João III, 1542)

(c) *As tempestades dessa casa me davam mais cuidado.* (A. Chagas, 1631)

(d) *A pátria lhe deu o título de Grande, o Mundo todo o admirou ainda maior.* (A. de Barros, 1675)

Não há restrição da categoria de sintagma referencial ou não referencial do sujeito em posição pré-verbal. O sujeito em posição pré-verbal pode ser interpretado como tópico ou foco. Podendo também ocupar a posição de tópico sem expressar, necessariamente, proeminência acentual, em condições semelhantes ao francês antigo (ADAMS, 1987; KROCH, 1989, 2001).

A função de tópico expressa pelo sujeito pré-verbal é mais nitidamente evidenciada nas ocorrências que dispõem desse constituinte carregando a função de tópico contrastivo, em ambientes de paralelismo sentencial com clíticos dispostos em ênclise (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005):

(4.1.4)

(a) *Elles conheciam-se, como homens, Christo conhecia-os, como Deus.* (A. Vieira, 1608: Sermões).

(b) *Deus julga-nos a nós por nós, os homens julgam-nos a nós por si.* (A. Vieira, 1608: Sermões).

(c) *porque as figuras vão-se, e o teatro fica.* (A. Vieira, 1608: Sermões).

(d) *entre o juiz e o judiciario ha esta differença, que o juiz suppõe o caso, o judiciario adivinha-o.* (A. Vieira, 1608: Sermões).

Em condições diferentes do sujeito expresso em posição pré-verbal nesses ambientes

V2 que, embora deslocado, não expressa, necessariamente, proeminência acentual, o objeto fronteado evidencia mais nitidamente sua condição de elemento topicalizado ou focalizado:

(4.1.5)

(a) *Isto* confirma a tradição recebida, de aver neste exercito quasi cem Mouros para hum Christão, a celebre fama que ficou desta vitoria (M. Bernardes, 1644)

(b) *Disciplinas* não tenho por penitência; (A. Chagas, 1631)

(c) *Ao senhor Ene* amo e devo amar muito com ventagem a muitos, pelas que ele tem e as que me faz. (M. de Melo, 1608: Cartas).

Dentro da proposta de Rizzi (1997, 2004a), os especificadores dos núcleos funcionais projetados em CP são licenciados por conteúdos substantivos de traços de seus núcleos, dessa forma, sendo de categorias diferentes, ocupam posições diferentes em Comp. Na perspectiva dessa proposta, definimos que, nas sentenças de ordem V2 com objeto ou outro constituinte qualquer da oração fronteado carregando as funções de tópico ou foco, esse elemento ocupa, respectivamente, a posição de Spec de Foc ou Spec de Top, projetados no sistema de CP.

Resta, portanto, verificar as condições de localidade envolvidas na formação dessas estruturas V2, com deslocamento do sintagma carregando as funções de tópico ou foco para os especificadores dos núcleos correspondentes, projetados acima do núcleo Fin.

(4.1.6)

- (a) *A Túlio* degolaram, e por mais o afrontarem, lhe cortaram aquela língua, em que por tantas vezes consistiu a liberdade da República, (S. de Faria, 1583)
- (b) *Ao senhor Embaixador* tivemos em cama estes oito dias, mas já hoje se levantou livre da febre (A. Vieira, 1608: Cartas-).
- (c) *A êste Arquipélago* puzeram o nome dos Coraes, (D. Couto, 1542).
- (d) *Os papeis* vi logo (M. de Melo, 1608: Cartas).
- (e) *As misérias de Madrid me* participou o senhor Marquês das Minas, se bem as dissimulam as cartas castelhanas. (A. Vieira, 1608: Cartas).

Antonelli (2008) assume o movimento do verbo para o núcleo Fin nas sentenças raízes do português clássico, adotando para o sistema CP a hipótese defendida por Alexiadou e Anagnostopoulou (1998), Barbosa (1995) e Kato (1999) de a própria morfologia verbal checar o traço EPP em Infl em línguas de sujeito nulo. Segundo Antonelli, o núcleo Fin, nessas sentenças do português clássico, não precisa projetar um especificador. O traço EPP desse núcleo pode ser satisfeito via movimento do verbo e não por fronteamento de um XP.

Dentro da proposta de Rizzi (1987, 2004a), os núcleos projetados entre Force e Fin são dotados inerentemente com traços EPP, desencadeando a criação de um especificador e a atração de um elemento, estabelecendo, assim, a relação Agree em configuração Spec-head. Assim considerando, argumentamos que, nas estruturas de Topicalização e/ou Focalização de ordem padrão V2 licenciadas no português dos séc. 16-17, o sintagma pré-verbal ocupa o Spec do núcleo correspondente, projetado no sistema CP para acomodar o constituinte que carrega essas funções: Spec de Foc ou Spec de Top. A realização do sintagma pré-verbal em qualquer um desses especificadores satisfaz o requerimento de efeitos V2, estabelecendo a relação Agree em configuração Spec-head. Nessas construções V2, não há violação das restrições de minimalidade com o deslocamento do sintagma para a posição de tópico ou foco passando sobre o núcleo Fin. A formação dessas construções sem efeitos de minimalidade confirma a proposta de Antonelli (2008) de não haver projeção do Spec de Fin nessas construções. O traço EPP desse núcleo é satisfeito via movimento do verbo.

Na perspectiva dessa hipótese, podemos justificar a frequência elevada de sentenças de

ordem VI encontradas no corpus. Nessas sentenças, nenhum Spec é projetado na periferia à esquerda. Não há projeção do Spec de Fin nem do Spec de Foc ou Top. O requerimento de checagem do traço EPP nessa posição é satisfeito com o verbo finito associado ao núcleo Fin.

(4.1.7)

- (a) *Fazia Doutrina hum Padre da Companhia* no pelourinho de Faro (A. Brandão, 1584)
- (b) *Manda ElRey nosso Senhor* fazer infantaria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Brasil, ou da India: (M. da Costa, 1601)
- (c) *Contam as histórias deste Reino* que el-Rei Dom Afonso Anriques, primeiro e mais antigo dos que nele contamos, depois de ter ganhado aos mouros a morparte das terras de Portugal, de que eram senhores, quando herdou o Reino, havia por afronta sua possuírem Lisboa, que só por si era outro reino (L. de Sousa, 1556)
- (d) *Obrou Deus* grandes cousas: (A. Chagas, 1631)
- (e) *Castigou Deos* ao fraticida Caim com huma maldição gravissima, & o separou pera sempre dos filhos de Seth, que a Escriptura sagrada chama filhos de Deos, pera com este honroso nome os differençar da geração reprovada (B. de Brito, 1569)

Ressaltamos, no capítulo anterior, a propriedade dessa gramática de manifestar estruturas de tópico e/ou foco por movimento longo. Ainda que o uso de estruturas de tópico e/ou foco formadas por movimento longo não seja expressivo no corpus analisado, os dados registram a manifestação desse fenômeno na forma que apresenta o objeto de oração subordinada deslocado para a posição de tópico ou foco da oração matriz, satisfazendo, na formação dessas construções, o requerimento de efeitos-V2:

(4.1.8)

- (a) *Os pyllotos* vos emcomendo muito que trabalheis por mãdar *cõtentes* o mais que poderdes, como sey que ho fareis; (D. João III, 1502)
- (b) E *o coreo que esta vos dara* mãderya Alvaro Mendez que despachase de laa em gramde diligemçia, (D. João III, 1502)
- (c) e *o dinheiro que se achar que he*, mamdeis entregar ao dito Manoel Velho, que d'ele dara cõta em forma a Joam Gomez pera sua comta; (D. João III, 1502)

(d) *e todas estas diferenças e emsejos* saberes muy bem guardar. (D. João III, 1502)

estas nos dizião elles, que caçavam tâbem de rapina no chaõ, (M. Pinto, 1510).

(e) *Ao mercador que me trouxe* mãdou Pero de Faria dar sessenta cruzados, & duas peças de damasco da China, (M. Pinto, 1510).

(f) *A petição* creo oferecerá o senhor Bispo de Ene em dia de São José, (M. Bernardes, 1644)

Estamos assumindo, junto a Galves (2003), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004), que a ordem canônica V2 é projetada com o deslocamento de um elemento qualquer da oração, inclusive do sujeito, para uma posição pré-verbal interna à estrutura prosódica da oração, carregando esse elemento a interpretação de tópico ou foco. Na perspectiva dessa proposta, assumimos que, nas ocorrências em (4.1.8), o objeto da oração subordinada se desloca por movimento A-barra para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Não há violação da restrição de Configuração Mínima (RIZZI, 2004b, p. 225) com o deslocamento do objeto para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Em análise centrada na proposta cartográfica de Rizzi (1997, 2004a), o objeto frontado na oração matriz, carregando a função de tópico ou foco, ocupa a posição de Spec de Top ou o Spec de Foc dessa oração.

Os dados levantados em nossa pesquisa mostram que essa gramática também licencia o deslocamento de sujeitos de orações subordinadas para a posição de tópico ou foco, projetadas dentro da oração matriz:

(4.1.9)

(a) *Os capitães e pesoas que quaa anda*, mãdarey que se partam lloguo. (D. João III, 1502)

(b) *O verniz* cuidão alguns que é inventado n'este tempo, e elle é achado por Apelles, famoso pintor, segundo se vê em C Plinio aos livros XXXV. (F. de Holanda, 1517)

(c) *Esta Ilha* afirmam os naturaes, que tem de comprido quinhentas léguas suas, que fazem trezentas sessenta e seis nossas. (D. Couto, 1542).

(d) *E uma cousa e outra*, diz Nazianzeno que é de gente nécia, (L. de Sousa, 1556).

(e) *este Rey* diz Beroso, que teve algumas venturosas batalhas contra os Phenices, & Palestinos, por meo das quais os fez tributarios ao Imperio Babylonico. (B. Brito, 1569)

(f) *Muitos letrados* sei eu (disse Solino) que não são moços e nisso o querem parecer, que

falam uma linguagem como Sereia, mulher até os peitos e a metade peixe; (R. Lobo, 1579)
(g) *Tôdas as bestas da selva do Inferno* diz a Escritura que hão de passar pelo justo na noite desta vida (A. Chagas, 1631).

Em nossa proposta de análise, não há violação da Restrição de Configuração Mínima com o deslocamento do sujeito da oração subordinada para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Em condições semelhantes ao objeto, o sujeito da oração subordinada se desloca para a posição de tópico ou foco da oração matriz, ocupando, nessas construções, a posição de Spec de Foc ou de Spec de Top, projetado no sistema de CP dessa oração. Relembramos aqui o fato evidenciado em nossa pesquisa de restrição de uso de estruturas de tópico ou foco no padrão de ordem V3/V4 formadas por movimento longo nos textos dos autores nascidos nesse período. As ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco formadas por movimento longo, levantadas de seus textos, apresentam apenas o objeto ou sujeito deslocado da oração subordinada precedendo o verbo da oração matriz.

De acordo com Obenauer (1983, 1994)²³, os especificadores A-barra produzem efeitos de minimalidade nas cadeias A-barra (apud: RIZZI, 2004b, p. 225). O sujeito, por se posicionar num Spec – A, não afeta uma cadeia A-barra. Nas bases dessa proposta, o sujeito expresso no Spec de IP da oração matriz, uma posição-A, não afeta o movimento do sujeito da oração subordinada para a posição de Spec de Top ou para o Spec de Foc da oração principal.

Esse tipo de análise pode explicar as ocorrências que licenciam sujeitos de mini-orações em posição de tópico ou foco, projetando a ordem V2:

²³ OBENAUER, H. (1983). “On the Identification of Empty Categories.” *Linguistics Review*, 4, p. 153-202.
OBENAUER, H. (1994). “Aspects de la syntaxe A-barre”. *Ph.D. diss., University of Paris VIII*.

(4.1.10)

(a) *Razões* tinha o nosso Arcebispo *bem suficientes* pera poder furtar o corpo ao trabalho de tão comprida jornada..(L. de Sousa, 1556)

(b) *Ao Conde de Gebrian General do exercito, que venceu a Lamboi, fez elRey Christianissimo Mariscal, e a Monsiur de la Mota de Ancour.* (M de Galhegos, 1597)

(c) *A Hercules* pintou a Antiguidade *ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos,* e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. (M. da Costa, 1601).

(d) *As ruínas* veria Vossa Mercê *lastimosas,* se agora aqui se achasse, no estrago que fez um depósito de pólvora, (A. Gusmão, 1696).

(e) *& alguns destes ultimos* firmão *como testemunhas* (A. Brandão, 1584)

(f) tanto que *nenhuma outra cousa* tinham *por maior admiração, nem milagre,* (F. de Holanda, 1517).

Como proposta de análise, assumimos que o sujeito da mini-oração se desloca para o Spec de Top ou Spec de Foc, satisfazendo, nessa posição, o requerimento de efeitos-V2. O restante do material da mini-oração permanece in situ, dentro de VP. O verbo finito é realizado no núcleo Fin. O sujeito da oração, expresso em posição pós-verbal, ocupa a posição de Spec de IP.

Por outro lado, conforme descrevemos no capítulo 3, os dados de nossa pesquisa mostram que português desse período legitima estruturas de tópico de sujeito de mini-oração na forma de sintagmas descontínuos por movimento longo. Nessas ocorrências, o sujeito de mini-oração de uma sentença subordinada é realizado em posição de tópico ou foco da oração matriz:

(4.1.11)

(a) *Os pyllotos* vos emcomendo muito que trabalheis por mãdar cõtentes o mais que poderdes, (D. João III, 1502)

(b) *E aos outros* mandarão uma noite lançar na praya de Melides, *nús, & descalços,* (M. Pinto, 1510).

(c) *Esta obra* me afirmaram algumas pessoas graves que viram *de todo acabada,* (S. de Faria, séc. 16)

(d) *Estas duas coisas tão ignoradas, quero que leveis hoje sabidas*: (A. Vieira, 1608: Cartas).

Nas formulações de Rizzi (1997, 2004), as estruturas de tópico e foco do italiano e outras gramáticas do romance moderno são licenciadas por meio de relação Spec-head do elemento que se desloca para o Spec do núcleo Top ou Foc com o traço EPP desses núcleos. Em nossa proposta, assentada na hipótese defendida por Antonelli (2008), o traço EPP das sentenças de ordem-V2 do português dos séc. 16-17 é checado pela própria morfologia do verbo finito associado ao núcleo Fin. Os sintagmas deslocados para a posição de tópico ou foco satisfazem o requerimento de efeitos-V2, condição esta empiricamente evidenciada pela tendência dessa gramática de licenciar estruturas de tópico na forma de estruturas de Topicalização-V2, com a projeção do núcleo Top dentro da estrutura prosódica da frase. A disposição de clíticos em próclise nessas construções define a realização do sintagma pré-verbal dentro da oração (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO e PAIXÃO DE SOUSA; GALVES e PAIXÃO de SOUSA, 2005).

A mesma proposta de análise que oferecemos para as construções com deslocamento de objetos por movimento longo para a posição de tópico ou foco, ilustradas em (4.1.8), pode justificar o licenciamento das construções que dispõem de sujeito de mini-oração deslocado para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Nessas construções, o sujeito da mini-oração deslocado para o Spec de Top ou Spec de Foc, projetados na oração matriz, satisfaz o requerimento de efeitos V2 dessa oração.

Este tipo de análise, centrada na proposta de Stowell (1981, 1983) de as mini-orações se caracterizam como um único constituinte do verbo transitivo, pode também explicitar a formação das construções de tópico e/ou foco de predicados de mini-oração por movimento longo:

(4.1.12)

(a) *Pera secretário escolheu o Doutor Pero de Tavares, desembargador de sua relação, pessoa de muitas letras e virtude* (L. de Sousa, 1556).

(b) *Por secretário recebeu a António Paes Viegas*; (M. de Melo, 1608: Tácito)

Mostramos em nossa pesquisa que o português clássico faz uso recorrente de sentenças raízes e/ou subordinadas no padrão de ordem V2, dispondo de sintagmas adverbiais em posição pré-verbal. Em sentenças com clítico, há variação de uso dessas construções com próclise e/ou com ênclise. No corpus que investigamos, a forma variante com clíticos em próclise é a forma de uso predominante.

Nos enfoques da proposta de Rizzi (2004a, p. 244; 2004b, p. 16), os advérbios prepostos do italiano podem ocupar três posições estruturais distintas na periferia à esquerda: o Spec de Mod, o Spec de Foc ou a posição de adjunção ao núcleo de Top. A posição de uso mais comum de objetos na periferia à esquerda de orações dessa gramática é a posição de Spec de ModP, uma posição que, segundo Rizzi, embora seja intencionalmente similar à posição de tópico, ela se difere desta por não requerer uma conexão com o contexto do discurso prévio, não preceder operadores-wh e não produzir qualquer efeito de ilhas e efeitos de antiadjacência. Em sua argumentação, a motivação funcional para os núcleos Mod é que eles tornam o advérbio movido proeminente, uma propriedade que esses núcleos têm em comum com Top. Segundo Rizzi, os elementos posicionados em Mod diferem dos elementos em Foc por não requerem uma interpretação focal. Em suas formulações, os advérbios prepostos, em contexto especial de discurso, podem também ser movidos para a posição genuína de tópico, com as características comuns dos elementos topicalizados; podendo também ser movidos para a posição de foco, tendo esses elementos o mesmo comportamento dos sintagmas focalizados que se movem para periferia à esquerda: interpretação contrastiva, unicidade, força quantificacional.

Em nossa proposta, nas ocorrências com advérbios pré-verbais em ambientes V2, levantadas dos textos dos autores portugueses nascidos nos séc. 16-17, este elemento pode ser interpretado a ocupar o Spec de Foc, o Spec de Mod ou o Spec de Top. A formação dessas construções com clíticos em próclise define a projeção desses núcleos dentro da estrutura prosódica da oração.

(4.1.13)

(a) por que *la o* veera Gaspar Vaaz muyto beem. Praticay o cõ ele muy beem, e asentese como for mais meu serviço. (D. João III, 1502)

(b) *loguo me* depachareis outro correo cõ toda deligemçia, fazendo-me saber o que passa e todo ho mais que vos parecer que compre a meu serviço e a bem do negoço eu saber, pera eu vos mãdar vir naquela maneira, e fazer o que mais ouver por meu serviço. (D. João III, 1502)

(c) e *n'aquella mesma mão lhe* punhão o cornucopia, com muitos pomos, mostrando a fertelidadedo humido rio (F. de Holanda, 1517).

(d) e *em Portugal o* declaraõ as Bullas dos Summos Pontifices de sua fundaçã, assentos de Cortes do Rey Dom Joaõ o I e testamento delRey Dom Affonso, (M. da Costa, 1601).

A posição de Spec de Foc ocupada pelo sintagma pré-verbal nas estruturas V2 é definida empiricamente nas construções que dispõem de quantificadores fronteados:

(4.1.14)

(a) *Muyto vos* agradeço quam myudamente me de todo avisaees, e as boas llenbranças de vosas cartas. (D. João III, 1502)

(b) e se *muito* estima a gram pintura. (F. de Holanda, 1517)

(c) que muito vale a pintura e mui pouco fóra d'ella (F. de Holanda, 1517)

(d) E *tanto lhe* durou que nem na última idade o largou e (L. de Sousa, 1556).

(e) *Muito* engrandecera Cadmo aquella terra com sua prudencia, se a fortuna lhe não fora contraria no melhor tempo; (B. de Brito, 1569)

(f) Mas *pouco* lhes durou a tyrannia, (B. de Brito, 1569)

(g) *Pouco* pudera eu dizer (respondeu Leonardo) se não fôsse acostado à vossa erudição e autoridade (R. Lobo, 1579).

Outro fato destacado na pesquisa é a propriedade do português dos séc. 16-17 de licenciar objetos topicalizados na forma de estrutura de Topicalização-V2 e/ou na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica, mostrando um comportamento sintático diferente do italiano e outras gramáticas do romance moderno, que licenciam a topicalização de objetos exclusivamente na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica (CINQUE, 1990; RIZZI, 1997, 2004a):

(4.1.15) Estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica:

- (a) *yso mesmo volo* aguardeço muyto; (D. João, 1502)
- (b) *A oração não a largue*, ou seja assim ou assim. (M. do Céu, 1658)
- (c) *A outra mortificação extraordinária não a faça* sem ordem expressa, salvo se lho mandar a obediência. (M. do Céu, 1658)
- (d) porque *estas não as* lança o mar à costa muitas vezes; (A. Chagas, 1631)

Nas descrições de Rizzi (1997, 2004a), objetos topicalizados de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica do italiano e outras gramáticas do romance moderno ocupam a posição de Spec do núcleo Top₂, projetado no sistema de CP acima da projeção do núcleo Foc.

Registramos em nossos dados uma ocorrência de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica na ordem OXV, com o objeto topicalizado seguido de um advérbio que expressa força quantificacional:

(4.1.16)

O cavallo sempre o pintavam com sprito e meo rinchando, porque aquelle. (F. de Holanda, 1517)

Assumindo a proposta de Rizzi, definimos que, nessa construção portuguesa, o objeto da estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica é realizado no núcleo Top₂, projetado acima do núcleo Foc.

Mostrando, entretanto, um comportamento sintático diferente do italiano moderno, que não licencia estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com o objeto topicalizado precedendo operadores-wh relativos (RIZZI, 1987, p. 298), o português dos séc. 16-17 manifesta essas estruturas de tópico no contexto de orações relativas e/ou interrogativas.

(4.1.17)

(a) *Mas os santos e apóstolos e martyres quem os* quizer bem pintar, emite ao seu capitão e Nosso Salvador, (F. de Holanda, 1517)

(b) Assi que *as obras humanas, quem as* bem considerar e entender achará sem duvida serem ou a mesma pintura ou alguma parte da pintura: (F. de Holanda, 1517)

(c) sendo certo que aquele que se oferece para um feito não tem desculpa se o não consegue; como a tem justíssima, *quem* emprende qualquer acção, obedecendo; porque, quando erre, a injúria da culpa corre por conta de quem o mandou, e a honra da obediência não haverá *quem lha* negue. (M. de Melo, 1608: Cartas)

(4.1.18)

(a) Quizerão introduzir neste Reyno a moeda de Belhaõ, os despachos em Castelhana, o papel sellado, e nos Concelhos de Madrid não nos queriaõ despachar senaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Castella o procedido delle; não se despendendo o seu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, *quem* ha que o não julgasse por tyrannico, além de ridiculo? e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejáraõ as mulheres no Porto. (M. da Costa, 1601)

(b) e é certo que, ou teimem ou não, já se sabe no mundo que eu sou peor que todos, e por isto talvez no mal teimarei; que a soberba, se Deus a não tirar, *quem a* há de vencer? (A. Chagas, 1631)

Nas descrições de Rizzi (1987, p. 298), os operadores-wh relativos das sentenças do italiano ocupam a posição de Spec de Force, uma posição que não pode ser precedida por tópico, enquanto os operadores-wh interrogativos ocupam uma posição mais baixa, a posição de Foc:

(4.1.19)

Ecco um uomo a cui *il Premio Nobel* dovrebbero dare. (non il premio X)

Aqui está o homem a quem o Prêmio eles dariam. (não o prêmio X)

Em condições diferentes do italiano, o português dos séc. 16-17 licencia objetos topicalizados de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica precedendo operadores-wh relativos e/ou operadores-wh interrogativos, conforme os dados em (4.1.17) e (4.1.18) ilustram. Como hipótese de trabalho, propomos que os operadores-wh relativos e interrogativos nessas construções do português clássico definem a fronteira prosódica da

oração. Nessas sentenças, o objeto topicalizado ocupa a posição de Top₂, com esse núcleo projetado fora da estrutura prosódica da frase.

Por outro lado, os dados de nossa pesquisa apresentam ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica na ordem OSV, com o sujeito expresso precedendo imediatamente o verbo:

(4.1.20)

(a) e que *justiça eu ha* mãey fazer, e que a de lla o ño pode ser sem primeiro se provar que a de caa o ño foy; (D. João III, séc. 16)

(b) *Esta deferemça vos a* conheçereis e sabereis mui bem fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui bem servido. (D. João III, séc. 16)

(c) E *a architectura eu a* comparo e lhe chamo pintura encorporada. (F. de Holanda, séc. 16)

Dentro da análise que estamos assumindo, o sujeito, nessas produções, ocupa uma posição abaixo do núcleo Top₂. Em conformidade com a proposta de Rizzi da posição hierárquica de projeção dos núcleos funcionais em Comp, os núcleos projetados abaixo de Top₂ são os núcleos Foc, Mod e Top₃.

(4. 1. 21)

Force... Top* Int Top* Foc ModP Top* Fin IP

Com exceção do núcleo Mod, que é projetado em Comp para acomodar advérbios deslocados (RIZZI, 2004a, p. 238), o sujeito dessas construções portuguesas pode ser interpretado a ocupar o Spec de Foc ou o Spec de Top₃. Contudo, a ausência no corpus de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica nessa configuração, com sujeitos expressos precedendo imediatamente o verbo na categoria de sintagmas quantitativos, é o fator que nos permite definir a posição de Spec de Top₃ como posição de realização do sujeito nessas construções. A realização de clíticos resumptivos em próclise nessas sentenças define a projeção do núcleo Top₃ dentro da estrutura prosódica da oração, confirmando a

proposta de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Paixão de Sousa (2004) para as sentenças V3 com clíticos dispostos em próclise, licenciadas no português dos séc. 16-17.

Em contrapartida, constatamos em nossa pesquisa haver restrição de formação de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica na ordem SOV, com o sujeito em posição mais alta em Comp e o objeto topicalizado ocupando a posição mais baixa na estrutura da frase.

Rizzi aponta esse tipo de restrição no francês moderno (1997, p. 305-310). Na descrição desse autor, sentenças com deslocamento do sujeito passando sobre objetos topicalizados de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica são mal formadas naquela gramática:

(4.1.22)

*Je ne sais pas [qui C⁰ [ton livre Top⁰ ... [t pourrait]]]

Segundo Rizzi, mesmo que o núcleo C viesse a se tornar um regente via concordância nessas construções francesas, ele estaria muito longe para licenciar o vestígio do sujeito, devido à intervenção de um núcleo Top, um caso estabelecido de efeito de Minimalidade Relativizada. Se o núcleo Fin, em posição mais baixa que o núcleo Top, fosse dotado com traços Agr, o vestígio *t* na posição do sujeito seria bem formado, mas o sujeito deveria se mover através do Spec de Fin para licenciar os traços Agr no seu núcleo; dessa forma, o vestígio no Spec de Fin - *t'* - não seria apropriadamente regido.

(4.1.23)

* Je ne sais pas [qui C⁰ [ton livre Top⁰ [t' Fin+ Agr [t pourrait ...]]]]

Poderíamos justificar a ausência no corpus de ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica na ordem SOV em função da restrição de o sujeito se deslocar para uma posição mais alta, passando sobre a projeção do núcleo Top₂, a posição de realização do objeto topicalizado com retomada clítica, de acordo com as formulações de Rizzi para justificar as estruturas do francês que são mal formadas nessa configuração. Entretanto, os dados de nossa pesquisa mostram que português clássico legitima sentenças de ordem V3

com o sujeito pré-verbal em posição mais alta em Comp e o objeto em posição mais baixa carregando a função de tópico ou foco:

(4.1.24)

- (a) mas todavia *eu a el-rei* sirvo de Portugal, (F. de Holanda, 1517)
- (b) e *eu nenhuma outra cousa* pretendo e rogo. (M. de Melo, 1608: Cartas)
- (c) *El-Rei tudo* sabia (M. de Melo, 1608: Tácito)
- (d) e *a embriaguez tudo* confunde com tumultos (M. Bernarde, 1644).

Na perspectiva da proposta cartográfica, o sujeito, como primeiro elemento da oração nessas estruturas de ordem SOV, ocuparia uma posição mais alta em Comp, acima da projeção dos núcleos de Foc e Top₃. Considerando a restrição do francês moderno de licenciar sentenças com o deslocamento do sujeito passando sobre um núcleo Top, a formação dessas construções do português dos séculos 16-17, com o sujeito realizado em posição mais alta e o objeto topicalizado ou focalizado precedendo imediatamente o verbo, nos permite definir o sujeito como elemento gerado diretamente nessa posição. O estatuto do sujeito como elemento gerado diretamente em posição mais alta em Comp justifica a formação dessas construções portuguesas sem efeitos de minimalidade.

Este tipo de análise, que define o sujeito como elemento gerado diretamente em posição mais alta nessas construções, explica a formação de outras ocorrências de ordem SXV, registradas no corpus, que dispõem de um elemento na posição de X carregando o acento de foco. Na categoria de foco, o sintagma frontado ocupa a posição de Spec de Foc, projetado dentro da oração.

(4.1.25)

- (a) mas *eu sempre* o acompanhei, e servi com muito amor, e gosto até á hora em que os Portugueses o mataram, que pelo não deixar fiquei cativo em seu poder, ferido, e á morte. (D. Couto, 1542).
- (b) porque *eu somente* me satisfaço com a permissão de casar ao duque meu filho donde convenha. (M. de Melo, 1608: Tácito)

Nessas sentenças, o deslocamento do sujeito por movimento A-barras para uma posição mais alta em Comp produziria efeitos de minimalidade. O sujeito, no seu deslocamento, passaria sobre uma posição A-barras, o Spec de Foc, ocupada pelo elemento que expressa foco. Seguindo a proposta de Rizzi (1997, 2004a) da posição hierárquica de projeção dos núcleos no sistema de CP, podemos definir o sujeito em posição mais alta nas construções em (2.1.25), acima, como elemento concatenado diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top₂. Nessas ocorrências, a fronteira intonacional da oração está alinhada em FocP ou em TopP₃. Nas ocorrências em (4.1.24), o objeto em posição mais baixa, precedendo imediatamente o verbo, ocupa o Spec de Foc ou o Spec de Top₃, satisfazendo, nessa posição, o requerimento de efeitos-V2.

A concatenação de elementos diretamente em CP é assumida por Roberts (2004, p. 316) na explicitação da ordem V3 licenciada em gramáticas genuinamente V2, como o alemão.

Dentro dessas reflexões, podemos justificar a realização de construções de ordem SXV, com o sujeito em posição mais alta e um sintagma adverbial precedendo imediatamente o verbo:

(4.1.26)

- (a) *João Daudine em Roma* tem o preço e nome d'esta pintura. (F. de Holanda, 1517)
- (b) *O Marquês verdadeiramente* faz tudo o que deve e pode um grande, prudente e zeloso ministro (A. Vieira, 1608: Cartas).
- (c) *elle com este intento a* separou das mais, & trouxe em parte, que algum potro lhe não chegasse, & dahi a mes & meo a vio prenhe: (B. de Brito, 1569)
- (d) *e eu de alvízaras lhe* mandei êsse soneto, de que parto convosco (M. de Melo, 1608: Cartas).
- (e) & eu cheo de confiança & suavidade *me* tornei para o Real. (A. Brandão, 1584)

Nos enfoques da proposta de Rizzi, o sintagma adverbial nessas construções ocuparia o Spec do núcleo Mod, projetado na periferia à esquerda para acomodar esses elementos deslocados. Entretanto, conforme ressaltamos, os sintagmas adverbiais prepostos em contextos V2 podem ser interpretados como foco ou tópico, ocupando o Spec de Foc ou o Spec de Top₃, projetados dentro da estrutura prosódica da frase. Segundo Rizzi (1987,

2004a, p. 240), embora os advérbios não sejam tópicos naturais, eles podem se tornar tópicos em condições especiais de discurso: quando eles são mencionados no discurso imediatamente prévio. Os advérbios também podem ser movidos para a posição de foco, tendo o mesmo comportamento de outros elementos que se deslocam para essa posição.

Com essa interpretação, a mesma proposta de análise que oferecemos para justificar as ocorrências de ordem SOV, apresentadas acima, pode justificar a formação de construções de ordem SXV, com o sujeito realizado em posição mais alta e um sintagma adverbial interpretado com o foco ou tópico, ou mesmo sem essa interpretação, ocupando a posição que precede imediatamente o verbo. A ausência de efeitos de minimalidade com a intervenção de advérbios ocupando o Spec de Foc ou o Spec de Top define o sujeito em posição mais alta na categoria de elemento concatenado diretamente nessa posição.

Apontamos, no capítulo anterior, que o português clássico licencia sentenças de ordem OSV, com objetos na categoria de sintagmas referenciais em posição mais alta em Comp carregando a função de tópico contrastivo:

(4.1.27)

mas como *a César as armas* não impediam a ciência, assim *ao Grande VIEIRA a ciência* não impedia as virtudes. (A. de Barros, 1675)

O objeto indireto, em posição mais alta, nesta sentença, carrega a função de tópico contrastivo. O contraste é estabelecido em termos de oposições lexicais no mesmo discurso (GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005). Dentro da análise que estamos propondo, o sujeito em posição pré-verbal ocupa a posição de Spec de Top₃, a posição de tópico que satisfaz o requerimento de efeitos-V2, projetada dentro da estrutura prosódica da oração. O objeto indireto, carregando a função de tópico contrastivo, ocupa uma posição de adjunção ao núcleo Top, projetado em posição mais alta, que assumimos ser a posição de Top₂.

Em contrapartida, como a pesquisa revela, há restrição de formação de estruturas de tópico contrastivo na ordem SOV, com o sujeito ocupando a posição mais alta e o objeto carregando a função de tópico contrastivo realizado em posição mais baixa, entre o sujeito e o verbo. Como apontamos acima, há também ausência no corpus de ocorrências de

estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica nesta configuração.

Por outro lado, como destacamos, os dados desses autores apresentam ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco de ordem SOV, com o sujeito expesso realizado em posição mais alta na estrutura da frase e o objeto topicalizado/focalizado precedendo imediatamente o verbo, como os exemplos ilustrados em (4.1.24). Inferimos que, nessas construções, o sujeito é concatenado diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top₂, projetado em posição mais alta, justificando, assim, a não ocorrência de efeitos de minimalidade com o objeto interveniente ocupando a posição de Spec de Foc ou o Spec de Top₃. Por conseguinte, a ausência de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica e/ou de Tópico contrastivo na ordem SOV, não pode ser justificada em função de violação de restrição das condições de minimalidade. O sujeito poderia ser gerado diretamente em posição mais alta nessas construções, como nas ocorrências em (4.1.24), (4.1.25) e (4.1.26). Outro motivo se apresenta como fator de restrição de formação dessas construções na ordem SOV no português clássico. Atribuímos à posição de realização do objeto topicalizado o motivo de restrição de formação dessas construções na ordem SOV. Nessa posição, o sintagma que precede imediatamente o verbo nas ocorrências de ordem SXV descritas acima, ocupa o Spec de Foc, Spec de Top₃ ou o Spec de Mod, projetados dentro da estrutura prosódica da oração. A ausência, no corpus, de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica na ordem SOV confirma que a posição de realização de objeto topicalizado desse tipo de construção é a posição de núcleo Top projetada em posição anterior à fronteira prosódica da oração, que definimos como Top₂. A posição que precede imediatamente o verbo nas sentenças de ordem V3/V4 é a posição que satisfaz o requerimento de efeitos-V2, ocupada por sintagmas que podem ser interpretados como tópico ou foco, podendo também ser ocupada por advérbios que não expressam essas funções.

De outra parte, conforme mostramos na descrição dos dados no capítulo 3, o português dos séculos 16-17 licencia objetos na categoria de sintagmas não referenciais na ordem OSV, com esse constituinte ocupando a posição mais alta em Comp e o sujeito expesso precedendo imediatamente o verbo. De acordo com a proposta que estamos seguindo, a categoria de sintagma não referencial do objeto nessas construções define a função de foco que esse elemento carrega (BARBOSA, 1991, 1996, 2009; CINQUE, 1990; KATO, 1998, 2009; RAPOSO, 2000; RIZZI, 1987, 2004a; entre outros).

(4.1.28)

- (a) *Tôda a outra dor eu lhe perdôo* e o mais que disserem de mim; (A. Chagas, 1631).
- (b) *tudo as damas* podem dever a este Rey, escusando suas vaydades. (B. de Brito, 1569)
- (c) porque, como disse Publico Mímio, *nenhuma cousa o avaro* faz boa senão quando morre, porque deixa o que tem a quem possa usar dele. (R. Lobo, 1579).

Nas formulações de Paixão de Sousa (2004), nas sentenças declarativas finitas de ordem SV do português clássico, o sujeito é realizado fora do núcleo de flexão, ocupando uma posição mais alta dentro da estrutura prosódica da oração, ou ocupando a posição pré-verbal na forma de estrutura de adjunção.

Nos exemplos em (4.1.28), a categoria de um sintagma quantificado/quantificador nu do objeto em posição mais alta nos permite interpretá-lo como foco; portanto, com esse elemento ocupando a posição de Spec de Foc, projetada dentro da estrutura da oração. Diferente do sujeito nas ocorrências de ordem SXV, analisadas acima, que definimos na condição de elemento concatenado diretamente nessa posição, o objeto, carregando o acento de foco, por sua força quantificacional, é excluído de ser interpretado na categoria de elemento gerado na base. O elemento focalizado tem de estar ligado a uma variável sintática (RIZZI, 1997, p. 292). O sujeito em posição mais baixa pode ser interpretado a ocupar o Spec de Top₃. Por conseguinte, nessas sentenças de ordem OSV, o objeto, carregando o acento de foco e o sujeito, precedendo o verbo, integram a estrutura prosódica da oração. Em condições diferentes do sujeito das ocorrências em (4.1.24) e (4.1.25), que apresentaria efeitos de minimalidade passando sobre o Spec de Foc ou sobre o Spec de Top₃, essas construções de foco de ordem OSV são licenciadas com o movimento do sintagma focalizado passando sobre o sujeito no Spec de Top₃, uma posição A-barra, sem produzir efeitos de minimalidade. Dentro da proposta Rizzi (1987, 2004a), a ausência de efeitos de minimalidade se deveria à natureza diferente dos traços pertinentes a esses núcleos. O núcleo Foc, dotado de traços substantivos e traços específicos, no caso, traços quantificacionais, e o núcleo Top₃, dotado exclusivamente de traço EPP. Em nossa análise, o traço EPP dessa posição é checado pela morfologia do verbo associado ao núcleo Fin.

Nas considerações de Frey (2004, p. 16), o elemento que ocupa a posição mais alta no “middle field” de sentenças do alemão pode ser movido por movimento A-barra ou por

movimento formal (FM) para o “prefield”. O elemento que se desloca por movimento A-barra resulta em uma interpretação contrastiva; enquanto que o constituinte que se desloca por movimento formal não tem uma interpretação de contraste; não adquirindo, no seu deslocamento, nenhum efeito semântico ou pragmático.

Como proposta de trabalho, assumimos que nas ocorrências de ordem SXV/XSV, levantadas dos textos dos séc. 16-17, o sujeito ou o sintagma adverbial/sintagma preposicional, em posição mais alta em Comp, é concatenado diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top₂ ou Top₁ e o sintagma que o segue ocupa a posição de Spec de Foc, Spec de Mod ou o Spec de Top₃, com a projeção de um desses núcleos dentro da estrutura prosódica da frase. Nas ocorrências que licenciam o objeto expressando foco em posição mais alta e o sujeito precedendo imediatamente o verbo, esses dois elementos pré-verbais integram a estrutura prosódica da oração. Nessas construções, a condição de foco do objeto define sua realização dentro da oração. É nesse contexto de foco que a ordem subjacente V3 é licenciada no português desse período.

Com respeito às ocorrências de ordem XSV, registradas no corpus, mostramos que o elemento X, em posição mais alta, pode ser um sintagma adverbial ou um sintagma preposicional:

(4.1.29)

- (a) *E em seus artifices ninguem creya*, que pode haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, (M. da Costa, 1601).
- (b) Neste *sentido o império do mar* passou dos Gregos para os Romanos; foi para os Espanhóis; (C. Brochado, 1651)
- (c) *e da prática da Rainha também eu* não tive notícia (A. Vieira, 1608: Cartas).
- (d) *Em todas as ocasiões, este prelado* sabia conciliar o zelo do serviço da Sé Apostólica com o respeito e atenção a esta Corte, (A. Gusmão, 1696).

De acordo com as formulações de Rizzi, o núcleo Mod é projetado na periferia à esquerda acima de Top₃ e abaixo de Foc.

No exemplo em (4.29a.), o sujeito é expresso por um quantificador (ninguém) e no exemplo em (4.1.29 c), um operador de foco precede sujeito; condições essas que permitem

a interpretação desses elementos como foco. Nessas produções, o sintagma adverbial/sintagma preposicional é realizado acima do núcleo Foc, ocupado pelo sujeito. Nas bases da proposta cartográfica (RIZZI, 1997; 2004a), os núcleos projetados acima de Foc são os núcleos Top₂ e Top₁. Na análise que estamos assumindo, o deslocamento do sintagma adverbial e/ou do sintagma preposicional por movimento A-barras para o Spec de um desses núcleos passando sobre o sujeito no Spec de Foc, uma posição A-barras, resultaria em violação das restrições de Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1987). A formação dessas sentenças sem efeitos de minimalidade define o sintagma adverbial/sintagma preposicional, em posição mais alta, na condição de elementos gerados diretamente nessa posição.

Em contrapartida, nas ocorrências (4.29 b, d) a categoria de sintagma referencial do sujeito expresso em posição pré-verbal permite sua interpretação como tópico, portanto, ocupando a posição de Spec de Top₃, projetado dentro da estrutura prosódica da oração. O sintagma adverbial, em posição mais alta, poderia ser analisado a ocupar o Spec de Mod, projetado acima do núcleo Top₃. Nessas produções, a projeção do núcleo Mod acima da projeção do núcleo Top₃ estaria de acordo com a proposta de Rizzi das posições hierárquicas de projeção dos núcleos funcionais na periferia à esquerda do italiano e outras gramáticas do romance moderno. Contudo, o sintagma adverbial, no seu deslocamento para o Spec de Mod, passaria sobre o Spec de Top₃, uma posição A-barras, violando as condições de minimalidade. A formação dessas sentenças define o sintagma adverbial na categoria de um adjunto gerado nessa posição. Dentro da proposta de Rizzi (1997, 2004a), que estamos seguindo, os elementos adverbiais nessas construções ocupam uma posição de adjunção ao núcleo Top₂ ou Top₁. Segundo Rizzi (1997), o núcleo Top pode opcionalmente ter um especificador. Não havendo a projeção de Spec de Top, o elemento topicalizado se realiza em posição de adjunção a esse núcleo. Nas argumentações desse autor (Rizzi, 1997, p.), a configuração de adjunção é adequada para satisfazer o Critério Top.

De acordo com Rizzi (2004a, p. 244), a projeção de mais de um núcleo Mod no sistema de CP das sentenças do italiano produz efeitos de minimalidade. Os efeitos de minimalidade não ocorrem quando um desses elementos adverbiais é licenciado como tópico. Em análise assentada nessa proposta, podemos justificar as condições de licenciamento de sentenças de ordem V3 no português clássico que dispõem de dois

elementos adverbiais de categorias diferentes coocorrendo na periferia à esquerda:

A ausência de efeitos de minimalidade pode ser justificada se assumirmos que o sintagma adverbial em posição mais alta ocupa a posição de adjunção ao núcleo Top₂ ou ao núcleo Top₁. O sintagma adverbial em posição mais baixa, precedendo imediatamente o verbo, pode, nessas construções, ocupar a posição de Spec de Foc, Spec de Mod ou o Spec de Top₃, com a projeção de um desses núcleos dentro da estrutura prosódica da oração.

(4.1.30)

(a) *Dahi a dous dias naquella mesma paragem* lhes deu uma tormenta, (M. de Galhegos, 1597)

(b) *& ultimamente na provincia da Estremadura* (em a qual està a villa de Soure) vivia o servo de Deos Martinho, deputado pello Senhor para ornamento & emparo desta terra, como consta do progresso de sua vida. (A. Brandão, 1584)

4.2 Fatores de mudança no licenciamento de estruturas de tópico e foco no português a partir do século 18.

Ressaltamos no capítulo anterior o fato emergido em nossa pesquisa de mudança de comportamento lingüístico dos autores nascidos a partir do séc. 18 em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séc. 16-17 no uso de estruturas de tópico.

Definimos, na pesquisa, que o português do século 16-17 legitima qualquer constituinte do VP em posição pré-verbal, em condições semelhantes às gramáticas genuinamente V2. Assumindo as propostas do Projeto Cartográfico de Rizzi (1997, 2004a), propusemos que, nessas construções V2 do português dos séculos 16-17, o verbo finito é realizado no núcleo Fin, evidenciado pela frequência elevada de sujeito expreso em posição pós-verbal em configuração de inversão germânica. O sintagma pré-verbal interpretado como tópico ou foco ocupa o Spec do núcleo correspondente projetado no sistema CP para acomodar elementos deslocados com essas funções: Spec de Foc ou Spec de Top₃. .

Nos dados levantados dos textos dos autores nascidos a partir do séc. 18, verificamos que a frequência de fronteamto de sintagmas nominais com a função de objeto, de sintagmas preposicionais, de estruturas de mini-orações - na forma de sintagmas completos e/ou na forma de sintagmas descontínuos -, de argumento do verbo haver e de orações reduzidas de particípio diminui de maneira generalizada.

Como hipótese de trabalho, assumimos que a restrição de uso de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito e/ou de adjuntos adverbiais em posição pré-verbal em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem XV em função da atuação no português desse período de uma gramática de natureza não-V2, que não licencia a subida do verbo finito para o núcleo Fin. Esse novo sistema não licencia a projeção dos núcleos Top e/ou Mod dentro da estrutura prosódica da oração. A restrição desse novo sistema gramatical de projeção de núcleo Top dentro da oração explica a restrição da frequência de uso de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e, conseqüentemente, explica a evolução da frequência de uso maior de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica nos textos desses autores.

(4.2.31)

- (a) *Ao amigo que prega os guardanapos grandes*, sucedeu-lhe neste dia uma desgraça. (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *Os primeiros princípios, e os primeiros movimentos* reservou-os para si a Providência (M. Aires, 1705)
- (c) *e algumas notícias suas*, curiosas, e mande-ma logo pelo correio, como já lhe disse. (A. da Costa, 1714)
- (d) *O Prado* espero-o aqui todos os dias, solteiro creio eu. (E. de Queiróz, 1845)
- (a) *O moral lho ensinam* as damas com o amor (C. de Oliveira, 1702)
- (b) *e a história a* fazem renascer a cada instante. (M. Aires, 1705)
- (c) *isso o* podera fazer não tendo eu Intendencia Alguma sobre o douto Collegio. (P. Manique, 1733)
- (d) *Esse um m'o* mandou e eu t'o mando (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (e) *Esse destino lho* pedi eu muitas vezes. (C. Branco, 1825: Amor)

Apontamos, na descrição dos dados no capítulo 3, a restrição atestada nos textos dos autores nascidos nesse período de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 formadas por movimento longo. Nesse contexto, registramos, no corpus, ocorrências de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica:

(4.2.32)

- (a) *Esta sentença irrevogável* elas mesmas são as que cantando em altas vozes *a* publicam; (M. Aires, 1705)
- (b) *e a todos* parece que o Soberano *os* vê (M. Aires, 1705)
- (c) *A renda desta quinta* continua o Senhor Francisco Bragadas a pagá-la à mãe carinhosa dos enjeitados. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (d) *Este olmo que ainda tem um sinal de letras*, fui eu que *o* plantei há vinte e três anos. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (e) *Estes conselhos e estas informações* que os dêem o Oliveira Martins e o Chagas, que põem as suas fitas e vão com elas ao paço e às Câmaras. (R. Ortigão, 1836)

Dentro de nossa proposta, o objeto topicalizado dessas estruturas ocupa uma posição de adjunção ao núcleo Top2, projetado na periferia esquerda da oração matriz.

Na proposta de Kroch (1989, 2001), conforme mencionamos, o aumento da frequência de estruturas de Deslocação à Esquerda no francês medieval pode ser indicativo de uma mudança no acento frasal que força os constituintes prepostos a se moverem da posição de topicalização para a posição deslocada à esquerda, tendo esse elemento o seu próprio contorno intonacional, separado da estrutura prosódica da oração. De acordo com Kroch, o sujeito continua a ocupar a posição de topicalização nas sentenças do francês no período de mudança por ser o único sintagma nominal que pode ser topicalizado sem expressar acento nas línguas-V2. Os outros elementos prepostos deixam de funcionar como desencadeadores do verbo em segunda posição. Em sua argumentação, o declínio de evidências positivas para a restrição-V2 e o uso de sujeito preenchendo a posição pré-verbal, consistente com a gramática SVO, desencadeiam uma reanálise gramatical e a inversão sujeito-verbo deixa de ocorrer naquela língua.

Destacamos também em nossa pesquisa o fato de não haver restrição de uso de construções que licenciam sujeitos de orações subordinadas em posição de tópico de orações matrizes nos textos dos autores nascidos nos séculos 18-19. Nessas produções, o sujeito de orações subordinadas, formadas com verbos transitivos ou intransitivos/inacusativos, é realizado como primeiro elemento da oração matriz. O sujeito da oração matriz, quando expresso, é posposto ao verbo. Registramos este tipo de construção com significativa frequência nos textos de autores nascidos no século 18 e também nos textos de autores nascidos no século 19.

(4.2.33)

- (a) *Os nossos corações* penso eu que estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam. (C. Branco, 1825: Amor...)
- b) Um anjo só me basta na vida, e *esse* quero eu que me assista na morte (C. Branco, 1825: Maria Moisés)
- (c) *Maria da Lage, a mãe*, diziam que dava em louca, porque não comia, nem bebia, nem chorava (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

(d) *Um sinal em certas partes da cara* dizem que produz um efeito maravilhoso (C. de Oliveira, 1802)

(e) *O primeiro*, disse eu que era o mais perfeito, mas absolutamente impossível em Portugal. (A. Garrett, 1799: Cartas)

(f) O propheta Bandarra não sei o que deixou nem em que foi arrebatado, mas nalguma coisa havia de ser (A. Garrett, 1799: Teatro)

(g) O golpe, supponho eu, que não foi de morte, porque o melro foi andando pelo seu pé, porém nunca mais tornou a apparecer até agora (A. Garrett, 1799: Teatro)

Entre esses dados, encontramos uma ocorrência que apresenta uso de clítico em próclise na oração matriz:

(4.2.34)

Estes lhe digo eu Senhor Doutor, que são enxabidos despropositadamente,
(A. da Costa, 1714)

De acordo com a hipótese de Galves (2003), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Galves e Paixão de Sousa (2005), que estamos adotando neste trabalho, o uso do clítico em próclise nas sentenças do português dos séculos 16-17 define o sintagma pré-verbal inserido na estrutura prosódica da oração. Assumimos que, nessas construções, o sujeito deslocado da oração subordinada para a posição que precede o verbo da oração matriz ocupa o Spec de Foc ou o Spec de Top₃ dessa oração. O deslocamento do sujeito da oração subordinada para a posição de tópico da oração matriz não produz efeitos de minimalidade com o sujeito da oração matriz no Spec de IP. Tendo em conta que a ocorrência em (4.2.34) pertence aos dados de um autor nascido no século 18, podemos tomá-la como estrutura de Topicalização ou Focalização-V2, produzida pela gramática em uso no português dos séculos 16-17, ainda presente na produção escrita desse autor.

Registramos, no corpus, ocorrências desse tipo de construção com clíticos na oração matriz em posição de ênclise:

(4.2.35)

- (a) *O nosso Pantaleão parece-me* que desta vez que sincou (A. Garrett, 1799: Teatro).
- (b) *O canario, pede-me* minha filha que lhe diga que era lindo: sabe? (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (c) *A pista das corridas sabe-se* que é a mais bela do mundo. (R. Ortigão, 1836)

No exemplo em (4.2.35 a), o sujeito da oração encaixada ocupa a posição que precede o verbo de alçamento *parecer* na oração matriz; nos exemplos em (4.35 b, c), a oração principal é formada com verbo transitivo. Considerando o fato de essas construções serem produzidas por autores nascidos no final do século 18 e meados do século 19, justamente, no período em que a mudança se torna mais estável na língua, podemos assumi-las como estruturas de tópico formadas pela nova gramática. Assim considerando, podemos propor que o uso de clíticos em ênclise nessas construções define a ordem SV desse novo sistema gramatical, que não licencia uma posição de tópico interna à oração. Nessas construções, o sujeito da oração subordinada ocupa uma posição de adjunção ao núcleo Top₂ da oração matriz.

Outra mudança, nitidamente evidenciada no licenciamento dessas construções, é a realização de sujeito deslocado por movimento longo em configuração V3. Nessas construções, o sujeito deslocado de oração subordinada precede um sintagma explicitamente focalizado na oração matriz

(4.2.36)

- (a) Fênix só na Arábia se diz que sabe renascer das suas cinzas (M. Aires, 1705)
- (b) A música já Vossa Mercê sabe que dura desde o princípio até ao fim, (A. da Costa, 1714).
- (c) *Um nunca eu* pude saber quem era... mas o outro...! (A. Garrett, 1799: Teatro)

Dentro da proposta de análise que estamos adotando, a intervenção de um sintagma carregando o acento de foco é suficiente para definir os *sintagmas Fênix* e *a música*, realizados em posição mais alta na oração matriz dessas construções, na condição de

elemento gerado na base. Assim considerando, definimos que esses sintagmas, realizados acima do núcleo Foc, ocupam uma posição de adjunção ao núcleo Top₂ ou ao núcleo Top₁ da oração matriz, justificando, dessa forma, o licenciamento dessas construções sem efeitos de minimalidade.

Destacamos na primeira seção deste capítulo que os dados dos autores dos séc. 16-17 apresentam ocorrências de sujeito e/ou objeto deslocado por movimento longo exclusivamente em configuração V2. Nessas produções, apenas o objeto ou o sujeito, deslocado de oração subordinada, ocupa a posição pré-verbal da oração matriz, que definimos como o Spec de Foc ou o Spec de Top₃.

Outro fato atestado é a realização, com significativa frequência, de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com o clítico disposto em próclise em ambientes não proclisadores. Assumimos o uso dessas construções nos textos dos séc. 18-19 como reflexo de competição de gramáticas subjacentes à produção escrita desses autores. Vimos que o português dos séc. 16-17 licencia estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V2 com clíticos resumptivos em próclise em ambientes não categóricos. O uso de clíticos em próclise nas sentenças do português dos séc. 16-17 define o sintagma pré-verbal dentro da estrutura prosódica da oração (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

(4.2.37)

- (a) *O moral lho ensinam as damas com o amor* (C. de Oliveira, 1702).
- (b) *e a história a fazem renascer a cada instante.* (M. Aires, 1705)
- (c) *isso o podera fazer não tendo eu Intendencia Alguma sobre o douto Collegio.*(Pina Manique, 1733)
- (d) *Esse um m'o mandou e eu t'o mando* (A. Garrett, 1799: Cartas)
- (e) *Esse destino lho pedi eu muitas vezes.* (C. Branco, 1825: Amor...)

Em contrapartida, os dados levantados do texto *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, autor nascido no final do séc. 18, apresentam ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica de ordem V3 em contextos de foco, dispondo, inclusive, de sujeito pré-verbal explicitamente focalizado:

(4.2.38)

(a) *As notícias que consolavam, e os terrores que matavam, o frade é que os trazia.*

(A. Garrett, 1799: Viagens)

(b) *Nossa avó é ele que a mata decerto* (A. Garrett, 1799: Viagens)

(c) *A mim é que ele já me viu.* (A. Garrett, 1799: Viagens)

(d) *Tão má cortesia nunca a vi usada!* (A. Garrett, 1799: Viagens)

A ausência desse tipo de construção nos textos dos séc. 16-17 nos permite interpretar as ocorrências levantadas do texto de Garrett como estruturas de foco produzidas pela nova gramática em evolução na língua nesse período. Por outro lado, a ausência dessa construção com o sujeito pré-verbal explicitamente focalizado nos textos dos séc. 16-17 corrobora com a proposta que oferecemos de o sujeito fronteado, expresso por sintagmas referenciais, ocupar a posição de Spec de Top₃, projetado dentro da estrutura prosódica de orações raízes e/ou subordinadas de ordem V2.

Outras ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos em próclise de ordem OXV, levantadas desse texto de Garrett, apresentam sintagmas adverbiais na posição X que podem ser interpretados como elementos que carregam o acento de foco:

(4.2.39)

(a) *Os seus lindos olhos na terra os pregava.* (A. Garrett, 1799: Viagens)

(b) *As lições de picaria no meu ruço ou macho, logo no quintal as tomarás.* (A. Garrett, 1799: Viagens)

Na ocorrência em (4.2.39b), com dois elementos na categoria de advérbios circunstanciais, o advérbio de tempo – *logo* – pode ser interpretado como um elemento que expressa proeminência acentual, o que nos permite analisá-lo como foco. Podemos, portanto, propor que, nessa ocorrência, o objeto topicalizado da estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica se realiza em adjunção ao núcleo Top₂, o sintagma adverbial de tempo – *logo* - no Spec de Foc e o advérbio de lugar – *no quintal* – ocupa o Spec de Mod, em

concordância com a ordem hierárquica de projeção dos núcleos em CP, definida por Rizzi (1987, 2004a). Esta mesma proposta de análise pode ser assumida para a ocorrência (4.2.39 a). O sintagma adverbial – na terra- interpretado como foco, ocupa o Spec de Foc e o objeto da estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica é concatenado diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top₂.

Outro contexto de mudança assinalado no uso de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica nos textos dos autores nascidos nesse período é a ausência de ocorrência dessa construção com clíticos dispostos em ênclise em ambientes de paralelismo sentencial. Conforme apontamos, esse é um dos contextos de licenciamento dessas estruturas de tópico com clíticos resumptivos em ênclise no português dos séc. 16-17. A ausência de uso dessas construções com ênclise em ambiente de paralelismo sentencial nos textos dos séc. 18-19 confirma a natureza diferente das gramáticas atuantes nessas produções nos dois períodos investigados. No português dos séculos 16-17, o uso de clíticos em ênclise no licenciamento dessas construções em ambientes de paralelismo estrutural define a ordem subjacente V1 dessas orações, com o verbo realizado no núcleo Fin. Por outro lado, o aumento da frequência de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com ênclise no português a partir do séc. 18 corresponde ao aumento de sentenças com verbos realizados no sistema de IP.

Outro tipo de mudança, visivelmente comprovado nos dados dos autores nascidos a partir do século 18, é a diminuição da taxa de frequência de objetos fronteados na categoria de sintagmas nominais; aumentando, na mesma proporção, a taxa de frequência de objetos fronteados na categoria de quantificadores nus. Como temos reiterado, a categoria de sintagma não referencial dos objetos fronteados nessas sentenças é fator que os exclui de serem interpretados como tópico, portanto, de essas construções serem analisadas como estruturas de Topicalização-V2. Por conseguinte, o aumento da frequência de objetos fronteados na categoria de sintagmas não referenciais em sentenças de ordem V2 nesses textos corresponde ao aumento da frequência de uso de estruturas de foco; portanto, com o objeto fronteadado realizado no Spec de Foc:

(4.2.40)

- (a) Julgo que *a ninguém* deixará de parecer óbvio e natural o sentido do texto, tão livre da anfibologia (C. Garção, 1724).
- (b) *Tudo* lhe agradecerei e pode-se retirar. (J. Daniel da Costa, 1757)
- (c) *Nada* disse ao Príncipe de importante que não fôsse na presença de Vossa Eminência. (M de Alorna, 1750)
- (d) *Tudo* tenho na cabeça, (A. Garrett, 1799: Teatro)
- (e) *Nada* conseguiria; (A. Garrett, 1799: Teatro)

O uso mais acentuado de sintagmas carregando a função de foco nas sentenças de ordem V2 no português dos séculos 18-19 pode justificar a frequência elevada de predicativos de sujeito em sentenças com verbos intransitivos em posição pré-verbal nos textos de autores nascidos nesse período. Nessas ocorrências, o elemento pré-verbal com a função de predicativo carrega o acento de foco:

(4. 2. 41)

- (a) *Bem persuadido* estava eu, continuou o cavaleiro, tu me não darias crédito. (C. de Oliveira, 1702).
- (b) Bem aviado estava eu, minhas Senhoras - respondi a todas- se eu falasse com Vossas Senhorias (C. de Oliveira, 1702).
- (c) *Bem certa* estou eu que tôdas as dilções no importante negócio que expus a Vossa Alteza Real vêm de outras circunstâncias e não do seu ânimo augusto, (M. Aires, 1705).

Nestes exemplos, o predicativo é precedido por um operador de foco - o advérbio quantificacional *bem* -; o sujeito é expresso em posição pós-verbal. Ressaltamos, no capítulo precedente, que essas produções apresentam as duas estratégias de legitimação de foco legitimadas no português europeu moderno, definidas por Âmbar (1992, p. 76).

Em se tratando do uso de sentenças de ordem V3, com o sujeito e outro elemento da oração, inclusive o objeto, realizados em posição pré-verbal, nas ordens variantes SXV/XSV, mostramos que os dados dos autores nascidos entre o séc. 16 e séc. 17 apresentam frequência maior de uso dessas construções na ordem SXV. Propusemos que,

nessas produções dos séc. 16-17, o elemento que precede imediatamente o verbo ocupa a posição de Spec de Top₃ ou Spec de Foc, dentro da estrutura prosódica da oração, satisfazendo, nessa posição, o requerimento de efeitos-V2. O sintagma em posição mais alta - o sujeito ou outro constituinte, inclusive o objeto -, é realizado em posição de adjunção ao núcleo Top₂ e/ou Top₁, projetados em posição anterior à fronteira prosódica da oração.

Registramos nos textos dos séc. 18-19, ocorrências de ordem SOV, com um de objeto direto ou objeto indireto em posição mais baixa que o sujeito. Nessas produções, a frequência maior é atestada com objetos diretos expresso por sintagmas quantificados e/ou quantificadores nus. A categoria de sintagma não referencial do objeto é fator que assegura sua interpretação como foco.

(4.2.43)

- (a) *Eu as modas não dispenso* (J. Daniel da Costa, 1757)
- (b) *e as minhas Palavras e obras bastante Prova fazem da minha conduta.* (P. Manique, 1733)
- (c) *eu a elles e ao Padre Ferraõ recomendo muito vivament sempre, que se não apartem dos seus concelhos,* (P. Manique, 1733)
- (d) *Enfim, Senhor, eu nada disse a Vossa Alteza Real e ao Patriarca que Dom Rodrigo não dissesse antes e muito mais,* (M. de Alorna, 1750)
- (e) *e nós nenhum conhecimento tínhamos de o espanhol.* (M. de Fronteira e Alorna, 1802)
- (f) *mas o Príncipe nada decidiu* (M. de Fronteira e Alorna, 1802)
- (g) *Os amigos que daí têm vindo recentemente, Navarro, Maria Amália, etc., nenhuma outra notícia me dão a teu respeito* (E. de Queiróz, 1845)

. Nas ocorrências de ordem SOV, o sujeito realizado em posição mais alta do que o foco na estrutura da frase nos permite interpretá-lo como elemento gerado diretamente nessa posição, conforme propusemos para justificar a ausência de efeitos de mimalidade nas ocorrências de estruturas de foco nessa configuração, produzidas nos textos dos autores nascidos entre o séc. 16 e séc. 17. Assumimos o uso dessas construções nos textos dos séc. 18-19 como estruturas produzidas pela gramática de natureza V2 do período anterior, ainda

atuante na produção escrita dos autores nascidos nesse período.

Atestamos, em nossa pesquisa, haver evolução, nos textos dos autores nascidos nesse período, da frequência de uso maior da forma OSV, com o objeto em posição mais alta e o sujeito precedendo imediatamente o verbo. Nas ocorrências de ordem OSV, produzidas nesse período de mudança, verificamos uso maior de objetos indiretos do que objetos diretos nessa configuração. Em muitas dessas ocorrências, o objeto direto e/ou o objeto indireto são realizados por sintagmas quantificados ou por quantificadores nus, o que nos permite descrevê-los como estrutura de foco:

(4.2.44)

(a) *tudo ele teme* (C. de Oliveira, 1702)

(b) *que aos ousados a fortuna favorece.* (M. Aires, 1705)

(c) *Ao mestre Bisborrio eu cedo.* (J. Daniel da Costa, 1757)

(d) *A um viajante artrítico um grande médico inglês disse:* (R. Ortigão, 1836)

(e) *A nenhuma senhora de Lisboa eu devo metade das obrigações constantes das repetidas, das inalteráveis provas de interesse sincero, de amizade verdadeira que ela constantemente me deu.* (R. Ortigão, 1836)

De acordo com nossa pesquisa, o português dos séc. 16-17 licencia, de forma mais restrita, objetos interpretados como foco na ordem OSV. É nesse contexto que a ordem subjacente V3 é licenciada naquela gramática. Propusemos que, nessas construções do período clássico, o objeto carregando o acento de foco é realizado no Spec de Foc e o sujeito, em posição mais baixa, no Spec de Top₃, com esses dois núcleos projetados dentro da oração.

Em nossa proposta de análise, definimos que as ocorrências de estruturas de foco de ordem OSV em uso nos textos dos séc. 18-19, ilustradas nos exemplos em (4.2.42), acima, são produzidas pela nova gramática em processamento na língua nesse período histórico. A evidência empírica que sustenta esta hipótese está na correlação estabelecida entre a evolução de uso maior de sentenças de ordem XSV e a evolução de uso dessas construções com ênclise nas sentenças com clítico, conforme ressaltamos na descrição desses dados no capítulo 3. Como hipótese de trabalho, definimos que nas ocorrências de estruturas de foco

de ordem OSV, produzidas pela nova gramática, apenas o objeto expressando foco se desloca, ocupando o Spec de Foc; o sujeito permanece no Spec de IP, projetando a mesma configuração dos operadores afetivos do português europeu moderno, descritos por Raposo (2000).

4.3 Considerações finais do capítulo.

Tratamos, neste capítulo, das condições de licenciamento de estruturas de tópico e foco. no português clássico nos enfoques das propostas do Projeto Cartográfico de Rizzi (1987; 2004a). Propusemos análises para justificar a ausência de efeitos de minimalidade nas formas que dispõem de um ou mais de um sintagma na periferia à esquerda carregando a função de tópico e/ou foco em configuração V2/V3/V4.

Em nossa proposta de análise, assumimos que o verbo finito nas sentenças raízes e subordinadas do português dos séc. 16-17 é realizado no núcleo Fin, sendo a posição pré-verbal dessas sentenças preenchida por sintagmas que carregam as funções de tópico, foco ou por sintagmas adverbiais sem essas funções. Considerando a proposta de Rizzi (2004a) da projeção do núcleo Mod na periferia à esquerda das sentenças do italiano e outras gramáticas do romance moderno destinada a advérbios que não expressam foco e/ou tópico, postulamos que esse núcleo é projetado nas sentenças do português clássico que dispõem de advérbios pré-verbais que não expressam essas funções.

Definimos que o requerimento de efeitos V2 é satisfeito pelo sintagma que precede imediatamente o verbo, com esse elemento ocupando o Spec do núcleo projetado dentro da estrutura prosódica da oração: o Spec de Foc, Spec de Mod ou o Spec de Top₃.

Justificamos a ausência de efeitos de minimalidade nas estruturas de tópico, foco e advérbios pré-verbais, licenciadas nas ordens SOV/SXV/OSV/XSV, assumindo o elemento em posição mais alta nessas construções na categoria de elemento gerado na base, realizado em posição de adjunção ao núcleo de Top₂ ou Top₁. Propusemos que, nessas construções de ordem V3, o sintagma em posição mais baixa satisfaz o requerimento de efeitos-V2.

Ressaltamos a propriedade do português desse período de licenciar a ordem V3 com os dois sintagmas pré-verbais dentro da estrutura prosódica da oração nas ocorrências que

dispõem do elemento em posição mais alta carregando a função de foco. Nessas construções, a fronteira prosódica da oração está alinhada em FocP, que definimos como limite do contorno intonacional das orações do português dos séculos 16-17. Nas estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos em próclise, a fronteira prosódica está alinhada em TopP₂. Nas construções que licenciam sintagmas com a função de tópico contrastivo e/ou nas estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica no padrão de ordem V3, os sintagmas topicalizados dessas construções são concatenados diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top₂, projetado fora da estrutura prosódica da frase. A fronteira prosódica é alinhada acima de FocP nas ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos em posição de próclise.

Com respeito à mudança de comportamento sintático no licenciamento dessas construções no português a partir do século 18, evidenciada pela restrição da frequência de uso de sintagmas diferentes de sujeito e adjuntos adverbiais em posição pré-verbal, atribuímos a causa dessa mudança à atuação no português desse período de um sistema gramatical diferente do sistema V2 em uso no português dos séculos 16-17. Nesse novo sistema gramatical, o verbo não sobe para o núcleo Fin; por conseguinte, a ordem VS, com o sujeito em posição pós-verbal deixa de ser formada. Nesse novo sistema gramatical, a ordem SV corresponde à realização do sujeito no Spec de IP.

Atribuímos à propriedade do novo sistema gramatical subjacente à língua a partir do século 18 de não projetar o núcleo Top₃ dentro da estrutura prosódica da oração como fator desencadeador da mudança, atestada na pesquisa, de evolução da frequência de uso menor de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e, por conseguinte, de evolução da frequência de uso maior de objetos topicalizados na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica. Assumimos que o aumento da frequência de uso de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos em posição de ênclise decorre da restrição dessa gramática de licenciar essas construções dentro da estrutura prosódica da frase.

Postulamos que a restrição de uso de estruturas de tópico por movimento longo, com o deslocamento do objeto e/ou do sujeito de oração subordinada para a posição de tópico da oração matriz, no português desse período, se deve à propriedade dessa nova gramática de não licenciar o verbo finito no núcleo Fin. Analisamos as ocorrências encontradas no

corpus que dispõem de sujeito de oração subordinada precedendo o verbo da oração matriz, assumindo que, nessas construções, esse elemento é concatenado diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top_2 , projetado no sistema de Comp dessa oração.

CONCLUSÃO

Apresentamos, nesta tese, os contextos de formação de estruturas de tópico e foco do português clássico. Para a efetivação dessa tarefa, levantamos dados de trinta e nove textos de autores portugueses nascidos entre 1502-1845, formadores do acervo do Projeto Tycho Brahe.

Salientamos que o resultado alcançado em nossa investigação confirma a proposta de Galves & Galves (1995), Frota, Galves e Vigário (2008) de ocorrência de duas mudanças no português europeu entre os séculos 17 e 19, uma mudança afetando a sintaxe e outra a prosódia da língua.

Distribuído no eixo do tempo, o resultado de nossa pesquisa revela comportamentos sintáticos distintos no licenciamento de estruturas de tópico no português dos séculos 16-17 e português do século 18 e meados do século 19. O português dos séc. 16-17 conserva propriedades-V2 do português antigo (RIBEIRO, 1995) e gramáticas do romance medieval (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ & POLETTI, 2004) no licenciamento dessas construções. Em condições semelhantes àsquelas gramáticas históricas, o português do século 16-17 licencia com maior frequência estruturas de tópico e foco em sentenças declarativas finitas no padrão de ordem V2, com sujeito nulo ou com esse constituinte expresso em posição pós-verbal.

Como hipótese de trabalho, assumimos que a ordem V2 do português clássico é projetada com a subida do verbo finito associado a T para o núcleo Fin e deslocamento de um constituinte qualquer, inclusive do sujeito, para a posição de tópico e/ou foco, projetadas dentro da estrutura prosódica da oração. Definimos essas construções como estruturas de Topicalização/Focalização-V2, nos moldes de Ribeiro na descrição da ordem V2 licenciadas no português antigo.

Mostramos que o português clássico licencia objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica em condições diferentes do italiano e a outras línguas do romance moderno, que dispõem de sintagmas com a função de tópico na forma de estrutura de Deslocação à Esquerda

Clítica, mas não os licencia na forma de estruturas de Topicalização, legitimando, nessa configuração, sintagmas que carregam o acento de foco (CINQUE, 1990; RIZZI, 1997, 2004a), o português clássico licencia ambas as construções. Nossa pesquisa mostra que a tendência os autores nascidos entre o séc. 16 e séc. 17 é licenciar objetos interpretados como tópico na forma de estrutura de Topicalização-V2.

Uma das evidências empíricas, emergidas na pesquisa, que vêm definir a realização do sintagma pré-verbal em posição de tópico interna à oração é o uso de clíticos em próclise nessas produções (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005) e, por conseguinte, de restrição de seu licenciamento em sentenças com clíticos dispostos em ênclise. Assumimos a ausência no corpus de estruturas de Topicalização-V2 com clítico em posição enclítica como fator revelador da tendência do português clássico de licenciar objetos topicalizados dentro da estrutura prosódica da oração (GALVES, 2003).

Verificamos em nossa pesquisa que o português dos séculos 16-17, embora apresente tendência de licenciar sintagmas carregando a função de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2, essa gramática legitima objetos e/ou outros constituintes carregando essas funções em sentenças que projetam a ordem V3.

Objetos interpretados como foco e/ou tópicos são licenciados nas ordens variantes OXV/XOV, com a posição de X ocupada pelo sujeito, por um sintagma preposicional, por um sintagma adverbial ou por uma estrutura oracional apositiva. Em se tratando do uso de estruturas de tópicoe/ou foco de ordem V3 com o sujeito e o objeto precedendo o verbo, a tendência do português clássico é deslocar o sujeito para a posição mais alta à esquerda da oração e o objeto para a posição que precede imediatamente o verbo, configurando a ordem SOV. Nas ocorrências de ordem OSV, o objeto em posição mais alta pode ser realizado por um sintagma não referencial, o que lhe assegura a interpretação de foco e/ou pode ser realizado por um sintagma referencial que carrega a função de tópico contrastivo.

Em nossa proposta de análise, nessas construções, o sintagma em posição mais alta carregando a função de tópico contrastivo é realizado como um adjunto em posição externa à estrutura prosódica da frase. O sintagma em posição mais baixa, precedendo imediatamente o verbo, ocupa a posição-V2 de tópico ou foco, projetado dentro da oração.

Nas ocorrências de ordem V3 que dispõem de um sintagma em posição mais alta carregando o acento de foco, os dois elementos pré-verbais - o sintagma que expressa foco em posição mais alta e o sintagma que precede imediatamente o verbo - integram a estrutura prosódica da frase. È nesse contexto de foco que a ordem subjacente V3 é projetada nessa gramática.

Vimos que o português clássico licencia objetos interpretados como tópico também na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica nos padrões de ordem V2/V3/V4. Ressaltamos o fato atestado na pesquisa da tendência dos autores nascidos entre os séc. 16-17 de fazer uso maior de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2.

Diferente do comportamento sintático atestado no licenciamento de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 em sentenças com clíticos que apresenta uso generalizado da próclise, as estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clíticos resumptivos são licenciadas em formas variantes com clíticos resumptivos em próclise e/ou em ênclise. Justificamos o licenciamento dessas formas variantes, assumindo a proposta de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), da posição de realização dos clíticos nas estruturas de adjunção, licenciadas nessa gramática, como fator de definição do alinhamento da fronteira prosódica nessas orações. O uso de clíticos em próclise nessas construções define o alinhamento da fronteira prosódica no segmento mais alto de CP; o uso de clíticos da ênclise, por seu turno, define o alinhamento da fronteira prosódica dessas construções no segmento mais baixo de CP.

Destacamos a propriedade dessa gramática de licenciar estruturas de tópico e/ou foco em configuração V2 por movimento longo de objeto e/ou de sujeito. Nessas construções, o objeto e/ou o sujeito de uma oração subordinada se desloca para a posição de tópico/foco projetada dentro da estrutura prosódica da oração matriz.

Outra particularidade do português em uso nos séc. 16-17, emergida em nossa pesquisa, é a formação de estruturas de tópico e/ou foco na forma de sintagmas descontínuos. No corpus em estudo, atestamos esse tipo de fenômeno no contexto de mini-orações. Nessas ocorrências, o sujeito ou o predicado de uma mini-oração é deslocado para a posição de tópico ou foco, permanecendo o restante do material *in situ*, dentro do VP. Outro contexto de licenciamento de estruturas de tópico e/ou foco na forma de sintagmas descontínuos no

português desse período é atestado com a topicalização/focalização de sintagmas preposicionais com a função de complemento nominal.

Apoiando-nos na proposta do Projeto Cartográfico de Rizzi (1987, 2004a), propusemos que, nas estruturas de Topicalização/Focalização-V2 do português dos séc 16-17, o sintagma pré-verbal ocupa o Spec de Foc e/ou o Spec de Top₃, com a projeção desses núcleos dentro da estrutura prosódica da oração. O núcleo Mod é projetado dentro da oração nas ocorrências que dispõem de advérbios fronteados que não carregam essas funções. Justificamos a ausência de efeitos de minimalidade nas ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco de ordem V3, assumindo que nessas construções, o sintagma em posição mais alta é realizado em posição de adjunção ao núcleo Top₂ ou ao núcleo Top₁. Os sintagmas que carregam a função de tópico contrastivo e os objetos topicalizados de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica ocupam a posição de adjunção ao núcleo Top₂. Os sintagmas adverbiais e/ou preposicionais licenciados em posição mais alta em Comp nas sentenças de ordem V3 são realizados em posição de adjunção ao núcleo Top₁. Nessas sentenças de ordem V3, o sintagma que precede imediatamente o verbo ocupa o Spec do núcleo projetado dentro da estrutura prosódica da frase, satisfazendo, nessa posição, o requerimento de efeitos-V2.

Apontamos, nesta pesquisa, a mudança de comportamento sintático no português a partir do século 18 no licenciamento dessas construções. Um dos efeitos de mudança gramatical operada no português a partir do século 18 é assinalado na evolução da frequência de uso menor de sintagmas fronteados com funções gramaticais diferentes de sujeito e de adjunto adverbial, em ambientes de orações raízes e subordinadas.

Ainda que as mudanças estruturais não sejam nitidamente evidenciadas no licenciamento de sentenças declarativas finitas com sujeito pré-verbal, configurando a ordem SV, apontamos a relação estabelecida entre o aumento da frequência de uso desse constituinte em posição pré-verbal e a queda concomitante da frequência de fronteamto de outros constituintes verbais no português a partir do século 18. Assumimos essa relação como um dos fatores que definem a mudança sintática processada na língua nesse período; evidenciada, justamente, em função da restrição de fronteamto de argumentos verbais, inclusive do próprio sujeito. Atestamos que o aumento da frequência de uso maior de

sentenças de ordem SV não corresponde à diminuição, na mesma proporção, de sujeito expresso em posição pós-verbal, mas à diminuição, na mesma proporção, de fronteamento de sintagmas oracionais deslocados por restrições de requerimento de efeitos-V2. Nesse período de mudança, a evolução da frequência de uso maior de sentenças de ordem SV corresponde à evolução da frequência de uso maior de sentenças com sujeito fronteado ocupando a posição canônica de sua realização no Spec de IP.

Propusemos que o aumento da frequência de sujeito pré-verbal e concomitante diminuição de seu uso em posição pós-verbal nas sentenças finitas com verbos transitivos, se devem à propriedade do sistema gramatical operando na língua nesse período de não licenciar o deslocamento do verbo finito para o núcleo Fin.

Entre as mudanças mais visíveis, destacamos a restrição de uso de estruturas de tópico e advérbios pré-verbais dentro da estrutura prosódica da oração. Em se tratando do fronteamento de objetos, mostramos que o português a partir do século 18 tende a legitimar objetos na categoria de sintagmas referenciais com a função de tópico na forma de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica.

De outra parte, as mudanças operadas no português desse período, no que diz respeito à evolução da frequência de uso maior de estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica e concomitante evolução da frequência de uso menor de estruturas de Topicalização-V2, permitiram-nos concluir que, o sistema gramatical em processamento no português a partir do século 18 não licencia a projeção do núcleo Top dentro da oração, justificando, assim, a evolução da frequência de uso menor de objetos topicalizados na forma estruturas de Topicalização-V2 e a restrição de uso de sintagmas com funções diferentes de sujeito e adjunto adverbial fronteados. Nesse novo sistema gramatical, o verbo não sobe para o núcleo Fin; não havendo, projeção do núcleo Top₃ e/ou do núcleo Mod dentro da estrutura prosódica da oração. O núcleo Foc, embora continue a ser projetado dentro da oração, sua projeção deixa de ser motivada por requerimentos de efeitos-V2, justificando, desse modo, a restrição de uso de estruturas de foco no português a partir do séc. 18 nos contextos que licenciam sintagmas focalizados na forma de estruturas de Focalização-V2 no português dos séc. 16-17, entre eles, o licenciamento de estruturas de foco na forma de sintagmas descontínuos e/ou de estruturas de foco formadas por movimento longo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, A. & ANAGNOSTPOULOU, E. (1998). "Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking." In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 16. Kluwer Academic Publishers, p. 492-539.

ADAMS, M. (1987). "Old French, null subjects, and verb second phenomenon." Tese de Doutorado, University of California, Los Angeles, USA

_____ (1988). "Les effets V2 en ancien et en moyen français." In: *Aspects de la Syntaxe Historique du Français*. Paul Hirschbühler et Anne Rochette (eds), p. 13-39.

AMBAR, M. M. (1992). *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em Português*. Edições Colibri, Lisboa, Portugal.

ANTONELLI, A. L. (2008). Aspectos da Sintaxe de Posição do Verbo na História do Português Europeu. In: *Anais do SETA, Volume 2*, Unicamp. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.sweert/seta/ojs/viewissue.php>. Acesso em 20. out. 2009.

ARAÚJO, E. A. (2006). *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia.

BARBOSA, P. (1991). "Clitic Placement in EP." *Syntax Generals*, p. 1-54.

_____ (1995). "Null Subjects". The MIT Press.

_____ (1996a). "Clitic placement in European Portuguese and the position of Subjects." In: A Halpern an A. M. Zwicky (orgs). *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. CSLI Publications, Standford, p. 1-40.

_____ (2000). "Clitics: a window into the null subjects proprieties." In: J. COSTA (org). *Portuguese Syntax-New Comparative Studies*, Oxford University Press.

_____ (2005). *Minimalidade e predicação*. Ms. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bistream/1822/6461/1/APL%202005.julho.pdf>. Acesso em: 21.dez.2008

_____ (2006). *Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa.* DELTA, V. 6:2, 2006, p. 345-402.

_____ (2009). "Two kinds of subjects pro." Paper. Disponível em: <http://people.pwf.cam.ac.uk/mtb23/NSP/barbosa%20twokindes%20of%20subject%20pro.pdf>. Acesso em: 20.jan.2010

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L. & KATO, M. (2005). "Null subjects in european and Brazilian Portuguese." Paper. Disponível em:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bistream/1822/6466/1/Barbosa%20Duarte%20e%20Kato%20.pdf> Acesso em 20.jan.2010

BENINCÀ, P. (2004). "The Left Periphery of medieval romances." Ms. Disponível em: <http://www.humnet.unipi.it/slifo/2004vol2/Benincà2004.pdf> Acesso em: 10.nov.2008

BENINCÀ, P. & POLETTI, C. (2004). "Topics, Focus, and V2: Defining the CP Sublayers." In: *The Structure of CP and IP Area*, V. 2, Oxford University Press, p. 52-75.

CARDINALETTI, A. (2004). "Toward a Cartigraphy of Subjects Positions." In L. Rizzi (ed). *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, Oxford University Press, p. 115-160.

CINQUE, G. (1990). "Types of \bar{A} -Dependencies." The MIT Press.

_____ (1999). "Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective." Oxford University Press.

CHOMSKY, N. (1977). "On Wh-Movement." In: P. Culicover, T. Wasow, and A. Akmajian (eds). *Formal Syntax*. Academic Press, New York.

_____ (1995). "Minimalist Program." The MIT Press.

_____ (2000). "The Minimalist Inquiry." In: Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka. *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik*. The MIT Press. P. 89-151.

_____ (2005). "On Phases." Ms. Disponível em: http://punksinscience.org/kleanthes/course/MATERIALS/Chomsky_Phases.pdf. Acesso em: 10.out.2008

DUARTE, M. I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: regência, ligação e condições de movimento*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.

FANSELOW, G. & Lanertová, D. (2006). "Left Peripheral Focus: Mismatches between Syntax and Information Structure." Ms. Disponível: <http://www.ling.uni-postdam.de/~fanselow/files/LeftPeripheralFocus2.pdf>. Acesso em: 13.mar.2010.

FANSELOW, G. (2007). "The Restricted Access of Information Structure to Syntax: A Minority Report." In: Caroline Féry, Gisbert Fanselow and M. Krifka (eds). *Information Structure*, V. 6, p. 205-220

FARACO, C. A. (1991). *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Série Fundamentos, V. 78. Ática Editora.

FÈRY, C. (2007). "The Prosody of Topicalization." In Schwabe, Kerstin & Susanne Winkler (eds.) *On Information Structure, Meaning and Form*. Amsterdam/ Philadelphia: Benjamins, p. 69-86. Disponível em <http://www.sfb632.uni-postdam.de/~fery/NeuePapiere/Pros.Topic.pdf>. Acesso em 20.out.2009.

FONTAINE, Carmen. (1985). "Application de Methodes Quantitatives en Diachronie: L' Inversion du Sujet en Français." M. A. Thesis, Université du Québec à Montreal.

FREY, W. (2000). "A Medial Topic Position for German." *Linguistische Berichte Helmut Buske Verlag, Hamburg*. Ms. Disponível em: <http://amor.hu.berlin.de/~h0594bbb/pdf-files/2004-Frey-Topic-LB.pdf> Acesso em 20.out.2008

_____ (2004). "Contrast Movement to the German prefield." Ms. Disponível em: <http://www.zas.gwz-berlin.de/fileadmin/mitarbeiter/frey/contrast-prefield.pdf>. Acesso em 20.out.2008.

FROTA, S., GALVES, C. & VIGARIO, M. (2008). "Ler a fonologia: do português clássico ao português europeu moderno" *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 193-206. Disponível: <http://www.tycho.iel.unicamp.br>. Acesso em 26.nov.2009

GALVES E GALVES (1995). "A case study of prosody driven a language change." Ms. *Padrões Rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística, Fase I*. Disponível: <http://www.tycho.iel.unicamp.br> Acesso em 20.out.2006

GALVES, C. (2000). "Agreement, predication, and pronouns in the history of Portuguese." In: J. COSTA (ed), *Portuguese Syntax. New comparative studies*. Oxford University Press.

_____ (2002). "Syntax and Style: clitic placement in Padre Antonio Vieira." In: *Padrões Rítmicos, Fixação Parâmetrose Mudança Lingística, Fase II*. Ms. Disponível: <http://www.tycho.iel.unicamp.br> Acesso em 20.out.2006

_____ (2003). "Clitic-placement in the history of Portuguese and the syntax-phonology interface." Ms. Unicamp.

_____ (2009). "A sintaxe da Grammatica", in: Maria Bernadete Marques Abaurre; Juantito Ornelas de Avelar; Cláudia Castellanos Pfeiffer (Org). *Fernão de Oliveira: uma história na linguagem*. Campinas: Pontes Editora, p. 183-204. Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br>

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005). "Clitic placement and the position of the subjects in the history of Portuguese." In: *Romance Languages and Linguistics Theory, 2003*, T. Geerts, I Van Ginneken & H. Jacobs (orgs). *Selected Papers from 'Going Romance'*, 2003, John Benjamins, 2005, p. 93-107.

GALVES, C.; BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005). "The change in clitic placement from Classical to modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe

Corpus.” In: Journal of Portuguese Linguistics, V. 4, n. 1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond.

GREWENDORF, G. (2002). “Left Dislocation as Movement.” Ms. Disponível em <http://www.georgetown.edu/departments/linguistics/news/Grewendorf.pdf>. Acesso em: 20.out.2007.

KATO, M. A. (1989). Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: Cadernos de Estudos Linguísticos,. Campinas, SP, Editora da Unicamp, n. 17

_____ (1998). Tópicos como alçamento de predicados secundários. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 34, p. 67-76.

_____ (1999). “Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter”. *PROBUS*, V. 11, p. 1-37.

_____ (2009). Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. In: Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (1): 375-385, jan.-abr. 2009. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_30.pdf. Acesso em: 12.fev.2010

KATO, M. A. & RAPOSO, E. (1996). “European and Brazilian word order: questions, focus and topic constuctions.” In: Aspects of Romance Linguistics. C. Parodi, A. C. Quicoli, M. Saltarelli and M. L. Zubizarreta (Eds). Georgetown University Press, p. 267-277.

KATO, M. A. & RIBEIRO, I (2006). In: Lobo, Tânia et alii (Org.). Para a história do português brasileiro.Salvador. EDUFBA, v. 2, p. 165-182.

KROCK, Anthony (1989). “Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change.” *Language Variation and change*, n. 1, p. 180-244.

_____ (1994). “Morphosyntactic Variation.” Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society. Disponível em: ftp://babel.ling.uppen.edu/papers/faculty/tony_kroch/papers/morphosynctax.pdf. Acesso em: 12.dez.2009

_____ (2001). “Syntactic Change.” In: Mark Baltin & Chris Collins (orgs). *Handbooks of Syntax*. New York: Blackwell, p. 1-37.

_____ (2003). “Grammar and gradual change: an introduction to grammar competition and the Constant Rate Effect.” Ms. ABRALIN, Rio de Janeiro

_____ (2004). “Remarks on language learning and language change.” Ms. University of Pennsylvania.

LIGHFOOT, David. (1991). “How to Set Parameters: Arguments from Language Change.”

A Bradford Books. The MIT Press.

_____ (1999). "The development of language: acquisition, change and evolution." Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition.

LOBO, T. (1992). A colocação dos clíticos em português. Duas sincronias em confronto. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARTINS, A. M. Clíticos na História do Português. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal.

MENEDÉS, Pidal Ramon (1926). "Orígenes del Español." Madrid: Espasa-Calpe.

MÜLLER, G.(2002). "Verb-Second as vP-First." Ms. Disponível em: www.uni.leipzig.de/~muellerg/mu30pdf. Acesso em: 10.nov.2008

NAMIUTI, C. T. (2008). Aspectos da História Gramatical do Português. Interpolação, Negação e Mudança. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

OBENAUER, H. (1983). "On the Identification of Empty Categories." *Linguistics Review*, 4, p. 153-202.

_____ (1994). "Aspects de la syntaxe A-barre." Ph.D. diss., University of Paris VIII.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2004). Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

PESETSKY, D. (1987). "Wh-in-situ: movement and Unselective Binding." In: E. Reuland and A. ter Meulen (eds). *The Representatation of (In)definiteness*. MIT Press.

RAPOSO, E. (1998). "Definite/Zero Alternations in Portuguese: towards a unification of Topic constructions." IN: A. Schwegler, B. Tranel and M. Uribe-Etxebarria (orgs). *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*. Amesterdam: John Benjamins Co., pp. 197-212.

_____ (2000). "Clitic positions and verb movement." In: J. Costa (org.). *Portuguese syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press, p. 266-297.

RAPOSO, E. & URIAGEREKA, J. (1990). "Long- Distance Case Assignment." *Linguistic Inquiry*, V. 21, p. 505-537.

RIBEIRO, I. M. O. (1995). A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

RIZZI, L. (1990). "Relativized Minimality." The MIT Press.

_____ (1997). "The fine structure on the left periphery." In: Liliane Haegman (eds). *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. London: Kluwer Academic Publishers, p. 281-337.

Rizzi, Luigi. (1999). "On the position "Int(errogative)" in the left periphery of the clause." Ms. Disponível em : http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/int.doc. Acesso em: 10.out.2009

_____ (2003). "On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects." Disponível em: http://ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Rizzi_2004-On_the_form_of_chains.pdf. Acesso em 20.nov.2007

_____ (2004a). "Locality and Left Periphery." In A. Belletti (ed). *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol.3, Oxford University Press, p. 223-251.

_____ (2005b). "On some properties of subjects and topics." Ms. Disponível em : <http://lear.unive.it/bestram/10278/244/1/Atti-2-11s-Rizzi.pdf> Acesso em: 20.jan.2010

RIZZI, L. & SHLONSKY, U. (2007). "Strategies of Subject Extraction." Ms. Disponível: http://www.ciscl.unisi/doc/doc_pub/rizzi_shlonsky2005.pdf. Acesso em: 21.dez.2008

ROBERTS, I. (1993). "Verb and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French." Kluwer Academic Publishers.

_____ (2004). "The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2, and EPP." In: *The Structure of CP and IP*. Luigi Rizzi (eds), Oxford University Press, p. 297-325.

SALVI, G. (1990). "La sopravvivenza della legge di Wackrnegel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica." *Medievo Romano*, 15, p. 117-210.

SAYEED, A. B. (2005). "Minimalist Parsing of the Subjects Displaced from Embedded Clauses in Free Word Order Languages." *Proceedings of the ACL Student Research Workshop*, p. 97-102. Disponível em: <http://acl.Idc.upenn.edu/P/P05-2017.pdf> Acesso em: 10. dez. 2009

STOWELL, Tim (1981) "The origins of phrase structures." The MIT Press.

_____ (1983). "Subjects across categories. *Linguistics Review* 2/3, p. 285-312.

THORBJÖRG, H. (2003) "Language Change and Language Acquisition." *Proceedings of the 19th Scandinavian Conference of Linguistics*, vol. 31.1, p. 116-131. Disponível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/include/getdoc.php?id=81&article=24&mode=pdf>. Acesso em: 20.fev.2009

URIAGEREKA, J. (1995). "An F position in Western Romance." In: Kiss, K. *Discourse configurational languages*. New York: Oxford University Press, 1995. p. 153-175.

_____ (2005) "Clitic Placement in Western Iberian: a minimalist view." In:

Cinque, G.; Kayne, R. (eds). *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, p. 639-697.

WRIGHT, R. (1993). "Status Quaestionis: el estudio diacrónico del Español." *Linguistica*, V. 5, p.77-113.

ANEXO I

Obras Pesquisadas

Século 16.

1. Cartas, D. João III, D. João III

Edição transcrita:

D. JOÃO III. Letters of John III – Rei de Portugal 1521-557 (texto português editado com uma introdução de J. D. M. Ford). Cambridge, Massachusetts. Harvard University Press, 1931. Transcritopor Z. O N. Carneiro (PROHPOR)

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	D. João III
Ano de nascimento do autor	1502
Título Original	(nenhum)
Data original do texto	1524-1533
Gênero	Cartas

2. Perigração, Fernão Mendes Pinto.

Edição transcrita:

PINTO, Fernão Mendes. Perigração (transcrição de Adolfo Casais Monteiro).
Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Gráfica Maiadouro – Vila da Maia, 1984.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Fernão Mendes Pinto
Ano de nascimento do autor	1510
Título Original	Peregrinaçam
Gênero	Narrativa

3. Da Pintura Antiga, Francisco de Holanda.

Edição transcrita:

HOLANDA, Francisco de. Da Pintura Antiga (introdução e notas de Angel
Gonzáles Garcia). Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Francisco de Holanda
Ano de nascimento do autor	1517
Título Original	Da Pintura Antiga
Data original do texto	1548
Gênero	Dissertação

4. Décadas, Diogo do Couto.

Edição transcrita:

COUTO, Diogo do. Décadas (seleção, prefácio e notas de António Baião). Vol 1. Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1947.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Diogo do Couto
Ano de nascimento do autor	1542
Título Original	Décadas
Gênero	Narrativa; Crônica

5. A vida de Frei Bertolameu dos Mártires, Luis de Sousa.

Edição transcrita:

SOUSA, Frei Luís de. A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires (introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro). Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Luis de Sousa
Ano de nascimento do autor	1556
Título Original	A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires
Data original do texto	1619
Gênero	Narrativa

6. Da Monarquia Lusitana, Bernardo de Brito.

Edição transcrita:

BRITO, Bernardo de. (1569-1617) Da Monarquia Lusitana. *Lisboa*, Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1806.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Bernardo de Brito
Ano de nascimento do autor	1569
Título Original	Da Monarquia Lusitana
Data do texto original	1596
Gênero	Narrativa

7. Côrte na Aldeia e Noites de Inverno, Francisco Rodrigues Lobo.

Edição transcrita:

LÔBO, Francisco Rodrigues. Côrte Na Aldeia e Noites De Inverno (prefácio e notas por A. Lopes Vieira). Lisboa, Livraria Sá da Costa –Editora, 1907.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	F. Rodrigues Lobo
Ano de nascimento do autor	1579
Título Original	Côrte Na Aldeia e Noites De Inverno
Data original do texto	1619
Gênero	Narrativa

8. Discursos varios políticos, Manuel Severim de Faria.

Edição transcrita:

FARIA, Manuel Severino de. Discursos vários políticos (introdução actualização e notas de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira).Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Manuel Severim de Faria
Ano de nascimento do autor	1583
Título Original	Discursos varios politicos
Data original do texto	1624

9. Monarchia Lusitana, António Brandão.

Edição transcrita:

António Brandão (1584-1637) Monarchia Lusitana. Tomo II. Lisboa,Tipografia da Academia Real das Sciencias.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	António Brandão
Ano de nascimento do autor	1584
Título Original	Monarchia Lusitana
Gênero	Narrativa

10. Poesia e Pintura, ou Pintura e Poesia - Manuel Pires de Almeida

Edição transcrita:

Poesia e Pintura, ou Pintura e Poesia. Tratado manuscrito de Manuel Pires de Almeida, folhas 50 a 104.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Manuel Pires de Almeida
Ano de nascimento do autor	1597
Título Original	Poesia e Pintura, ou Pintura e Poesia
Gênero	Dissertação

11. Gazeta, Manuel de Galhegos

Edição transcrita:

GALHEGOS, Manuel de. Gazeta, em que relatam as novas todas, que ouve nesta corte, e que vieram de varias partes no mês de novembro de 1641. Lisboa, officina de Lourenço de Anuere.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Manuel de Galhegos
Ano de nascimento do autor	1597
Título Original	Gazeta, em que relatam as novas todas, que ouve nesta corte, e que vieram de varias partes no mês de novembro de 1641
Data original do texto	1641
Gênero	Narrativa

Século 17

12. Arte de Furta, Manuel da Costa

Edição transcrita:

COSTA, Manuel da. Arte de Furtar (seleção, introdução e notas de Roger Bismut). Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Manuel da Costa
Ano de nascimento do autor	1601
Título Original	A Arte de furtar
Gênero	Narrativa

13. Cartas, Antonio Vieira

Edição transcrita:

VIEIRA, António. Cartas do Padre António Vieira. (coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo). Tomo I. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Antonio Vieira
Ano de nascimento do autor	1608
Lugar de nascimento	Portugal
Lugar de publicação do texto	Portugal
Título original do texto	(nenhum)
Gênero	Cartas

14. Historia do futuro, Antonio Vieira

Edição transcrita:

VIEIRA, António. História do Futuro (Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu). 2^a. edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Antonio Vieira
Ano de nascimento do autor	1608
Lugar de nascimento	Portugal
Lugar de publicação do texto	Portugal
Título original do texto	Históriado Futuro
Gênero	Disseração

15. Sermões, Antonio Vieira.

Edição transcrita:

VIEIRA, António. Sermões (prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Alves). Port, Livraria Chradron - Lello & Irmão Editores, 1907.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Antonio Vieira
Ano de nascimento do autor	1608
Lugar de nascimento	Portugal
Lugar de publicação do texto	Portugal
Título original do texto	(nenhum)
Data original do texto	1679-1695
Gênero	Dissertação

16. Cartas Familiares, Francisco Manuel de Melo.

Edição transcrita:

MELO, D. Francisco Manuel de. Cartas Familiares (seleção, prefácio e nota por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Francisco Manuel de Melo
Ano de nascimento do autor	1608
Título original do texto	(nenhum)
Editor do texto original	Francisco Manuel de Melo
Data original do texto	1664
Gênero	Cartas

17. Tácito Português, Francisco Manuel de Melo.

Edição transcrita:

MELO, Francisco Manuel de. Tácito Português (prefácio e leitura do manuscrito por Raul Rego). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1995.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Francisco Manuel de Melo
Ano de nascimento do autor	1608
Título original do texto	Tácito Português
Gênero	Narrativa

18. Cartas Espirituais Antonio das Chagas

Edição transcrita:

CHAGAS, António das. Cartas Espirituais (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa-Editora, 1939.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Antonio das Chagas
Ano de nascimento do autor	1631
Título original do texto	Cartas Espirituais
Data do texto original	1662
Gênero	Cartas

19. Nova Floresta, Manuel Bernardes

Edição transcrita:

BERNARDES, Manuel. Nova Floresta (preâmbulo de J. Pereira de Sampaio). Volume I. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1949.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Manuel Bernardes
Ano de nascimento do autor	1644
Título original do texto	Nova Floresta
Data do texto original	1704
Gênero	Narrativa

20. Cartas, José da Cunha Brochado.

Edição transcrita:

BROCHADO, José da Cunha. Cartas. (selecção, prefácio e notas de António Álvaro Dória). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1944.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	José da Cunha Brochado
Ano de nascimento do autor	1651
Título original do texto	(nenhum)
Data do texto original	1696-1703
Gênero	Cartas

21. Vida e Morte de Madre Helena da Cruz, Maria do Céu

Edição transcrita:

Maria do Céu. Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Crus (transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico, por Filomena Belo). Quimera. Lisboa, 1993. ISBN-972-589-036-1.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Maria do Céu
Ano de nascimento do autor	1658
Título original do texto	Rellação da Vida, e Morte da Serva de Deos a veneravel Madre Elenna da Crus Religiosa no Convento da Esperança desta cidade de Lisboa
Data do texto original	1721
Texto original de referência	"Rellação da Vida, e Morte da Serva de Deos a veneravel Madre Elenna da Crus Religiosa no Convento da Esperança

desta cidade de Lisboa. Anno 1721. Escrita Pela Madre Maria do Ceo Religioza no mesmo Mosteiro". B.N. Ms. 103 fólhos numerados

Gênero Narrativa; Biografia

22. Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira, André de Barros.

Edição transcrita:

BARROS, André de. Vida do Apostolico Padre António Vieira. Officina Sylviana. Lisboa, 1746. Transcrito por M. Soares.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	André de Barros
Ano de nascimento do autor	1675
Título original do texto	Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de JESUS, chamado por Antonomasia O GRANDE.
Gênero	Narrativa

23. Cartas, Alexandre de Gusmão.

Edição transcrita:

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Alexandre de Gusmão
Ano de nascimento do autor	1695
Lugar de nascimento	Brasil
Lugar de produção do texto original	Portugal
Gênero	Cartas

Século 18

24. Carta, Cavaleiro de Oliveira.

Edição transcrita:

CAVALEIRO DE OLIVEIRA (Francisco Xavier de Oliveira). Cartas (selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro). Lisboa, Livraria Sá da Costa Editor, 1982.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)
Ano de nascimento do autor	1702
Título do texto original	Cartas Familiares
Editor do texto original	Cavaleiro de Oliveira (Francisco Xavier de Oliveira)
Data do texto original	1741
Gênero	Cartas

25. Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna, Matias Aires.

Edição transcrita:

AIRES, Matias. Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna (selecção, prefácio e notas por Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo). Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1980.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Reflexão sobre a Vaidade dos Homens
Ano de nascimento do autor	1705
Lugar de nascimento	Brasill
Lugar de publicação do texto original	Portugal

Título original Reflexão sobre a Vaidade dos Homens

Gênero Dissertação

26. Verdadeiro Método de Estudar, Luís Antonio Verney.

Edição transcrita:

Verney, Luís António. Verdadeiro Método de Estudar (ed. António Salgado Filho). Lisboa, Livraria Sá da Costa-Editora, 1949.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Luís Antonio Verney
Ano de nascimento do autor	1713
Data do texto original	1746
Título original	Verdadeiro Método de Estudar
Gênero	Dissertação

27. Cartas do Abade António da Costa, Antonio da Costa.

Edição transcrita:

COSTA, António da. Cartas do Abade António da Costa (introdução e notas de Fernando Lopes Graça). Lisboa, Cadernos da Seara Nova, 1946.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Antonio da Costa
Ano de nascimento do autor	1714
Data do texto original	1750-1780
Título original	(nenhum)

Gênero

Cartas

28. Obras Completas, Correia Garção.

Edição transcrita:

GARÇÃO, Correia. Obras Completas (texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva). Volume II, Prosas e Teatro. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Correia Garção
Ano de nascimento do autor	1724
Data do texto original	1757
Título original	Obras Completas
Gênero	Dissertação

29. Cartas, Pina Manique.

Edição transcrita:

Pina Manique, Diogo. Pina Manique e a Universidade de Coimbra. Cartas do Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha. (seleção e notas de Lígia Cruz). Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	D. I. de Pina Manique
Ano de nascimento do autor	1733
Gênero	Cartas

30. Inéditos - Cartas e Outros Escritos, Marquesa de Alorna.

Edição transcrita:

ALORNA, Marquesa de. Inéditos - Cartas e Outros Escritos. (selecção, prefácio e notas do prof. Hernani Cidade). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1941.]

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Marquesa de Alorna
Ano de nascimento do autor	1750
Título original	(nenhum)
Gênero	Cartas

31. Entremezes de Cordel, Jose Daniel Rodrigues da Costa.

Edição transcrita:

COSTA, José Daniel Rodrigues da. 6 Entremezes de Cordel (Recolha e fixação do texto de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo). Editorial Estampa- Serra Nova, 1973.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Jose Daniel Rodrigues da Costa
Ano de nascimento do autor	1757
Título original	Seis Entremezes de Cordel
Gênero	Teatro

32. Cartas de Garrett, Almeida Garrett.

Edição transcrita:

GARRETT, Almeida. Cartas de Garrett . (apresentação e edição por Segismundo

Spina). São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	J. B. da Silva L. de Almeida Garrett
Ano de nascimento do autor	1799
Título original	(nenhum)
Gênero	Cartas

33. Teatro, Almeida Garrett.

Edição transcrita:

GARRETT, Almeida. (1799-1854) Teatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocio. Lisboa, Empreza da História de Portugal-Sociedade Editora, 1904.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	J. B. da Silva L. de Almeida Garrett
Ano de nascimento do autor	1799
Data do texto original	1845
Gênero	Teatro

34. Viagens na Minha Terra, Almeida Garrett.

Edição transcrita:

Almeida Garrett. Viagens na Minha Terra (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional –Biblioteca Nacional, 1998.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	J. B. da Silva L. de Almeida Garrett
Ano de nascimento do autor	1799
Título original	Viagens na Minha Terra
Gênero	Narrativa

Século 19

35. Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna, Marquês de Fronteira e d'Alorna

Edição transcrita:

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Marquês de Fronteira e d'Alorna
Ano de nascimento do autor	1802
Data do texto original	1861
Título original	Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna
Gênero	Narrativa

36. Maria Moisés, Camilo Castelo Branco.

Edição transcrita:

BRANCO, Camilo Castelo. Maria Moisés (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional –Biblioteca Nacional, 1998.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Camilo Castelo Branco
Ano de nascimento do autor	1826
Data do texto original	1875
Título original	Maria Moisés
Gênero	Narrativa

37. Amor de Perdição, Camilo Castelo Branco.

Edição eletrônica: <http://www.folhetim.com.br>.

38. Cartas a Emília, Ramalho Ortigão.

Edição transcrita:

ORTIGÃO, Ramalho. Cartas a Emília. (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa, Lisóptima Edições –Biblioteca Nacional, 1993.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	Ramalho Ortigão
Data de nascimento do autor	1836
Título do texto original	Espólio de Ramalho Ortigão
Gênero	Cartas

39. Cartas, Eça de Queirós e Oliveira Martins.

Edição transcrita:

QUEIROZ, J. M. Eça de & MARTINS, J. P. Oliveira. CORRESPONDÊNCIA.

(Texto introdutório de Paulo Franchetti. Fixação do texto, notas e comentário de Beatriz Berririni). Campinas, Editora da Unicam, 1995.

Informações sobre a obra original:

Nome do autor	J.M. Eça de Queiroz, J.P. Oliveira Martins
Data de nascimento do autor	1845
Título do texto original	(nenhum)
Data do texto original	1894
Gênero	Cartas

ANEXO 2

Quantificação dos Dados

1. Quantificação dos dados de autores nascidos nos séculos 16-17.

Tabela 1.1: Frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco nos padrões de ordem V2/V3/V4 nos textos dos séc. 16

Séc 16	D. João	M. Pinto	Holanda	Couto	L. Sousa	Brito	Lobo	Farias	Brandão	Almeida	Galhegos
Ordem V2	89,1%	75,1%	69,0%	88,3%	86,4%	84,3%	81,8%	91,0%	84,6%	85,2%	82,8%
Ordem V3	9,3%	21,8%	27,6%	10,6%	12,6%	14,0%	16,1%	7,9%	14,0%	13,5%	16,5%
Ordem V4	1,7%	3,1%	3,4%	1,1%	1,0%	1,7%	2,1%	1,1%	1,3%	1,3%	0,7%

Tabela 1.2: Frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco nos padrões de ordem V2/V3/V4 nos textos dos séc. 17.

Séc 17	M. Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Ordem V2	86,5%	88,1%	85,3%	84,1%	86,8%	69,0%	87,9%	78,1%	90,8%	81,7%	79,7%	85,9%
Ordem V3	12,2%	11,1%	12,5%	15,2%	11,6%	25,5%	10,7%	19,1%	8,6%	16,0%	19,4%	14,1%
Ordem V4	1,3%	0,8%	2,2%	0,7%	1,6%	5,5%	1,4%	2,8%	0,6%	2,3%	1,0%	0,0%

Tabela 2.1: Frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com o sujeito pós-verbal nos textos dos séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Suj nulo	84,0%	67,9%	66,9%	56,5%	73,0%	34,5%	61,8%	51,8%	56,0%	47,8%	49,8%
Suj pós-verbal	16,0%	32,1%	33,1%	43,5%	27,0%	65,5%	38,2%	48,2%	44,0%	52,2%	50,2%

Tabela 2.2: Frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com o sujeito pós-verbal nos textos dos séc. 17.

Séc 17	Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Suj nulo	61,8%	59,9%	47,5%	62,2%	71,2%	45,5%	68,6%	48,9%	62,1%	62,4%	63,4%	75,9%
Suj pós-verbal	38,2%	40,1%	52,5%	37,8%	28,8%	54,5%	31,4%	51,1%	37,9%	37,6%	36,6%	24,1%

Tabela 3.1. Frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 com inversão germânica e/ou de inversão românica nos textos dos séc. 16.

Séc 16	D. João	M. Pires	Holanda	Couto	L. Sousa	Brito	Lobo	Farias	Brandão	Almeida	Galhegos
Inver germ	71,7%	77,4%	97,6%	92,8%	84,2%	82,3%	88,0%	69,7%	86,5%	80,4%	83,5%
Inver rom	28,3%	22,6%	2,4%	7,2%	15,8%	17,7%	12,0%	30,3%	13,5%	19,6%	16,5%

Tabela 3.2: Frequência de uso de estruturas de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 com inversão germânica e/ou de inversão românica nos textos dos séc. 17.

Séc 17	Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Inver germ	95,4%	85,6%	72,0%	86,8%	84,6%	76,9%	94,1%	91,4%	84,4%	92,7%	62,4%	87,9%
Inver rom	4,6%	14,4%	28,0%	13,2%	15,4%	23,1%	5,9%	8,6%	15,6%	7,3%	37,6%	12,1%

Tabela 4.1: Frequência de uso de objetos topicalizados e/ou focalizados nos padrões de ordens V2/V3/V4 nos textos dos séc. 16

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
V2	89,9%	77,8%	68,1%	94,4%	87,6%	81,1%	81,9%	91,3%	94,4%	86,0%	80,0%
V3	5,1%	22,2%	27,5%	5,6%	12,4%	16,2%	18,1%	8,7%	5,6%	10,0%	20,0%
V4	5,1%	0,0%	4,3%	0,0%	0,0%	2,7%	0,0%	0,0%	0,0%	4,0%	0,0%

Tabela 4.2: Frequência de uso de objetos topicalizados/focalizados nos padrões de ordem V2;V3/V4 nos textos do séc. 17.

Séc 17	M.Costa	Vieir/Ca	Viei/H	Viei/Ser	Mel/Ca	Mel/Tá	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
V2	75,0%	85,0%	70,6%	90,2%	85,6%	84,2%	86,4%	87,8%	91,3%	76,7%	72,7%	91,2%
V3	20,8%	13,8%	29,4%	9,8%	11,0%	15,8%	13,6%	10,8%	8,7%	20,9%	27,3%	8,8%
V4	4,2%	1,3%	0,0%	0,0%	3,4%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	2,3%	0,0%	0,0%

Tabela 5,1 Frequência de uso da categoria do objeto das ocorrências de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 dos textos dos séc. 16.

Séc 16	D. João	M. Pinto	Holanda	Couto	L. Sousa	Brito	Lobo	Farias	Brandão	Almeida	Galhegos
Pron demonst	26,8%	14,3%	27,7%	32,4%	20,0%	26,7%	11,9%	10,7%	17,6%	4,7%	0,0%
Sintag nom	63,4%	42,9%	51,1%	50,0%	52,9%	43,3%	54,2%	84,5%	76,5%	83,7%	50,0%
Pron pess	1,4%	7,1%	2,1%	2,9%	2,4%	0,0%	5,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Sintag quantif	5,6%	35,7%	18,1%	14,7%	17,6%	26,7%	25,4%	2,4%	5,9%	7,0%	50,0%
Quantif	2,8%	0,0%	1,1%	0,0%	7,1%	3,3%	3,4%	2,4%	0,0%	4,7%	0,0%

Tabela 5.2: Frequência de uso da categoria do objeto das ocorrências de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 dos textos dos séc. 17

Séc 17	M. Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Pron demonst	7,4%	7,4%	19,4%	13,0%	9,9%	3,1%	13,8%	15,4%	0,0%	3,0%	8,3%	0,0%
Sintag nom	51,9%	83,8%	58,3%	58,7%	62,4%	75,0%	48,9%	66,2%	61,9%	69,7%	66,7%	80,6%
Pron pess	1,9%	0,0%	0,0%	2,2%	3,0%	1,6%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Sintag quantif	7,4%	4,4%	13,9%	13,0%	13,9%	18,8%	19,1%	6,2%	14,3%	24,2%	16,7%	9,7%
Quantif	31,5%	4,4%	8,3%	13,0%	10,9%	1,6%	17,0%	12,3%	0,0%	3,0%	8,3%	9,7%

Tabela 8.1: Frequência de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com sujeito nulo e/ou com sujeito pós-verbal nos textos dos séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Suj oculo	91,5%	78,6%	76,6%	52,9%	80,0%	40,0%	49,2%	53,6%	58,8%	37,2%	75,0%
Suj pós-verbal	8,5%	21,4%	23,4%	47,1%	20,0%	60,0%	50,8%	46,4%	41,2%	62,8%	25,0%

Tabela 8.2: Frequência de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com sujeito nulo e/ou com sujeito pós-verbal nos textos dos séc. 17.

Séc 17	A. Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Suj oculto	72,2%	60,3%	38,9%	50,0%	72,3%	61,5%	71,6%	47,7%	47,6%	60,6%	62,5%	74,2%
Suj pós-verbal	27,8%	39,7%	61,1%	50,0%	27,7%	38,5%	28,4%	52,3%	52,4%	39,4%	37,5%	25,8%

Tabela 9.1: Frequência de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com inversão germânica e/ou inversão românica nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Inv. germ	66,7%	100,0%	100,0%	87,5%	82,4%	83,3%	90,0%	69,2%	81,0%	88,9%	50,0%
Inv. rom	33,3%	0,0%	0,0%	12,5%	17,6%	16,7%	10,0%	30,8%	19,0%	11,1%	50,0%

Tabela 9.2: Frequência de uso de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 com inversão germânica e/ou inversão românica nos textos do séc. 17.

Séc 17	Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Inv. germ	86,7%	96,3%	72,7%	78,3%	85,7%	84,0%	100,0%	94,1%	90,9%	100,0%	77,8%	87,5%
Inv. rom	13,3%	3,7%	27,3%	21,7%	14,3%	16,0%	0,0%	5,9%	9,1%	0,0%	22,2%	12,5%

Tabela 11.1: Frequência de uso sintagmas fronteados com funções gramaticais diferentes de objeto nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Suj	43,0%	38,8%	56,4%	57,6%	35,3%	25,4%	45,4%	30,3%	42,6%	58,9%	43,9%
PP	24,5%	18,5%	21,5%	14,9%	25,2%	23,5%	31,6%	35,4%	27,9%	22,7%	6,8%
ADV	25,1%	34,8%	15,9%	25,5%	30,0%	43,4%	12,4%	29,4%	22,4%	12,4%	48,4%
Pred	0,0%	1,8%	1,1%	0,7%	3,4%	1,2%	3,4%	1,4%	1,9%	2,9%	0,0%
Suj Subord	2,2%	0,0%	2,3%	0,2%	1,2%	0,2%	1,0%	1,2%	1,0%	0,9%	0,6%
ADVQ	5,2%	0,0%	2,0%	0,0%	0,5%	2,4%	3,4%	0,7%	2,0%	1,4%	0,0%
Arg de Haver	0,0%	0,0%	0,8%	0,0%	0,5%	1,4%	2,9%	0,0%	0,5%	0,6%	0,0%
Or. de partic	0,0%	6,2%	0,0%	1,1%	1,2%	2,6%	0,0%	1,6%	1,7%	0,3%	0,3%

Tabela 11.2: Frequência de uso sintagmas fronteados com funções gramaticais diferentes de objeto nos textos do séc. 17.

Séc 17	Costa	Vieir/Ca	Viei/H	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tá	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Suj	50,6%	44,0%	49,1%	63,7%	44,7%	53,3%	44,1%	53,6%	65,0%	35,8%	23,6%	52,4%
PP	26,3%	27,6%	14,7%	16,5%	25,1%	21,4%	27,7%	25,5%	13,7%	24,3%	27,2%	16,9%
ADV	16,8%	21,0%	27,2%	15,6%	22,2%	16,7%	20,0%	15,2%	18,9%	30,9%	42,9%	24,9%
Pred	3,4%	2,1%	4,3%	0,9%	3,6%	4,5%	4,1%	2,6%	0,2%	4,5%	2,0%	0,9%
Suj Subord	0,6%	1,6%	0,7%	0,2%	1,8%	0,6%	0,5%	0,9%	0,2%	0,0%	0,3%	1,3%
ADVQ	0,6%	2,7%	1,8%	0,5%	2,6%	1,2%	3,4%	1,7%	1,4%	2,1%	2,0%	2,7%
ArgH	1,5%	0,2%	1,1%	2,6%	0,0%	0,6%	0,2%	0,3%	0,5%	1,0%	0,7%	0,0%
Or. de partic	0,0%	0,7%	1,1%	0,0%	0,0%	1,8%	0,0%	0,3%	0,0%	1,4%	1,3%	0,9%

Tabela 12.1: Frequência de uso dos constituintes verbais em posição de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	M. Pires	Holanda	Couto	L. Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Suj	37,2%	36,5%	44,5%	53,6%	29,3%	23,7%	39,7%	25,4%	39,2%	52,4%	42,9%
Objeto	13,4%	5,8%	21,0%	7,0%	16,9%	6,6%	12,5%	16,3%	7,9%	11,0%	2,2%
PP	21,2%	17,4%	17,0%	13,8%	20,9%	21,9%	27,6%	29,7%	25,7%	20,2%	6,6%
ADV	21,7%	32,8%	12,5%	23,7%	24,9%	40,5%	10,8%	24,6%	20,6%	11,0%	47,4%
Pred	0,0%	1,7%	0,9%	0,6%	2,8%	1,1%	3,0%	1,2%	1,7%	2,6%	0,0%
Suj Subord	1,9%	0,0%	1,8%	0,2%	1,0%	0,2%	0,8%	1,0%	0,9%	0,8%	0,6%
Quantif	4,5%	0,0%	1,6%	0,0%	2,8%	2,2%	3,0%	0,6%	1,9%	1,3%	0,0%
Arg de Haver	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	0,4%	1,3%	2,5%	0,0%	0,5%	0,5%	0,0%
Or. de participio	0,0%	5,8%	0,0%	1,0%	1,0%	2,4%	0,0%	1,4%	1,6%	0,3%	0,3%

Tabela 12.2: Frequência de uso dos constituintes verbais em posição de tópico e/ou foco no padrão de ordem V2 nos textos do séc. 17.

Séc 17	M. Costa	Vieir/Cart	Viei/His	Viei/Ser	Mel/Cart	Mel/Tác	Chagas	Bernar	Broch	Céu	Barros	Gusm
Suj	45,4%	39,3%	43,5%	57,4%	35,5%	44,8%	35,9%	45,2%	61,9%	32,1%	21,8%	46,1%
Objetos	10,4%	10,8%	11,4%	9,8%	20,7%	16,0%	18,6%	15,7%	4,7%	10,3%	7,4%	12,1%
PP	23,6%	24,6%	13,0%	14,9%	19,9%	18,0%	22,5%	21,5%	13,1%	21,8%	25,2%	14,8%
ADV	15,1%	18,8%	24,1%	14,0%	17,6%	14,0%	16,3%	12,8%	18,0%	27,7%	39,7%	21,9%
Pred	3,1%	1,9%	3,8%	0,9%	2,9%	3,8%	3,3%	2,2%	0,2%	4,0%	1,8%	0,8%
Suj Subord	0,6%	1,4%	0,6%	0,2%	1,4%	0,5%	0,4%	0,7%	0,2%	0,0%	0,3%	1,2%
Quantif	0,6%	2,4%	1,6%	0,4%	2,0%	1,0%	2,7%	1,4%	1,4%	1,9%	1,8%	2,3%
Arg de Haver	1,4%	0,2%	1,0%	2,3%	0,0%	0,5%	0,2%	0,2%	0,5%	0,9%	0,6%	0,0%
Or. de participio	0,0%	0,6%	1,0%	0,0%	0,0%	1,5%	0,0%	0,2%	0,0%	1,2%	1,2%	0,8%

Tabela 13.1: Frequência de uso de sentenças com sujeito pré-verbal nas ordens variantes SXV/XSV nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Ordem SXV	70,0%	79,2%	41,0%	76,5%	77,8%	79,1%	52,3%	40,7%	76,9%	69,6%	67,7%
Ordem XSV	30,0%	20,8%	59,0%	23,5%	22,2%	20,9%	47,7%	59,3%	23,1%	30,4%	32,3%

Tabela 13.2: Frequência de uso de sentenças com sujeito pré-verbal nas ordens variantes SXV/XSV nos textos do séc. 17.

Séc 17	M.Costa	Vieira-Ca	Vieira-H	VieiraSer	Melo-Ca	Melo-Tá	Chagas	Bernard	Brocha	Céu	Barros	Gusmão
Ordem SXV	43,6%	64,5%	50,0%	52,8%	48,5%	79,1%	60,0%	43,2%	43,3%	65,4%	40,7%	66,7%
Ordem XSV	56,4%	35,5%	50,0%	47,2%	51,5%	20,9%	40,0%	56,8%	56,7%	34,6%	59,3%	33,3%

Tabela 14.1: Frequência de uso de advérbios fronteados com sujeito nulo e/ou expresso em posição pós-verbal nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
suj nulo	78,3%	61,5%	58,9%	57,4%	72,0%	31,7%	64,7%	62,2%	46,2%	60,5%	45,9%
Suj pós-verbal	21,7%	38,5%	41,1%	42,6%	28,0%	68,3%	35,3%	37,8%	53,8%	39,5%	54,1%

Tabela 14.2: Frequência de uso de advérbios fronteados com sujeito nulo e/ou expresso em posição pós-verbal nos textos do séc. 17.

Séc 17	M. Costa	Vieira-Ca	Vieira-H	Vieira-Ser	Melo-C	Melo-Tá	Chagas	Bernar	Brocha	Céu	Barros	Gusmão
Suj nulo	47,4%	60,2%	53,9%	74,2%	67,4%	35,7%	77,1%	67,9%	65,0%	67,4%	66,7%	80,4%
Suj pós-verbal	52,6%	39,8%	46,1%	25,8%	32,6%	64,3%	22,9%	32,1%	35,0%	32,6%	33,3%	19,6%

Tabela 15.1: Frequência de uso de advérbios fronteados com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos e/ou verbos intransitivos/inacusativos nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Transit	24,0%	30,0%	91,3%	36,7%	28,6%	38,4%	44,4%	45,8%	38,0%	35,3%	17,4%
Intran/inac	76,0%	70,0%	8,7%	63,3%	71,4%	61,6%	55,6%	54,2%	62,0%	64,7%	82,6%

Tabela 15.2: Frequência de uso de advérbios fronteados com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos e/ou verbos intransitivos/inacusativos nos textos do séc. 17.

Séc 17	M.Costa	VieiraCart	Vieira-H	Vieira-Ser	Melo-Ca	Melo Táci	Chagas	Bernar	Brocha	Céu	Barros	Gusmão
Trans	65,9%	51,1%	68,6%	41,2%	57,1%	41,7%	52,6%	52,9%	57,1%	44,8%	55,8%	45,5%
Intran	34,1%	48,9%	31,4%	58,8%	42,9%	58,3%	47,4%	47,1%	42,9%	55,2%	44,2%	54,5%

Tabela 17.1: Frequência de uso de sintagmas preposicionais fronteados no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com o sujeito expresso em posição pós-verbal nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Faria	Brandão	Almeida	Galhegos
Suj nulo	80,4%	66,7%	64,5%	61,2%	76,2%	33,3%	65,4%	43,8%	60,0%	46,8%	62,5%
Suj pós-verbal	19,6%	33,3%	35,5%	38,8%	23,8%	66,7%	34,6%	56,2%	40,0%	53,2%	37,5%

Tabela 17.2: Frequência de uso de sintagmas preposicionais fronteados no padrão de ordem V2 com sujeito nulo e/ou com o sujeito expresso em posição pós-verbal nos textos do séc. 17.

Séc 17	M.Costa	Vieira-Ca	Vieira-H	Vieira-S	Melo-Ca	Melo-Tá	Chagas	Bernar	Brocha	Céu	Barros	Gusmão
Suj nulo	71,3%	60,0%	48,8%	54,3%	78,4%	37,5%	65,2%	33,7%	60,3%	61,4%	58,5%	71,1%
Suj pós-verl	28,7%	40,0%	51,2%	45,7%	21,6%	62,5%	34,8%	66,3%	39,7%	38,6%	41,5%	28,9%

Tabela 18.1: Frequência de uso de sintagmas preposicionais pré-verbais no padrão de ordem V2 com inversão germânica/ inversão românica nos textos do séc. 16.

Séc 16	D. João	Pinto	Holanda	Couto	Sousa	Brito	Lobo	Farias	Brandão	Almeida	Galhegos
Inver germânica	72,7%	64,3%	100,0%	92,3%	88,0%	89,4%	82,2%	65,1%	87,9%	71,4%	88,9%
Inver românica	27,3%	35,7%	0,0%	7,7%	12,0%	10,6%	17,8%	34,9%	12,1%	28,6%	11,1%

Tabela 18.2: Sintagmas preposicionais fronteados em sentenças de ordem V2 com sujeito pós-verbal em configuração de inversão germânica/ inversão românica nos textos do séc. 17.

Séc 17	M. Costa	Vieir-Car	Vieira-	Vieira-Ser	Melo-Car	MeloTáci	Chagas	Bernar	Brocha	Céu	Barros	Gusmão
Inver germânica	100,0%	82,3%	76,2%	87,5%	90,5%	73,3%	87,5%	91,5%	73,9%	92,6%	44,1%	100,0%
Inver românica	0,0%	17,7%	23,8%	12,5%	9,5%	26,7%	12,5%	8,5%	26,1%	7,4%	55,9%	0,0%

2. Quantificação dos dados dos autores nascidos no século 18 e meados do século 19.

Tabela 19.1 Frequência de uso dos constituintes em posição pré-verbal no padrão de ordem V2 nos textos do séc. 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garre-Ca	Gar-Te	Garr-Via
Suj	74,6%	60,5%	60,8%	66,9%	65,1%	63,6%	67,0%	71,1%	55,0%	68,5%	78,9%
Objeto	2,5%	6,9%	14,6%	4,4%	4,3%	6,5%	5,3%	2,8%	4,7%	3,5%	3,3%
PP	8,3%	10,5%	12,5%	4,8%	11,3%	10,0%	10,2%	7,7%	8,7%	3,1%	5,0%
ADV	12,5%	18,3%	12,2%	23,0%	16,1%	17,3%	15,1%	17,2%	27,3%	20,7%	11,1%
Pred	0,7%	0,6%	0,0%	0,4%	2,2%	1,3%	0,2%	1,2%	2,8%	1,7%	1,1%
Suj Subord	0,7%	2,4%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,9%	0,8%	0,2%
ADVQ	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	1,1%	1,3%	1,3%	0,0%	0,6%	1,7%	0,4%
ArgH	0,4%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Or. de partic	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Tabela 19.2: Frequência de uso dos constituintes em posição pré-verbal na ordem padrão V2 nos textos do nos textos do séc. 19.

Séc 19	Marquês A.	Branco-Amor	Branco-Moisés	Ortigão	Eça Queiróz
Suj	69,3%	73,3%	72,5%	63,5%	69,8%
Objeto	2,0%	3,2%	1,9%	2,5%	3,3%
PP	2,4%	2,9%	2,6%	3,8%	6,3%
ADV	23,6%	17,8%	20,8%	27,1%	18,3%
Pred	0,3%	2,2%	1,5%	0,5%	0,6%
Suj Subord	0,0%	0,2%	0,7%	2,3%	1,2%
ADVQ	2,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,3%
ArgH	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Or. de partic	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Tabela 23.1: Frequência de uso da categoria do objeto fronteado no padrão de ordem V2 nos textos do séc. 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garr-Car	Garr-Tea	Garr-Viag
Pron demonst	8,3%	18,8%	39,6%	72,7%	22,2%	13,3%	8,0%	11,1%	33,3%	41,2%	29,4%
Sintag nom	66,7%	33,3%	45,8%	9,1%	44,4%	33,3%	20,0%	55,6%	26,7%	11,8%	47,1%
Pron pess	0,0%	4,2%	2,1%	0,0%	0,0%	0,0%	4,0%	0,0%	0,0%	5,9%	5,9%
Sintag quantif	16,7%	14,6%	4,2%	9,1%	0,0%	0,0%	20,0%	22,2%	0,0%	23,5%	5,9%
Quant	8,3%	29,2%	8,3%	9,1%	33,3%	53,3%	48,0%	11,1%	40,0%	17,6%	11,8%

Tabela 23.2: Frequência de uso da categoria do objeto fronteado em sentenças de ordem V2 nos textos do séc. 19.

Período	Marquês A.	Branco Amor	Branco Moisés	Ortigão	Eça Queiróz
Pron demonst	8,3%	15,8%	40,0%	0,0%	9,1%
Sintag nom	25,0%	21,1%	60,0%	77,8%	36,4%
Pron pess	0,0%	10,5%	0,0%	0,0%	9,1%
Sintag quantif	16,7%	26,3%	0,0%	0,0%	9,1%
Quant	50,0%	26,3%	0,0%	22,2%	36,4%

Tabela 26. 1. Frequência de uso de sujeito pré-verbal nas ordens variantes XSV/SXV no séc. 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garre-Car	Garre-Tea	Garr-Viag
Ordem SXV	42,3%	36,8%	36,8%	34,4%	51,5%	58,3%	60,9%	80,6%	28,6%	59,5%	88,4%
Ordem XSV	57,7%	63,2%	63,2%	65,6%	48,5%	41,7%	39,1%	19,4%	71,4%	40,5%	11,6%

Tabela 26.2: Frequência de uso de sujeito pré-verbal nas ordens variantes XSV/SXV no séc. 19.

Séc 19	Marquês A.	Branco-Amor	Branco-Moisés	Ortigão	E. Queiróz
Ordem SXV	52,1%	45,2%	62,5%	25,6%	51,2%
Ordem XSV	47,9%	54,8%	37,5%	74,4%	48,8%

Tabela 27. 1: : Frequência de uso de sujeito pré-verbal na ordem SXV com clíticos em próclise/ênclise nos textos do séc. 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garre-Car	Garr-Tea	Garr-Viag
SXV c/ próclise	75,0%	100,0%	50,0%	50,0%	100,0%	100,0%	66,7%	75,0%	85,7%	75,0%	0,0%
SXV c/ ênclise	25,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	33,3%	25,0%	14,3%	25,0%	100,0%

Tabela 27.2: Frequência de uso de sujeito pré-verbal na ordem SXV com clíticos nos textos do séc. 19.

Séc 19	Marquês A.	Branco Amor	Branco Moisés	Ortigão	E. Queiróz
SXV c/ próclise	33,3%	38,5%	16,7%	20,0%	12,5%
SXV c/ ênclise	66,7%	61,5%	83,3%	80,0%	87,5%

Tabela 28.1: Frequência de uso de sentenças de ordem XSV com clíticos em próclise/ênclise nos textos do séc. 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garre-Car	Garr-Tea	Garr-Viag
XSV c/ próclise	77,8%	96,3%	100,0%	66,7%	100,0%	57,1%	33,3%	100,0%	50,0%	100,0%	40,0%
XSV c/ ênclise	22,2%	3,7%	0,0%	33,3%	0,0%	42,9%	66,7%	0,0%	50,0%	0,0%	60,0%

Tabela 28.2: Frequência de uso de sentenças de ordem XSV com clíticos em próclise/ênclise nos textos do séc. 19.

Séc 19	Marquês A.	Branco-Amor	Branco-Moisés	Ortigão	E. Queiróz
XSV c/ próclise	0,0%	0,0%	16,7%	0,0%	14,3%
XSV c/ ênclise	100,0%	100,0%	83,3%	100,0%	85,7%

Tabela 29. 1: Frequência de uso de advérbios fronteados com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos nos textos do séc. 18.

Séc 18	Cavaleiro	Mathias	Verney	A. Costa	Garção	Manique	Alorna	J. Costa	Garre-Car	Garr-Tea	Garr-Viag
Transitivo	18,8%	30,0%	77,8%	45,0%	42,9%	46,2%	48,1%	39,1%	30,8%	26,7%	9,7%
Intrans/Inacus	81,3%	70,0%	22,2%	55,0%	57,1%	53,8%	51,9%	60,9%	69,2%	73,3%	90,3%

Tabela 29. 2: Frequência de uso de advérbios fronteados com sujeito pós-verbal no contexto de verbos transitivos e/ou intransitivos/inacusativos nos textos do séc. 19.

Séc 19	Marquês A.	Branco-Amor	Branco-Moisés	Ortigão	E. Queiróz
Transitivo	15,4%	35,0%	5,6%	13,6%	7,7%
Intransitivo	84,6%	65,0%	94,4%	86,4%	92,3%